

Sandro Tôrres de Azevedo
Aline Frederico

ORGS.

relatos da
EXTENSÃO

invenção e reinvenção
em tempos de pandemia

VOL. 3

extensão
UFRJ

ECOAR



UFRJ

relatos da
EXTENSÃO

invenção e reinvenção
em tempos de pandemia



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

REITOR Roberto de Andrade Medronho

VICE-REITORA Cassia Curan Turci

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO Maria Fernanda S. Quintela da C. Nunes

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA João Torres de Mello Neto

PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO E FINANÇAS Helios Malebranche

PRÓ-REITORIA DE PESSOAL Neuza Pinto

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO Ivana Bentes Oliveira

PRÓ-REITORIA DE GESTÃO E GOVERNANÇA Cláudia Ferreira da Cruz

PRÓ-REITORIA DE POLÍTICAS ESTUDANTIS Eduardo Mach



**Pró-Reitoria
de Extensão | PR-5**

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO Ivana Bentes Oliveira

SUPERINTENDENTE DE FORMAÇÃO ACADÊMICA DE EXTENSÃO Ana Inês Sousa

SUPERINTENDENTE DE INTEGRAÇÃO E ARTICULAÇÃO DA EXTENSÃO Bárbara Tavela da Costa

SUPERINTENDENTE ADMINISTRATIVA DE EXTENSÃO Sheila Camlot

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO Beatriz Moreira de Azevedo Porto Gonçalves

Sandro Tôrres de Azevedo
Aline Frederico

ORGS.

relatos da
EXTENSÃO

invenção e reinvenção
em contexto de pandemia

PREFÁCIO DE

Ivana Bentes Oliveira

extensão
UFRJ

ECOAR



UFRJ

Copyright © 2023 Universidade Federal do Rio de Janeiro / Pró-Reitoria de Extensão.
O conteúdo dos textos desta publicação é de inteira responsabilidade de seus autores.

ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO EXECUTIVA

Sandro Tôrres de Azevedo

Aline Frederico

COMITÊ CIENTÍFICO

Ana Cristina Barbosa Andrade

Ana Inês Sousa

Ana Paula Santos da Silva de Oliveira

Débora Henrique da Silva Anjos

Filipe Boechat

Francisco Thiago Sacramento Aragão

Maria Clara Amado Martins

Miriam Gandelman

Roberta Pereira Coutinho

Sandra Maria Becker Tavares

Sandro Tôrres de Azevedo

Thadia Turon

PROJETO GRÁFICO

Matheus Nogueira

Elizabeth Delorenzo, Brenda Christine Sayão, Brígida Carvalho, Camille Souza, Caroline de Oliveira Tavares, Clara de Moraes, Dominique Alves, Emanuela Botelho, Fernanda Reis, Julia Soliva, Julia Barreto, Lalia de Souza, Leandro Vieira, Lucas Alves, Luma Buchbinder, Maria Eduarda Oeby, Mariana de Farias, Mônica Silva, Thayane Correia, Yasmin Montebello

CAPA

Júlia Menezes

DIAGRAMAÇÃO

Adriane Carrera, Hugo Mafra,

Júlia Menezes, Matheus Nogueira,

Maria Clara Tavares

REVISÃO

Amanda Ariani da Silva, Ana Clara

Ferreira, Ana Luiza Benevenute, Ana

REVISÃO DE PROVAS

Matheus Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R382

Relatos da extensão: invenção e reinvenção em tempos de pandemia / Sandro Tôrres de Azevedo, Aline Frederico [organizadores] ; prefácio de Ivana Bentes. - Rio de Janeiro: UFRJ, Pró-Reitoria de Extensão, 2023. v.3 (296 p.)

ISBN 978-65-84554-03-0 (on-line)

1. Extensão universitária - Atividades. 2. Comunicação digital 3. Mídia social. 4. Pandemias. I. Azevedo, Sandro Tôrres de. II. Frederico, Aline. III. Bentes, Ivana. IV. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pró-Reitoria de Extensão.

CDD: 378.1

Elaborada por Adriana Almeida Campos CRB-7 4.081

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Pró-reitoria de extensão – PR5

Praça Jorge Machado Moreira, s/nº, Cidade Universitária, Rio de Janeiro, RJ

CEP: 21941-592. Tel. (21) 3938-0494 / (21) 3938-0617

Ecoar Edições

Av. Pasteur, 250, Praia Vermelha, Rio de Janeiro, RJ

ecoar@eco.ufrj.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Terra Virtual:
o desafio de fazer comunidade

XI

Ivana Bentes

1.	A democratização da informação, a qualificação profissional e a articulação política como estratégia para fortalecer e socializar os direitos sociais em tempo de pandemia	1	<i>Fernanda Rodrigues Marcos Paulo O. Botelho Débora H. Leite Menezes et al.</i>
2.	A transição do presencial para o remoto do projeto de extensão Sistema alimentar, saúde e sustentabilidade: aonde podemos chegar?	13	<i>Aline Gomes de Mello de Oliveira Denise Marie D. Bouts Ellen Cristina Quirino Lacerda et al.</i>
3.	Acessibilidade em tempos de quarentena e a covid-19	25	<i>Cristiana de B. Passinato Matheus I. F. Rego Ana Luiza Favilla et al.</i>
4.	Centro de Cidadania da Praia Vermelha: o desafio de reinventar suas práticas para manter a interação entre a universidade e a sociedade em tempos de crise sanitária	37	<i>Mônica Delgado Bianca Campos Fabiana Luiz et al.</i>
5.	Como trabalhamos o projeto vida na água, água na vida durante a pandemia de covid-19	47	<i>Laísa Maria F. dos Santos Kelly P. dos Santos Lorena Antunes Jimenez et al.</i>
6.	Construindo conhecimento em neurociências em tempos de pandemia	59	<i>Isabela Lobo Henrique R. Mendonça et al.</i>
7.	Construindo um processo de intervenção até quando ‘intervir’ parece ser um verbo indisponível: A produção de sentidos de presença da extensão universitária	69	<i>Erick da Silva Vieira Elen Gonçalves Leite Giovanna P. Corrêa et al.</i>

8.	Cuidado farmacêutico em tempos de pandemia: um relato de experiência do projeto de extensão Tá na hora de tomar o remédio	79	Jéssica A. G. da Silva Jefferson D. da Silva Ana Lucia V. Villa et al.
9.	CulinAfro e a pandemia de COVID-19: experiências de um projeto de extensão junto a uma comunidade quilombola em Quissamã/RJ	91	Rute R. da Silva Costa Kátia Alessandra M. da Silva Célia Maria P. Lisbôaet et al.
10.	Descomplicando as Ciências em tempos de desinformação: Relatos sobre a mudança de uma ação de extensão presencial para o virtual	101	Roberto Salgado Amado Mariana K. Furtado Márcia de Sá Ribeiro et al.
11.	Divulgação científica das redes sociais: desafios e soluções para a popularização da ciência na pandemia	111	Adelmo Braga Ana Carolina dos Santos et al.
12.	Extensão Cenabio/UFRJ e a pandemia de COVID-19: resistir para existir	121	Isabela D. Paiva Quéren H. B. Lucas et al.
13.	Juventude(s): intervenções urbanas de arte-cultura no território em tempos de pandemia	133	Beatriz Akemi Takeiti Monica V. Gonçalves et al.
14.	InspirAção: Divulgar. Inspirar. Agir	143	Victor Costa et al.
15.	Lab Escola 3D: educação, tecnologia e inclusão	153	Beatriz S. Marins et al.
16.	Libras para todos: ensino a distância. Principais ações de 2017 a 2020	163	Valeria F. Nunes Felipe de Oliveira Miguel
17.	Muito além de desenvolvimento de jogos digitais na educação	173	Fernando Celso V. Marinho et al.
18.	Oportunidades geradas na adversidade: visita guiada virtual ao Museu da Escola de Enfermagem	185	Maria Angélica de A. Peres et al.

19.	Projeto de extensão Gastronomia na Promoção da Saúde: atividades remotas durante a pandemia da COVID-19	197	Maria Eliza A. dos Passos Letícia F. Tavares et al.
20.	Promoção da saúde e/ou redução de agravos a pacientes com câncer e familiares no contexto da pandemia da COVID-19	209	Gunnar Glauco de C. C. Taets Bárbara C. de Conte et al.
21.	Extensão universitária na pandemia: divulgação e memória de Josué de Castro no ambiente virtual	219	Elizabeth Accioly Caroline dos S. de Castro et al.
22	Quando a rua vira Maps: desafios da educação patrimonial voltada à arquitetura e à cidade em tempos de isolamento social	229	Niuxa D. Drago Melissa M. Alves
23	REDENEURO (Rede de Estudos em Neuroeducação): introdução ao método científico para uma aprendizagem investigativa através de oficinas para licenciandos e docentes do ensino básico	241	Gláucio Aranha Alfred Sholl-Franco Letícia Maria de L. Silva et al.
24	Redes sociais como estratégia para a promoção do direito humano à alimentação adequada, segurança alimentar e nutricional e soberania alimentar: a experiência de um projeto de extensão da UFRJ	251	Aline A. Ferreira Elizane da S. Marques Maria Eduarda C. Pacheco et al.
25	Relato de experiência do grupo de extensão Gastronomia, Cultura e Memória (INJC/UFRJ) durante a pandemia	259	Myriam Melchior Nina P. Bitar Marcelle M. de Paula et al.
26	TJUFRJ em tempos de pandemia: Extensão como processo de motivação e superação	271	Carine Prevedello

PREFÁCIO

TERRA VIRTUAL: O DESAFIO DE FAZER COMUNIDADE

IVANA BENTES, PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO DA UFRJ

Ainda estamos processando e entendendo os reais impactos que a pandemia da COVID-19 produziu no cenário global, no Brasil e também no campo da educação e da formação.

O certo é que a crise de saúde, a crise humanitária e as incertezas em todos os níveis se tornaram um acontecimento divisor, que nos faz ver o que uma época tem de singular e de intolerável e fez emergir novas possibilidades de pensar a vida, os processos cotidianos, a forma de estarmos juntos e os processos de ensino e de aprendizado.

Ao longo desta pandemia – que teve momento traumáticos e atingiu quase 700 mil mortos no Brasil, em outubro de 2022 – milhares de estudantes, professores e técnicos tiveram que interromper suas rotinas dentro e fora das salas de aula.

Mais de 1,5 bilhão de estudantes foram afetados, segundo a Unesco, com a suspensão das aulas presenciais e a necessidade do isolamento social para mitigar a contaminação pelo vírus da COVID-19.

Diante desse cenário de virtualização da vida (para os que podiam ficar em isolamento), um novo desafio se impôs: reinventar e repensar os espaços de convivência, de trabalho e de produção do conhecimento e, de forma massiva, achar soluções para experiências de educação virtual ou remota, retomar as experiências de Educação a Distância (EAD), utilizar toda a inteligência coletiva e as tecnologias de comunicação para tentar mitigar o que foi uma provação coletiva.

O que fazer quando a vida da espécie está ameaçada e é preciso parar ou desacelerar? Muitas estratégias e conflitos se deram entre a necessidade de ficarmos em casa e a de mantermos ações emergenciais que sustentassem a vida.

Na educação, não foi diferente, e muitos debates foram travados até se chegar a alguns consensos, como mitigar o isolamento social por meio de tecnologias de comunicação, plataformas e redes sociais. Experimentamos uma explosão de *lives* para todos os fins, buscando minorar o isolamento com um encontro ao vivo remoto.

Na extensão universitária, de uma hora para outra, centenas de ações emergenciais de extensão foram propostas na UFRJ, ancoradas nos princípios do encontro de saberes, das trocas, do dialógico, da empatia e do sentido da urgência, e buscando nas tecnologias comunicacionais um meio para responder a um cenário difícil e ameaçador, que produziu traumas coletivos.

As ações de extensão puderam acontecer via plataformas e ambientes on-line, estratégias de inclusão digital e tecnológica tiveram que ser tomadas, como a disponibilização de kits multimídias quando a UFRJ lança, em junho de 2020, um programa de inclusão digital para ensino remoto emergencial, permitindo acesso gratuito à internet para que alunos pudessem participar de atividades acadêmicas on-line.

Estar juntos, mesmo que à distância e em ambientes virtuais, foi decisivo não apenas para dar continuidade ao processo de formação, mas permitiu manter a cola social, o sentido de coletividade diante de uma crise humanitária, social e de saúde pública.

Esse momento histórico difícil também nos levou a outros debates decisivos, aos quais os relatos apresentados neste livro respondem. Como a extensão universitária, um campo desengessado, menos disciplinar e mais interativo, que já atua para além da sala de aula, poderia pensar estratégias de comunicação dialógicas, reinventando as comunidades virtuais de aprendizagem para além das experiências tanto do ensino tradicional quanto da EAD, a Educação a Distância, tal como conhecemos?

Para reduzir o impacto do isolamento social, a Extensão da UFRJ lançou a campanha Extensão Virtual estimulando a continuidade das ações de extensão presenciais de forma virtual e a criação de novas ações que respondessem ao cenário de crise, trazendo informações científicas, ações de apoio e de cuidados, ações inovadoras e ampliando a noção de “divulgação científica” para a de “comunicação”, ações de mídias e comunicação com interação e impacto nos territórios.

Relatos da Extensão: Criatividade e resistência em tempos de pandemia, organizado pelos professores e coordenadores de ações de extensão, Sandro Tôrres de Azevedo e Aline Frederico, com apoio da Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ, traz essa experiência a quente, com respostas e questionamentos, pensamento crítico e ações da extensão universitária diante desses desafios.

E as respostas e questionamentos são os mais diversos e inovadores: vídeos disponibilizados nas redes sociais, *lives* e encontros remotos de formação, ações virtuais, mudança de linguagem, campanhas nas redes, debates

interativos sobre os mais diferentes temas (como saúde e vacinas), ações culturais, exibições de filmes on-line, debates nas redes e plataformas de questões sociais urgentes (como saúde mental, segurança alimentar, racismo, feminicídio, crise de desinformação, negacionismos, prevenção da gravidez na adolescência, acessibilidade digital, consumo consciente e meio ambiente), e estratégias de comunicação no combate ao coronavírus nas favelas cariocas.

Destacamos ainda as ações de sustentabilidade, direitos humanos, ações de valorização das culturas tradicionais e muitas ações de popularização e divulgação científicas que impactam no cotidiano e nos territórios.

O que essas experiências têm em comum? Essa virtualização da vida em diferentes dimensões foi emergencial e uma exceção e, em outubro de 2022, já estamos de volta de forma plena aos ambientes presenciais, mas essas experiências educacionais novas em uma escala nunca vista produziram um acúmulo, produziram referências e formas inovadoras de estarmos juntos, mesmo que à distância. Temos um desafio: qualificar as interações dialógicas nos ambientes virtuais.

Os relatos apontam para esses desafios: como não sucumbir à exaustão das telas ou da sobreposição e dissolução dos limites entre o doméstico e público, o informal e o formal, como lidar com a transformação das casas em escola, escritório e fábrica. Também ficam claras a necessidade de políticas públicas para a inclusão digital, a necessidade de cuidados com a saúde mental e a importância do comunitário.

Os relatos selecionados nesses quatro volumes nos levam a repensar o uso das tecnologias, das formas de interação remotas, dos ambientes virtuais e como esses podem se associar ao presencial.

A extensão respondeu à crise e à urgência com ações inspiradoras que foram decisivas para mantermos o sentido de comunidade e para nos mantermos conectados em um momento de grande comoção, de riscos, de expectativas e de incertezas. As ações realizadas ativaram laços de pertencimento que criaram comunidades virtuais.

O resultado e o impacto dos textos nos fazem pensar e desejar agir. Mostram a centralidade da extensão universitária em tempos de crise, impactando na sociedade, na formação de estudantes e extensionistas, envolvendo professores e técnicos e construindo novos laços com a comunidade externa, e aponta para novas formas de comunicação direta com a sociedade como um todo.

Em meio a um trauma coletivo, nós atravessamos uma terra virtual, criamos comunidades de produção, de conhecimento e de afetos, ampliamos nossa visibilidade e nossa comunicação com a sociedade, democratizando saberes e reafirmando os nossos valores voltados para o bem comum.

Quais são nossos desafios ao voltarmos para o convívio presencial pós-pandemia? São repensar as formas de trabalho, da produção do conhecimento e os modos de estar juntos, além de qualificar esses ambientes de presença virtual e de copresença que passaram a fazer parte do nosso cotidiano, para incorporar todo esse aprendizado de forma inovadora em nossas instituições e na extensão da UFRJ.

Nós da Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ, vendo projetos como esses, lendo cada relato, vendo a produção de conhecimentos novos e de novas práticas e tecnopolíticas, podemos reafirmar a força e celebrar a ampliação da conexão entre universidade e sociedade. Atravessamos e plantamos sementes nessa terra virtual.

A DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO, A QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E A ARTICULAÇÃO POLÍTICA COMO ESTRATÉGIA PARA FORTALECER E SOCIALIZAR OS DIREITOS SOCIAIS EM TEMPO DE PANDEMIA

FERNANDA RODRIGUES

COORDENADORA DO PROJETO SAÚDE, SERVIÇO SOCIAL E DEMOCRACIA

MARCOS PAULO OLIVEIRA BOTELHO

VICE-COORDENADOR DO PROJETO SAÚDE, SERVIÇO SOCIAL E DEMOCRACIA

DÉBORA HOLANDA LEITE MENEZES

DOCENTE NA ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL - UFRJ

LETÍCIA OLIVEIRA VILAS BOAS DOS SANTOS

LUCINEIDE LUANA NUNES DA SILVA CABRAL

MATHEUS OLIVEIRA DE PAULA

YASMIN CONSTANÇA FERREIRA

GRADUANDOS EM SERVIÇO SOCIAL - UFRJ

SIMONE DE SOUZA PIRES

MEMBRO DA EQUIPE DO PROJETO SAÚDE, SERVIÇO SOCIAL E DEMOCRACIA

RESUMO

O presente relato versará sobre a construção das atividades remotas do projeto de extensão “Saúde, Serviço Social e Democracia: articulação de saberes e lutas em saúde”. Nesse sentido, realizou-se um processo de síntese para delimitar as atividades que eram realizadas de maneira presencial, delineando as frentes de trabalho nas quais o projeto é dividido e realizando articulações e parcerias. Foi traçado um panorama da proposta de trabalho para o modo remoto, período excepcional aberto pelo contexto da COVID-19, tal qual as dificuldades e potencialidades que foram encontradas, descrevendo algumas atividades e seus desdobramentos práticos e políticos.

PALAVRAS-CHAVE

Serviço Social; Direitos Sociais; Saúde; Extensão Universitária.

1. INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão “Saúde, Serviço Social e Democracia: articulação de saberes e lutas em saúde” é uma iniciativa da Escola de Serviço Social (ESS/UFRJ), iniciado em agosto de 2019, pouco tempo antes da deflagração mundial da pandemia da COVID-19. Tal ação tem como proposta articular assistentes sociais, trabalhadores da saúde e movimentos sociais no sentido de qualificar as ações profissionais desses trabalhadores, além de contribuir na perspectiva de socialização de informações e acesso aos direitos sociais dos usuários aos serviços de saúde pública do Rio de Janeiro.

A Coordenação de Estágio e Extensão, em conjunto com os docentes, técnicos administrativos e discentes da Escola de Serviço Social, constrói as atividades do projeto estabelecendo as parcerias com assistentes sociais, supervisores (as) de campo de estágio e demais atores das instituições de saúde. O projeto é desenvolvido diretamente nos seguintes espaços sócio-ocupacionais: ESS/UFRJ; Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF/UFRJ); Maternidade Escola (ME/UFRJ); Instituto de Psiquiatria (IPUB/UFRJ); Hospital Federal de Bonsucesso (HFB); Coordenadoria de Atenção Primária da AP 3.1 (CAP 3.1 – SMS/RJ) e unidades de saúde desta AP; Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); e locais públicos da cidade do Rio de Janeiro. A logo do projeto foi construída coletivamente pelas extensionistas.



Fonte: Logo do Projeto de Extensão “Saúde, Serviço Social e Democracia: articulação de saberes e lutas em saúde”, elaboração própria, 2020.

A metodologia para o desenvolvimento das ações são organizadas em eixos, respeitando as especificidades das instituições parceiras, assim: i) identificação das demandas, das transformações e da organização dos/nos processos de trabalho, através de metodologia participativa; ii) realização de consultorias a partir das questões prioritárias identificadas; iii) participação e acompanhamento das reivindicações e lutas dos movimentos sociais na saúde; iv) ações socioeducativas em saúde, voltadas diretamente à população usuária dos serviços de saúde.

Nos primeiros meses da pandemia foi necessário reduzir as atividades de extensão, tendo em vista que a maioria das instituições e profissionais que constroem o projeto são da área da saúde, atuam na gestão e/ou execução da política de saúde e, portanto, precisaram reestruturar sua dinâmica de trabalho diante das novas demandas institucionais oriundas dos atendimentos das questões que emergiram da COVID-19. Sendo assim, a equipe responsável pelo projeto manteve contato com as instituições parceiras e as ações foram reorganizadas, reafirmando os eixos de trabalho e a metodologia, mas com as devidas adequações para o modo remoto, seguindo o planejamento das ações em consonância com a proposta inicial do projeto de extensão.

No momento atual, as parcerias do projeto permanecem ativas, no entanto, as atividades foram mantidas no formato remoto com as equipes de três parceiros: HUCFF, CAP 3.1 e Fórum de Saúde do RJ, cada parceiro possuindo particularidades em relação aos objetivos do projeto. Desse modo, neste relato serão enfatizadas as ações desenvolvidas com o apoio dessas parcerias.

2. PRIMEIROS PASSOS DA EXTENSÃO: O CONTEXTO PRÉ-PANDÊMICO

Neste item serão apresentadas brevemente as instituições e as atividades realizadas antes de ser decretada a pandemia. Será dada ênfase às ações desenvolvidas na CAP 3.1, no HUCFF e a participação política da equipe de execução do projeto, pois nestes locais foi possível dar continuidade às atividades no período de pandemia, conforme já destacado. Mas cabe ressaltar que o projeto também desenvolveu atividades, no segundo semestre de 2019, em conjunto com as equipes de assistentes sociais do IPUB, da Maternidade Escola e do HFB.

A CAP 3.1 se constitui como espaço de gestão descentralizada da Atenção Básica em Saúde, da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro. Esse espaço é responsável técnico e administrativo de todas as unidades básicas de saúde e policlínicas do território correspondente. A área conta com 32 unidades de Atenção Básica e 2 Policlínicas que fazem parte do campo de atuação do projeto.

Em 2019, período pré-pandêmico, na CAP 3.1/SMS/RJ, as atividades desenvolvidas pelas extensionistas articulavam a participação em reuniões de equipe, com diversos profissionais da saúde que atuam na gestão e na execução da política de saúde; a construção de material comunicativo e informativo sobre direitos sociais; oficinas; atividades socioeducativas; identificação de demandas. Tal estruturação das atividades permitia a compreensão das correlações de forças e a análise do ambiente socioinstitucional – movimento importante para a compreensão mais adequada das propostas de dinâmicas a serem compartilhadas.

Outro parceiro do projeto é o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF), que compõe o complexo hospitalar da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É uma instituição de grande relevância para o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão. O HUCFF “se constitui como um hospital de nível terciário e quaternário, inserido no sistema de referência e contrarreferência do Sistema Único de Saúde (SUS) e do Sistema Suplementar. Tem como visão: ser um centro de excelência em assistência, ensino e pesquisa” (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2018, p.4).

No HUCFF, em agosto de 2019, foram realizadas diversas reuniões de planejamento com as assistentes sociais que compõem a chefia do Serviço Social. Na primeira etapa de ações do projeto, buscou-se refletir, com as assistentes sociais, sobre dimensões da prática profissional, tais como: formas de organização coletiva do trabalho; planejamento das ações; história do Serviço Social na instituição; condições de trabalho; reflexões sobre o projeto profissional já existente; perfil da população usuária; demandas institucionais, profissionais e dos usuários; participação dos usuários no serviço; participação política das assistentes sociais e sobre os aspectos da conjuntura. Esse processo levou a compreensão coletiva das demandas imediatas da equipe, construindo um calendário de “consultorias” a partir das demandas para 2020. O planejamento realizado não foi possível ser efetivado devido ao contexto adverso da pandemia, tendo de ser readequado.

As atividades do eixo de participação política do projeto são desenvolvidas conjuntamente com a Comissão de Saúde do Conselho Regional

de Serviço Social (CRESS-RJ) e com o Fórum de Saúde do Rio de Janeiro. A comissão de saúde é um espaço de diálogo e reflexão sobre o exercício profissional do assistente social na política de saúde, composta por assistentes sociais, estudantes e demais interessados. Já o Fórum de Saúde é organizado em prol da luta pela defesa da saúde pública, gratuita e 100% estatal, sendo formado por diferentes atores sociais: profissionais de saúde, professores, militantes dos movimentos sociais, discentes de variados cursos, representantes dos conselhos profissionais e sindicatos dos trabalhadores. Antes da pandemia, as reuniões da Comissão de Saúde aconteciam nas instalações da Sede do CRESS RJ mensalmente; já as reuniões do Fórum ocorriam na UERJ, também mensalmente.

3. A EXTENSÃO E O CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

CAP 3.1

No período de pandemia e subsequente isolamento social, com a modificação das atividades presenciais para atividades remotas, no âmbito da universidade, o trabalho das extensionistas na CAP 3.1 teve de ser readequado. Antes de tudo, a demanda por assistência direta à saúde, bem como as ações de promoção e prevenção, no âmbito das unidades de saúde foram exponenciadas devido à COVID-19, necessitando, gradativamente, dos profissionais de saúde, causando sobrecarga de trabalho, bem como adoecimento físico e mental. É nesse contexto que as atividades tiveram de ser repensadas, avaliando a forma mais oportuna.

Reconhecer que há dificuldades no trabalho remoto permitiu chegarmos ao número de possibilidades e considerar as necessidades que, por causalidade do contexto, podem existir. Em meados de 2020, conjuntamente com a orientadora de campo, assistente social da CAP 3.1, e com a coordenadora do projeto na ESS/UFRJ, foram desenhadas algumas atividades que poderiam ser realizadas nesse período remoto, construindo reuniões quinzenais para a discussão sobre a extensão.

As atividades executadas pelas extensionistas da CAP 3.1 eram divididas em duas frentes de trabalho, sendo uma dupla responsável pelo mapeamento da rede, da Área Programática 3.1 (AP 3.1), e outra se debruçava em elaborar um material socioeducativo para socializar informações quanto aos direitos e benefícios sociais e iniquidades em saúde.

No que se refere à construção sobre os direitos sociais e benefícios, a compreensão sobre a determinação social da saúde foi central para compreender as desigualdades que afetam os usuários em diversos níveis da vida e refletem no processo saúde-doença. Compreendem-se assim, desigualdades sociais em saúde, por: “as diferenças no estado de saúde entre grupos definidos por características sociais, tais como riqueza, educação, ocupação, raça e etnia, gênero e condições do local de moradia ou trabalho” (BARATA, 2009, p.11). O trabalho de elaborar um material educativo alertando sobre os direitos sociais, tal qual as iniquidades sociais no processo saúde-doença, teve início ao se pensar sobre uma ferramenta muito importante: a informação e comunicação em saúde, bem como a democratização de saberes.

A construção do instrumento, apresentação sobre direitos e benefícios sociais, objetivou suscitar reflexões a respeito dos desafios atuais para a garantia dos direitos sociais outrora consolidados. A apresentação traz um resgate histórico sobre a proteção social brasileira, desdobrando, sem a pretensão de esgotar o debate, nas políticas constitutivas da seguridade social. Assim, são enfocados o tripé: saúde, assistência social e previdência, tal qual os benefícios correspondentes a cada um desses direitos. A primeira apresentação do material realizado foi para a orientadora da extensão no campo da CAP 3.1, que propôs uma primeira rodada de divulgação com os profissionais que atuam na Divisão de Ações e Programas em Saúde (DAPS 3.1), através da plataforma *Google Meet*.

Preconizar o fortalecimento do vínculo intersetorial tornou-se ainda mais necessário nesse contexto de pandemia, uma das premissas essenciais para dar concretude e continuidade às iniciativas da extensão. Assim, resgatam-se os objetivos do projeto de extensão, de articulação de saberes na área da saúde, visando a construção coletiva, o debate e a comunicação e informação em saúde como centrais na construção de respostas aos problemas sociais compartilhados pela sociedade brasileira. A importância de dialogar e articular saberes com profissionais de saúde, entendendo o processo saúde-doença a partir do conceito ampliado de saúde, faz com que esse momento, em que o contato presencial torna-se restrito, possibilite a aproximação das demandas dos usuários, promovendo um apoio aos próprios profissionais que, muitas das vezes, precisam se colocar na linha de frente do enfrentamento à COVID- 19.

Nesse contexto remoto, surgiu a necessidade de se dedicar mais ao trabalho de mapeamento, pois há uma grande demanda por serviços

intersetoriais, haja vista que o cenário atual de pandemia adensa as variadas expressões da “questão social” como o desemprego, a informalidade, a violência de gênero e infantil, a insegurança alimentar. Assim, as extensionistas se juntaram para construção do mapeamento da rede de serviços intersetoriais que atendem a AP 3.1. A construção do trabalho foi realizada a partir de materiais já disponíveis, tendo de ser atualizados e ampliados para confirmação das ações e atividades que as instituições estão disponibilizando neste momento de pandemia.

HUCFF

Em relação ao HUCFF, o planejamento realizado no final de 2019 foi suspenso no primeiro semestre de 2020. A equipe do projeto manteve contato com a Chefia do Serviço Social do Hospital e realizou reuniões remotas para reconhecimento da atuação dos profissionais na pandemia, demandas e condições de trabalho, bem como avaliação a respeito da continuidade das atividades de extensão.

As ações e atividades de consultoria foram retomadas com os temas propostos pela equipe, que dialogavam com as demandas que apareciam no trabalho profissional, no formato de “rodas de conversas” remotas. Diversos desafios foram enfrentados nesse período devido às dificuldades no ambiente de trabalho para assistir às reuniões online; ao uso das ferramentas remotas; à internet intermitente; à sobrecarga de trabalho, entre outras. Contudo, as atividades foram realizadas, tendo avaliação positiva.

As Rodas de Conversa aconteceram entre setembro e dezembro de 2020, de maneira online, com duração média de 2 horas, conduzidas pela equipe do projeto de extensão e contou com a exposição de temas sugeridos pelas assistentes sociais do HUCFF e professores convidados para fomentar a reflexão e o debate, configurando-se como um ambiente aberto a diálogos sobre as dificuldades, desafios e potencialidades presentes, nesse período de pandemia, no trabalho das assistentes sociais na saúde. A participação foi aberta para demais profissionais de saúde da instituição, contudo, contou majoritariamente com a equipe do Serviço Social, estagiários e residentes, tendo por volta de 40 pessoas em cada atividade.

A primeira roda de conversa teve como tema o “Debate sobre o trabalho do Assistente Social e a importância da articulação com a rede socioassistencial”. A mediação desse dia foi organizada com a presença de duas professoras da Escola de Serviço Social (ESS): Simone Pires e Joana Garcia. A equipe levantou o debate sobre as dificuldades de articulação

com a rede socioassistencial, que se agravou no contexto pandêmico, ressaltando o esforço das profissionais, assistentes sociais, na busca de informações e estabelecimento de parcerias, visando a democratização do acesso à informação. Foi debatido que o trabalho em rede tem por objetivo romper com a fragmentação das políticas sociais e com a “cultura da patronagem”, sendo primordial uma gestão democrática e articulação local, regional entre as instituições.

O segundo encontro, que teve como tema o “Debate acerca do uso do nome social nos serviços de saúde”, contou com a participação do professor da ESS, Guilherme Almeida. Na oportunidade, os assistentes sociais compartilharam algumas experiências vivenciadas na instituição e a dificuldade de implementar o uso do nome social no HUCFF. O uso do nome social é garantido por lei em espaços de administração pública federal e em prontuários e documentos do Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL,2016) (BRASIL/MS,2009), contudo, por diversas relações de poder, preconceito e opressão/exploração, não são efetivados na prática dos serviços de saúde. O respeito à utilização do nome social, além de estar de acordo com a lei, promove o acolhimento, evitando que o constrangimento afaste o usuário do sistema de saúde.

O “Debate acerca do trabalho do assistente social no combate à violência contra a mulher” foi o tema do terceiro encontro e contou com a participação da professora da ESS, Ludmila Fontenele. Discutiu-se sobre as diferentes formas de violência perpetrada contra as mulheres, que, se não tiverem intervenção, podem levar ao feminicídio, sendo enfatizada a necessidade de fortalecimento do trabalho multidisciplinar e intersectorial e problematizado o agravamento das situações na pandemia, já que as mulheres tendem a passar mais tempo em casa e com os seus agressores, onde a maioria das violências costumam ocorrer, geralmente por seus parceiros íntimos e não por estranhos, como se pode pensar. Por fim, foi apresentado pela docente elementos fundamentais para a atuação profissional com mulheres que sofrem algum tipo de violência, tais como: a criação e utilização de protocolos; a importância dos registros profissionais; a elaboração de pareceres para viabilizar direitos; a identificação da rede de apoio, a avaliação de risco e vulnerabilidade da mulher e construção de rota para acabar com a violência; atenção ao autor da violência por meio de mecanismos de prevenção; fornecimento de informações e materiais educativos nas unidades de saúde; e a realização de capacitações

para as equipes de saúde a respeito da temática. Em todas essas ações é de extrema importância pensar a violência articulando gênero, raça e classe.

As atividades descritas foram avaliadas pela equipe de extensionistas e equipe do HUCFF, sendo frisada a importância de dar continuidade aos diálogos sobre a prática profissional. Diante de um contexto tão adverso, crítico e desafiador para as equipes, manter as atividades do projeto com espaços para fomentar debates, reflexões, estudos, é um ato de fortalecimento da equipe, de resistência e comprometimento com o exercício profissional de qualidade.

Desta forma, as atividades possibilitaram aos participantes um espaço de troca, compartilhando desafios das equipes atrelados ao cotidiano do trabalho e promovendo, ainda, um momento de reflexão sobre as demandas e a realidade institucional frente a conjuntura atual, bem como as possibilidades de intervenção e articulação em um contexto tão adverso para o Sistema Único de Saúde.

4. PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

A inserção das extensionistas nos espaços de luta política foi mantida, de modo remoto, com participações mensais nas reuniões da Comissão de Saúde e no acompanhamento e apoio às atividades do Fórum de Saúde, que se desdobraram em manifestações virtuais, elaboração de documentos, notas e reuniões de articulação com atores políticos. A Comissão de Saúde e o Fórum se reorganizaram para construir agendas em que as reuniões acontecessem de forma remota, o que, de certo modo, potencializou a participação das extensionistas, já que não é necessário o deslocamento.

A equipe do projeto compreende que para exercer a cidadania é necessária a organização coletiva, atuando na luta pela implementação dos direitos e reconhecimento de novas demandas. A cidadania para ser plena deverá ser participativa, ativa por parte dos sujeitos, entrelaçando-se com os movimentos sociais para a sua efetivação, relacionando-se com a participação na esfera pública, tal qual a necessidade do direito a ter direitos (GOHN,2013).

Assim, esses espaços são centrais para a articulação do projeto de extensão, compreendendo a importância que o controle e a participação têm na vida política para o planejamento, implementação e avaliação dos direitos sociais consolidados na Constituição de 1988, particularmente em relação ao direito à saúde, tal qual o ensinamento por ampliação de direitos sociais.

Salienta-se que, para a efetivação dos direitos garantidos na Carta Magna, é necessário o aprofundamento das lutas sociais, em vistas à uma sociedade mais justa e igualitária. Neste período tão desafiador, é imprescindível somar as lutas em defesa da vida, que engloba o direito à saúde, a melhores condições de moradia, à alimentação e à vacinação para toda a população.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos de pandemia, pode-se afirmar que as questões de saúde, dada a crise sanitária, se reafirmaram, sem perder de vista que se tornou central a importância da universidade pública, principalmente por comportar em seus pilares institucionais o ensino, pesquisa e extensão.

Nesse sentido, quando nos debruçamos por compreender e desenvolver ações de extensão no contexto da pandemia do COVID-19, as prerrogativas de democratização da informação potencializaram reflexões significativas para o fomento de análises críticas sobre o processo de trabalho em saúde, a conjuntura da política de saúde e ainda sobre as condições de desempenho do trabalho na saúde.

É certo que muitas questões no âmbito dos processos de trabalho em saúde se intensificaram dadas as demandas reais que se apresentaram para os serviços de saúde parceiros da extensão, que cotidianamente se depararam com a necessidade de realizar operativamente seu trabalho em um contexto tão adverso. Contudo, esses atravessamentos oportunizaram um olhar para os processos de trabalho, ressignificando novos caminhos e horizontes frente aos principais problemas que se apresentavam.

Um sinalizador que demonstra essa construção de ressignificar o trabalho se dá associado à necessidade de discutir temas transversais, que apontem para entender o cenário institucional na sua totalidade, tentando não só construir uma qualificação para a equipe do Serviço Social, mas também fortalecer a construção de trabalhos interdisciplinares, que permitam uma oferta de cuidado ampliado em saúde.

Em linhas gerais, reconhece-se que a pandemia elencou para o trabalho na extensão novas edificações profícuas no espaço político, na qualificação e na democratização, as quais em muitos momentos foram atravessadas pelo distanciamento físico existente, que fragilizava a sua operacionalização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARATA, Rita Barradas. *Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Portaria no 1.820, de 13 de agosto de 2009*. Dispõe sobre os direitos e deveres dos usuários da saúde. Brasília, 2009. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt1820_13_08_2009.html. Acesso em: 27 abr. 2021.

BRASIL. Presidência da República. *Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016*. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Brasília, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm Acesso em: 27 abr. 2021.

GOHN, M.G. Desafios dos movimentos sociais hoje no Brasil. *Revista Ser Social*, Brasília, v. 15, n. 33, p.261-384, jul/dez 2013. Disponível em: <http://www.cressrn.org.br/files/arquivos/eILxHih2XPltooh4990.pdf> Acesso em: 20 abr. 2021.

OLIVEIRA. E. R; OLIVEIRA. V.D; Resgate Histórico do Serviço Social de um Hospital de Ensino: 40 anos de contribuição (1978-2018), Vitória - ES. In: *Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*, v. 16., n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/23498> Acesso em: 20 abr. 2021.

SILVA, Lívia Karoline Moraes da *et al*. Uso do nome social no Sistema Único de Saúde: elementos para o debate sobre a assistência prestada a travestis e transexuais. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 835-846, jul. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-733120170003000835&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 abr. 2021.

A TRANSIÇÃO DO PRESENCIAL PARA O REMOTO DO PROJETO DE EXTENSÃO SISTEMA ALIMENTAR, SAÚDE E SUSTENTABILIDADE: AONDE PODEMOS CHEGAR?

ALINE GOMES DE MELLO DE OLIVEIRA

DENISE MARIE DELGADO BOUTS

ELLEN CRISTINA QUIRINO LACERDA

MARIA LUCIA LOPES

DOCENTES NO INSTITUTO DE NUTRIÇÃO JOSUÉ DE CASTRO - UFRJ

IAN ASHILEI CASTRO SILVA

JÉSSICA ROCHA DA SILVA

JÚLIA BARROS VIDINHA

MARIANA CAMPOS DE MORAES

GRADUANDOS NO INSTITUTO DE NUTRIÇÃO JOSUÉ DE CASTRO - UFRJ

CAIO FÁBIO ALVES LEONOR

PÓS-GRADUANDO NO PPG EM NUTRIÇÃO - UFRJ

RESUMO

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia do novo coronavírus que impossibilitou a realização de atividades presenciais. Dessa forma, houve a necessidade de adaptação das ações de extensão para um modelo remoto. Objetivo: Relatar os trabalhos desenvolvidos em 2020 pelo projeto *Sistema Alimentar, Saúde e Sustentabilidade: aonde podemos chegar?*, destacando as modificações que ocorreram em função da pandemia. Metodologia: Trata-se de um relato de experiência das atividades realizadas presencialmente, antes da pandemia, bem como daquelas realizadas de forma remota, na rede social *Instagram*. Resultados: A rede se mostrou uma forma eficaz de levar informações à sociedade e manter o projeto ativo. Conclusão: Mesmo remotamente, o projeto conseguiu compartilhar conhecimento durante o isolamento social.

PALAVRAS-CHAVE

Ações Extensionistas; Mídia Social; COVID-19; Práticas Educativas; Extensão Virtual.

1. INTRODUÇÃO

A extensão universitária constitui um dos pilares da Universidade Federal do Rio de Janeiro, aliada ao ensino e à pesquisa. Tem como finalidade auxiliar a promoção da comunicação e transmissão do conhecimento entre o meio acadêmico e a sociedade, havendo a troca constante de saberes. O envolvimento interdisciplinar entre docentes e discentes permite que as ações desenvolvidas, majoritariamente presenciais, atendam às conjunturas sociais, mantendo seu caráter inerente de envolvimento com a comunidade (RESOLUÇÃO CEG No 02/2013; DINIZ *et al.*, 2020).

Porém, com a rápida ascensão dos casos de COVID-19 no Brasil, adotou-se o isolamento social como alternativa para conter o avanço desta doença. Tal medida já vinha sendo adotada, com eficácia, em outros países na tentativa de desacelerar a transmissão, evitando um aumento dos casos e conseqüentemente sobrecarga do sistema de saúde. Essa medida, apesar de eficiente, afetou todos os setores, da economia à educação (AQUINO *et al.*, 2020; SAHU, 2020).

Além disso, a pandemia de COVID-19, causada pelo SARS-CoV-2 tem gerado outros problemas, e, devido à sua magnitude, comprometeu o bem-estar e a qualidade de vida da população. Desta forma, as atividades, antes planejadas e desenvolvidas de modo presencial, precisaram ser adaptadas para atender às recomendações do Ministério da Saúde (SAÚDE, 2020). Nesse contexto, o uso da plataforma digital *Instagram* tem sido a principal ferramenta utilizada pelos projetos de extensão para trabalharem suas propostas junto à sociedade civil (SILVA *et al.*, 2020; SILVA *et al.*, 2021; NUNES *et al.*, 2021).

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo relatar as experiências do projeto de extensão universitário intitulado *Sistema alimentar, saúde e sustentabilidade: aonde podemos chegar?*, de modo a proporcionar e estimular novas práticas e aprendizados a outros grupos de extensão e à sociedade, debatendo temas e desenvolvendo experiências educativas que sirvam para conscientizar a população sobre a relação entre a alimentação, saúde e o meio ambiente.

2. METODOLOGIA

2.1. CARACTERIZAÇÃO DO PROJETO

O projeto de extensão *Sistema Alimentar, Saúde e Sustentabilidade: aonde podemos chegar?*, está vinculado ao Instituto de Nutrição Josué de Castro da Universidade Federal do Rio de Janeiro (INJC/UFRJ), situado no estado do Rio de Janeiro, Brasil. Há dois anos, com o objetivo de promover a troca de saberes, o projeto teve início, partindo de ações educativas que auxiliem na construção de conhecimentos acerca da conexão entre sistema alimentar, saúde e sustentabilidade ambiental, visando o consumo consciente de alimentos. A equipe é composta por 17 integrantes sendo, 6 docentes, 1 discente da pós-graduação e 10 discentes da graduação, todos do Instituto de Nutrição Josué de Castro – INJC.

2.2. AÇÕES EXTENSIONISTAS

As ações extensionistas foram planejadas em encontros semanais, a fim de debater sobre os temas e estabelecer atribuições e metas aos integrantes do projeto. As atividades realizadas de forma presencial, aconteceram durante o ano de 2019, tanto em eventos internos à UFRJ, com a participação do público externo, como “Conhecendo a UFRJ”; “Festival do Conhecimento” e “Semana Nacional de Ciência e Tecnologia”, quanto em espaços externos à UFRJ, como as práticas educativas aplicadas no espaço Ciência Viva, um museu participativo de Ciências, no Clube do Vasco e na Feira Agroecológica da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ).

Todas as ações foram elaboradas considerando o perfil do público-alvo, tendo em vista as diferentes faixas etárias, interesses e nível de escolaridade. Por isso, a linguagem utilizada foi simplificada e foram utilizados recursos audiovisuais (vídeos e ilustrações), visando facilitar o aprendizado e despertar o interesse. Com o intuito de aprimorar as práticas educativas, após a participação do público em cada atividade, era solicitado que eles realizassem uma avaliação das ações, levando em consideração o tema abordado, bem como a metodologia aplicada e material didático utilizado.

Além dos trabalhos desenvolvidos de forma presencial, a equipe criou o perfil @saudemeioambienteufrj na mídia social *Instagram* para auxiliar no compartilhamento das práticas realizadas (Figura 1). Com o início da pandemia causada pelo COVID-19, buscando manter as atividades do projeto e respeitando o distanciamento social, a plataforma passou

a ser utilizada como uma das ferramentas principais para o desenvolvimento das ações extensionistas.

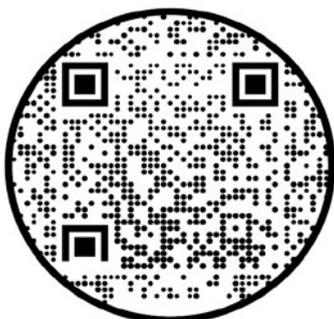


Figura 1 - QR Code do perfil do projeto na plataforma Instagram.

3. DESCRIÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS

3.1. ANTES DA PANDEMIA

As atividades desenvolvidas durante o ano de 2019 e início de 2020, foram realizadas com base no canal teórico que permitiu amplo debate sobre os temas propostos, com intuito de criar materiais didáticos e práticas educativas que fossem utilizados em eventos, como também na plataforma de rede social. Inicialmente, o projeto tinha como proposta colocar a equipe e o público-alvo no centro do processo de ensino-aprendizagem, por meio da problematização, de narrativas e de trocas de experiências. Os discentes membros da equipe, foram incentivados a promover a cooperação, a interação, o respeito à diversidade e a responsabilidade, mantendo sempre a pluralidade das ações propostas e desenvolvidas.

Para dar início ao desenvolvimento das atividades e discussão dos temas, a equipe era reunida em uma sala (Figura 2) e, durante o encontro, eram pautados assuntos julgados de maior relevância com relação ao sistema alimentar, à obtenção de alimentos seguros e à promoção da saúde e preservação do meio ambiente. Adiante eram definidas as ações, atribuições e metas para serem realizadas antes das reuniões seguintes, como pesquisas bibliográficas de artigos científicos e/ou textos publicados em sites institucionais. O foco era apresentar questões atualizadas e relevantes

no Brasil e no mundo dentro da temática do projeto. As datas festivas, quando relacionadas ao projeto, também foram abordadas, com propósito de informar ao público-alvo, suscitar o debate e a troca de saberes.

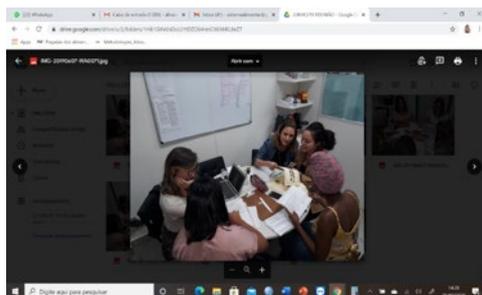


Figura 2 - Reunião para o planejamento da ação educativa (2019).

Estes encontros presenciais, além de permitirem a realização de discussões e definição de atividades, também possibilitaram que os alunos pudessem se sentir mais envolvidos com o projeto, visto que o modelo adotado pelas docentes, de forma mais descontraída, tornou toda a experiência de extensão mais leve e prazerosa, proporcionando que os discentes expressassem suas ideias e pontos de vista de forma mais aberta, conforme mencionado por um dos membros da equipe do projeto:

As reuniões presenciais foram fundamentais para compartilhamento e desenvolvimento de ideias entre a equipe, ideias inclusive que se tornaram realidade nas oficinas e também para o *Instagram*. Ainda, aprendi muito em conversas informais com as professoras, sobre o tema do projeto e outros temas também! Estabeleci verdadeiros laços de amizade com elas e os outros integrantes. (Aluno 1)

Além dos objetivos da efetivação das discussões mencionadas anteriormente, estas eram também conduzidas a fim de criar as práticas educativas que foram utilizadas nos eventos. Foram desenvolvidas três atividades práticas, descritas a seguir:

- Escolhas alimentares e consumo consciente

Nessa atividade, eram utilizados um tabuleiro e imagens de alimentos classificados como *in natura*, processados e ultraprocessados, apresentados sem ou com embalagem de diferentes materiais (plástico, papel,

entre outros). Os participantes eram orientados a distribuir as imagens dos alimentos sobre o tabuleiro e a classificá-los quanto à saudabilidade (não saudável, pouco saudável ou saudável) e em relação ao impacto ambiental (não sustentável, pouco sustentável ou sustentável) (Figura 3).



Figura 3 - Atividade prática “Escolhas alimentares e consumo consciente” realizada durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia da UFRJ, em 2019.

- Você conhece o tempo de decomposição das embalagens?

Nessa prática, foi criado um painel com fotografias de diferentes tipos de embalagens e informações, que ficavam cobertas. Os participantes eram desafiados a “adivinhar” o tempo de decomposição de cada tipo de material (Figura 4).



Figura 4 - Atividade prática “Você conhece o tempo de decomposição das embalagens?”, realizada durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia da UFRJ, e no espaço do Ciência Viva, respectivamente, em 2019.

- Alternativa para o uso de sacolas plásticas em lixeiras

Foi estimulada a confecção de substitutos para sacolas plásticas utilizadas em lixeiras a partir de dobraduras feitas de folhas de jornal. Os participantes confeccionaram a dobradura seguindo as orientações da equipe e material exposto que apresentava o passo-a-passo (Figura 5).



Figura 5 - Atividade prática “Alternativa para o uso de sacolas plásticas em lixeiras”, realizada durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia da UFRJ, e “Práticas educativas”, no Vasco, em 2019.

Além dos encontros efetuados para o desenvolvimento das práticas educativas e discussão dos temas propostos, também foram realizados encontros fora da universidade com propósito de conhecer iniciativas e ampliar o conhecimento sobre o tema, instigando a equipe durante as discussões. Idas ao “Museu do Amanhã”, com visita à exposição intitulada como “Pratodomundo: comida para 10 bilhões” (Figura 6); e o “Espaço Convivência Sustentável”, que expôs atividades que partiram de temas da Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável (Figura 7).

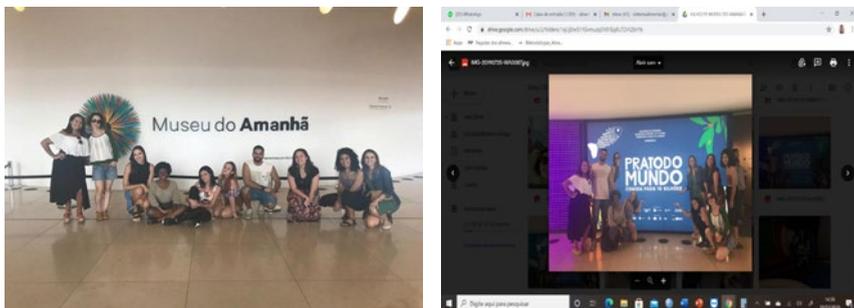


Figura 6 - Visita técnica ao Museu do Amanhã. Exposição “Pratodomundo”. Praça Mauá, Rio de Janeiro - RJ, Brasil.



Figura 7 - Visita técnica ao espaço de convivência sustentável. Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro - RJ, Brasil.

3.2. DURANTE A PANDEMIA

Devido ao surgimento da pandemia causada pela COVID-19, todas as atividades desenvolvidas para atender a demanda do modo presencial passaram por mudanças e foram adaptadas para atender a demanda virtual. Utilizando o *Google Meet* foi criado um outro plano de ação e rotina de atividades. Com as recomendações de distanciamento social, e que as pessoas permanecessem em casa, a perspectiva era de aumento da utilização de redes sociais, então foi intensificado o uso da rede social *Instagram* como meio de ações extensionistas, onde os discentes foram responsáveis pela criação do conteúdo. Foi criado um cronograma utilizando o *Microsoft Excel* (2010), para organizar os temas e datas para publicação do conteúdo. Os temas eram definidos de acordo com os assuntos relevantes no momento, tanto no Brasil quanto no mundo e que apresentassem

conexão com a temática do projeto. Tendo em vista a importância dos cuidados para o enfrentamento do coronavírus, foram feitas postagens sobre os efeitos das ações humanas na natureza e de que forma isso impacta no surgimento ou disseminação de zoonoses. Além disso, foi realizada postagem com orientações para a produção de um protetor facial (*face shield*) caseiro (Figura 8) e sobre a forma correta de higienizar as máscaras de tecido (Figura 9).



Figura 8 - QR Code do post sobre “Faça você mesmo - máscara face shield com garrafa pet”.

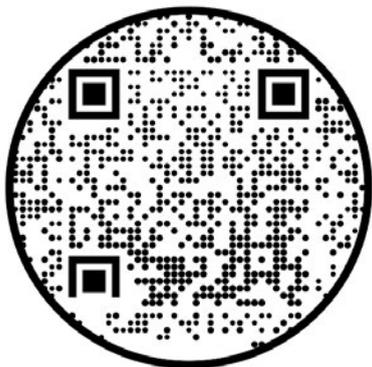


Figura 9 - QR Code do post sobre “Como higienizar sua máscara de tecido”.

Para manter o perfil ativo e aumentar a sua visibilidade, foram mantidas duas postagens semanais, às terças e quintas-feiras, sempre às 18h. As métricas do perfil demonstraram que esse era o melhor horário para

alcançar o maior número de perfis *online*. Com a adoção desta nova forma de troca de conhecimentos, o foco manteve-se o mesmo: apresentar temas de forma clara, informativa e objetiva. Porém, mudanças na abordagem do tema foram essenciais, visto que o público que participava das atividades e dos eventos anteriormente não era restrito à uma faixa etária específica, sendo comum a participação de crianças e adultos. Os temas passaram a ter maior carga de informação e reflexão, além de assuntos mais complexos. Isso se deve, principalmente, ao fato de o *Instagram* ser uma rede voltada para adultos.

Além das atividades desenvolvidas de forma regular na plataforma *Instagram*, também houve produção e apresentação de material em eventos científicos, como o “XII Encontro Sabores e Saberes”, “Festival do Conhecimento”, “CONBRAN online” e “9º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária – CBEU”. No quadro a seguir, é possível ter um panorama dos resumos elaborados pela equipe (Quadro 1).

Evento	Título do trabalho
XII Encontro Sabores e Saberes – 2020	Elaboração de práticas educativas como estratégia para promoção do conhecimento sobre escolhas alimentares saudáveis e sustentáveis.
XII Encontro Sabores e Saberes – 2020	<i>Instagram</i> como ferramenta para promoção de alimentação saudável e sustentável.
Festival do Conhecimento - 2020	Vídeo – Como higienizar suas frutas e hortaliças?.
Festival do Conhecimento - 2020	Vídeo – Máscara <i>face shield</i> com garrafa pet.
Festival do Conhecimento - 2020	Vídeo – Conhecendo o projeto de extensão Sistema alimentar, saúde e sustentabilidade: aonde podemos chegar?.
CONBRAN online - 2020	O impacto das escolhas alimentares sobre a saúde e o meio ambiente: prática educativa.
9º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária – CBEU - 2021	Práticas educativas: Estratégia para promoção do conhecimento sobre escolhas alimentares e consumo consciente.

Quadro 1 - Trabalhos de extensão produzidos pela equipe do projeto extensionista Sistema alimentar, saúde e sustentabilidade: aonde podemos chegar?, submetidos e aceitos em eventos online durante a pandemia da COVID-19.

4. CONCLUSÃO

Com a realização das atividades, pôde-se vivenciar e exercer o papel da Extensão Universitária e, ao mesmo tempo, adquirir conhecimentos sobre a temática e conceitos técnicos. Também foi possível desenvolver habilidades de organização, planejamento e proceder com a troca de conhecimento de forma acessível. A prática permitiu desenvolver outras habilidades, tais como empatia, liderança e autonomia importantes na profissão e na construção do caráter. Além disso, o *Instagram* é uma ferramenta que pode continuar sendo utilizada futuramente, aliando-a a práticas presenciais.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AQUINO, E. M. L. *et al.* Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 1, p. 2423-2446, jun. 2020.

DINIZ, E. G. M. *et al.* Extensão Universitária frente ao isolamento social imposto pela Covid-19 / University Extension Front of the Social Isolation Imposed By Covid-19. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 9, p. 72999-73010, 2020.

Ministério da Saúde (BR). Ministério da Saúde declara transmissão comunitária nacional. Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-da-saude-declara-transmissao-comunitaria-nacional> (acesso em 27 de abril de 2021).

NUNES, R. *et al.* Extensão, desafios e adaptações da experiência universitária em tempos de pandemia: relato de experiência. *Revista Ciência Plura*, v. 5, n. 1, p. 89-101, 2021.

SAHU, P. Closure of universities due to coronavirus disease 2019 (COVID-19): Impact on education and mental health of students and academic staff. *Cureus Journal of Medical Science*, v. 12, n. 4, p. 1-6, abr. 2020.

SILVA, M. R. F. *et al.* Reflexões sobre as ações extensionistas e de pesquisa no combate à COVID-19 na universidade do estado do Rio Grande do Norte. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, n. 2, p. 3622-3646, 2020.

SILVA, L. M. C. DA *et al.* Emprego do facebook e instagram na divulgação de informações sobre a temática da obesidade e comportamento alimentar: Uma exposição dos resultados / the use of facebook and instagram to disseminate information on the subject of obesity: an exposure of the. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 3, p. 24890-24906, 2021.

UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Conselho de Ensino de Graduação. Resolução CEG no. 02 de 2013. p. 8-10, 2013.

ACESSIBILIDADE EM TEMPOS DE QUARENTENA E A COVID-19

CRISTIANA DE BARCELLOS PASSINATO

COORDENADORA DO PROJETO ACESSIBILIDADE EM TEMPOS DE QUARENTENA E A COVID-19

MATHEUS INACIO FERREIRA REGO

LICENCIANDO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - UFRJ

ANA LUIZA FAVILLA

DOUTORANDA NO INSTITUTO DE QUÍMICA - UFRJ

PALOMA DAVID DA SILVA

GRADUANDA EM QUÍMICA - UFRJ

GUILHERME FURTADO BOTELHO

GRADUANDO EM QUÍMICA COM ATRIBUIÇÕES TECNOLÓGICAS - UFRJ

ADRIANA CASTELO BRANCO MACIEL

GRADUANDA EM QUÍMICA COM ATRIBUIÇÕES TECNOLÓGICAS - UFRJ

MARIA LUIZA MARUJO DE ARAÚJO

GRADUANDA EM QUÍMICA COM ATRIBUIÇÕES TECNOLÓGICAS - UFRJ

RESUMO

O projeto de extensão da sessão Acessibilidade IQ chamado *Acessibilidade em tempos de quarentena e a COVID-19* tem o objetivo de desenvolver frentes para debates, informação e difusão de conteúdo de divulgação científica de forma acessível e inclusiva, especialmente nas redes sociais, para os cursos do Instituto de Química (IQ), para a Universidade, contemplando também o público externo. O capítulo apresenta a experiência com debates em formato de *lives*, e seus resultados em engajamento com público. Participaram, no último ano, diversos convidados, inclusive externos, gerando um alcance efetivo das ações. Nota-se também a frequente necessidade de informações com acessibilidade nas plataformas, através de tradução em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e/ou descrição do conteúdo visual, para que o material produzido tenha um fluxo ainda maior de pessoas com deficiência (PcD).

PALAVRAS-CHAVE

Acessibilidade; Inclusão; Química; Lives.

1. USO DA INTERNET E INFORMAÇÕES ACESSÍVEIS DURANTE A PANDEMIA

A maneira como percebemos e nos relacionamos com o mundo foi modificada a partir do decreto da Organização Mundial da Saúde (OMS), referente a pandemia do novo coronavírus (SARS-Cov-2), que classificou como a “maior crise sanitária da nossa época” (OPAS, 2020). As medidas de restrição impostas pela maior parte dos governos mundiais, exigiram fechamento total dos serviços não-essenciais (*lockdown*), distanciamento social e confinamento, quando possível, para reduzir a disseminação do vírus, que é transmitido de pessoa a pessoa. Medidas estas que refletem na redução do contato e do convívio, muitas vezes acolhedor, com outras pessoas. Nesse contexto, a importância das redes sociais foi ampliada e ressignificada.

Durante o período de emergência da COVID-19, o crescimento do uso da internet foi de até 200%, especialmente com trabalho remoto e teleconferências. Num momento de medo, preocupação e ansiedade, a internet pode ser uma ferramenta benéfica para solucionar o desafio do distanciamento (FELDMANN *et al.*, 2021). Segundo a UNESCO, em 2020, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) ganharam grande visibilidade neste período. Porém, a confiabilidade das informações está sendo ameaçada e a dinâmica do consumo de conteúdo nas mídias sociais em torno de eventos críticos requer atenção redobrada. Segundo Lazer *et al.* (2018): “A preocupação com o problema é global. No entanto, muito permanece desconhecido a respeito das vulnerabilidades de indivíduos, instituições e sociedade às manipulações de agentes mal-intencionados”. Desse modo, mídias sociais como *Facebook*, *Twitter*, *YouTube*, *Instagram* e *WhatsApp* alcançam milhares de pessoas todos os dias, e, portanto, são importantes fontes de informações cotidianas. Informações, confiáveis ou não, são acessadas, repassadas, compartilhadas e espalhadas muito rapidamente (HUSSAIN, 2020).

Embora a política de disseminação de informações confiáveis e acessíveis deva ser uma política do Estado, especialmente em momentos de emergência, as pessoas com deficiência (PcD) — que compreendem cerca de 24% da população brasileira, segundo IBGE em 2010 — devem ter a permissão para fazer buscas ativas por notícias e atualizações, se necessário. Quando estas buscas são permitidas, o indivíduo deve ter acesso não só a questões técnicas de saúde, como também conteúdos de lazer e entretenimento, uma vez que o confinamento também recai sobre as condições mentais.

O vírus SARS-Cov-2 atinge desproporcionalmente as classes sociais pobres e os grupos minoritários, incluindo PcD. E fica evidente que as barreiras de acessibilidade aumentaram no último ano. Muitas notícias e alertas sobre a pandemia, formas de transmissão e de prevenção divulgados não são feitos de maneira acessível às pessoas com impedimento visual, auditivo ou intelectual. Além disso, as orientações não são voltadas especificamente para pessoas com deficiência, que requerem adequação de algumas medidas, pois, estão mais vulneráveis à contaminação e as consequências graves da doença. Por exemplo, cegos precisam ser orientados quanto a higienização adequada de suas bengalas, cadeirantes precisam saber sobre a contaminação das rodas das cadeiras e pessoas com dificuldades motoras, que utilizam apoios em locais públicos, devem saber da possibilidade de transmissão do vírus (SHAKESPEARE; NDAGIRE; SEKETI, 2021).

A doença causada pelo vírus tem maior gravidade em pessoas com doenças crônicas e idosos. O Relatório Mundial sobre Deficiência da OMS de 2011, já relatava que as pessoas com deficiência tinham mais probabilidade de serem mais velhas, mais pobres e apresentarem comorbidade, tornando este tópico de debate ainda mais importante. Ainda assim, não há garantia de acesso à informação por parte desse público. Pessoas com impedimento intelectual na Espanha relataram que a principal fonte de informação sobre o novo coronavírus vinha de seus profissionais cuidadores ou de instituições voltadas à PcD (NAVAS *et al.*, 2021). Mas, daqueles que estavam estudando regularmente, um percentual pequeno recebeu informações da escola ou faculdade sobre como proceder diante da pandemia. Isso revela a dificuldade de muitas escolas, universidades e profissionais de educação em se adequar a realidade do aluno em situações excepcionais e a comunicação com os familiares e alunos (SAHU, 2020).

Além do papel evidente das instituições de ensino e pesquisa na formação de profissionais e realização de pesquisas científicas voltadas ao SARS-COV-2, a universidade tem papel fundamental na produção de material informativo para a comunidade acadêmica e para a população em geral.

Com isso, a sessão de acessibilidade do Instituto de Química da UFRJ criou o projeto de extensão *Acessibilidade em tempos de quarentena e a COVID-19* com o objetivo desenvolver frentes para debate, informação e difusão de conteúdo de divulgação científica de forma acessível, inclusiva para os cursos do IQ e toda universidade, contemplando também o público externo. Assim, também objetivamos reduzir os impactos devidos à pandemia e ao bloqueio com a pretensão da manutenção dessa iniciativa,

mesmo após a volta às atividades presenciais. A realidade atual, com predominância de atividade online, poderá permanecer por mais tempo do que imaginamos, portanto, a escuta de experiências de PcD nos permite aprender e melhorar a comunicação e o desenvolvimento de conteúdo dentro do projeto para o público.

2. AÇÕES DO PROJETO

Entre as diversas frentes criadas durante a concepção do projeto, uma delas era a criação de comunicação constante com a comunidade acadêmica e com a sociedade, tratando temas relevantes sobre acessibilidade em tempos de isolamento. Na etapa inicial, foram captados profissionais da área de educação, saúde, artes, agentes atuantes da área de acessibilidade e PcD para que fossem criados temas de debates. Devido a atual necessidade da utilização de recursos remotos, os encontros virtuais foram programados para plataformas como *Instagram* e *YouTube*.

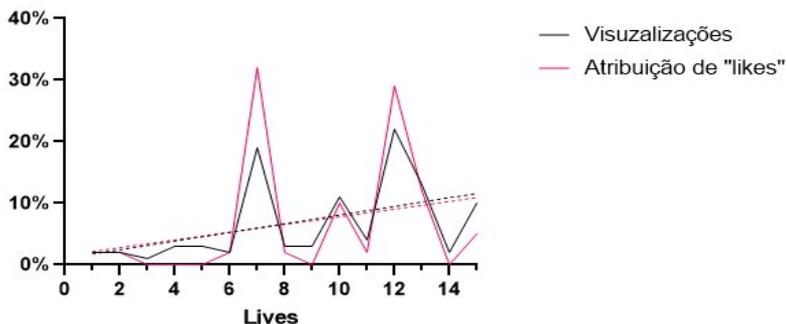
Para o psicólogo Renan Molina em 2020, o provimento das *lives* “contribui para a distração e amplitude da conscientização diante deste momento”. Se tornaram um artifício para estabelecer debates mesmo com o distanciamento, além da propagação de informações científicas confiáveis. A interação possibilitada pelas exposições virtuais em tempo real, fez com que essa ferramenta fosse aproveitada pelo projeto. Assim, foram promovidas palestras, mesas redonda e debates sobre assuntos pertinentes relacionados à inclusão e acessibilidade.

Como as ações de extensão visam fomentar a comunicação entre a universidade e a sociedade, já foram realizadas palestras virtuais a fim de estimular debates, levar informação e difusão de conteúdo científico sobre PcD e acessibilidade, especialmente em ambiente educacional. Uma das plataformas utilizadas foi o *YouTube*. O canal do setor que abriga as *lives* do projeto no *YouTube* “Acessibilidade IQ UFRJ” foi criado no dia 18 de julho de 2020, atualmente conta com 26 inscritos, 19 vídeos enviados com 451 visualizações no total.

A Figura 1 mostra as visualizações e interações positivas com os vídeos que foram transmitidos pelo canal. Como esperado, observa-se que, quanto maior o número de visualizações, maior o número de *likes*. Alguns vídeos, possivelmente por conta do convidado e sua rede, chegam a aproximadamente 20% do total de visualizações. Destaca-se ainda que a

linha de evolução (tracejada) mostra uma tendência de um número maior de visualizações e likes, a cada nova *live*.

Figura 1. Percentual de acesso e interações em 306 vídeos postados no Canal do YouTube. As linhas tracejadas indicam a tendência de relação dos percentuais com cada *live*. Coleta de dados feita na plataforma no dia 28 de abril de 2021. Fonte: Os próprios autores.



A primeira *live* postada no canal com esse intuito, foi realizada no dia 30 de julho de 2020, com a Profa. Dra. Annie Rodig, do Departamento de Educação Inclusiva da Faculdade de Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), abordando sobre a deficiência intelectual na escola (PASSINATO *et al.*, 2020a). Na segunda *live*, realizada no dia 3 de agosto de 2020, a convidada foi a Profa. Dra. Luiza Teles Mascarenhas, servidora da UFRJ da PR5 que trabalha atualmente na formação de cursos de extensão sobre a inclusão no cenário da educação superior, abordando sobre “O encontro de surdos e ouvintes na escola regular” (PASSINATO *et al.*, 2020b). Em seguida, no dia 5 de agosto de 2020, o projeto recebeu a microbiologista com conhecimentos de Libras na área de ciências, Julianna Camile, (integrante do Projeto Surdos e uma das co-autoras do Glossário de Sinais de Microbiologia), abordando o seu projeto independente “Libras ao vivo” (PASSINATO *et al.*, 2020c). A quarta *live*, realizada no dia 6 de agosto de 2020, foi um debate com o professor do Departamento de Química Analítica da UFRJ, Prof. Dr. Júlio Carlos Afonso, abordando sobre “Explosão Massiva de Beirute” (PASSINATO *et al.*, 2020d). No dia 13 de agosto de 2020, mais um encontro foi realizado, desta vez o Prof. Dr. Aires Silva do Instituto Benjamin Constant (IBC), abordando a “Construção de materiais didáticos para pessoas com deficiência visual e o Ensino de Química” e teve 10 visualizações. A sexta convidada, no dia 16 de agosto de 2020, foi a Dra. Eliana Cunha da Fundação Dorina

Nowill que expôs as “*Diversas alternativas pedagógicas para pessoas com baixa visão*” (PASSINATO *et al.*, 2020f). A sétima *live* foi realizada na tarde do dia 3 de setembro de 2020, com a Presidente da Comissão Permanente UFRJ-MACAÉ Acessível e Inclusiva, Profa. Dra. Jane Capelli, abordando sobre “A inclusão e acessibilidade no Campus Macaé da UFRJ” (PASSINATO *et al.*, 2020g). Este último vídeo descrito, de maior duração, alcançou a marca de duas horas, oito minutos e vinte e seis segundos. Também foi, para o projeto, um dos melhores resultados de audiência, pois obteve quase dez vezes mais visualizações do que a quantidade usual.

Nesse mesmo dia, mais uma transmissão ao vivo foi feita, com a colaboração da professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), Profa. Dra. Rejany Dominick, abordando “A inclusão digital, mulheres, pandemia e escolarização” (PASSINATO *et al.*, 2020h). Na sequência, a próxima *live* foi a “Dançando às escuras”, realizada no dia 13 de setembro de 2020, com o Prof. e dançarino Álvaro Souza que relatou experiências pessoais enquanto pessoa cega e também abordou projetos de inclusão nos esportes (PASSINATO *et al.*, 2020i). A décima mesa-redonda foi “Libras e o Ensino de Química”, no dia 16 de setembro de 2020. Esse vídeo contou pela primeira vez com acessibilidade em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e com a participação de intérpretes que possuem formação na área da química. Sendo assim, participaram da *live*, mediada pela Profa. Cristiana Passinato, coordenadora do projeto de extensão; o tradutor-intérprete de Libras e bacharel em português-libras Eduardo Gomes (mestrando em estudos de tradução); a licencianda em Química, Nathália Barros; o licenciado e mestrando em Química Kevin Pereira e a licenciada e bacharel em Química Raquel Bozzi. Cada participante apresentou seu estudo ou projeto e ao final ocorreu um debate entre todos. Destaca-se a interação no chat durante a transmissão ao vivo do licenciado em química, alegando que havia se formado em 2013, porém nunca recebeu nenhuma instrução na faculdade sobre educação e surdez (PASSINATO *et al.*, 2020j). Ainda é importante destacar que os participantes desta última *live*, publicaram na Revista Expressa Extensão (Qualis B2 Ensino e B4 Interdisciplinar), por indicação da Pró-reitoria de Extensão da UFRJ (PR5), um artigo sobre aspectos relacionados ao ensino de Química e à Língua Brasileira de Sinais, editada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), sendo aprovada em março/abril, com publicação esperada para o volume 26, número 2, do ano corrente de 2021 (PASSINATO *et al.*, 2021).

A décima primeira *live* disponibilizada no canal do *YouTube* é uma aula ministrada pela Profa. Cristiana Passinato para a turma da Licenciatura em Química da UFF de Volta Redonda (PASSINATO *et al.*, 2020). Abordaram-se temas como a experiência em sala de aula com relação à inclusão e a atividade de Cristiana como coordenadora no Núcleo de Atendimento Pedagógico Especializado Regional da SEEDUC-RJ (Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro). O *streaming* seguinte, no dia 13 de outubro de 2020, foi realizado com a Profa. Dra. Ivoni de Freitas Reis - UFJF. Ela conversou sobre pesquisa em “Ensino de Química e a cultura surda”. Essa *live* extrapolou o alcance usual de público restrito ao Rio de Janeiro, recebendo comentários de usuários da Bahia (PASSINATO *et al.*, 2020m).

A transmissão seguinte foi a de maior destaque para o projeto, realizada na tarde do dia 29 de outubro de 2020, contou com a apresentação e mediação da Profa. Cristiana de Barcellos Passinato, coordenadora do projeto de extensão *Acessibilidade em tempos de pandemia e COVID-19*, e os alunos Fernando Sant’Anna (nosso aluno surdo do curso de Ciências Biológicas), Carla Regina Ribeiro da Silva (aluna do curso de Letras-Libras da Faculdade de Letras), Guilherme Furtado Botelho (IQ), Maria Luiza Marujo de Araújo (IQ), Ana Luiza Favilla (doutoranda PPGCal – IQ) e Adriana Castelo Branco Maciel (IQ), integrantes do grupo. Sendo realizado o debate com o tema “Tecnologias Assistivas e Inteligência artificial: Acessibilidade na Universidade” que teve participação no tradicional evento nacional vigente no calendário acadêmico da Universidade, a “Semana Nacional de Ciência de Tecnologia da UFRJ”, que esse ano, por conta da pandemia, foi denominado e estendido pela PR5 como o “Mês Nacional de Ciência e Tecnologia” (PASSINATO *et al.*, 2020n).

Com o intuito de um papo descontraído sobre inclusão, a décima quarta *live* “Café com Pibid com alunos do IQ UFRRJ” a convite do Prof. Roberto Castilho, coordenador do Pibid do Instituto de Química da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), foi realizada no dia 15 de dezembro de 2020. Assim sendo, proferida pela Profa. Cristiana de Barcellos Passinato, os alunos presentes foram: Vanessa Freitas, Diego Pires, Eduardo Souza, Vitória Rosa, Camila Arguello, Karina Nunes e Nicole Ramos (PASSINATO *et al.*, 2020o).

A décima quinta e última *live* realizada até o presente momento foi datada em 18 de dezembro de 2020. Contou com a participação da Profa. Cristiana de Barcellos Passinato, os alunos extensionistas Guilherme

Botelho (IQ), Stefani Ferreira (EBA), Matheus Inacio Ferreira Rego (IB) e o convidado Hugo Antônio, zootecnista da Universidade Federal de Lavras, no interior de Minas Gerais (UFLA), intitulada: “Testemunho de um sujeito cego no nível superior, abordando os obstáculos e desafios encontrados durante sua graduação” (PASSINATO *et al.*, 2021p).

Outras mídias foram utilizadas para ampliar a interação entre a Universidade e a sociedade. São exemplos do que foi dito, o *Instagram* e o *Facebook*. Elas são de extrema importância, pois além de estimular o entrosamento, servem para impulsionar a divulgação das *lives* promovidas pelo projeto. Ressalta-se que as postagens, seja em formato de artes gráficas ou vídeos, quando possível, com esforço da equipe do projeto, possuem acessibilidade do conteúdo postado para pessoas com algum tipo de impedimento, podendo assim serem realizadas por: *PDF* acessível, onde é realizada a descrição das imagens com a indicação feita pela *hashtag* “#PraCegoVer” ou mesmo tradução em Libras, em alguns casos, quando há intérpretes disponíveis. No *Facebook*, o grupo “Acessibilidade IQ UFRJ” possui 181 membros e teve um crescimento significativo no período de um ano.

O *Instagram* foi a rede social em que o crescimento foi mais proeminente, dentre todas as redes que foram ativadas em prol do projeto. O perfil foi criado no dia 10 de abril de 2020 e nesse período, alcançou 1.923 seguidores, com 741 publicações, e foi marcado em 41 publicações no *feed*.

Segundo os *insights* registrados pela plataforma, em comparação com o período de 25 de fevereiro de 2021 até 26 março de 2021, o perfil recebeu cresceu 16,3% em número de seguidores. O local de origem da maior parte dos seguidores é o Brasil, equivalente a 94,8%. Porém, observa-se público localizado na Índia (1,0%), em Portugal (0,5%), nos Estados Unidos (0,4%) e na Tanzânia (0,4%). No Brasil, observa-se interação com diferentes cidades como: Rio de Janeiro (25,9%), São Paulo (6,4%), Niterói (2,8%), Salvador (2,3%) e Belo Horizonte (2,1%) O conteúdo divulgado é livre para qualquer faixa etária; a idade dos seguidores varia de 13 a 65 anos. Sendo que o público predominante tem entre 25 e 34 anos. Em um mês, houve um alcance de 2.079 contas que acessaram as publicações, os *stories* ou os vídeos no *Instagram TV (IGTV)*, referindo-se a um aumento de 15,5%. O número de vezes que as publicações, *stories* ou vídeos de *IGTV* apareceram na tela dos usuários foi de 38.213, tendo um aumento equivalente a 92,1%. Além disso, registraram-se 876 visitas ao perfil e 98 toques no *Linktree* do projeto. Houve um aumento de 134,6%

nas interações com o conteúdo, através de curtidas, comentários, salvamentos e compartilhamentos.

3. PERSPECTIVAS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão da sessão *Acessibilidade IQ Acessibilidade em tempos de quarentena e a COVID-19*, vinculado à Direção Instituto de Química (IQ) do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN) da UFRJ tem realizado atividades que conquistaram visível sucesso, mesmo em tempos de pandemia. O percurso descrito, neste capítulo, mostra que as transmissões ao vivo ou *lives*, realizadas para fins educacionais e informativos, levaram a um aumento significativo do engajamento das redes sociais desse projeto descrito.

A equipe, hoje, está setorizada em grupos de trabalho, os quais organizam publicações, materiais documentais, parceria com instituições e empresas, e a elaboração de cursos, além da continuidade da postagem de vídeos em tempo real com convidados.

A coordenação tem como perspectiva o planejamento na capacitação e realização na formação com os extensionistas envolvidos para que sejam realizados atendimentos ao público PcD da UFRJ ainda em período de isolamento.

Vale salientar que ainda se encontra em andamento a seleção de intérpretes de Libras para construção da equipe de tradutores-intérpretes de Libras para atuarem no projeto, para que, a partir do ano de 2021, todas as *lives* e postagens, realizadas em vídeos, tenham tradução para tornar o conteúdo ainda mais acessível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FELDMANN, Anja *et al.* Implications of the COVID-19 Pandemic on the Internet Traffic. [s. l.], p. 30–34, 2021.

HUSSAIN, Wahajat. Role of Social Media in COVID-19 Pandemic. *The International Journal of Frontier Sciences*, v. 4, n. 2, p. 59–60, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.37978/tijfs.v4i2.144>

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de

Janeiro, 2010. 211 p. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf Acesso em: 23 abr. 2021.

LAZER, David M. J. *et al.* The science of fake news. *Science*, v. 359, n. 6380, p. 1094-1096, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1126/science.aao2998>

NAVAS, Patricia *et al.* Supports for people with intellectual and developmental disabilities during the COVID-19 pandemic from their own perspective. *Research in Developmental Disabilities*, [s. l.], v. 108, n. October 2020, p. 103813, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2020.103813>

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPS). *Folha Informativa – COVID – 19*. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid_19&Itemid=875. Acesso em: 23 abr. 2021.

PASSINATO, Cristiana de Barcellos *et al.* ENSINO DE QUÍMICA E LIBRAS: REFLEXÕES A RESPEITO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS. *Expressa Extensão*, v. 26, n. 2, p. 377-390, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/20588>. Acesso em: 30 abr. 2021.

PASSINATO, C. B. *et al.* *Acessibilidade IQ UFRJ. Live - Annie Rodig*. 30 de julho de 2020a. Duração: 1:05. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/598563>

PASSINATO, C. B. *et al.* *Acessibilidade IQ UFRJ. Live - Prof. Dr. Luiza Teles Mascarenhas*. 3 de agosto de 2020b. Duração: 1:38. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/598564>

PASSINATO, C. B. *et al.* *Acessibilidade IQ UFRJ. Live - Julianna Camile - Microbiologista e Intérprete de Libras*. 5 de agosto de 2020c. Duração: 1:35. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/598565>

PASSINATO, C. B. *et al.* *Acessibilidade IQ UFRJ. Live - prof. Júlio Carlos Afonso DQA-IQ-UFRJ*. 6 de agosto de 2020d. Duração: 0:41. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/598546>

PASSINATO, C. B. *et al.* *Acessibilidade IQ UFRJ. Live - Aires Silva - IBC*. 13 de agosto de 2020e. Duração: 1:45. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/598547>

PASSINATO, C. B. *et al.* *Acessibilidade IQ UFRJ. Live - Eliana Cunha - Fundação Dorina Nowill*. 16 de agosto de 2020f. Duração: 1:43. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/598566>

PASSINATO, C. B. *et al.* *Acessibilidade IQ UFRJ. Live - Jane Capelli - Presidente do CPAI - Campus Macaé - UFRJ*. 3 de setembro de 2020g. Duração: 2:08. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/598548>

PASSINATO, C. B. *et al.* *Acessibilidade IQ UFRJ. Live -Prof. Rejany dos S. Dominick - UFF e UFJF*. 3 de setembro de 2020h. Duração: 1:29. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/598567>

PASSINATO, C. B. *et al.* *Acessibilidade IQ UFRJ. Live - Prof. Alvaro Souza - Dançando às Escuras*. 13 de setembro de 2020i. Duração: 1:20. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/598568>

PASSINATO, C. B. *et al.* *Acessibilidade IQ UFRJ. Live – Mesa redonda: Libras e o ensino em química*. Rio de Janeiro. 16 de setembro de 2020j. Duração : 1:31:52. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sK86F878tDE&t=4s>

PASSINATO, C. B. *et al.* *Acessibilidade IQ UFRJ. Live-PPE4 Palestra Cristiana Passinato*. Rio de Janeiro. 8 de outubro de 2020l. Duração: 1:09:08. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8U_R3IdnNjc

PASSINATO, C. B. *et al.* *Acessibilidade IQ UFRJ. Live – Prof. Dra. Ivoni de Freitas Reis*. Rio de Janeiro. 13 de outubro de 2020m. Duração: 1:15:44. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/598550>

PASSINATO, C. B. *et al.* *Acessibilidade IQ UFRJ. Live - Tecnologias assistivas e IA: acessibilidade na Universidade*. Rio de Janeiro. 29 de outubro de 2020n. Duração: 1:00:25. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/598551>

PASSINATO, C. B. *et al.* *Acessibilidade IQ UFRJ. Live - Café com Pibid com alunos do IQ UFRJ (Rural)*. Rio de Janeiro. 15 de dezembro de 2020o. Duração: 2:06:20. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/598569>

PASSINATO, C. B. *et al.* *Acessibilidade IQ UFRJ. Live – Hugo Antônio – zootecnista formado pela UFLA*. Rio de Janeiro. 18 de dezembro de 2020p. Duração: 1:47:10. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/598552>

SAHU, Pradeep. Closure of Universities Due to Coronavirus Disease 2019 (COVID-19): Impact on Education and Mental Health of Students and Academic Staff. *Cureus*, v. 2019, n. 4, p. 4-9, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.7759/cureus.7541>

SHAKESPEARE, Tom; NDAGIRE, Florence; SEKETI, Queen E. *Triple jeopardy: disabled people and the COVID-19 pandemic*. Elsevier B.V., 2021. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(21\)00625-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(21)00625-5). Acesso em: 30 abr. 2021.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). *Museums around the World in the Face of COVID-19*. Maio. 2020. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373530>. Acesso em: 23 abr. 2021.

CENTRO DE CIDADANIA DA PRAIA VERMELHA: O DESAFIO DE REINVENTAR SUAS PRÁTICAS PARA MANTER A INTERAÇÃO ENTRE A UNIVERSIDADE E A SOCIEDADE EM TEMPOS DE CRISE SANITÁRIA

MÔNICA DELGADO • COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO CENTRO DE CIDADANIA DA PRAIA VERMELHA

BIANCA CAMPOS • GRADUANDA EM GESTÃO PÚBLICA PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL - UFRJ

FABIANA LUIZ • COLABORADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO CENTRO DE CIDADANIA DA PRAIA VERMELHA

HÍKARO FERREIRA • GRADUANDO EM HISTÓRIA - UFRJ

LUCAS BARROSO • GRADUANDO EM HISTÓRIA - UFRJ

RESUMO

O trabalho em tela busca apresentar reflexões em torno da reestruturação implementada nas ações de extensão, em razão da atual crise sanitária. O objetivo é descrever a experiência do *Centro de Cidadania da Praia Vermelha*, um projeto de extensão da Escola de Serviço Social/UFRJ que, há mais de dez anos, vem promovendo a interação entre a Universidade e outros setores da sociedade e oportunizando o debate sobre cidadania e garantia de direitos. Entretanto, com o agravamento da pandemia da COVID-19, o projeto precisou reinventar-se e adaptar-se a uma versão virtualizada, desenvolvendo estratégias inovadoras para seguir seus objetivos originais no universo digital. Nessa direção, o presente relato tem a pretensão de descrever o novo funcionamento on-line do projeto, os objetivos gerais, a metodologia, as ações e os resultados, ou seja, o desafio de desenvolver extensão na modalidade remota.

PALAVRAS-CHAVE

Movimentos Sociais; Cidadania; Participação Política; Agroecologia.

1. INTRODUÇÃO

Sendo implementado a partir do primeiro semestre de 2009, o *Centro de Cidadania da Praia Vermelha* é um projeto de extensão da Escola de Serviço Social (ESS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que, em parceria com outras unidades acadêmicas da universidade e outras instituições brasileiras, como a coordenação da Licenciatura em Educação do Campo (LEC) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), a Faculdade Nacional de Direito (FND/UFRJ) e a Prefeitura de Nova Iguaçu, vem ao longo dos últimos dez anos desenvolvendo atividades de assessoria na organização sociopolítica de movimentos sociais, de formação para lideranças populares, trabalhadores rurais, gestores de políticas sociais, estudantes do ensino médio e da graduação e de ampliação das formas de geração de renda de trabalhadores assentados da reforma agrária.

As ações do projeto, em consonância com a contribuição de seus parceiros, têm como eixo norteador as lutas históricas dos trabalhadores urbanos e rurais em busca de seus direitos políticos e sociais. Em relação a isso, vale destacar que evidentemente a adoção desse importante posicionamento político coloca os atores sociais do projeto no extremo oposto da ideologia mercantilista e da ideia de educação bancária (FREIRE, 2019), que proliferam a ideia do sistema educacional como uma fonte exclusiva de renda e lucro para os burgueses (SILVA; ACOSTA, 2010, p. 3).

O pilar principal do projeto é o compromisso com a democratização do conhecimento nas áreas das Ciências Sociais e Humanas produzido na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Dessa forma, a intencionalidade do projeto conecta-se aos fins precípuos que se atribuem ao meio universitário: espaço de produção de conhecimento socialmente relevante; território aberto para o debate e o confronto de ideias; campo de investigação e experimentação; locus de formação intelectual, cívica e humana.

Por meio da assessoria, bem como da oferta de cursos de extensão, rodas de conversas e oficinas elaboradas a partir da educação popular, metodologia que valoriza os saberes prévios da comunidade, o *Centro de Cidadania da Praia Vermelha* vem contribuindo com o processo de formação e capacitação sociopolítica de estudantes, supervisores, gestores, líderes, alunos da rede pública de ensino e assentados da reforma agrária, para que atendam de forma mais qualificada às demandas reais existentes em seus espaços de atuação, seja em suas comunidades, seja em suas

unidades de educação. Nesse sentido, o projeto (re)afirma a função social da Universidade, enquanto um espaço plural, aberto, público e necessariamente democrático. Nessa direção, a UFRJ, por intermédio do Centro de Cidadania, portanto, vem cumprindo um papel articulador, oportunizando a vivificação da organização coletiva dos trabalhadores e dos estudantes em prol de importantes mudanças sociais.

Contudo, vale ressaltar que, em tempos de virtualização social decorrente do isolamento físico exigido pela pandemia do novo coronavírus, as ações do projeto foram readequadas ao modo remoto, em suas modalidades tanto síncronas quanto assíncronas. Nesse sentido, o presente relato tem como objetivo descrever o novo funcionamento on-line do projeto de extensão Centro de Cidadania da Praia Vermelha/UFRJ, tendo como norte o impacto social que, mesmo à distância, continua sendo a sua marca principal.

2. OBJETIVOS GERAIS

Dentre os objetivos e metas que norteiam a organização do projeto de extensão *Centro de Cidadania da Praia Vermelha* da Escola de Serviço Social (ESS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), destacam-se a sua intenção em:

- a. Democratizar o acesso à produção do conhecimento nas áreas das Ciências Sociais e Humanas desenvolvido na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ);
- b. fomentar a parceria e a articulação entre os movimentos sociais e o meio universitário;
- c. elaborar cursos de capacitação profissional e oficinas voltadas às lideranças de movimentos sociais, tendo como norte os preceitos da educação popular;
- d. contribuir para a formação política das lideranças dos movimentos sociais (estudantis, associativas, partidárias, sindicais, religiosas, dentre outros);
- e. capacitar os assistentes sociais, os supervisores de estágio da Escola de Serviço Social (ESS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e os gestores de políticas públicas;

- f. proporcionar o conhecimento das políticas sociais, por intermédio de oficinas populares, e contribuir para o incremento do controle social;
- g. ampliar o diálogo do universo universitário com a comunidade em geral;
- h. assessorar política e tecnicamente membros de movimentos sociais e estudantes da rede pública da educação básica;
- i. buscar trazer à reflexão o espaço urbano e suas territorialidades a partir das vivências cotidianas de moradores(as) do estado do Rio de Janeiro e a identificação de suas principais limitações para o pleno usufruto da cidade;
- j. contribuir para a integralização das horas destinadas à extensão dos discentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

3. METODOLOGIA

A proposta do *Centro de Cidadania da Praia Vermelha* tem por eixo central a assessoria e, a partir dela, a construção de conhecimentos acerca dos movimentos sociais e populares, bem como a busca pelo entendimento de sua importância no atual contexto e sua relação com a universidade. Conforme já destacado anteriormente, o projeto aponta para as lutas pela educação pública de qualidade e pelo direito à terra, tendo como norte a perspectiva do fortalecimento dos vínculos ideopolíticos com algumas organizações sociais da sociedade civil, como o Movimento de Universidade Popular (MUP), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA).

Nessa direção, o programa atua em três frentes concomitantes, sendo elas: a articulação com outros projetos de extensão, o fortalecimento de movimentos sociais e a democratização do conhecimento.

A primeira visa o desenvolvimento de pesquisas, ações de assessoria e acompanhamento voltados aos movimentos sociais que já possuem uma vinculação com a Escola de Serviço Social (ESS/UFRJ). Partindo dessa perspectiva, desde 2016, o projeto tem acompanhado a organização social e política da Associação de Trabalhadores Rurais do assentamento rural Mutirão Campo Alegre, localizado nos municípios de Nova Iguaçu e Queimados, e a formação de grêmios estudantis em escolas públicas do município de Nova Iguaçu (Rio de Janeiro).

Já a segunda visa buscar a consolidação dos movimentos sociais ligados principalmente à luta pela terra, colocando a Universidade à serviço da sociedade civil em suas demandas por espaço e nos debates de suas temáticas principais.

Por fim, a terceira frente propõe-se à busca da democratização do acesso ao conhecimento, por meio da organização de cursos de extensão, oficinas, rodas de conversas e debates com os movimentos sociais e escolas de rede pública, com programas e temáticas previamente definidas, construídas coletivamente e baseadas nos pressupostos da educação popular de Paulo Freire (1921-1997).

Nesse sentido, partindo da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a proposta do projeto busca, portanto, contribuir para a formação de uma consciência crítica e propositiva nos cidadãos. Além disso, a partir dele, é necessário instrumentalizar os trabalhadores rurais e estudantes da rede pública de ensino básico, para que possam responder de forma mais qualificada às necessidades sociais que emergem em seus diversos espaços de atuação, visando corresponder adequadamente às exigências do quadro de precariedade social em que se encontram.

No entanto, em virtude da suspensão obrigatória de atividades presenciais decorrente da pandemia gerada pelo vírus SARS-CoV-2, responsável pela enfermidade da COVID-19, as ações do projeto foram remanejadas para o ambiente digital e estão sendo desenvolvidas remotamente na modalidade a distância. O isolamento físico resultante do aparecimento pandêmico do novo coronavírus exigiu que os atores da educação (re)criassem os modelos de interação com a comunidade acadêmica, científica e, principalmente, civil (DE ALMEIDA; ALVES, 2020). Nesse sentido, o *Centro de Cidadania da Praia Vermelha/UFRJ* não esteve alheio a isso e precisou reinventar-se no sentido de manter sua originalidade e urgência em tempos de crise sanitária mundial.

No universo on-line, para manter a sua atuação nas frentes de articulação, fomento e democratização, o projeto tem desenvolvido estratégias inovadoras para seguir a sua metodologia original, como a criação de material informativo/educativo (dentre eles: cartilhas, folders e filipetas) voltado às demandas dos trabalhadores rurais e dos estudantes, a criação de bancos de dados e mapeamentos para melhor compreender a situação da terra e da produção de alimentos na contemporaneidade carioca, além da elaboração de rodas virtuais de conversa sobre territorialidade e construção de bancos de dados públicos sobre agrotóxicos e produções

acadêmicas relevantes às temáticas do projeto. Tais atividades são resultados das pesquisas dos alunos extensionistas que, com o auxílio da coordenadora da ação, a socióloga Mônica Mendonça Delgado, reúnem-se quinzenalmente para discutir temáticas sociais e alinhar suas novas tarefas para o desenrolar do projeto.

4. AÇÕES DA EXTENSÃO DESENVOLVIDAS NA MODALIDADE REMOTA

Em 2020, em razão da pandemia da COVID-19, algumas importantes atividades do projeto, como a Feira da Roça da Praia Vermelha e as rodas de conversas presenciais no Assentamento Mutirão Campo Alegre, foram temporariamente suspensas. Além disso, o curso de extensão “Qualificação para Cuidadores da Terceira Idade”, iniciado em 2019, terminou suas atividades na modalidade remota. Nessa direção, iniciou-se, então, uma nova fase para o projeto e todas as suas atividades tiveram que ser readaptadas à modalidade remota, com o uso de ferramentas tecnológicas e das redes virtuais.

Considerando o pressuposto de que as ações de extensão são mais efetivas se estiverem vinculadas ao processo de formação da pessoa e de geração do conhecimento, o projeto estabeleceu um conjunto de atividades que, além de atender as demandas sinalizadas pelos trabalhadores rurais em ocasiões anteriores ao período pandêmico, impactará na formação dos estudantes extensionistas. Partindo dos três pilares intrínsecos ao meio universitário, tais atividades envolvem o trabalho de pesquisa que vem resultando na produção de materiais informativos/educativos sobre temas demandados pelos assentados da reforma agrária. São elas: as políticas de seguridade social e de assistência social voltadas para o trabalhador rural; as diferenças entre associativismo e cooperativismo; a economia solidária, dentre tantos outros.

Vale ressaltar, ainda, que o projeto de extensão tem investido no trabalho de mapeamento e construção de banco de dados sobre temas relevantes, como a produção acadêmica referente à luta pela terra no estado do Rio de Janeiro, por exemplo. Além dessas atividades, o projeto também tem estimulado os extensionistas a manterem o vínculo com seu público-alvo por meio da produção e edição de vídeos informativos

sobre as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores rurais assentados no período de pandemia.

Por último, para instrumentalizar e qualificar a formação dos estudantes extensionistas, o projeto vem desenvolvendo, de forma quinzenal e remota, um momento especial de estudo, reflexão e debate sobre determinado texto, escolhido previamente, cuja temática central gira em torno da agroecologia, da educação popular, da alimentação orgânica e dos movimentos sociais.

5. RESULTADOS

Tendo em vista a necessidade de refletir e discutir os processos de exploração e desigualdade inerentes à sociedade capitalista, bem como as questões sociais e políticas que interferem diretamente na vida dos indivíduos pertencentes às classes menos abastadas, o *Centro de Cidadania da Praia Vermelha/UFRJ* vem, ao longo dos últimos dez anos, buscando oferecer um espaço de debate para que os sujeitos sociais envolvidos possam se qualificar e, assim, intervir melhor em seus espaços de atuação.

Nesse sentido, o projeto tem oferecido cursos de extensão, desde o seu surgimento em 2009, na área das Ciências Sociais e Humanas, com ênfase em: Formação Política e Técnica Agroecológicas; Direitos Sexuais e Reprodutivos; Direitos da Criança e do Adolescente; Direitos da Terceira Idade; Assistência Social e Políticas Públicas de Álcool e outras Drogas; Os Oprimidos e Explorados como Protagonistas; Prática Profissional do Assistente Social; Cidadania e Direitos etc. Esses cursos são distribuídos ao longo dos períodos letivos e abordam, principalmente, questões relativas à cidadania, buscando oportunizar o debate sobre a emancipação política e humana dos indivíduos que se encontram inseridos em um contexto de forte desigualdade social e econômica.

Os cursos, as oficinas e as rodas de conversas buscam contribuir para a formação de lideranças sociais e de multiplicadores para que outras pessoas possam ter acesso ao conteúdo apresentado e discutido pela equipe do projeto. A metodologia utilizada é composta por aulas expositivas, estudos de casos, dinâmicas experimentais, debates e exibição de filmes com discussões sobre a temática em questão.

Em relação a essa importante frente do projeto, Silva e Acosta (2010) afirmam que:

Não se trata aqui do ensino intelectual acadêmico, mas de uma proposta de vida e cidadania: instrumentalizar as lideranças dos movimentos sociais a responder de forma mais qualificada às necessidades sociais apresentadas pelas comunidades nas quais se encontram inseridas, no sentido de contribuir, por um lado, para a formação de uma “consciência nacional” crítica e propositiva e uma inserção social que aponte estratégias próprias para a superação dos graves índices dos indicadores sociais que colocam em risco e/ou vulnerabilidade social a população de baixa renda e/ou os explorados excluídos sociais e, por outro, se constitua em uma estratégia de fortalecimento das bandeiras de lutas dos movimentos sociais no sentido de apontarem para a radicalização e democratização do Estado, objetivando transformá-lo no Estado dos cidadãos (SILVA; ACOSTA, 2010, p. 4).

Nessa direção, além da natureza transformadora presente nos cursos, a democratização do conhecimento acadêmico é uma das suas marcas, o que permite a sua rápida popularização. Não é à toa que isso reflete nos números expressivos do projeto. Desde 2009, o projeto já desenvolveu, presencialmente, 50 cursos de extensão no espaço físico da Escola de Serviço Social (ESS/UFRJ) e também fora dela, além dos ciclos de debates oferecidos em escolas da rede pública do estado do Rio de Janeiro e no assentamento rural Mutirão Campo Alegre, ambas realizadas durante o ano de 2019. Os cursos, normalmente, são frequentados por turmas com um número médio de 50 alunos(as), o que totaliza 2.500 participantes, em média, ao longo dos últimos anos de existência do projeto.

Já em sua reorganização inovadora para o universo digital, o Centro de Cidadania continua exercendo seu compromisso com a qualificação profissional da comunidade externa à Universidade. Em 24 de abril de 2021, iniciamos o curso de extensão on-line intitulado “Qualificação para o Cuidado de Crianças e Adolescentes”. Ele está sendo desenvolvido na modalidade remota e é direcionado, prioritariamente, à população residente em Nova Iguaçu (Rio de Janeiro) que pretende se qualificar para se reinserir no mercado de trabalho por meio da atividade de cuidado de crianças e adolescentes. O curso dispõe de 50 vagas e recebeu 280 inscrições, o que demonstra a importância social das atividades de extensão desenvolvidas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para a comunidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estruturação do projeto no formato on-line foi um desafio que o período pandêmico trouxe ao *Centro de Cidadania da Praia Vermelha*, que precisou reestruturar o que já vinha sendo organizado de maneira presencial desde o seu surgimento no primeiro semestre de 2009. No entanto, mesmo em tempos de crise sanitária, grande parte dos objetivos do programa estão sendo cumpridos em sua árdua missão de virtualizar-se. Como uma ferramenta de transformação social, mesmo em meios digitais, o Centro de Cidadania reafirmou sua importância em produzir uma interação entre a Universidade e outros setores da sociedade ao contribuir com a qualificação da formação de membros participantes de movimentos sociais, com a democratização de conhecimentos científicos e com a consolidação de pesquisas sobre diferentes temas que buscam fornecer informações que auxiliem no processo de transformação e desenvolvimento social.

O projeto, portanto, além de auxiliar na formação profissional, vem buscando contribuir com a formação de uma consciência crítica e cidadã da população, ampliando também o universo de referência teórico e metodológico de seus alunos extensionistas. Trata-se, ainda, do desafio de produzir um conhecimento novo, através da interação entre a Universidade e a Sociedade, bem como dos saberes oriundos da vivência comunitária, da prática profissional e da produção acadêmica.

Assim sendo, desde o início da pandemia do novo coronavírus, os componentes do Centro de Cidadania se encontram quinzenalmente em plataformas digitais para um momento em conjunto de estudo, reflexão e planejamento de suas ações. A partir dessa organização inicial, como salientado anteriormente, o projeto de extensão vem contribuindo na construção de bancos de dados públicos e de materiais informativos/educativos para o assessoramento remoto das experiências e demandas dos movimentos sociais. Além disso, em abril de 2021, iniciou um curso de extensão on-line direcionado à qualificação profissional para a reinserção da população de Nova Iguaçu (Rio de Janeiro) no mercado de trabalho de cuidado de crianças e adolescentes.

Por último, vale ressaltar que o *Centro de Cidadania da Praia Vermelha* está conseguindo se adaptar aos desafios da nova conjuntura social e, assim, vem atuando dentro dos seus objetivos de: democratizar a produção de conhecimento; fomentar a parceria entre a Universidade

e os movimentos sociais; elaborar cursos e oficinas de educação popular, formação política e capacitação profissional; contribuir na integralização das horas de extensões curriculares dos discentes da UFRJ; produzir e compartilhar conhecimento a partir de um amplo diálogo do meio universitário com a comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, B. O. de; ALVES, L. R. G. Lives, Educação e Covid-19: estratégias de interação na pandemia. *Interfaces Científicas*, v. 10, n. 1, p. 149-163, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8926/4135>>. Acesso: 15 abr. 2021.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 70 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

SILVA, M. M. V. de A.; ACOSTA, L. E. Centro de Cidadania da Praia Vermelha ESS/UFRJ: produção do conhecimento e transformação social. In: Congresso Nacional da Rede Unida, 9., 2010, Porto Alegre. *Resumo Expandido*. Porto Alegre: Rede Unida, 2010. Disponível em: <<http://congressoanterior.redeunida.org.br/resumos/RE1036-1.pdf>>. Acesso: 12 abr. 2021.

COMO TRABALHAMOS O PROJETO VIDA NA ÁGUA, ÁGUA NA VIDA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

05

LAÍSA MARIA FREIRE DOS SANTOS

COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO VIDA NA ÁGUA, ÁGUA NA VIDA:
ENTRELAÇANDO EDUCAÇÃO AMBIENTAL E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA,
UNIVERSIDADE E ESCOLA DO LABORATÓRIO DE LIMNOLOGIA - UFRJ

KELLY PINHEIRO DOS SANTOS

LORENA ANTUNES JIMENEZ

NATHALIA FERREIRA DA CUNHA

DOUTORANDAS EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS E CONSERVAÇÃO - UFRJ

VICTÓRIA MARIA RODRIGUES LOPES

BEATRIZ RODRIGUES SOARES

ALYNNE DE OLIVEIRA BARBOSA

LICENCIADAS EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - UFRJ

RENATO CAMPOS VIEIRA

DOUTORANDO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E SAÚDE - UFRJ

RESUMO

As ações educativas do Laboratório de Limnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro partem do entendimento de que a popularização da ciência, realizada por meio de ações pedagógicas e ambientais integradas entre a universidade e a escola, pode contribuir para a formação de cidadãos reflexivos. Os processos educativos buscam fomentar o conhecimento, a discussão política e a valoração de questões de ecologia aquática, de disputas ambientais, da gestão e conservação das águas. Durante a pandemia de COVID-19, as ações buscaram a dialogicidade no projeto extensionista dos processos e produtos gerados. As ações realizadas foram: produção de vídeos, oficina de produção de vídeos, visualização de materiais pedagógicos com conteúdo limnológico e elaboração de textos de divulgação científica e postagens em blog.

PALAVRAS-CHAVE

Água; Extensão; Atividades remotas; Educação ambiental.

1. INTRODUÇÃO

As ações educativas do Laboratório de Limnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) partem do entendimento que a popularização da ciência, realizada por meio de ações pedagógicas e ambientais, integradas entre a universidade e a escola, podem contribuir para a formação de cidadãos críticos e reflexivos (FREIRE, 1983). Inspirados pela pedagogia freireana, o presente projeto de extensão intitulado *Vida na água, água na vida: entrelaçando educação ambiental e popularização da ciência, universidade e escola* vem desenvolvendo, desde 2018, processos educativos em escolas, com a produção de materiais didáticos e com participação em feiras de ciências contribuindo com a Educação Ambiental no currículo de Ciências e Biologia. Também realizamos exposições didáticas e interativas em espaços ao ar livre e na própria universidade, contribuindo para a divulgação científica de temas relacionados à água. Do ponto de vista metodológico, há uma crítica a programas e projetos de ecologia e Educação Ambiental que se pautam para metodologias expositivas, enunciativas e impositivas com ênfase nos conteúdos, visando persuadir a respeito da conveniência da “doutrina ecológica” (GUTIÉRREZ; PRADO, 2000).

O projeto se articula de forma colaborativa entre diferentes sujeitos (estudantes universitários, professores pesquisadores em Educação em Ciências, professores pesquisadores em Ecologia e docentes e alunos do ensino fundamental). As ações realizadas permitem o desenvolvimento de processos educativos que contemplem o discurso científico, o pedagógico e de movimentos ambientais, almejando uma relação mútua e transformadora entre a universidade e a sociedade (CIRÍACO *et al.*, 2020; NUNES, 2011). Essa colaboração cria renovadas e significativas possibilidades de prática conjunta entre universidade e escola com base na formação, a partir de conhecimentos produzidos na universidade visando a produção de novos conhecimentos (SANTOS, 2012) em conjunto com a comunidade escolar. Nesse sentido, prevalecem modelos menos hierárquicos da extensão universitária, que buscam, conforme aponta Jezine (2004), uma via de mão dupla entre a universidade e a sociedade em geral, com o objetivo de ações transformadoras para ambas e por meio das experiências vivenciadas.

Devido a pandemia do COVID-19, houve a necessidade de distanciamento físico como uma das principais medidas tomadas por governos

ao redor do mundo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021), com o objetivo de desacelerar o avanço da doença. Por este ângulo, o contexto atual afetou a realização de diversas atividades desenvolvidas nas universidades, sendo preciso adaptar o projeto extensionista, inaugurando diferentes formas de possibilidades e interações em ferramentas de aprendizagem.

Considerando os estudos de Bakhtin (1929/1984), a dialogicidade é explicada como uma consequência do diálogo entre o autor e o ator e como ponto fundamental da consciência de si. As situações dialógicas implicam entender a palavra como uma produção feita para o outro que ocorre por meio de situações dialógicas internas e externas, pois implica uma reflexão por parte do autor sobre aquilo que escreve, mas também implica uma reflexão sobre o “outro” que terá acesso ao que foi escrito (MOLINER, 2001) ou produzido. No mesmo sentido, podemos entender que as adaptações realizadas no projeto permitiram conceber as ações desenvolvidas como situações dialógicas.

2. OBJETIVO

Relatar os processos e produtos educativos desenvolvidos durante a pandemia de COVID-19 nos anos de 2020 e 2021, no projeto de extensão desenvolvido pelo Laboratório de Limnologia da UFRJ.

3. METODOLOGIA

O capítulo proposto trata-se de um relato de experiência qualitativo e descritivo. As atividades foram adaptadas a ações exclusivamente remotas. O relato versa sobre as experiências de alunos extensionistas, membros internos e colaboradores do projeto de extensão sobre as alternativas encontradas para promover a extensão universitária de forma remota, buscando a dialogicidade na construção das propostas pedagógicas elaboradas. Os alunos extensionistas são estudantes da licenciatura em Ciências Biológicas da UFRJ modalidade presencial e a distância (consórcio CEDERJ). Foram contabilizados durante o ano de 2020 treze participantes e durante 2021, vinte e um. Para esse levantamento foram considerados todos os alunos que enviaram todas ou no mínimo uma atividade em cada semestre respectivo até a presente data do trabalho.

4. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO E PROCEDIMENTO

No período pré-pandemia, os alunos extensionistas estavam envolvidos na idealização, construção, aplicação e avaliação de ações em diferentes escolas. As ações envolviam acompanhamento de atividades em escolas parceiras, participação em feiras de ciências em ação conjunta com o projeto *Fundão Biologia*, construção de *Roteiros de Atividades Didáticas - Limnologia UFRJ*, exposições didáticas, eventos organizados pela pró-reitoria de extensão como a *Semana Nacional de Ciência e Tecnologia* e o *Conhecendo a UFRJ*. O processo de divulgação e comunicação das ações era realizado em redes sociais como *YouTube* (Canal Limnologia UFRJ) e o *Blog LimnoNews*.

No contexto pandêmico, todas as ações do projeto passaram a ocorrer remotamente. Algumas ações que já previam a utilização das redes sociais foram intensificadas, como o próprio *Blog* do laboratório e o canal no *YouTube*. Além disso, foi criada uma conta no *Instagram* (@limno.ufrj). Cabe salientar que algumas ações são gerenciadas pela equipe extensionista interna do laboratório, e outras, estão a cargo dos alunos extensionistas atuantes no semestre.

5. PRODUÇÃO DE VÍDEOS PELOS MEMBROS INTERNOS

Foram produzidos cinco vídeos pelos membros internos. A série “Na Amazônia”, fruto da experiência no Programa de Estudos Limnológicos na Floresta Nacional de Carajás, no Pará, contou com dois vídeos de cerca de 1 minuto e 30 segundos. A proposta partiu de imagens de elementos da natureza, de momentos da equipe trabalhando e vivenciando o ambiente Amazônico e com uma música ao fundo. As atividades registradas foram pensadas considerando a sensibilidade, a afetividade e a percepção do ambiente ao redor, partindo do pressuposto de que as experiências na natureza podem despertar sentimentos e emoções. O vídeo foi criado como uma possibilidade alternativa de vivenciar a natureza no período de isolamento social. Os espectadores foram convidados a olhar ao redor do ambiente em que vivem, os detalhes que se tornam comuns aos olhos dentro da própria casa e a olhar o mundo pela janela. Duas perguntas foram feitas para a reflexão: “O que você vê através da sua janela?” e “O que isso desperta em você?”. Além disso, os dois vídeos foram compilados

em um e disponibilizado no *YouTube*, em uma versão para o “Festival de Conhecimento da UFRJ”. Também foi disponibilizado um formulário *Google* para quem quisesse responder após assistir ao vídeo. Foram cinco perguntas e para este relato destacamos a última: “Que considerações você pode fazer assistindo ao vídeo em um período de isolamento social?”

Outros três vídeos foram realizados e apresentados no Festival do Conhecimento da UFRJ: “Conheça o livro ‘Vivências em ecologia’”, “Apresentando: Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental e Ensino de Ciências” e “Um mergulho em uma lagoa didática”. Esse último passou por processos de reformulação e sua versão final passou a ser chamado de “Um mergulho em modelos didáticos sobre lagoas”. As duas versões encontram-se disponíveis online.

6. PRODUÇÃO DE VÍDEOS PELOS ALUNOS EXTENSIONISTAS

6.1. OFICINA 1 - 2020

Inicialmente os alunos responderam a um questionário online que foi composto por perguntas abertas e de múltipla escolha. Essas questões tinham como objetivo delimitar um panorama em relação às concepções que os alunos tinham sobre o vídeo no ensino. Entre os tópicos levantados nas questões, estavam: o conhecimento pessoal sobre vídeo que os ajudariam a inserir esta linguagem no ensino; o que melhor define o vídeo no ensino, na perspectiva do aluno; expor alguma experiência escolar envolvendo o vídeo, bem como relatar uma prática, caso fossem ministrar uma aula com vídeo.

A realização remota da oficina de produção e edição de vídeos para alunos extensionistas ocorreu entre setembro e outubro de 2020, contando com a participação de 12 alunos de Ciências Biológicas. A oficina teve por objetivo habilitar os alunos extensionistas para a produção de vídeos autorais. Teve como referencial teórico o conceito de endereçamento proposto por Ellsworth (2001). Os encontros foram realizados de forma síncrona através de aplicativos de reunião *on-line* e de forma assíncrona, através de e-mail e de aplicativos de trocas de mensagens. Após o desenvolvimento do conceito de endereçamento, foram trabalhados alguns dos gêneros mais comuns em sala de aula. Os alunos analisaram os conteúdos presentes em vídeos, os tipos de argumentação, as características formais, estéticas e narrativas, que fazem com que um filme seja destinado para

um certo público. Em um segundo momento, foram trabalhados aspectos mais técnicos da produção (como as noções básicas de filmagens, enquadramento, construção de roteiros e elementos da pós-produção), como técnicas de edição. Ao final da oficina, quatro grupos formados por três alunos cada, produziram vídeos curtos com temática relacionada à água, destinados a alunos do Ensino Fundamental, como previsto no projeto de extensão. A oficina foi realizada em parceria com o Laboratório de Vídeo Educativo do NUTES/UFRJ.

6.2. OFICINA 2 - 2021

A ação de extensão remota do semestre de 2021 iniciou-se com o envio dos vídeos produzidos pelos alunos no semestre de 2020, para motivação e estimulação da criatividade. Em concomitância, a equipe interna realizou o planejamento da ação remota com apoio de guia do projeto, cronograma, carga horária para cada atividade específica, separação dos alunos de 2020 (inscritos novamente no projeto) e 2021 (inscritos pela primeira vez), seleção de atividades e oficinas para que a extensão pudesse dialogar na construção das propostas pedagógicas.

Dessa forma, diversos instrumentos foram utilizados para manter comunicação direta com os alunos, como e-mail e aplicativos de trocas de mensagens. Por meio desses, e do guia do projeto, os alunos tiveram as informações fomentadoras para construção do texto “Levantamento das questões hídricas na sua casa ou seu entorno”. Utilizando-se a ferramenta de *podcast*, os alunos foram estimulados a navegar no canal “Ambiente y Cotidianidad Português” - disponível na plataforma digital *Spotify*, onde escolheram três episódios e construíram uma reflexão crítica sobre os temas abordados versando sobre sustentabilidade, mudanças climáticas, educação ambiental de base comunitária, o desenvolvimento da Educação Ambiental em diferentes países, crise global, entre outros. Outro ponto a se destacar como ferramenta de estímulo, criatividade e reflexão, foi a do *YouTube*, o qual continha um vídeo, disponível no canal Limnologia UFRJ. Nesse vídeo, a proposta é inserir o receptor em um modelo de lagoa didática em três dimensões, permitindo um mergulho sem se molhar, com propostas pedagógicas para o ensino de conteúdos ecológicos e limnológicos. A partir desses vídeos, os alunos foram incentivados a elaborar metodologias inovadoras para serem utilizadas na sala de aula.

7. POSTAGENS NO BLOG LIMNONEWS

O *blog* LimnoNews é uma produção do Laboratório de Limnologia-UFRJ, contendo postagens semanais versando desde textos de experiências pessoais de pesquisa a temas com implicações sociais sobre as questões hídricas e ambientais de modo geral, elaboradas por membros internos e externos. Os alunos extensionistas serão estimulados a publicar textos no *blog*.

8. RESULTADOS OBSERVADOS

8.1. PRODUÇÃO DE VÍDEOS PELOS MEMBROS INTERNOS

Os vídeos produzidos pelos membros internos circularam na internet e tiveram seu consumo não só pelo público escolar, mas pelo público em geral que navega pela internet, o que pode ser visualizado nas tabelas 1 e 2.

Nome do vídeo	Número de		
	Visualizações	Curtidas	Comentários
Conheça o livro: “Vivências em Ecologia”	92	13	2
Apresentando: Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental e Ensino de Ciências	210	15	0
Um mergulho em uma lagoa didática	329	40	1
Um mergulho em modelos didáticos sobre lagoas	51	7	3
Na Amazônia	176	14	1

Tabela 1: Número de visualizações, curtidas e comentários de cada vídeo elaborado desde a sua publicação em 2020, no YouTube (Canal Limnologia UFRJ).

Nome do vídeo	Número de			
	Contas	Curtidas	Compartilhamentos	Visitas ao perfil
Na Amazônia vídeo 1	404	74	90	39
Na Amazônia vídeo 2	359	47	14	12

Tabela 2 - Número de contas, curtidas e compartilhamentos de cada vídeo elaborado desde a sua publicação em 2020, no Instagram (@limno.ufrj).

Consoante a isso, alguns comentários foram obtidos no *Instagram* como: “adorei essa ideia de olhar pela janela, tenho pensado sobre liberdade e confinamento, tenho observado as cores do entardecer através das redes de proteção da janela (...)”, “Que vídeo lindo e sensível”, “Que vídeo mais lindo! (...)”.

Quanto às considerações do formulário *Google* sobre ver o vídeo em um período de isolamento social, obtivemos 15 respostas que puderam ser agrupadas nas categorias temáticas: Conflitos socioambientais, Relações afetuosas e Pandemia~Natureza. Algumas das respostas foram escritas em espanhol, mostrando o alcance internacional que os vídeos tiveram. Sentimentos de paz e acalanto, considerando que tudo vai passar, contrasta-se com a nostalgia, demonstrado a tristeza do espectador por não poder sair e nem sentir a natureza, além da saudade de estar em interação social em ambientes naturais.

8.2. PRODUÇÃO DE VÍDEOS PELOS ALUNOS EXTENSIONISTAS

8.2.1. OFICINA 1- 2020

Foram produzidos quatro vídeos¹ que abordaram de forma ampla algumas questões a partir do tema água. Três deles foram endereçados a estudantes do ensino médio, e neles, a partir da fala dos próprios produtores, são destacadas questões referentes aos conteúdos vistos no ensino médio, como a estrutura química e os estados físicos da água. Também

¹ Três vídeos encontram-se disponíveis no canal “ambientalizando UFRJ”. A postagem das obras foram autorizadas por seus realizadores através da assinatura de termo de autorização de imagem e som.

apresentam questões para reflexão a respeito da preservação da biodiversidade marinha, bem como de outros organismos terrestres que dependem da associação com a água para a sua sobrevivência. Questões sociais também foram levantadas, como a proliferação do mosquito da dengue e os impactos que a poluição das águas pode trazer para a humanidade. Nas produções endereçadas ao ensino médio, de acordo com os próprios produtores, o principal objetivo foi o de informar, no sentido de os estudantes aprenderem um conteúdo que dialogue com o que se tem estudado em sala de aula.

Uma das equipes decidiu endereçar sua produção para alunos do ensino fundamental, com a caracterização de uma das integrantes como sereia, que fala de forma pausada e com uma linguagem para crianças. No mesmo vídeo, se trabalhou a antropomorfização de alguns animais, como estratégia de envolver o público infantil no assunto abordado: a preservação das praias e a conscientização sobre o papel de cada um sobre os resíduos que chegam a esses ambientes. Esse vídeo foi exibido remotamente para estudantes em uma escola municipal do Rio de Janeiro, por intermédio do professor da turma.

Em entrevistas com os alunos extensionistas produtores dos vídeos, eles sinalizaram a importância do aprendizado do conceito de endereçamento, bem como de algumas técnicas de produção, como captação de imagem, áudio e edição em geral. No geral, os participantes se sentiram satisfeitos com suas produções e relataram grande interesse de continuarem no projeto. Algumas sugestões apontaram a necessidade de que oficinas desse tipo fizessem parte da grade curricular dos cursos, devido à importância de se ampliarem as possibilidades de práticas envolvendo audiovisuais no ensino. Observamos a necessidade de trabalhar questões de conteúdo conceitual sobre água e sustentabilidade para as próximas edições da oficina.

8.2.2. OFICINA 2 – 2021

Esta atividade encontra-se em andamento. Os vídeos ainda não foram produzidos, mas foram trabalhados elementos de formação que servirão de base para o material audiovisual. Nesta edição, foram feitas algumas adaptações da oficina anterior e começamos trabalhando aspectos conceituais sobre a água.

Ao analisarmos as produções textuais dos alunos, podemos perceber as diferentes relações e interpretações atribuídas à questão hídrica.

Os alunos entendem esse bem como essencial a vida e a sobrevivência, mas apontam os diversos impactos antrópicos nos ambientes aquáticos. Assim, alguns pontos foram destacados pelos alunos extensionistas, acerca da sua relação com as questões hídricas, principalmente, sobre problemas de gestão, mortandade de peixes, contaminação da água, crescimento de plantas tóxicas, inviabilidade do consumo e os problemas ambientais frente aos patrimônios naturais que tanto embelezam as cidades e são importantes para o turismo. Contudo, além das reflexões quanto aos problemas relacionados à água, alguns alunos apontaram a importância da água em todas as suas atividades diárias e também elucidaram alternativas para aproveitamento de água da chuva e processos de filtração. Entendendo-se que esse recurso é um direito de todos e necessita de meios de gestão, houve alunos que apontaram a importância da existência de órgãos e autarquias direcionadas à prestação de serviços bem como a sua manutenção.

Na análise das escolhas dos *podcast*, foram observadas preferências nas discussões sobre Educação Ambiental de Base Comunitária, Mudanças Climáticas e Consumo Responsável, corroborando em grandes reflexões sobre a relação atual entre ser humano e ambiente e o papel da educação ambiental e das políticas públicas no diálogo do enfrentamento da crise global.

Como forma de articular essas reflexões com práticas educativas inovadoras, a oficina tem buscado uma grande variedade de proposições, desde a elaboração de elementos visuais táteis que refletissem questões ligadas à água ao uso de softwares e games que tratassem da temática para uso com seus futuros educandos em sala de aula ou mesmo por meio do ensino remoto. Ao final da oficina serão elaborados vídeos e, se autorizados, serão disponibilizados online.

8.2.3. POSTAGENS NO BLOG LIMNONEWS

Analisando as propostas de extensão nos períodos presenciais (2012 a 2019) e remotos (2020 e 2021), destaca-se o *blog* LimnoNews o qual tem atuado desde 2012 seguindo diferentes propostas de discussões e divulgações científicas. Os temas com maior número de postagens são: ciências (63 postagens), ecologia geral (60 postagens), educação ambiental (53 postagens), educação ambiental (53 postagens) e opinião (45 postagens).

Em relação ao número de visualizações (figura 1), é possível observar que a frequência de visualização se manteve constante, com variação pouco significativa entre os anos 2018 e 2020, indicando que apesar do contexto pandêmico e as dificuldades impostas por ele, não houve ruptura do vínculo entre o blog e seus visitantes.



Figura 1: Quantitativo anual de visualizações do blog LimnoNews no período de 2012 a abril de 2021.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da situação imposta pela pandemia de COVID-19 houve a necessidade de reestruturação das atividades extensionistas. As atividades de extensão tiveram que ser readequadas, mas se mantiveram a produção de materiais pedagógicos, a afetividade e o acolhimento dos alunos extensionistas. O dialogismo tem sido buscado por meio do endereçamento dos produtos elaborados. As adaptações geraram novas possibilidades de interação ao possibilitar que pessoas de diferentes localizações geográficas possam participar através do ambiente virtual. Contudo, existem desafios que devem ser mencionados. Os principais estão relacionados à participação estar condicionada ao acesso a equipamentos eletrônicos e internet. Há problemas relacionados à comunicação remota e a minimização de ruídos, de forma a deixá-la clara e objetiva. Além disso, o contato direto com o público escolar foi diminuído, mas, ao mesmo tempo, o projeto ampliou o público para o internauta em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. M. *Problems of Dostoevsky's poetics*. Tradução C. Emerson. 9 ed. Minneapolis: University of Minesota Press, 1929/1984.
- CIRÍACO, K. T.; ALVES, T.M.;VAZ, T.R.D.; FAUSTINO, A.C.; LIMA, L.A.; SANTINO, F.S.; SILVA, M.A.C. Ações de ensino, pesquisa e extensão e suas potencialidades à promoção de práticas para a educação das relações étnico raciais. *Braz. J. of Develop.* v. 6, n. 7, p. 43178-43200, 2020.
- ELLSWORTH, E. Modo de endereçamento: Uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Nunca fomos humanos nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 93 p.
- GUITIÉRREZ, F.; PRADO, C. *Ecopedagogia e cidadania planetária*. São Paulo: Cortez, 2000
- JEZINE, E. As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária. In: Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, Belo Horizonte, 2004.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Ministério da Saúde declara transmissão comunitária nacional Brasília: Ministério da Saúde; 2021. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46568-ministerio-da-saude-declara-transmissao-comunitaria-naciona>
- MOLINER, M. Introdução. In Teberosky, A. *Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais*. São Paulo: Ática, 2001.
- NUNES, A. L. P. F; DA CRUZ SILVA, M.B. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. *Mal-Estar e Sociedade*, v. 4, n. 7, p. 119-133, 2011
- SANTOS, M. P. dos. Extensão universitária: espaço de aprendizagem profissional e suas relações com o ensino e a pesquisa na educação superior. *Revista Conexão UEPG*, v. 8, n. 2, p. 154-163, 2012.
- SCORSOLINI-COMIN, F. Diálogo e dialogismo em Mikhail Bakhtin e Paulo Freire: contribuições para a educação a distância. *Educação em Revista Belo Horizonte* v. 30, n. 3, p. 245-265, jul-set. 2014.
- VIEIRA, R. C. *Aquamarine*. YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/kOdF-68kaB3A>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- VIEIRA, R.C. *A importância dos corais nos ecossistemas marinhos*. YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/1936oXoYGdA>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- VIEIRA, R.C. *Água para além do vestibular*. YouTube. Disponível em: https://youtu.be/DKpnI_oJx4s. Acesso em: 29 abr. 2021.

CONSTRUINDO CONHECIMENTO EM NEUROCIÊNCIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

ISABELA LOBO

COORDENADORA DO PROJETO CIRCUITO NEURAL DA CINEMA

HENRIQUE ROCHA MENDONÇA

VICE-COORDENADOR E FUNDADOR DO PROJETO CIRCUITO NEURAL DA CINEMA

CECÍLIA SANTOS DE BRITO

EDUARDA MACHADO NASCIMENTO

GABRIEL LESSA ANTHERO

MANUELLA DOS REIS FERREIRA

HILANA COUTO FERREIRA

GRADUANDOS - UFRJ - MACAÉ

RESUMO

O *Circuito Neural de Cinema* é um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com caráter interdisciplinar que tem o propósito de construir o conhecimento acerca das neurociências com a população em geral. Quando a pandemia chegou, o projeto se reinventou para se adaptar às limitações e condições que surgiram devido às restrições para evitar o contágio do COVID-19. O presente relato conta essa experiência e como o fato acabou levando a um público ainda maior, atingido com a nossa efetiva inserção nas mídias sociais.

PALAVRAS-CHAVE

Neurociências; Cinema; Divulgação Científica; Mídias Sociais.

1. INTRODUÇÃO

O *Circuito Neural de Cinema* é um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), *Campus* Macaé, que desde 2016 atua com divulgação neurocientífica. O projeto reúne extensionistas graduandos de diferentes cursos no âmbito da saúde como Medicina, Nutrição, Enfermagem, Farmácia e Ciências Biológicas. Atualmente, é composto por dois braços principais: o *Circuito Neural de Cinema* propriamente dito (CNC) e a Liga Acadêmica de Neurociências de Macaé (LANEUMAC), incorporada ao projeto em 2019. O projeto tem caráter interdisciplinar e conta com atuações diversas na comunidade, com o propósito comum de construir o conhecimento acerca das neurociências com a população em geral. Particularmente, o CNC oferece sessões de filmes de entretenimento seguidas de debates e atividades mediadas por alunos da graduação e professores especialistas na área das neurociências e, a LANEUMAC, por sua vez, é responsável por realizar atividades de popularização e divulgação neurocientífica, como organização de eventos e atuação através de postagens e transmissões ao vivo que acontecem em nossas mídias sociais.

Até o início de 2020, o projeto exercia a imensa maioria de suas ações presencialmente e contava com poucas atividades voltadas ao ambiente virtual. O CNC tinha como proposta principal a exibição de sessões de filmes seguidas de uma conversa descontraída sobre os aspectos do filme que faziam correspondência com as neurociências. Dessa forma, era possível fomentar o interesse da comunidade pela área, construir conhecimento, compartilhar experiências e esclarecer “neuromitos” famosos. As sessões eram realizadas em três locais: no polo universitário UFRJ/UFF/FeMASS, no Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade NUPEM/UFRJ e em escolas públicas de Macaé, no Rio de Janeiro. O público alvo principal eram os estudantes de ensino fundamental e médio de escolas públicas de Macaé e adjacências. Particularmente, as sessões que tinham como público-alvo alunos do ensino fundamental I e II eram conduzidas majoritariamente no Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade e, após o filme, o debate era inserido em um contexto lúdico de jogos interativos no estilo “passa ou repassa” com as crianças e os extensionistas. Através das brincadeiras, conceitos sobre o sistema nervoso eram trabalhados.

A LANEUMAC, por sua vez, possuía diversos projetos, tais como o “Mentes Abertas”, cujo objetivo era instigar o interesse de estudantes de ensino médio de escolas públicas do município de Macaé pela

neurociência. Ademais, promovia diversos minicursos neurocientíficos abertos não só à comunidade acadêmica, mas a qualquer cidadão que se interessasse pelos temas abordados, além da realização do seu principal evento anual, denominado “Jornada de Neurociências”, que continha palestras e debates e contava sempre com a presença de neurocientistas brasileiros renomados da área.

Quando o mundo se viu diante da maior crise sanitária em 100 anos, provocada pelo novo coronavírus (SARS-CoV 2), os extensionistas perceberam a necessidade de reinventar o modo de planejamento e desenvolvimento de suas atividades, além de se adaptar às limitações e condições que surgiram devido às restrições provenientes da pandemia.

2. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO E PROCEDIMENTOS

A pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV 2), decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, induziu a implementação de medidas emergenciais, como a suspensão de aulas presenciais do ensino superior, a fim de evitar aglomerações. Dessa forma, docentes e discentes de todo o país, inclusive os autores deste relato, precisaram se afastar dos *Campi* universitários e se recolher em suas casas. No início da pandemia, o desconhecimento do potencial de transmissão do vírus, a surpresa do meio acadêmico diante um cenário único e inusitado somado, ainda, à falta de perspectivas em relação à volta das aulas presenciais culminou em uma série de desafios para orientadores, extensionistas e ligantes no que diz respeito à execução de suas atividades.

3. OBJETIVOS

Este relato de experiência visa contemplar as atividades realizadas de forma remota, desde março de 2020 até o presente momento, pelo projeto de extensão *Circuito Neural* da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) *Campus Macaé* e seus membros.

4. METODOLOGIAS

Diante do contexto de tantas restrições, foi necessário um planejamento que promovesse a atuação do CNC e da LANEUMAC no meio virtual. O CNC passou a produzir conteúdo de divulgação neurocientífica em suas plataformas digitais (figura 1). As postagens seguiram o cerne do CNC ao mostrar questões que permeiam as neurociências e que podem ser percebidas em grandes produções cinematográficas. O CNC também está desenvolvendo uma cartilha com todo o material gerado durante o período de pandemia, que servirá como um guia de primeiro contato com as futuras escolas que irão frequentar as sessões do CNC, quando a pandemia passar. As postagens atingiram alcances consideráveis e geraram trabalhos apresentados em congressos e simpósios científicos (como a reunião anual da Sociedade Brasileira de Neurociência e Comportamento - SBNEc de 2020 e o Simpósio Brasileiro de Neurociências de 2020).

Auxiliada por aplicativos de reuniões online, a Liga voltou a debater artigos, livros e filmes relacionados às neurociências. Neste sentido, foi pensada a realização de aulas expositivas com palestrantes e temas pré-definidos, nos quais a discussão em torno de aspectos neurobiológicos se fez presente e garantiu uma ação dinâmica e proveitosa. Para além das rodas de conversa, foi proposto aos membros que houvesse interação nas redes sociais, através da publicação de postagens baseadas em referenciais teóricos para a promoção da divulgação neurocientífica (figura 2).



Figura 1 - Exemplo de postagens da série “A Neurociência por Trás de” feitas pelos extensionistas do CNC.

A LANEUMAC também promoveu ações interligadas em parceria com outras organizações de instituições federais, estaduais e privadas, com o intuito de ampliar as discussões e agregar visões e reflexões advindas de

institutos diversos aos debates neurocientíficos. A interlocução interinstitucional permitiu uma vasta troca de experiências sobre diferentes atividades e ricos diálogos entre representantes e membros nestes espaços. Ressalta-se a utilização de plataformas virtuais com a participação dos professores orientadores neurocientistas, procurando responder eventuais questões que surgiam ao longo das atividades e também motivando os membros a investigarem através da literatura os achados recentes das temáticas discutidas.



Figura 2 - Exemplo de postagens de divulgação em neurociências feitas pelos extensionistas da LANEUMAC.

Além disso, é válido mencionar que a LANEUMAC e o CNC elaboraram estratégias de cooperação e de divulgação científica capazes de contemplar as ações desses dois agentes no ambiente remoto, como a realização de transmissões ao vivo em conjunto via *Instagram*. Sendo assim, os dois perfis, ambos abertos ao público e não limitados apenas à sociedade acadêmica, uniram-se na rede social para debater acerca de condições neurológicas e padrões comportamentais observados em determinados filmes escolhidos previamente. Ademais, outra grande conquista foi a concretização da possibilidade de virtualizar completamente a Jornada de Neurociências, evento referencial para a Liga, como pode ser observado na figura 3. Com a possibilidade de realizar o evento de forma virtual, foi possível “trazer” pesquisadores de cidades distantes de Macaé, o que consideramos um ponto positivo nesse formato.



Figura 3 - Cartaz de divulgação da III Jornada de Neurociências da Liga, realizada de forma online pela primeira vez.

5. RESULTADOS OBSERVADOS

Atualmente o perfil na principal mídia social do CNC (*Instagram @circuitoneuralufrj*) conta com 724 seguidores e o perfil da laneumac (*Instagram @laneumac.ufrj*) conta com 1.574 seguidores. A jornada de neurociências, feita de forma absolutamente remota, rendeu mais de 250 visualizações por palestra.

A forma remota mostrou seus benefícios, pois foi possível englobar participantes e palestrantes não só locais, mas provenientes de instituições espalhadas por todo o país e até estrangeiros, além de uma comunidade não-acadêmica ainda maior. Logo, foi um marco que gerou grande motivação, uma vez que estimulou o desenvolvimento remoto de diversas atividades, algumas inclusive ainda em fase de elaboração, como o caso da cartilha para docentes do ensino básico, fruto das postagens nas mídias sociais

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O momento atual exige o esclarecimento de fatos com base em ciência. Com a circulação de notícias sem fundamentos e com fontes duvidosas, torna-se necessário o senso crítico dos leitores para a capacidade de argumentar com base em fatos. Neste sentido, a divulgação científica oportuniza o elo entre a população e a ciência, informando à sociedade sobre as produções acadêmicas e, portanto, auxiliando em uma divulgação compreensível, didática e de fácil acesso à população. As atividades de extensão e divulgação são uma forma de auxiliar na aquisição dessas informações da universidade para a sociedade e juntas elas irão construir o papel cidadão de informação (DANTAS & DECCACHE-MAIA, 2020; GAMARO *et al.*, 2020).

Assim, a construção de conhecimento acessível à comunidade, transformando o aprendizado em ciência em algo divertido foi possível em nossa adaptação. Nas palavras de de um dos maiores divulgadores científicos da história, o astrônomo Carl Sagan:

Nós criamos uma civilização global em que os elementos mais cruciais dependem profundamente da ciência e da tecnologia. Também criamos uma ordem em que quase ninguém compreende a ciência e a tecnologia. É uma receita para o desastre. Podemos escapar ilesos por algum tempo, porém mais cedo ou mais tarde essa mistura inflamável de ignorância e poder vai explodir na nossa cara (SAGAN, 2006, p. 43).

Infelizmente, é exatamente esse cenário que a pandemia tem mostrado. Portanto, a extensão universitária se faz ainda mais oportuna para que docentes e discentes façam-se presentes na população, com seus conhecimentos específicos e aplicáveis, diminuindo a margem de separação entre a academia e a sociedade (MOUTINHO, 2021). A divulgação científica de qualidade é o recurso fundamental para combater não só a pandemia de COVID-19, mas as pandemias de desinformação que nos assolam.

Após mais de um ano de pandemia, acredita-se que o retorno das atividades e estilo de vida será diferente do que era, tanto na educação, quanto nas relações pessoais. Além das novas regras sanitárias, a inserção da tecnologia continuará empregada em muitas atividades do plano educacional visando dar continuidade às conexões entre as pessoas. A experiência vivenciada nos demonstrou que a utilização de mídias digitais foi uma alternativa essencial para dar continuidade às atividades entre projetos, possibilitando seu desenvolvimento de forma organizada e exitosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANTAS, Luiz Felipe Santoro; DECCACHE-MAIA, Eline. Scientific Dissemination in the fight against Fake News in the Covid-19 times. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, p. e797974776, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i7.4776. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4776>. Acesso em: 1 mar. 2021.

GAMARO, Giovana Duzzo; RODRIGUEZ, Rita de Cássia Morem Cossio; NEVES, Maria da Graça G. Cunha; LOPES, Mariangela Heppe; SILVA, Adriana Lourenço da. Popularização dos conceitos de neurociências durante a I semana do cérebro em Pelotas – relato de experiência. *Braz. J. Hea. Rev., Curitiba*, v. 3, n. 2, p.3098-3104 mar./apr. 2020.

MOUTINHO, Flavio Fernando Batista. Extensão universitária: Uma luz na escuridão da pandemia de covid-19. *Intermedius - Revista de Extensão da UNIFIMES*, v. 1, n. 1, 2021.

SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CONSTRUINDO UM PROCESSO DE INTERVENÇÃO ATÉ QUANDO ‘INTERVIR’ PARECE SER UM VERBO INDISPONÍVEL: A PRODUÇÃO DE SENTIDOS DE PRESENÇA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

ERICK DA SILVA VIEIRA

SUPERVISOR DO PROJETO DE EXTENSÃO CONSTRUINDO UM PROCESSO DE ESCOLHAS MESMO QUANDO “ESCOLHER” NÃO É UM VERBO DISPONÍVEL

ELEN GONÇALVES LEITE

GRADUANDA EM PSICOLOGIA - UFRJ

GIOVANNA PESSANHA CORRÊA

GRADUANDA EM PSICOLOGIA - UFRJ

MARIANA FERREIRA ALVES

GRADUANDA EM PSICOLOGIA - UFRJ

MIRIAN DE LIMA FONSECA

GRADUANDA EM PSICOLOGIA - UFRJ

RESUMO

O projeto de extensão *Construindo um processo de escolhas mesmo quando ‘escolher’ não é um verbo disponível*, vinculado ao Instituto de Psicologia da UFRJ, é realizado em instituições educacionais e teve suas ações interrompidas pelas medidas de distanciamento social devido à pandemia. Neste texto, relatamos as ações executadas durante o ano de 2020 a partir da ideia de análise de implicações, relativa ao processo de questionarmos a possibilidade de atuação no formato remoto, seus desafios e potencialidades. Apostando na manutenção de grupos de estudo, contato permanente com as instituições parceiras e experimentação de recursos e plataformas digitais no espaço de supervisão, consideramos que as ações executadas nos conduziram tanto a momentos de exploração, crítica e cuidado com o grupo-interventor quanto à certeza de possibilidades de trabalho em 2021.

PALAVRAS-CHAVE

Análise de implicações; Análise do vocacional; Juventudes; Psicologia; Trabalho com grupos.

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão *Construindo um processo de escolhas mesmo quando 'escolher' não é um verbo disponível*, vinculado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), teve início em 2006 e, desde então, atua em parceria com escolas e preparatórios comunitários realizando grupos de discussão com jovens e adultos acerca de seus processos de escolhas, partindo da escolha profissional. As ações já foram realizadas em diversos territórios ditos vulneráveis, mas, recentemente, mantém vínculo com o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) - localizado no Morro do Timbau, no Complexo da Maré - aos níveis do preparatório pré-técnico (estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental) e do pré-vestibular sociais, e também com o CIEP 115 Antônio Francisco Lisboa, em São João de Meriti, na Baixada Fluminense.

Tendo como referencial teórico-metodológico intercessões entre a Análise Institucional Francesa, a Esquizoanálise e a Cartografia, partimos de uma concepção de sujeito constantemente produzido e produtor de relações diversas, marcadas por linhas de forças que se diferem em intensidade, mas cujo acompanhamento é imprescindível na análise de como se produzem os processos de escolha (PASSOS; BARROS, 2010). Utilizando a Análise do Vocacional como dispositivo de intervenção em campo, promove-se a criação de espaços coletivos de escuta e acolhimento acerca das angústias, dúvidas e expectativas relativas à profissão e ao campo do trabalho, assim como a desindividualização de demandas como elementos potencializadores de transformação social. Com frequência semanal e trabalhando a partir de disparadores como debates, dinâmicas, leituras, músicas, poemas, jogos e brincadeiras lúdicas, desenvolve-se a discussão sobre como família, identificação de gênero, sexualidade, identificação étnico-racial, território e contexto político-econômico-social incidem sobre as possibilidades concebidas por estes jovens.

A partir de 2020, com a situação de pandemia e distanciamento social devido à COVID-19, as instituições de ensino suspenderam suas ações por um período de tempo e precisaram se adaptar ao ensino a distância, assim como, no âmbito da UFRJ, a Pró-Reitoria de Extensão inicialmente também indicou a suspensão das atividades presenciais. Com isso, as ações do projeto de extensão foram interrompidas e entendemos que seria inviável manter os encontros em grupo de forma *online*. Contudo, provocados por esta suposta impossibilidade, colocamo-nos a refletir sobre de que

forma poderíamos nos cuidar e, simultaneamente, pensar possibilidades até então desconhecidas sobre a nossa prática e sua execução em relação às demandas colocadas por nossas parcerias.

No escopo de nosso referencial, este processo pode ser entendido enquanto uma análise de implicações (LOURAU, 2004), visto que, no trabalho com instituições, implicado sempre se está, já que esta ideia não se associa necessariamente à própria vontade. Expectativas são colocadas em relação às nossas práticas, cabendo a nós a análise de que chega até nós (o que chamamos de *encomenda*) e a construção de possibilidades concretas de trabalho a partir da encomenda, ou seja, a construção da *demanda* (ROSSI; PASSOS, 2014).

2. OBJETIVOS

No espaço deste texto e com essas prerrogativas, temos o objetivo de relatar o nosso processo de análise de implicações a partir das ações realizadas em 2020, destacando a extensão universitária enquanto campo de encontros formativos, dialógicos e produtores de transformação social. Outro objetivo relaciona-se com apontar a importância de um processo cuidadoso de análise sobre as práticas extensionistas realizadas remotamente, de modo a entendermos as limitações deste formato para, então, agenciar outras possibilidades e encontros exploratórios, críticos e de cuidado.

3. METODOLOGIAS

As atividades aqui relatadas tiveram espaço a partir do contato permanente com as coordenações das instituições parceiras e da aposta de manutenção das supervisões semanais, desde março de 2020, através da plataforma *Google Meet*. No primeiro semestre, foram realizados grupos de estudo para aprofundamento no referencial teórico-metodológico do projeto, tendo em vista a recente entrada de três extensionistas à época. A participação no Festival do Conhecimento, realizado no período de 14 a 24 de julho, também se destaca no processo de análise de implicações.

No segundo semestre, os encontros foram trabalhados a partir da experimentação de dinâmicas de grupo, conduzidas por trios formados pelas extensionistas e pelos supervisores, criadas com o intuito de (re)produzir ferramentas de trabalho com grupos já constituídos e/ou inéditas

para o formato online. Foram utilizadas as plataformas *Google Meets* e *Zoom* - principalmente por conta do recurso de divisão de grupos oferecida por esta - e ferramentas de produção gráfica, nuvem de palavras interativa e outros recursos colaborativos.

4. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO E PROCEDIMENTOS

A partir da suspensão da atividade prática do projeto por causa da pandemia da COVID-19, decidimos manter as supervisões, anteriormente semanais, de forma quinzenal e por videochamadas, criando um grupo de estudos para leitura aprofundada do referencial teórico do projeto.

Nosso projeto de extensão atua como uma pesquisa-intervenção, o que Coimbra e Nascimento (2008) definem como práticas que produzem os sujeitos, os objetos, os pesquisadores e os campos de pesquisa ao mesmo tempo, no mesmo processo. Nós entendíamos que, para realizar a prática do projeto, era necessária a troca entre extensionistas, alunos e o campo, de forma presencial. Com a suspensão dos campos de atuação do projeto, acreditamos que os encontros não funcionariam de outra maneira a não ser a presencial, o que limitou nossas possibilidades de adaptação da prática.

Havia preocupação em relação à criação de atividades de grupo para o formato online relacionadas à acessibilidade, quantidade de participantes, necessidade de se ter uma ferramenta de acesso à internet com equipamento de som, microfone e conexão estável, dentre outras. Além disso, nós, extensionistas, estávamos apreensivos sobre a condução de grupo no formato online.

Em junho de 2020, a UFRJ abriu inscrições para o Festival do Conhecimento, um encontro virtual para trocas de produções científicas e culturais produzidas pela Universidade. Os extensionistas do projeto decidiram submeter a uma apresentação no formato de roda de conversa virtual, em que seriam convidados ex-alunos de instituições parceiras que participaram do projeto em 2019 para debater sobre as (im)possibilidades de escolha durante a pandemia, abordando assuntos como ter ou não a opção de se manter em casa, modos de autocuidado e cuidado ao próximo e as demandas de produtividade em meio à medida sanitária de distanciamento social.

Ao final da roda de conversa, os jovens relataram suas percepções acerca do projeto de extensão e os impactos das questões do mesmo abordadas em suas vidas. A partir dessa experiência e dos relatos de sujeitos que já haviam participado do projeto, teve início o processo de análise de

implicações (LOURAU, 2004) por parte dos extensionistas, e entendeu-se que havia uma possibilidade de adaptar a atuação do projeto aos encontros virtuais demandados pela realidade pandêmica. A análise de implicação coloca em perspectiva a maneira como nossas diferentes intervenções estão sendo feitas, o lugar que ocupamos, nossas práticas de saber-poder e seus efeitos. Enquanto dispositivo, a análise de implicação “faz ver e faz falar” sobre as forças que nos atravessam, nos afetam e nos constituem cotidianamente (COIMBRA; NASCIMENTO, 2008).

Dessa forma, a partir da análise do desejo de voltar a campo, por parte dos extensionistas, juntamente com a análise da demanda das instituições parceiras que aguardavam o nosso retorno, deu-se início a um processo de criação e experimentação de novas dinâmicas para testar suas funcionalidades nas plataformas digitais. Foi um momento de busca por criatividade e inventividade por parte dos extensionistas e supervisores, que semanalmente testaram novas ideias para que fosse possível conceber uma versão *online* da prática do projeto. Semanalmente, por um mês, foram separados trios que teriam a tarefa de criar uma dinâmica considerando as imprevisibilidades do modo online, como falha na conexão de internet, pouca demanda de pessoas e impossibilidade de usar microfone ou câmera.

A primeira dinâmica teve como objetivo abordar o contexto pandêmico e a necessidade de cuidado na formação do grupo de extensionistas. Na plataforma *Google Meet*, introduziu-se o cenário de *Pandemix*, a narrativa (nem tão) ficcional de um mundo desconhecido cuja exploração seria pensada a partir das características de cada participante. Fazendo uso do recurso online de design gráfico *Canva*, foram construídos cartões com o nome e a foto de cada pessoa e, dividindo o grupo em pequenas salas na plataforma, cada trio deveria construir as cartas dos componentes de outro trio, com o intuito de pensar coletivamente as percepções individuais e grupais de cada um. Depois que cada trio elencasse cinco adjetivos, cada participante observava o resultado de sua própria carta e dava notas para cada traço proposto, evidenciando sua concordância ou discordância em relação às palavras escolhidas. A dinâmica rendeu discussões sobre as relações interpessoais dos extensionistas e supervisores, além de cumprir sua proposta de apresentação e formação do grupo executor do projeto.

Na semana seguinte, um trio apresentou uma dinâmica readaptada de uma já realizada nos grupos presenciais. Seu objetivo era pensar nas características necessárias para o funcionamento de um grupo, especialmente no meio virtual. Além disso, buscava trabalhar a confiança

entre os extensionistas, dado que haviam extensionistas antigos e alguns recém-chegados. Portanto, uma das propostas era fazer com que ocorresse uma identificação maior entre as pessoas, evidenciando como os extensionistas percebiam uns aos outros.

Foi utilizado uma folha de papel onde os participantes desenharam dois círculos, um menor dentro de um outro círculo maior. Nele, cada um deveria escrever o nome dos outros participantes da extensão de forma que, quanto mais próximo do círculo menor, maior confiança você teria por aquela pessoa. Através da pergunta disparadora sobre a característica individual que traz confiança nessa pessoa, cada participante deveria atribuir características diferentes para as pessoas. Através de um site que evidenciava a palavra quanto mais ela se repetisse, ou seja, um formador de “Nuvem de palavras”, era exibido para todos os participantes o resultado do processo. O debate foi um momento de reflexão sobre os fatores que produzem confiança em alguém, além de ter cumprido seu papel de formação de grupo ao produzir vínculos entre as pessoas do projeto.

A dinâmica “A laranja podre” foi criada visando o fortalecimento do vínculo do grupo num contexto de aulas *online*, onde os participantes teriam que buscar características em comum e analisar e identificar características dos outros colegas. Buscamos fazer algo divertido e que levasse o grupo a compartilhar experiências entre si sem muitas cobranças ou perguntas difíceis.

Dividindo o grupo em três subgrupos, foram distribuídos *cards* feitos no site *Canva*, onde deveriam escrever quatro afirmações sobre si, sendo uma delas falsa, ou seja, a “laranja podre” da rodada. A proposta era que os subgrupos buscassem características em comum que contemplassem todos os participantes, inclusive a afirmação incorreta. Logo após, cada subgrupo deveria ler as afirmações do *card* de outro subgrupo, e todos em conjunto deveriam descobrir qual era a “laranja podre”. Se acertassem, ganhavam o ponto. Se errassem, passavam a vez para o outro grupo.

O grupo, ao elaborar e executar esta dinâmica, criou uma atmosfera de descontração e afinidade, na qual foi incentivado a, como um todo, procurar afinidades entre si e, também, tentar descobrir as verdades e inverdades tramadas pelo grupo adversário. Ao final da dinâmica, foi observado que se cumpriu o papel de fortalecimento de vínculos do grupo, além de poder mapear certas demandas durante a atividade.

5. RESULTADOS OBSERVADOS

A partir da manutenção do contato do grupo, das discussões teórico-metodológicas e da experimentação de dinâmicas entre participantes do projeto de extensão, alguns de nossos anseios relacionados à prática online foram amenizados e concretizamos a possibilidade de formação de grupos de modo remoto. Com essa movimentação, pôde-se pensar práticas que não exigiam a obrigatoriedade do meio presencial, explorando os dispositivos disponíveis em meios digitais, sempre reconhecendo suas limitações. Utilizamos a criação de novas salas de videochamadas quando precisávamos dividir o grupo e descobrimos *sites* para a construção colaborativa de nuvem de palavras ou designs editáveis, por exemplo. Entendemos que as plataformas digitais não representam apenas limitações por causa do distanciamento, mas que, no escopo de novos objetivos, poderiam, também, ampliar a variedade das formas de atuação através de diversas ferramentas que podem ser exploradas.

Além disso, os questionamentos sobre a condução de grupo *online* e falha na conexão de internet deixaram de ser uma preocupação e foram entendidos como algo que aprenderemos a lidar conforme a prática. Entendemos que é possível adaptar atividades para aqueles que não possuem equipamento de som ou vídeo e percebemos a necessidade de reduzir a quantidade de participantes em relação à prática presencial. Foi entendido que, tal qual seu nome *Construindo um processo de escolhas mesmo quando 'escolher' não é um verbo disponível*, a construção do fazer, proposta pelo projeto de extensão, poderia ser adaptada de forma que a atuação se fizesse disponível novamente.

No início de 2021, planejamos outra ação: a realização de um curso de extensão *online*, com início em 07 de abril e encerramento em 09 de junho, somando nove encontros síncronos na plataforma *Google Meets*, discutindo e ampliando teoria, prática e produção das nossas ações de extensão, além de compartilhar experiências com outros profissionais e estudantes interessados no trabalho com juventudes e perspectivas críticas de orientação profissional. O curso, divulgado interna e externamente ao Instituto de Psicologia e à Universidade, recebeu, ao todo, 613 inscrições, das quais 150 foram selecionadas.

Em paralelo à realização do curso, decidimos iniciar a atuação em campo na modalidade remota, colocando em prática as adaptações experimentadas previamente. Dessa forma, considerando a abertura da

instituição parceira do projeto e a análise da demanda feita pelos extensionistas e supervisores, ocorreu o retorno dos encontros síncronos com os jovens do preparatório pré-técnico e pré-vestibular do CEASM.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um contexto social de amplificação dos efeitos de desigualdades estruturais, apostar na manutenção de espaços grupais com jovens significa entender a psicologia enquanto construída coletivamente, no próprio processo de intervenção, junto de quem com ela tem contato. Dadas as medidas sanitárias de distanciamento e a necessidade de resistir em tempos que o negacionismo e a vulnerabilidade alcançam novos patamares, fazer parte de ações que promovam saúde e mobilização coletiva mostrou-se como urgente à ciência psicológica brasileira.

O processo que aqui apresentamos, do encerramento das atividades presenciais devido à extensão da COVID-19, em março do ano passado, até o retorno das atividades em 2021, buscou destacar que este tempo foi essencial para que analisássemos nossa função enquanto projeto de extensão, sem deixar de considerar as desigualdades colocadas, inclusive no acesso à internet por parte dos jovens com os quais trabalhamos. A transposição de uma atividade de extensão presencial para o formato remoto não se mostrou a solução unívoca para estes dilemas, mas pôr em ação um exercício imaginativo nos fez reinventar o nosso fazer psi, adequando expectativas e objetivos e reconhecendo as limitações como fundamentais para a construção de possibilidades.

Por fim, temos esperanças que este inventar-crítico seja parceiro contínuo de construção; que a Universidade siga viva e pulsando, no sentido de continuar tecendo encontros potentes para além de seus muros; que compreendamos que produzir conhecimento é produzir mundos e estratégias que combatem a tantos processos de vulnerabilização social; que indisponibilidades não significam impossibilidades e, em última instância, que o (im)possível sempre nos motive a não parar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COIMBRA, C. M. B. NASCIMENTO, M. L. Análise de implicações: desafiando nossas práticas de saber/poder. *In: GEISLER, A. R. R., ABRAHÃO, A. L., & COIMBRA, C. M. B. (Orgs.) Subjetividades, violência e direitos humanos: produzindo novos dispositivos em saúde.* Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008, p.143-153.

LOURAU, R. Implicação e sobreimplicação. *In: ALTOÉ, S. (Org.) René Lourau: Analista institucional em tempo integral.* Rio de Janeiro: Hucitec, 2004, p. 186-198.

PASSOS, E. BARROS, R. B. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In: PASSOS, E. KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.* Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 17-31.

ROSSI, A.; PASSOS, E. Análise Institucional: revisão conceitual e nuances da pesquisa-intervenção no Brasil. *Revista EPOS*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2014, p. 156-181. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2014000100009>. Acesso em: 21 abr. 2021.

CUIDADO FARMACÊUTICO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO *TÁ NA HORA DE TOMAR O REMÉDIO*

JÉSSICA A. G. DA SILVA

GRADUANDA DO CURSO DE FARMÁCIA - UFRJ

JEFFERSON DUTRA DA SILVA

GRADUANDO DO CURSO DE FARMÁCIA - UFRJ

ANA LUCIA V. VILLA

DOCENTE DO CURSO DE FARMÁCIA - UFRJ

VIVIANE DE O. F. LIONE

DOCENTE DO CURSO DE FARMÁCIA - UFRJ

ELISABETH P. DOS SANTOS

DOCENTE DO CURSO DE FARMÁCIA - UFRJ

ALINE GUERRA M. FRAGA

DOCENTE DO CURSO DE FARMÁCIA - UFRJ

RESUMO

Em 2019, foram descritos os primeiros casos de uma nova síndrome respiratória na China, denominada COVID-19. Medidas visando à prevenção, o controle e à mitigação da transmissão foram adotadas, como a quarentena. Este trabalho descreve, no contexto pandêmico, um relato de experiência do projeto de extensão *Tá na hora de tomar o remédio!* da FF-UFRJ. As ações migraram para as redes sociais, com postagens e compartilhamento de material visual e audiovisual sobre os assuntos relacionados à saúde e ao projeto. As postagens eram lúdicas, com montagem de histórias, adaptadas com audiodescrição das imagens, utilização de letras grandes, contraste de cores, legendadas, dubladas e intérpretes de libras. As redes sociais se tornaram fundamentais para a divulgação de informações e troca com o público, eficiente para ações de extensão em situações em que o acesso presencial se encontra comprometido.

PALAVRAS-CHAVE

Cuidado farmacêutico; Pandemia; Redes sociais; Plataformas digitais; Extensão universitária.

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão *Tá na hora de tomar o remédio!* é uma iniciativa da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FF-UFRJ), com objetivo de oferecer estratégias para a adesão ao tratamento farmacoterapêutico, promoção ao uso racional de medicamentos, educação em saúde e democratização da ciência para toda a sociedade. O projeto utiliza metodologias lúdicas como forma de melhorar a adesão no tratamento, como a elaboração de pictogramas e material gráfico para os pacientes da Farmácia Universitária, local inicial de sua realização, informativos e discussões em escolas, unidades de saúde e em instituições de longa permanência de idosos. Além disso, o projeto tem como preocupação a adaptação das informações e orientações visando a acessibilidade e democratização para todos os públicos.

O Cuidado Farmacêutico constitui-se de um modelo de prática que agrega em si um conjunto de Serviços Farmacêuticos, que tem como intuito não apenas realizar a educação em saúde, mas prestar ao paciente, seus familiares e à comunidade, a expertise do profissional farmacêutico que perpassa o manejo de problemas de saúde, a conciliação medicamentosa, a monitorização terapêutica de medicamentos, a revisão da farmacoterapia, a gestão da condição de saúde e o acompanhamento farmacoterapêutico (BRANDÃO, 2011).

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 1985) descreve que existe uso racional de medicamento quando o paciente recebe o medicamento certo para sua condição clínica, em doses adequadas às suas necessidades, por um período de tempo apropriado e ao menor custo possível para ele e sua comunidade, no qual foi implementada no Brasil pela Política Nacional de Medicamentos em 1988. A informação em saúde é uma ferramenta de suma importância para promoção do uso racional de medicamentos e para sanar o erro em medicação, democratizar o acesso à informação e promover a autocapacitação.

Em dezembro de 2019, foram descritos os primeiros casos de uma nova síndrome respiratória na China, semelhante a uma pneumonia (Ministério da saúde, 2020) que se espalhou de forma rápida em todo o mundo, atingindo milhões de pessoas, o que levou a OMS a decretar a situação mundial como pandêmica no dia 11 de março de 2020 (WHO, 2020). A, agora, denominada pandemia da COVID-19, levou os governantes a adotarem medidas visando à prevenção, o controle e à mitigação da

transmissão da COVID-19, como a quarentena, o distanciamento social, redução das atividades comerciais não essenciais, restrição de circulação de pessoas em eventos e transportes públicos, fechamento de escolas e universidades (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020), incluindo a UFRJ.

Com o andamento da pandemia, foi-se observando o crescimento do fenômeno das *fakes news*, produção e propagação massiva de notícias falsas com objetivo de distorcer fatos intencionalmente, sendo as redes sociais e o *WhatsApp* suas principais fontes de propagação. O aumento de informações de qualidade duvidosa na internet pode levar as pessoas a tomarem atitudes que afetem negativamente sua saúde (Galhardi *et al.*, 2020).

Por outro lado, a internet vem proporcionando um crescimento acentuado do acesso à informação com benefícios para a educação ao paciente, sendo uma fonte útil de informações. Os computadores podem auxiliar no processo de democratização e disseminação de informações sobre a saúde e permitir que, através deste conhecimento, indivíduos, familiares e as comunidades assumam um papel mais ativo nos cuidados de si (Bastos, 2011).

Neste contexto, os professores e extensionistas seguiram as orientações de suspensão das atividades presenciais e adaptaram a proposta ao novo cenário da sociedade, ressignificando a interação do projeto com a sociedade, usando as redes sociais como um espaço democrático de divulgação científica, orientação em saúde e realização de cuidado farmacêutico. Assim, o objetivo deste trabalho é descrever as etapas de adaptação e prestação de alguns serviços farmacêuticos do projeto ao contexto da pandemia, por meio de um relato de caso, considerando os desafios de tornar as postagens mensageiras de qualidade, seguindo as orientações de produção de conteúdo acessível para todos os públicos e para plataformas como o *Facebook*, *Instagram* e *YouTube*.

2. METODOLOGIA

Este estudo refere-se a um relato de experiência do projeto de extensão *Tá na hora de tomar o remédio!* da FF-UFRJ, que atua no acompanhamento de pacientes idosos, pessoas com deficiência-PcD, não letrados e analfabetos, atendidos pela Farmácia Universitária-FU, adolescentes e jovens de escolas públicas do RJ e de outros municípios, idosos e demais moradores interessados da Associação de Moradores e Amigos da Vila

Residencial da UFRJ. O projeto é coordenado pela professora Aline Guerra Manssour Fraga e conta atualmente com 14 participantes, entre estudantes de vários cursos da UFRJ. Até fevereiro de 2020, o projeto realizava atividades presenciais, na FU e na Vila Residencial da UFRJ, com foco em cuidado e orientação farmacêutica.

Tendo em vista a restrição das atividades presenciais, estas ações foram adequadas ao formato virtual, empregado nas plataformas digitais das redes sociais, *Instagram*, *Facebook* e *YouTube*, para postagem e compartilhamento do material visual e audiovisual elaborado pelos estudantes extensionistas, sob orientação dos docentes participantes e da coordenadora, sobre os temas e assuntos relacionados à saúde e aos objetivos iniciais do projeto.

Este estudo apresenta dados desenvolvidos no período de março de 2020 a março de 2021, por meio do emprego da ferramenta *Insights*, disponibilizada gratuitamente pelo *Instagram* e *Facebook*, além das métricas utilizadas para avaliação de postagens nessas redes como número de curtidas, alcance, impressões e engajamento total (no caso do *Facebook*).

Para a elaboração das propostas, discussão do material, orientação e aprovação do conteúdo a ser divulgado, foram realizados encontros quinzenais do grupo utilizando-se plataformas on-line gratuitas de reunião como *Google Meet*. Além das reuniões virtuais, o contato entre os membros do projeto também ocorria via *WhatsApp* diariamente, com intuito de compartilhar dúvidas, ideias, conteúdo a ser divulgado e informações gerais.

As postagens desenvolvidas pelos extensionistas objetivaram a realização do cuidado farmacêutico amparados também em conteúdos de divulgação científica sobre temas relacionados à saúde, enfrentamento da pandemia da COVID-19, especificidades para o público PcD e idosos. Para tal, foram pesquisadas as temáticas de interesse, buscando artigos, reportagens e materiais da atualidade, de fontes confiáveis, priorizando informações e conteúdos disponibilizados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Ministério da Saúde (MS).

Como uma forma de levar as informações de forma lúdica para a população, foram criados personagens específicos para o projeto, além de objetos do cenário empregados para a montagem de histórias sobre os temas em questão. Ademais, para que pudessem alcançar todos os públicos que acessam as redes sociais, as postagens foram adaptadas com áudio-descrição das imagens, utilização de letras grandes e sem serifa, além de contraste de cores. As histórias foram legendadas, dubladas e apresentam janela com intérprete de libras.

3. RESULTADOS

3.1 ORGANIZAÇÃO DAS POSTAGENS

Para tornar as postagens organizadas segundo os assuntos e públicos a serem alcançados, criando-se um nível de engajamento, desenvolveu-se um cronograma de postagens semanais como mostrado abaixo:

Dias da Semana	Temas
Segunda-feira	Assuntos relacionados à atualidade obtidos de artigos científicos, notícias confiáveis, com uma linguagem acessível e adaptada.
Terça-feira	Assuntos relacionados ao Cuidado Farmacêutico e tudo que o abrange.
Quarta-feira	Assuntos relacionados à acessibilidade e inclusão para PcD.
Quinta-feira	Assuntos relacionados ao público idoso.
Sexta-feira	Material lúdico direcionada à toda a família como fonte de entretenimento no período de pandemia e variados assuntos.

Vale ressaltar que as redes sociais do projeto compartilham informações sobre Campanhas Nacionais relacionadas à área de saúde, datas comemorativas de destaque como Dia Internacional da Síndrome de Down, Dia Mundial da Conscientização sobre as Doenças Raras, Dia Mundial de Combate à Obesidade, entre outras e a importância da atuação do profissional farmacêutico nesse contexto para postagens de divulgação científica, Cuidado Farmacêutico, histórias e vídeos ilustrativos e jogos, além da divulgação de *lives* do projeto apresentadas durante o Festival do Conhecimento da UFRJ (<https://festivaldoconhecimento.ufrj.br/>).

3.2 A DRA. NINA E SUA TURMA

Com a adaptação do projeto para as redes sociais, iniciou-se o desafio de continuar transmitindo as orientações e cuidados em saúde de uma nova maneira. A internet possui um excelente trabalho na democratização da ciência, porém, é necessário pensar em formas atraentes para que a mensagem chegue à população.

Visando a humanização, atração de novos públicos e adaptação para uma mensagem lúdica, criou-se uma série de personagens intitulados *Dra. Nina e sua Turma*, criados com o intuito de fazer uma associação entre os extensionistas e o público e, ao mesmo tempo, transmitir uma mensagem de forma cativante e divertida, atraindo as crianças também

como público. Tais personagens constituem profissionais de saúde (farmacêutico e médico), cientistas e demais membros da sociedade como crianças, adultos e idosos, empregados para produção de vídeos, histórias e postagens sobre os diferentes assuntos apresentados pelo projeto.



Figura 1 - Personagens criados para o projeto Dra. Nina e sua turma.
Fonte: Autores (2020).

3.3 REDES SOCIAIS

A rede social *Facebook* foi criada em 2004, por Mark Zuckerberg, estudante de Harvard, sendo considerada uma das maiores redes sociais do mundo, possibilita trabalhar com diversos segmentos de informação e apresenta um público mais maduro (Assunção e Matos, 2014). Já o *Instagram* foi criado em 2010, com o intuito de ser uma forma de postagem e compartilhamento de fotos e vídeos exclusivamente pelo celular. Contudo, devido a sua popularização, tornou-se uma ferramenta para veiculação de diversos conteúdos, inclusive como forma de divulgação científica.

Com um alcance diferente do *Facebook*, o *Instagram* apresenta um público de pessoas de meia-idade, influenciadores digitais e marcas. Assim, essa rede social ganhou destaque em nosso projeto de extensão. Por último, ressaltamos que todas as publicações em nossas redes sociais possuem audiodescrição na hashtag #pracegover para torná-las acessíveis a todos os públicos.

3.3.1 INSTAGRAM

Nessa rede social, foram produzidas 222 publicações desde março de 2020, divididas nos 5 temas semanais: 99 postagens sobre tema COVID-19/saúde; 50 postagens com tema acessibilidade e público Pcd; 31 postagens com material para o público idoso; 29 postagens com material lúdico; e 13 postagens sobre medicamentos, que começou a ser produzido a partir de janeiro de 2021.

Esta rede social oferece algumas métricas essenciais para mensurar seu desempenho. O projeto *Tá na Hora de Tomar o Remédio* apresenta 422 seguidores; alcance de 330 contas por semana; 1.469 impressões. Quanto à localização, o público se divide entre Rio de Janeiro (61%), São Paulo (3,5%), Niterói (2,7%), Salvador (1,9%) e Duque de Caxias (1,1%); a faixa etária alcançada encontra-se entre 18 a 64 anos com maior prevalência para a faixa 25-34 anos (42,2%); e na maioria mulheres (80%).

As postagens que obtiveram os maiores alcances de cada grupo por dia da semana, encontram-se dispostas na Tabela 1 a seguir.

Postagem	Alcance	Curtidas	Impressões
Vamos fortalecer o organismo	346	26	393
Fitoterápicos e Plantas medicinais	1.928	45	2.066
13 de dezembro: Dia nacional da pessoa com Deficiência Visual	276	23	304
Filmes sobre Alzheimer	190	21	226
Jogo da memória de Natal	248	13	263

Tabela 1 - Postagens com maior alcance de cada categoria.

Fonte: Autores (2020).

3.3.2 FACEBOOK

Esta página foi criada à mesma época do *Instagram*, visando à amplificação das mensagens fornecidas por esta plataforma, uma vez que as postagens nesta rede podem ser compartilhadas no *Facebook*, o que não acontecia inicialmente no projeto.

No total, 430 pessoas curtem a página atualmente, sendo a maioria mulheres de todas as faixas de idades, com a grande maioria dos seguidores residentes da cidade do Rio de Janeiro. Nesta rede, realizou-se 65

publicações, entre quadros informativos, histórias educativas com os personagens da *Dra Nina e sua Turma*, jogos e vídeos.

As postagens com maior engajamento estão descritas na Tabela 2 a seguir.

Postagem	Tipo	Engajamento
Transmissão da Covid.	Quadro de História	503
Vamos falar sobre capacitismo.	Quadro de História	283
Vamos brincar um pouco?	Jogos	255
Vídeo – primeira história da Dra. Nina.	Vídeo	247
Grupo de risco fica em casa!	Quadro de História	183

Tabela 2 - Postagens com maior engajamento no Facebook.

Fonte: Os autores (2021).

3.3.3 YOUTUBE

Com a produção de vídeos e episódios educativos da *Dra. Nina e sua turma*, o grupo sentiu a necessidade de criar um canal no *YouTube*, onde, periodicamente, os vídeos eram postados.

Ao todo, tem-se 18 vídeos que abrangem os seguintes temas também em libras: a apresentação do grupo; como higienizar as mãos; como usar as máscaras; cuidando dos animais; solidariedade; mantendo contato na pandemia; a importância do distanciamento; com dicas de como se cuidar durante a pandemia; brincadeiras; limpeza dos ambientes; empatia; além da apresentação do projeto em vídeo para divulgação.

4. ALCANCE E CUIDADO FARMACÊUTICO

A realização do projeto, na sua etapa presencial, contava com o alcance aos pacientes atendidos na FU, divididos em 3 medicamentos selecionados inicialmente para dar início à construção dos pictogramas, segundo a maior demanda para o usuário idoso, de acordo com pesquisa prévia realizada, como auxiliares cognitivos externos para otimizar a adesão farmacoterapêutica. Adicionalmente, o projeto contava com ação na Vila dos Moradores/UFRJ e em uma escola pública.

A pandemia e a necessidade de isolamento social ocasionaram o redirecionamento das ações transportando-as para o campo virtual, levando à criação da conta do projeto em redes sociais, com o intuito que os objetivos iniciais pudessem ser continuados.

Observou-se, por meio dos dados obtidos desse compartilhamento virtual, expresso pela métrica da visualização dos conteúdos, que este recurso se mostrou eficiente para a divulgação das informações, alcançando uma proporção de pessoas muito maior do que aquela inicialmente trabalhada.

A internet ampliou a comunicação e o alcance de grupos populacionais, mas ainda está longe de ser considerada um meio democrático para tal, uma vez que seu acesso ainda é desigual entre seus usuários, não garantindo que ocorra inclusão e comunicação com grupos excluídos desta conexão ou aqueles que precisam receber a informação (Araújo, *et al.*, 2015).

Por outro lado, a interação virtual permitiu que a tríade ensino-pesquisa-extensão se mantivesse ativa por meio da relação entre os integrantes do projeto de extensão e a comunidade. A nova interação dialógica extensionista elaborada para o contexto virtual trouxe um novo fôlego aos estudantes e permitiu que pudessem expressar seus saberes e vivências do novo diálogo sócio-internet para o contexto universitário. Esse novo fazer permitiu que paradigmas do processo ensino-aprendizagem fossem reformulados, com a participação mais ativa nesse fazer, que acontece quando existem relações sociais diversas, colaborando de forma veemente para a sua formação.

Observou-se ainda uma mudança comportamental entre os estudantes envolvidos com a preocupação crescente de levar informação de confiança, amparada em uma busca bibliográfica sólida, realizada de forma semanal e constante, fundamentada em regras de acessibilidade e inclusão, alinhavada com os princípios norteadores de sua formação profissional de ética e respeito ao outro, que impactam dinamicamente no seu processo de construção profissional.

O envolvimento e a participação ativa dos estudantes extensionistas propiciou a demonstração de novas formas de se fazer a disseminação da informação como uma etapa do Cuidado Farmacêutico que precisa ser construída, considerando o momento inesperado vivido, tornando as informações acessíveis por meio de outros canais de comunicação.

O vínculo interacional, criado por meio das postagens, corrobora com a importância que elas apresentam como um veículo de informação, e a confiabilidade de seu conteúdo permite que seus seguidores interajam em relação às mesmas por meio de curtidas, repostagens e compartilhamentos.

Pretende-se, futuramente, criar novas formas de interagir com o público-alvo, direcionando a construção de temas abordados de acordo com a demanda ativa expressa por estes, alcançando mais seguidores, com amplitude da faixa etária e de alcance regional. Para tal, planeja-se a realização de outras formas de se levar as informações geradas pelo projeto, como podcasts e ações ao vivo, que propiciem o entrosamento social, podendo ser exemplo para outros projetos de extensão.

5. CONCLUSÃO

O projeto de extensão *Tá na hora de tomar o remédio!* deu continuidade às atividades de Cuidado Farmacêutico nesse momento de suspensão das atividades presenciais, reformulando e adaptando suas metas. As atividades passaram de presencial para remoto, e engajaram mais pessoas conforme os temas foram se diversificando e as postagens expandidas.

A realização da extensão universitária por meio das mídias sociais tem se mostrado eficaz, pela oferta de informações importantes sobre a pandemia para a população. E, neste contexto, as redes sociais se tornaram fundamentais para a divulgação de informações e troca com o público por ser considerada uma ferramenta de alto alcance, se mostrando eficiente para atividades de extensão em situações em que o acesso presencial se encontra comprometido. A interação com o público, por meio das nossas postagens, demonstrou a importância do compartilhamento de informações.

Essa experiência on-line tem sido benéfica para o público e estudantes extensionistas, pois além de possibilitar o contato com novos recursos tecnológicos, permite a construção conjunta de conhecimento sobre saúde e amplificação do processo de ensino-aprendizagem associado às atividades de extensão, à formação profissional e ao fortalecimento da tríade universitária indissolúvel, estudo, pesquisa e sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Raquel Sofia; MATOS, Paula Mena. Perspetivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook: um estudo qualitativo. *Psicologia em estudo*, v. 19, n. 3, p. 539-547, 2014.

BASTOS, Bárbara Guimarães; FERRARI, Deborah Viviane. Internet e educação ao paciente. *Arquivos internacionais de otorrinolaringologia*, v. 15, n. 4, p. 515-522, 2011.

CALDERONI, Thaina Lobato *et al.* O uso do Instagram para divulgação das informações de um projeto de extensão sobre alimentação e nutrição de crianças menores de dois anos: o antes e durante a Covid-19. *Raízes e Rumos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 314-324, jul.-dez. 2020.

CONEXÃO UFRJ. *Coronavírus: UFRJ suspende aulas por período indeterminado*. 2020. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2020/03/23/coronavirus-ufrj-suspende-aulas-por-periodo-indeterminado>. Acesso em: 23 mar. 2021.

GALHARDI, Cláudia Pereira *et al.* Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, p. 4201-4210, 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Orientações para retomada com segurança*. 2020 Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/orientacoes-para-retomada-com-seguranca>. Acesso em: 23 mar. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Resposta nacional e internacional de enfrentamento ao novo coronavírus. 2020. Disponível em <https://coronavirus.saude.gov.br/index.php/linha-do-tempo>. Acesso em: 23 mar. 2021.

MUNHOZ, Tiago Neuenfeld *et al.* A utilização de mídias digitais para divulgação do conhecimento científico sobre saúde mental durante a pandemia do covid-19. *Expressa Extensão*, v. 26, n. 1, p. 182-192, jan - abr 2021.

OLIVEIRA, Gabriele Thayná *et al.* Promoção de saúde por meios digitais durante a pandemia da Covid-19 em um projeto de extensão em Disfagia. *Raízes e Rumos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 296-306, jul.-dez. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Conferência Mundial sobre Uso Racional de Medicamentos*. Nairobi, 1985.

PINTO, Pamela Araújo. Marketing social e digital do Ministério da Saúde no Instagram: estudo de caso sobre aleitamento materno. *Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde*, v. 13, n. 4, p. 817-30, out.-dez. 2019.

PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa Oliveira dos. *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar*. EDUEPB, 2014.

UFGM. *Tutorial de Audiodescrição*. 2020. Disponível em: <https://www.ufmg.br/semanadoconhecimento/wp-content/uploads/2020/09/Tutorial-de-Audiodescri%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 18 de abr. 2021.

World Health Organization (WHO). *Coronavirus disease (COVID-19) pandemic*. 2019. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em: 20 abr. 2021.

World Health Organization (WHO). *WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19*. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020> Acesso em: 23 mar. 2021.

CULINAFRO E A PANDEMIA DE COVID-19: EXPERIÊNCIAS DE UM PROJETO DE EXTENSÃO JUNTO A UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA EM QUISSAMÃ/RJ

RUTE R. DA SILVA COSTA • COORDENADORA DO PROJETO CULINAFRO - UFRJ - MACAÉ
KÁTIA ALESSANDRA M. DA SILVA • DOUTORANDA EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS - UFRJ

CÉLIA MARIA P. LISBÔA • DOUTORA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E SAÚDE - UFRJ
ETIENNE SILVA MADUREIRA • MESTRANDA EM CARDIOLOGIA - UFRJ

MARIANA FERNANDES BRITO DE OLIVEIRA • COORDENADORA DOS PROJETOS ABAYOMI E CULINAFRO - UFRJ - MACAÉ

LEILA MANHÃES FÉLIX RAMOS • BARBARA MARQUES DA SILVA GENEROSO • MARINA MUNIZ AGUIAR • BRENDA CHRYSTIE VIEIRA LIMA • PATRÍCIA ELLEN RODRIGUES NICOLAU • GRADUANDAS EM NUTRIÇÃO - UFRJ - MACAÉ

DEBORA S. DO N. LIMA • MESTRANDA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E SAÚDE - UFRJ
ILZILÁ R. DE OLIVEIRA MACEDO • GRADUANDA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - UFRJ-NUPEM
ADRIANA SANTOS DA SILVA • MESTRE EM CIÊNCIA DE ALIMENTOS - UFBA

CAMILA MOREIRA FONSECA • GRADUANDA EM NUTRIÇÃO - UNIRIO

AINÁ I. DA SILVA GOMES • GRADUANDA EM NUTRIÇÃO - UFRJ - MACAÉ

CAROLINA COSTA GALHARDO • GRADUANDA EM PRODUÇÃO CULTURAL - UFF

CAROLINE F. SOARES CABRAL • DOUTORANDA EM ALIMENTOS E NUTRIÇÃO - UNIRIO

FABIANE DA SILVA GONÇALVES • COLABORADORA DOS PROJETOS ABAYOMI E CULINAFRO - UFRJ - MACAÉ

RESUMO

Em 2020, a pandemia de COVID-19 transformou o cenário mundial causando inúmeras mortes, desestruturando economias, desafiando as estratégias governamentais para a contenção da disseminação da doença. No Brasil, desde os primeiros casos, em fevereiro do referido ano, vivenciamos uma sobrecarga no Sistema Único de Saúde pelo aumento cotidiano de casos da doença, principalmente entre os grupos socialmente mais vulneráveis, como as comunidades de povos originários e as de remanescentes de quilombos. Diante desse quadro, os projetos de extensão universitária *CulinAfro* e *Abayomi* tiveram que reinventar-se para dar continuidade às ações realizadas no âmbito da alimentação escolar quilombola, por meio do acesso remoto e práticas locais seguras, visando ao cuidado e fortalecimento da CRQ Machadinho.

PALAVRAS-CHAVE

Alimentação escolar quilombola; extensão popular; segurança alimentar e nutricional; pandemia por COVID-19.

Os projetos de extensão universitária *CulinAfro* e *Abayomi*, vinculados ao Programa de extensão *AJEUM* (UFRJ - Macaé), no ano de 2019, desenvolveram uma série de ações no âmbito da alimentação escolar quilombola, em parceria com o Departamento de Nutrição Escolar da Secretaria Municipal de Educação de Quissamã/RJ, a comunidade escolar da unidade municipal Felizarda Maria Conceição de Azevedo, localizada no território da Comunidade Remanescente de Quilombo Machadinha (CRQ Machadinha) e a Associação de Remanescentes de Quilombo Machadinha (ARQUIMA).

No referido ano, realizamos diversas ações, como a avaliação do estado nutricional dos(as) estudantes, a análise de 117 cardápios escolares, pesquisa sobre a comida e a cozinha quilombola, ações de Educação Alimentar e Nutricional (EAN) pautadas nos princípios da educação popular e a organização de um livro de experiências cuja autoria foi compartilhada com os(as) quilombolas, professores(as) e representante do Departamento de Nutrição Escolar.

Sonhávamos em dar continuidade às ações coletivas já iniciadas. Desejávamos ver o cardápio escolar ganhar os sabores quilombolas, valorizando os(as) autores(as) das preparações alimentares. Pretendíamos fortalecer a discussão no tocante à Segurança Alimentar e Nutricional quilombola e fomentar o desenvolvimento sustentável, a partir de incentivos às compras institucionais da agricultura familiar quilombola.

No entanto, em 2020, vivemos o início da mais grave crise sanitária dos últimos tempos: a pandemia da COVID-19, que também é apontada como uma crise econômica, em decorrência da voracidade iníqua do capitalismo e da política, explicitadas na falta de planejamento estratégico para o enfrentamento da doença, a desvalorização da vida e o negacionismo no que tange a gravidade da transmissão e da taxa mortalidade (SAID E SILVA, 2020; CAPONI, 2020). A pandemia escancarou e intensificou as desigualdades já existentes no Brasil que se pautam, principalmente, na desproporcional distribuição de renda e no racismo institucional.

Os mais distintos setores, classes e países foram indubitavelmente atingidos pelo vírus SARS-Cov-2, evidenciando a intencionalidade de uma política liberal, higienista e genocida. Contudo, vale salientar que a pandemia atinge as diferentes populações de forma desigual e o cenário da não garantia da equidade fica exacerbado, visto que não se tem o direito de manutenção da vida.

Um estudo realizado pela PUC-Rio em parceria com a Fiocruz evidenciou que a taxa de letalidade pela COVID-19 no Brasil é muito elevada

devido às desigualdades no acesso ao tratamento. Houve aumento de óbitos em pessoas negras, em relação às brancas, em todas as faixas etárias. Sobre a escolaridade dos pacientes notificados, quanto maior seu nível, menor a letalidade (22,5% e 71,3% dos óbitos, respectivamente) (NOIS, 2020; SANTOS *et al.* 2020; PERES *et al.*, 2020). Portanto, de acordo com os dados apresentados, as desigualdades de renda e de acesso aos serviços de saúde justificam a disparidade entre as mortes pela COVID-19. Por isso, aos que se mantêm na corda bamba da vulnerabilização social e da precarização das relações de serviço, qualquer sopro de um vírus parece e é letal. No entanto, mesmo diante dessa difícil realidade e do caos instalado na saúde pública nacional, o número de bilionários brasileiros aumentou (CALAIS, 2021).

A despeito do aspecto econômico, em diferentes graus, fomos todos(as) atingidos(as) pela pandemia e acometidos(as) pelos desafios que ela nos impôs. Vimos parte da equipe do projeto adoecer no corpo e na alma. Foram perdas de pessoas queridas, impactos financeiros e na organização familiar. Vários(as) de nós não souberam lidar com os desdobramentos psicológicos decorrentes da nova e irremediável cena, refletindo, por vezes, na carne, com paralisias faciais e cansaço crônico. Nossos planos também precisaram ser adiados. Não foi possível dar continuidade às ações dos projetos de extensão. Foi então que voltamos a atenção ao exercício de cuidado no seio da equipe. A psicóloga Fabiane Gonçalves, colaboradora dos projetos de extensão, passou a realizar um Grupo Terapêutico. Iniciamos o grupo com a finalidade de acolher os sofrimentos psíquicos que estavam tão evidentes no momento delicado pelo qual estávamos atravessando. Inicialmente, os encontros semanais possuíam temas propostos pela profissional, depois, as sessões, com duração de cerca de duas horas, passaram a ocorrer com temas livres.

A psicóloga realizava as intervenções no decorrer das partilhas, mediando os diálogos e acolhendo as demandas. Compartilhamos objetivos comuns, trabalhando a empatia, o respeito à vivência do(a) outro(a), prezando sempre o sigilo terapêutico. Além do diálogo, havia a proposta de exercícios coletivos e o acolhimento sem julgamento, o que fez toda a diferença no caminho que percorremos.

Em paralelo ao Grupo Terapêutico, organizamos o retorno dos encontros, de forma remota, com um Grupo de Estudos para “diminuir a distância física” e fortalecer-nos mutuamente a partir das discussões dos temas balizadores das nossas ações. As leituras realizadas foram escolhidas para subsidiar a nossa *práxis* (reflexão-ação-reflexão) junto à CRQ

Machadinha, tendo em vista as características identitárias dessa comunidade, que incluem os seus saberes ancestrais, manifestos por meio do jongo, da comida local, da agricultura de subsistência, dos seus cânticos e histórias cotidianas, em relação com o ambiente escolar e de saúde.

Dialogamos com a autora Grada Kilomba e sua obra *Memórias da Plantação* (2019), sobre a descolonização de conhecimentos impostos e compreendidos como padrão de normalidade, os quais se constituem obstáculos para a promoção das relações horizontais e de valorização da cultura do outro. Incluímos a leitura de *O Genocídio do Negro Brasileiro* (1978), de Abdias do Nascimento, que discorre sobre o conceito da Democracia Racial, construído por intelectuais brasileiros, o qual contribui para o agravamento do genocídio moral, cultural e econômico da população negra, uma vez que a hegemonia racial branca perpetua as inúmeras desigualdades. Abdias cria o conceito de Mito da Democracia Racial para esse fenômeno.

Para além desses autores, acrescentamos a leitura das autoras Oyèrónké Oyèwùmí e Lélia Gonzalez, cujas pesquisas nos auxiliam na compreensão das desigualdades de gênero associadas às raciais. Toda essa discussão foi essencial para entendermos a realidade da vulnerabilidade do negro brasileiro na atual crise sanitária e econômica, amplamente mencionadas anteriormente.

Manuel Querino, pesquisador baiano que coletou fontes orais para dar visibilidade à contribuição do negro na história do Brasil, presente-nos com a sua obra *A Arte Culinária na Bahia* (1957) que nos tem auxiliado na construção de um paradigma positivo em relação à culinária afro-brasileira, apontada por muitos como não saudável. Com ele, confirmamos as suspeitas de que a comida originária africana se insere no conceito da “comida de verdade”, em acordo com o que preconiza o Guia Alimentar para a População Brasileira (BRASIL, 2014).

Organizamos, no primeiro ano de pandemia, encontros virtuais abertos ao público, para debater os temas pertinentes aos projetos, cumprindo parte do planejamento das ações de extensão. Foram duas edições do evento denominado “Farinha, Ciência e Prosa”, que teve por objetivos principais divulgar nossas ações de extensão e dialogar com outros(as) pesquisadores(as) que estudam diferentes temáticas relacionadas com a culinária de matriz africana. Na primeira edição, em julho de 2020, foram três encontros pelo canal do *CulinAfro* no *YouTube* e os dois últimos encontros aconteceram no canal da Pró Reitoria de Extensão (PR5) da

UFRJ, na Roda de Conversas do Festival do Conhecimento. Além da apresentação dos projetos do *CulinAfro*, os temas abordados foram: *Comida Macaense de Matriz Africana, comida de Santo, chás e ancestralidade, Experiências na Alimentação Escolar Quilombola e Experiências sobre o Direito Humano à Alimentação Adequada e população negra*.

Já na segunda edição do evento virtual, foram realizados quatro encontros, visualizados por mais de 2000 pessoas, até o momento (disponível para acesso pelo *YouTube*). Os temas foram: *O potencial das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) na cultura alimentar, seus significados culturais e terapêuticos, Cozinhar para transformar: história, cultura e identidade, Sabores ocultos: saberes e preconceitos entre as ramas comestíveis em Angola e A Cozinha Afro-Brasileira de cada dia*. Todas as extensionistas participaram ativamente na definição dos temas, no convite aos(as) palestrantes, na divulgação do evento e na moderação das *lives*. A experiência, apesar de desafiadora, nos trouxe a certeza de que a comida faz parte de nossa identidade, integra nossa história, nossa vida, é um meio de manter as tradições vivas, além de trazer o reconhecimento de mais um valor ancestral.

Ainda em 2020, nos debruçamos na experimentação das comidas africanas do nosso acervo, o mesmo que utilizamos na mediação das ações de EAN com os(as) estudantes da Educação de Jovens e Adultos e quilombolas. Iniciamos uma rica, colorida e saborosa série de testes de preparações, que nos permitiu identificar, confirmar e reafirmar o que as leituras e vivências nos apresentaram: a comida de origem africana não deve ser rotulada como “comida pesada” ou “não saudável”! As receitas praticadas são majoritariamente compostas por vegetais, pouca adição de sal, e não consideram o alimento de origem animal como protagonista absoluto, conforme preconiza os conceitos da dieta planetária (WILLET et al, 2019).

Essa cozinha, erroneamente rotulada e injustamente apresentada como de baixa qualidade nutricional, carrega como essência a sabedoria ancestral do uso dos temperos (condimentos e ervas) “machucados” ou não em pilão, do uso de técnicas de corte carregadas de sutilidades, da forma de mexer e da ordem de acrescentar os ingredientes, além do tempo de cozer cheios de beleza e significados. Os resultados sensoriais (apresentação, sabor, aroma, textura, consistência) nos surpreendem a cada finalização. As degustações são notavelmente saborosas e agradáveis, sem causar desconfortos característicos de preparações excessivamente gordurosas. Essa comida, até então desvalorizada, requer um trabalho hercúleo

de reconhecimento e reparação, a partir das suas reais, e não estigmatizadas, práticas, saberes, ingredientes e sabores.

O *Instagram* do projeto (@culinafro_ufrj) tem funcionado como veículo de divulgação desses pratos africanos, onde estão disponíveis fotos, vídeos, lista de ingredientes (com opções de substituição mais acessíveis), modo e tempo de preparo e rendimento de inúmeras preparações culinárias produzidas pelas integrantes do projeto.

Até outubro de 2020, as ações do projeto se constituíram de espaço terapêutico, grupo de estudo, experimentação das receitas culinárias africanas e organização de eventos remotos para compartilhamento de saberes sobre a culinária afro-brasileira e africana. Foi então que nos deparamos com o processo de validação da extensão remota, o que nos levou a questionar se estávamos, de fato, realizando extensão e contemplando as Diretrizes da Extensão Universitária. Dialogávamos e construíamos soluções possíveis à realidade do público da nossa ação? Como poderíamos retomar o contato com as pessoas do território e continuar traçando uma caminhada coletiva? Como superar os desafios de acesso à *internet* naquela comunidade? De que forma poderíamos atuar sem sobrecarregar os(as) trabalhadores(as) da educação básica?

No final de 2020 organizamos, então, o encontro com a nutricionista e os gestores da escola municipal localizada em território quilombola para partilhar os resultados das ações de 2019 e planejar a agenda de 2021. No encontro, as pesquisadoras, as extensionistas e a coordenadora do projeto apresentaram todos os resultados das pesquisas desenvolvidas nos diferentes ambientes da escola. Foram apresentados os dados referentes à merenda escolar, a avaliação do estado nutricional dos(as) alunos(as) e o vídeo produzido com as receitas desenvolvidas pelos(as) estudantes no quilombo. Dialogamos sobre as expectativas mútuas de como poderíamos dar continuidade a essa parceria e, a partir dos resultados observados, desenvolver novas ações com eles(as) e para eles(as), de acordo com as reais demandas e necessidades do local.

Outra ação desenvolvida e que merece destaque foi a parceria com o projeto de pesquisa *Saberes e Práticas Populares no Enfrentamento da COVID-19 em Zona Rural*, que atua na CRQ Machadinha (Quissamã/RJ), Assentamento Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) Osvaldo de Oliveira e Acampamento Edson Nogueira (Macaé/RJ), Grupo de Mulheres da Associação Agroecológica Serra Mar. A pesquisa teve como objetivos: conhecer saberes e práticas tradicionais em saúde

presentes nos territórios, que poderiam contribuir contra a disseminação viral e minimizar a sintomatologia da doença e desenvolver materiais educativos sobre esse conteúdo para uso pelas comunidades. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação em saúde, guiada por um modelo de pesquisa participativa baseada nas comunidades.

A operacionalização das ações do projeto foi desenvolvida por professores(as) universitários(as), estudantes universitários(as) e representantes dos territórios. Aos poucos, fomos conhecendo as particularidades dos territórios e a partir das demandas dos(as) moradores(as), elaborando junto a eles(as) estratégias coletivas, como as oficinas de saboaria, que dialogavam com os saberes locais sobre plantas medicinais e visavam produzir, a partir de materiais simples e acessíveis, sabão e sabonete para a higiene das mãos no período da pandemia. E, sobretudo, gerar renda a partir de uma organização coletiva.

O planejamento das oficinas envolveu reuniões virtuais com representantes da comunidade em articulação com a Secretaria de Saúde de Quissamã, que proporcionou a realização prévia de testes rápidos em todos(as) os(as) pesquisadores, antes da sua atuação no território. As oficinas foram realizadas em espaço amplo, arejado, respeitando o distanciamento social e o uso de máscaras e álcool em gel, promovendo o compartilhamento de saberes entre a equipe e as mulheres participantes da comunidade, que, ao final, ressaltaram a importância do fortalecimento dos laços ancestrais.

1. AÇÕES ATUAIS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto recebeu recentemente novas alunas de extensão, com atuação em cinco frentes distintas, porém complementares. São elas: alimentação escolar quilombola e estado nutricional dos estudantes; ervas medicinais e plantas alimentícias não convencionais no quilombo machadinho - saberes populares contra a COVID-19; agricultura familiar na alimentação escolar; EAN junto à comunidade escolar e desenvolvimento de preparações culinárias africanas.

Prosseguimos com os encontros semanais virtuais, em que são discutidos temas essenciais às reflexões e ações do grupo, com especial atenção para as diretrizes da extensão universitária, assim como para questões relativas ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), com ênfase na educação da modalidade quilombola.

E, dentro dessa possibilidade, reforçamos a importância do trabalho do(a) nutricionista como agente da conexão memorial do alimento, valorizando a regionalidade, sazonalidade e cultura locais, tão importantes para as comunidades tradicionais, nas quais a ancestralidade deve ser preservada e respeitada pela manutenção da culinária e preparo do alimento.

Atendendo a uma solicitação da nutricionista do Departamento de Nutrição Escolar da Secretaria Municipal de Educação de Quissamã/RJ, que observou a necessidade de fortalecer e valorizar a culinária e a agricultura familiar quilombola, estamos desenvolvendo um material educativo contendo receitas culinárias da própria comunidade para integrar o “kit alimentação” que está sendo ofertado durante o período de isolamento social, no qual não há produção de refeições nas escolas. Esse material destina-se aos estudantes da educação infantil e ensino fundamental matriculados na escola municipal localizada no território. O “kit alimentação” consiste em uma cesta contendo alimentos não perecíveis e outros oriundos da agricultura familiar, com vistas à promoção e manutenção da alimentação adequada e saudável.

O material educativo, citado anteriormente, tomou como referência a lista de alimentos do “kit alimentação quilombola”, entregue aos(as) estudantes quilombolas pela entidade executora do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), a saber, a Secretaria Municipal de Educação de Quissamã/RJ (Semed). De posse da referida lista, voltamos o nosso olhar para o resultado da pesquisa realizada em 2019, junto aos(as) alunos(as) quilombolas, na qual há acervo sobre a alimentação das suas famílias. Cruzando esses dois quadros de referência, selecionamos aquelas receitas culinárias que pudessem ser preparadas com os alimentos disponibilizados no “kit alimentação quilombola”.

As comidas selecionadas para o material educativo foram: feijão com legumes, farofa rosa (com beterraba), couve refogada, purê de mandioca, e canjiquinha colorida. Além das receitas, o documento possui informações práticas sobre o preparo, sugestões de substituições (considerando os gêneros alimentícios das cestas), mensagens de incentivos ao uso das memórias e do corpo na prática culinária. Diferente das receitas culinárias tradicionais, que normalmente apresentam um texto injuntivo ou instrucional, optamos pelo uso dos gêneros textuais narrativo e descritivo para a escrita do modo de preparo. A linguagem mais coloquial e menos imperativa teve a intencionalidade de nos aproximar do leitor, promover protagonismo de quem cozinha e, dessa forma, estimular a autonomia culinária (OLIVEIRA, 2018).

Planejamos ainda elaborar um álbum seriado que prestigia o uso de saberes e práticas ancestrais de mulheres no cuidado em saúde para o enfrentamento à COVID-19 e a sintomatologia de doenças respiratórias em zona rural. O mesmo será entregue à Estratégia de Saúde da Família (ESF) do local.

Acrescenta-se a elaboração de um vídeo sobre a comunidade com a participação de moradores, que destaca os cuidados ancestrais presentes no quilombo, especialmente pelo uso de plantas medicinais, uma resistência que merece ser reconhecida e valorizada. Espera-se ainda desenvolver, junto aos(as) estudantes da Educação Infantil e Ensino Fundamental da escola local, ações de EAN por acesso remoto que valorizem a cultura alimentar quilombola.

Identificamos os conhecimentos tradicionais da CRQ Machadinho, assim como a sua capacidade de articulação e solidariedade, estratégias de fortalecimento e resistência para a manutenção da vida e enfrentamento às adversidades em tempos de pandemia.

Desenvolver ações de extensão em tempos pandêmicos é um desafio, inclusive para a equipe extensionista, que enfrenta desafios cotidianos e não devem ser ignorados. No *CulinAfro* e *Abayomi* tomamos uma decisão importante: viver intensamente a unidade entre a palavra e a ação, colocando a pessoa na centralidade, lidando com a equipe como pessoas, não máquinas. Já disse Paulo Freire nas Cartas à Guiné-Bissau: “A pessoa humana é algo concreto e não uma abstração”. Parar as atividades para o cuidado terapêutico, no nosso caso, não foi um sinal de fracasso, mas potência para seguir.

No âmbito das ações junto a comunidades e povos tradicionais igualmente podemos dizer que desenvolver extensão popular de modo remoto tem sido um desafio, mas também uma oportunidade. Foi necessário escutar atentamente as demandas sociais e nos colocarmos diante deles e delas para apoiar naquilo que lhes fizesse sentido. Seguimos firmes, com esperança, buscando fazer o nosso melhor para que o direito humano à alimentação adequada da população quilombola seja uma realidade celebrada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Guia alimentar para a população brasileira*. 2. ed. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. *Povos e comunidades tradicionais*. Ministério do Desenvolvimento Social (MDS). Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/direito-a-alimentacao/povos-e-comunidades-tradicionais>>. Acesso: 20 mar. 2021.

CALAIS, B. *Brasil tem 10 novos bilionários no ranking de 2021* - Forbes Brasil, 2021.

CAPONI, S. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. São Paulo: *Estudos Avançados*. v. 34, n. 99, 2020, p. 209-224.

CARDOSO, S. R.; *Pitadas de africanidades: culinária afro-brasileira em livros de receitas no século XX*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação*. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro*. Processo de racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 2018.

NOIS (Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde). *Diferenças sociais: pretos e pardos morrem mais de COVID-19 do que brancos, segundo NT11 do NOIS*. Disponível em: <https://www.ctc.puc-rio.br/diferencas-sociais-confirmam-que-pretos-e-pardos-morrem-mais-de-COVID-19-do-que-brancos-segundo-nt-11-do-nois/>. Acesso em 29 de abr. 2021.

OLIVEIRA, M. F. B. *Autonomia culinária: desenvolvimento de um novo conceito*. 2018. 155f. Tese (Doutorado em Alimentação, Nutrição e Saúde) – Instituto de Nutrição. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2018.

PERES, I.; MARCHESI, J.; CUNHA, J. P.; DANTAS, L.; BASTOS, L.; CARRILHO, L.; AGUILAR, S.; BAIÃO, F.; MAÇAIRA, P.; HAMACHER, S.; BOZZA, F. *Análise socioeconômica da taxa de letalidade da COVID-19 no Brasil*. Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde. Disponível em: <https://ponte.org/wp-content/uploads/2020/05/NT11-An%C3%A1lise-descritiva-dos-casos-de-COVID-19.pdf>. Acesso em 01 de dez. 2020.

QUERINO, M. *A arte culinária na Bahia*. Salvador: Progresso, 1957. SAID, A. M.; SILVA, J. C. The spatiality of COVID-19 and the pandemonium amid the pandemic in traditional communities of Cajaíba - Paraty. *Rev. Tamoios*, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19. p. 206-231. 2020.

SANTOS, MÁRCIA PEREIRA ALVES DOS *et al.* População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. *Estud. av.*, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 225-244, ago. 2020. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So103-40142020000200225&lng=en&nrm=iso>. access on 30 abr. 2021.

WILLETT *et al.* Food in the Anthropocene: the EAT-Lancet Commission on healthy diets from sustainable food systems. *Lancet*, v. 393, n.10170, p. 447-492, jan. 2019.

DESCOMPLICANDO AS CIÊNCIAS EM TEMPOS DE DESINFORMAÇÃO: RELATOS SOBRE A MUDANÇA DE UMA AÇÃO DE EXTENSÃO PRESENCIAL PARA O VIRTUAL

ROBERTO SALGADO AMADO

COORDENADOR DO PROJETO DE EXTENSÃO AÇÃO INTERDISCIPLINAR VISANDO MOTIVAR OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DAS ESCOLAS DO RIO DE JANEIRO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS

MARIANA KOSIBA FURTADO

LICENCIANDA EM QUÍMICA – UFRJ

MÁRCIA DE SÁ RIBEIRO

GRADUANDA EM QUÍMICA – ATRIBUIÇÕES TECNOLÓGICAS – UFRJ

PRISCILA MEDEIROS PIMENTA

LICENCIANDA EM QUÍMICA – UFRJ

RESUMO

Com as aulas suspensas e o fechamento das escolas, o projeto de extensão *Ação interdisciplinar visando motivar os alunos do ensino fundamental das escolas do Rio de Janeiro para o ensino de ciências*, realizado pelo Núcleo Interdisciplinar de Ensino/Aprendizagem em Ciências (NiEC) necessitou de uma reestruturação na sua concepção para uma nova vertente tecnológica. Assim, determinados a transmitir informações confiáveis para a sociedade em uma época de *fake news*, o NiEC começou a produzir conteúdo para a internet, a partir de postagens na sua conta de Instagram (@ufrjniec). Atualmente, com um perfil de mais de mil seguidores e com uma produção de três a quatro matérias semanais, o grupo tem alcançado mais de oito mil contas de usuários, que acessam as publicações mensalmente.

PALAVRAS-CHAVE

Relato de Experiência; Extensão; Rede Social; Divulgação Científica.

O projeto de extensão *Ação interdisciplinar visando motivar os alunos do ensino fundamental das escolas do Rio de Janeiro para o ensino de ciências* foi idealizado para motivar e aproximar os alunos das últimas séries do ensino fundamental às disciplinas científicas. Além disso, apresentar as ciências por diversas perspectivas a partir da formação dos estudantes de graduação da universidade.

O projeto é realizado pelo NiEC, formado por professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da escola pública, e por alunos de graduação dos diferentes cursos de licenciatura. A multiplicidade das áreas teóricas, em vez de criar entraves, auxilia e enriquece as discussões e as demais atividades realizadas em conjunto (KENSKI, 1994). A interdisciplinaridade da equipe promove um ambiente amplo de discussão sobre diferentes conteúdos que, além de possibilitar a melhoria do ensino/aprendizagem, despertam a motivação dos alunos da escola para o mundo científico quando aproximado do seu cotidiano (CACHAPUZ, 2002).

Assim, o conhecimento e as competências são desenvolvidos em conjunto, não apenas pelo ponto de vista de uma disciplina, mas de uma ação interdisciplinar, ressaltando a sua importância.

1. CONTEXTO PANDÊMICO

Com as aulas suspensas e o fechamento das escolas desde março de 2020, o projeto de extensão necessitou de uma reestruturação na sua concepção e de novas metas para o seu trabalho. O grupo que, desde a sua criação em 2016, tinha como objetivo a formação de uma rede interdisciplinar a fim de incentivar os alunos às ciências, foi forçado, pelas circunstâncias, a mudanças nas suas ações imediatas para se adaptar às novas rotinas.

Com o avanço da globalização, vivencia-se a era da disseminação de informação digital em massa, com o acesso facilitado por meio das redes sociais que alcança grande parte da população de modo veloz. Em tempos de tantas informações, aparecem também as desinformações, conhecidas como as notícias falsas (*Fake News*), manifestando-se por meio de movimentos que rejeitam a ciência por diversos motivos – ideológicos, políticos, religiosos, entre outros. Logo, quem tem acesso à informação embasada no conhecimento científico, tem um papel fundamental na disseminação deste conhecimento (TEIXEIRA, 2018).

Conforme reflete Brandt (2020), “Nessa perspectiva, a checagem da informação, efetuada por grupos de mídia comprometidos em combater *fake news*, tem se constituído como uma das frentes de atuação para conter informações conflitantes ou manipuladas a respeito da Covid-19.” Desse modo, justificam-se as alterações no grupo de extensão, para contribuir por meio da comunicação e da divulgação científica, ao combate da crise sanitária e da desinformação instaladas no país.

A pandemia do novo coronavírus tem evidenciado um cenário de incertezas e imprevisibilidade em âmbito global. O surto de Covid-19 tem sido acompanhado por um surto de infodemia. A crise sanitária global gerou como consequência um consumo exagerado de desinformação. Muitas informações que consumimos, na pandemia, estão incompletas ou foram (re)produzidas por fontes pouco confiáveis. A rede de notícias falsas sobre a Covid-19 segue se propagando com rapidez e força mundo afora. (BRANDT *et al*, 2020, p. 129).

Com isso, determinados em transmitir de modo acessível informações confiáveis para a sociedade, o NiEC começou a produzir conteúdo informativo para a internet a partir de postagens em sua conta de *Instagram* (Figura 1). Consequentemente, esse material conseguiu alcançar professores e alunos de diferentes regiões do país, possibilitando, além da formação de novas parcerias, o contato com outros indivíduos de universidades e escolas públicas brasileiras.

O *Instagram* do grupo teve seu início virtual em agosto de 2019 com o intuito de divulgar as oficinas educacionais feitas nas escolas. Durante o último ano, o Núcleo tem realizado postagens semanais, utilizando as novas ferramentas disponíveis para a criação de conteúdo sobre os



Figura 1: Perfil na rede social Instagram @ufrjniec (Fonte: NIEC, 2021)

principais temas do cotidiano. Assim, foram abordados diferentes assuntos como: a COVID-19 – conhecendo e esclarecendo melhor a doença; as vacinas – o que são e como são desenvolvidas em laboratório; o racismo e a educação. Além disso, foram construídas diferentes séries mensais sobre temas como: pandemias na história, dicas de estudos em sistema remoto e saúde mental em momento de distanciamento social.

Desta forma, como afirma Albagli (1996), “a divulgação supõe a tradução de uma linguagem especializada para uma leiga, visando a atingir um público mais amplo”. Assim, a rede social facilitou uma comunicação acessível, com uma linguagem menos acadêmica e mais clara, abrindo portas para discussões, debates e esclarecimentos.

2. RESULTADOS OBSERVADOS

O primeiro semestre de 2020 contou com uma série de carências de conteúdos verídicos nas redes sociais e a demanda por material midiático sobre temas atuais, geraram um grande volume de trabalho e produção. Todo o processo, desde a idealização das postagens à construção do design, exigiu tempo e pesquisa qualificada para que o material produzido fosse confiável e atualizado.

Conforme Almeida e colaboradores (2020), em carta aberta pelos pesquisadores do Núcleo de Estudos da Divulgação Científica (NEDC) do Museu da Vida da Casa de Oswaldo Cruz:

Para a prática da divulgação científica, a pandemia é certamente uma oportunidade ímpar. É o momento não apenas de mostrar sua importância e qualidade, mas para promover uma reaproximação necessária entre a ciência, no seu sentido mais amplo, e a sociedade. É a hora de lutar pela reestruturação e pela revalorização da ciência e sobretudo de resgatar a sua legitimidade perante a sociedade. É preciso ocupar espaço! (ALMEIDA *et al*, 2020).

Todavia, esse espaço não era apenas para a popularização das ciências, mas, também, para usar a plataforma virtual como um espaço para reflexão e discussão, permitindo um maior contato com os profissionais da educação e os alunos, combatendo a desinformação.

Nos primeiros meses da pandemia, de março a junho de 2020, o perfil do *Instagram* teve um aumento significativo de seguidores e interações alcançando mais de 550 internautas, formado pela sua maioria de alunos

e professores da UFRJ e por pessoas de outras cidades e estados como Duque de Caxias, Niterói, Belém e São Paulo.

Durante esse período, o perfil teve um alcance de 300 contas que visualizaram as publicações diariamente e 3300 impressões semanais, que correspondem ao número total de vezes que publicações e *stories* foram visualizados nos últimos 7 dias. A maioria dos seguidores era composta por pessoas de faixa etária entre 25 e 34 anos (39 %).

Entre os meses de dezembro de 2020 e janeiro de 2021, o perfil teve uma média estimada de mais de 20 mil impressões e 10.609 contas alcançadas (Gráfico 1). Tal aumento ocorreu devido ao maior número de conteúdos produzidos no segundo semestre do ano, a partir de vídeos informativos de curta duração, além do maior uso dos recursos da rede social e das publicações sobre temas que proporcionaram um maior engajamento.

Atualmente, o perfil se encontra com 1.024 seguidores (Figura 1) e a faixa etária da maioria dos seguidores continua sendo de pessoas adultas de até 45 anos (61 %), sendo na sua grande maioria composta por mulheres (Gráfico 2). Salienta-se que as definições de gênero foram estabelecidas conforme os dados apresentados pelo *Instagram*. Em conclusão, o perfil está tendo um alcance de 8.471 contas que acessam as publicações mensalmente e 26.344 impressões mensais.

Dessa forma, no período analisado (março de 2020 a abril de 2021), foram contabilizadas 108 publicações (Gráfico 3) produzidas e classificadas em quatorze grupos, de acordo com o seu tema principal. No tema referente a COVID-19, por exemplo, foram vinte e seis publicações abordando assuntos como a transmissão do vírus, a prevenção, o tratamento e a desmistificação das *fake news*.

A equipe, em conjunto com profissionais da psicologia e da psicopedagogia, trouxe temas importantes para este momento de isolamento social,



Gráfico 1: Dados do alcance do @ufrjniiec entre 2020 e 2021. Fonte: Do autor.

como a saúde mental em tempos de pandemia, a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a desigualdade social e o autismo.

Com o intuito de realizar divulgações de cunho científico, histórico e literário, são realizados semanalmente, na série NiEC indica, recomendações e sugestões de livros, documentários, filmes com propósitos educativos e atuais, além de cursos *on-line*, priorizando os temas socioambientais.

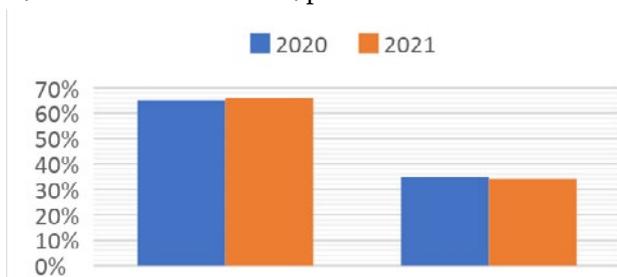


Gráfico 2: Quantidade de seguidores divididos por gênero. Fonte: Do autor.

O grupo começou a produzir vídeos explicativos no IGTV (aplicativo de vídeo do *Instagram*) sobre a utilização do álcool 70% para higienização das mãos e, desde então, já foram publicados mais de dez vídeos de curta duração de cunho informativo sobre diferentes assuntos. No âmbito do tema vacina, houve quatorze publicações que abrangem desde as atualizações sobre as principais vacinas contra a COVID-19 ao processo de sua fabricação e a importância da imunização.

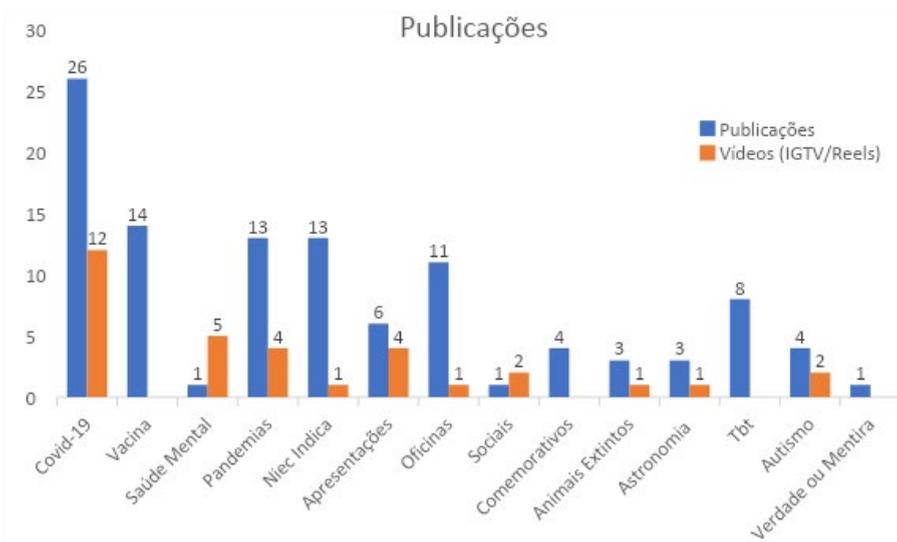


Gráfico 3: Quantidade de publicações entre 2020 e 2021. Fonte: Do autor.

Por fim, destaca-se a série *Pandemias*, produzida desde 2020 e disponibilizada mensalmente, que descreve epidemias mundiais, suas histórias, agente infeccioso, tratamento e curiosidades. Essa série tem o intuito de relembrar que a humanidade não está vivenciando uma época de pandemia pela primeira vez e que algumas doenças permeiam o nosso planeta até hoje, como a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e a tuberculose.

3. RELATOS DOS MONITORES

A atuação dos monitores durante esse período foi fundamental para a continuidade do projeto. A criação de conteúdo, as edições dos vídeos e as atividades desenvolvidas os tornaram os principais atores no diálogo com os seguidores e a comunidade. Diante disso, alguns relatos dos monitores são apresentados, contando um pouco sobre esse “novo normal” em tempos de pandemia.

O projeto proporciona ao bolsista o papel de protagonista da ação, abrindo espaço para o diálogo e a argumentação no planejamento das atividades, adquirindo assim a experiência e a conexão com a realidade dos alunos da rede pública de ensino. Com isso, antes da pandemia, foi possível aprender a pesquisar, a discutir, a planejar metodologias diferenciadas e a executar as oficinas, além de conhecer alunos e professores das escolas. Assim, além do papel social que essa ação traz à comunidade, adquirimos experiências que a nossa formação não consegue proporcionar. Em 2020, devido a pandemia do COVID-19 e ao fechamento temporário das escolas, o projeto precisou se adaptar para continuar as atividades remotamente. Uma das atividades foi a produção de conteúdo para a rede social *Instagram*, que mantém os integrantes do projeto em atividade domiciliar. Com isso, o perfil que era para divulgação de nossas atividades presenciais, tornou-se o principal veículo de divulgação científica e de apoio para os professores da escola. As maiores dificuldades ocorreram na adaptação tanto como alunos da UFRJ quanto como bolsistas, em continuar com os estudos e as atividades do projeto e, ainda, com as consequências da pandemia em nossa rotina familiar. No entanto, é gratificante, após a discussão, a construção do material didático textual, do levantamento do referencial bibliográfico e do design gráfico, visualizar a publicação pronta, podendo alcançar pessoas diversas e receber os *feedbacks* positivos do trabalho realizado. Espero ter deixado uma contribuição na disseminação das Ciências. *Mariana Kosiba, monitora do projeto desde 2017.*

A pandemia mudou bastante os rumos da extensão, porém, o objetivo do NiEC de democratizar o conhecimento perdurou. No Instagram do grupo, conseguimos passar informações científicas de forma simples e descomplicada, o que permitiu ao grande público interagir com o conhecimento científico. A experiência de participar da produção de conteúdo faz com que o monitor saia de sua zona de conforto, lançando-se em outras áreas do conhecimento. Com isso, é perceptível que o principal pilar do projeto, o ensino interdisciplinar, mesmo com as dificuldades impostas pela pandemia, foi mantido nos meios virtuais. Além disso, o cenário de um vírus pouco conhecido circulando em escala global fez com que a publicação de diversas descobertas sobre o patógeno acontecesse quase diariamente. Tal fato impactou diretamente na divulgação das notícias, visto que foi necessário um estudo recorrente e continuado para atualizar as publicações sobre o novo coronavírus. É relevante ressaltar que o imediatismo do cenário pandêmico se fez presente até em órgãos internacionais, como a Organização Mundial da Saúde, que durante um curto espaço de tempo mudava as recomendações sobre o combate e a prevenção ao SARS-CoV-2 para acompanhar as descobertas científicas. Diante disso, a fim de manter o objetivo do NiEC, foi preciso ajustar essas informações para uma linguagem mais simples e para um formato resumido, de modo que a maioria das pessoas pudessem entender o objetivo de tal medida ser adotada. *Marcia de Sá Ribeiro, monitora do projeto desde 2020.*

Como bolsista, participei presencialmente em conjunto com os demais monitores, frequentando as escolas, as reuniões semanais do grupo e planejando as atividades interdisciplinares em espaços não-formais de ensino. Ainda em 2019, o NiEC criou uma conta na rede social Instagram, com objetivo de divulgar as atividades presenciais realizadas. Em março de 2020, com a implantação do *lockdown*, todas as atividades presenciais foram suspensas e, assim, o projeto precisou se readaptar para continuar em atividade. Mesmo de forma virtual, as reuniões semanais continuaram e, com isso, o grupo elaborou novas ideias para dar continuidade na rede social. Inicialmente, a criação de postagens com o objetivo de informar e esclarecer dúvidas sobre a COVID-19, o vírus responsável pela enfermidade, o Sars-Cov-2. Também foi criada uma série de postagens mensais sobre as dez pandemias que assolaram a humanidade, como forma de elucidar e ilustrar os acontecimentos do passado. Informações sobre educação, saúde e curiosidades da COVID-19 também foram elaboradas para publicações no decorrer de toda a pandemia, enquanto permanecemos sem atividades presenciais. *Priscila Pimenta, monitora do projeto de extensão desde 2019.*

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o ano de 2020, foi observado um aumento na busca por conteúdos informativos confiáveis nas redes sociais sobre temas atuais, como a pandemia, a COVID-19, a vacinação, as desigualdades sociais, o racismo, as *fake news* e as epidemias. A necessidade de combater a desinformação desencadeou a idealização de uma página no *Instagram* aberta a reflexões, discussões e debates, com a finalidade de diminuir a distância entre a linguagem acadêmica e a comunidade. Para isso, o grupo de extensão foi remodelado para a criação de materiais com uma escrita mais simples, clara e atualizada, que pudesse esclarecer as principais dúvidas em uma época de tantas incertezas. Assim, os monitores tiveram que adquirir, em pouco tempo, diferentes conhecimentos profissionais, seja na montagem de design, seja na produção de vídeos para postagem nas redes sociais.

Hoje, o *Instagram* do grupo está com mais de mil seguidores e a página é atualizada diariamente. Novos conteúdos são postados a cada dois dias e o compartilhamento desses materiais tem alcançado a mais de oito mil usuários que acessam essas publicações mensalmente. Novos materiais a serem trabalhados em um processo de interdisciplinaridade estão sendo desenvolvidos e serão apresentados para a ciência e para a formação de uma opinião mais crítica dos usuários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBAGLI, S. Divulgação científica: informação científica para cidadania. *Ciência da informação*, v. 25, n. 3, p. 396-404, 1996.

ALMEIDA, C.; RAMALHO, M.; AMORIM, L. *O novo coronavírus e a divulgação científica*. 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/40823/2/O%20novo%20coronav>

%C3%ADrus%20e%20a%20divulga%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%ADfica.pdf. Acesso em: 10/04/2021.

BRANDT, G. B.; FELIPPI, Â. C. T.; OLIVEIRA, V. C. FACCIN, G. Comunicação e divulgação científicas no desenvolvimento regional: o projeto observadr/covid-19. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 16, n. 4, p.128- 140, 2020.

CACHAPUZ, A.; PRAIA, J.; JORGE, M. *Ciência, educação em ciência e ensino das ciências. Temas de investigação*, Lisboa: Ministério da Educação/ Instituto de Inovação Educacional, 2002.

KENSKI, V. M. Práticas Interdisciplinares de Pesquisa. In: SERBINO, R, V. (org.). *Formação de Professores*. São Paulo: UNESP, p. 309-320, 1998.

NIEC. *Núcleo Interdisciplinar de Ensino e Aprendizagem em Ciências*. Rio de Janeiro. Instagram: @ufrjniec. Disponível em: <https://www.instagram.com/ufrjniec>. Acesso em: 20/04/2021.

TEIXEIRA, A. *Fake news contra a vida: desinformação ameaça vacinação de combate à febre amarela*. 2018. 97 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DAS REDES SOCIAIS: DESAFIOS E SOLUÇÕES PARA A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA NA PANDEMIA



ADELMO BRAGA

MESTRE EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO - UNIRIO

ANA CAROLINA DE JESUS DOS SANTOS

MESTRANDA EM DIVULGAÇÃO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SAÚDE NA CASA DE OSWALDO
CRUZ - FIOCRUZ

ANA LUIZA DA COSTA LIMA VIDAL

LICENCIANDA EM PEDAGOGIA - UFRJ

JOÃO PAULO MORAES

LICENCIANDO EM LETRAS: PORTUGUÊS - UFRJ

LUIZA MORENA SANTOS BARBOSA

GRADUANDA EM PSICOLOGIA - UFRJ

RENAN COSTA BELETTO NERY

LICENCIANDO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - UFRJ

SÉRGIO SAMPAIO CORRÊA

LICENCIANDO EM EDUCAÇÃO FÍSICA - UFRJ

RESUMO

Este relato tem como objetivo descrever atividades realizadas pelo projeto de extensão Diálogos entre a Universidade e a Sociedade: caminhos para a popularização da ciência, durante o período de pandemia de COVID-19, pela equipe de extensão da Casa da Ciência da UFRJ. A ação de extensão teve como foco promover atividades de divulgação científica nas mídias sociais. As atividades foram desenvolvidas durante o segundo semestre de 2020 e, neste trabalho, foram destacadas três ações realizadas pelo grupo, que incluíram seleção, criação e publicação de materiais voltados para alunos e professores da Educação Básica sobre os eixos temáticos de meio ambiente, corpo humano e consciência negra. Para efetivar as ações, foi estabelecido um cronograma que incluiu pesquisa bibliográfica, elaboração de roteiros para publicação, criação de artes e dos materiais, adequação de linguagem e de conteúdo para cada público e para cada rede, revisão de especialistas e publicação.

PALAVRAS-CHAVE

Divulgação Científica; Popularização da Ciência; Mídias Sociais; Educação

1. INTRODUÇÃO

A Casa da Ciência é um Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Localizada no campus da Praia Vermelha, em Botafogo, a Casa desenvolve, desde 1995, diversas atividades, eventos e exposições, que, por meio de múltiplas linguagens, buscam a popularização da ciência.

O impacto da pandemia foi sem precedentes para o desenvolvimento das ações na Casa da Ciência. A crise sanitária fechou as portas para o público de maneira repentina, poucos dias após a inauguração da exposição Alzheimer. Grupos agendados, atividades programadas e equipe organizada para atender aos visitantes já não importavam mais. Todo o trabalho foi resignificado e reorganizado para uma nova realidade. Mais do que nunca, o acesso ao conhecimento e à ciência no Brasil virou questão de vida ou morte, e o direito à educação e à cultura estão cada vez mais ameaçados.

Movidos pelo nosso compromisso social, fomos convocados a desenvolver ações relevantes nas mídias sociais, para que pudéssemos manter e estreitar os vínculos com o nosso público e potencializar a popularização da ciência através das possibilidades digitais, que passamos a explorar mais intensamente. Com isso, formamos grupos de trabalho e organizamos um novo cronograma de atividades para atender a essa importante demanda de manter a Casa da Ciência ativa, promovendo espaços de diálogos sobre ciência, arte e cultura com a sociedade.

É imprescindível estabelecer um diálogo entre a universidade e a sociedade, para superarmos os desafios desse momento juntos, mesmo que virtualmente. Dessa forma, o projeto de extensão Diálogos entre a Universidade e a Sociedade: caminhos para a popularização da ciência, dentro do qual as ações relatadas foram desenvolvidas, conta com a descrição e os objetivos a seguir:

A Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro é um centro de popularização da ciência que explora diversas áreas do conhecimento, por meio de exposições, oficinas, ciclos de palestras, cursos, workshops, audiovisual, artes cênicas, publicações, turismo científico, entre outras ações. O grande desafio é estimular o público a fazer suas próprias descobertas, em atividades que o convidem a formular perguntas, buscar respostas e aguçar a curiosidade. Neste sentido, buscamos realizar atividades para diversos tipos de público, desde crianças até idosos. O presente projeto apresenta três eixos de ações a serem

desenvolvidas na Casa: exposições, atividades e produtos. Estas têm o objetivo principal de aproximar a universidade da população, fomentando uma ação dialógica entre as partes. Todas as ações são desenvolvidas em parceria com diversos institutos da UFRJ, bem como com parceiros externos, a fim de promover um espaço de debate sobre a ciência no cotidiano e sua importância na sociedade. (CUNHA, 2020, Plataforma Currículo Lattes.)

As atividades para divulgação científica foram desenvolvidas pensando em dois formatos de comunicação: publicações detalhadas para o blog Juntos na Casa¹ e publicações mais concisas para os perfis da Casa no *Facebook*² e no *Instagram*³. Essa decisão partiu da compreensão de que os conteúdos inseridos no blog ocupam um espaço de diálogo mais duradouro no ambiente virtual, principalmente em relação às ferramentas de busca, enquanto as postagens nas redes sociais permitem uma interação mais imediata com o público, funcionando como um canal aberto ao diálogo instantâneo, seguindo a perspectiva de uma abordagem cultural da comunicação, “vista como um processo de troca, de participação e de associação” (MARANDINO, 2003, p. 9).

Além disso, considerando a relevância do formato audiovisual na cultura digital, incluímos o envio de vídeos para o nosso canal no *YouTube*⁴. Assim, com os assuntos direcionados para diversos tipos de público, diferentes faixas etárias e, também, um conteúdo especificamente voltado para professores, destacamos aqui as ações realizadas sobre o meio ambiente, o corpo humano e a consciência negra. Os eixos temáticos que nortearam as ações desenvolvidas foram definidos de acordo com as diretrizes de trabalho da Casa da Ciência para o período.

2. EDUCAÇÃO CIENTÍFICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Seguindo com o compromisso de democratização da ciência, direcionamos nossas atividades, principalmente, aos professores da educação básica. A escola, aqui representada pela figura do professor, desenvolve um papel importante na democratização do acesso a bens científicos e culturais, representando para muitos indivíduos a única oportunidade de

1 Disponível em <https://juntosnacasadaciencia.wordpress.com/>

2 Disponível em <https://www.facebook.com/casadacienciaufrj/>

3 Disponível em <https://www.instagram.com/casadacienciaufrj/>

4 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dI1xnKrUooA&t=60s>

contato com esses espaços (CARVALHO, 2016). As limitações impostas pela pandemia e as desigualdades de acesso à informação distanciaram, ainda mais, esses indivíduos dos espaços científicos e culturais, mesmo que disponíveis no ambiente virtual. É, portanto, nesse lugar onde se dá a importância das ações desenvolvidas para os professores, uma vez que elas reverberam na comunidade escolar e, por consequência, na sociedade como um todo.

Dessa forma, sob uma perspectiva de colaboração, tal como apresentado por Costa (2013), ao longo do período, foram elaboradas diversas atividades, buscando contemplar determinado público, considerando as limitações, fragilidades e reorganizações provocadas pela pandemia de COVID-19.

Devido ao impacto da pandemia, todas as esferas da normalidade foram afetadas, principalmente o trabalho, a rotina, a produtividade, ou seja, o tempo como conhecíamos.

Cabe refletir sobre o sentido sociocultural que o tempo exerce nos indivíduos, isto é, a influência no modo como nos relacionamos e a cultura em que nos desenvolvemos está ligada ao momento histórico do qual fazemos parte (HALL, 1997). Sendo assim, a educação e a ciência também são influenciadas por um dado espaço temporal e, nesse sentido, a identidade dos educadores, educandos e pesquisadores é subjetivada conforme sua organização.

Sob uma lógica que visa o progresso, Bauman explica, em Modernidade líquida, que o trabalho instituído pelo capitalismo segue uma linearidade temporal: “O futuro era a criação do trabalho e o trabalho era a fonte de toda a criação” (BAUMAN, 2001, p. 151). Diante do contexto pandêmico permeado por incertezas, o futuro é um objeto não palpável, desconhecido, e as recompensas frutíferas do trabalho executado no presente não são avistadas. Ou seja, frente à crise que enfrentamos, não há um progresso sólido e delimitado.

A partir de uma leitura consciente do tempo em que vivenciamos e descrevemos este relato, o sujeito a quem direcionamos nossas ações de extensão é parte dessa experiência coletiva. Em virtude do contexto em que priorizamos sobrevivência e adaptação ao “novo normal”, o trabalho que desempenhamos nesse período é de resistência. As atividades foram planejadas remotamente e adequadas ao público, com a praticidade de objetos caseiros para fazer ciência, sendo criativas e acessíveis.

Com a finalidade de apresentar o trabalho de divulgação científica que os extensionistas da Casa da Ciência desenvolveram, sob a orientação dos coordenadores, se fez necessário situá-lo em um espaço temporal, contextualizando-o. O próximo passo é descrever as atividades em si, com ajuda de imagens, edições, vídeos e o resultado nas mídias sociais que produzimos no segundo semestre de 2020.

3. CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE O MEIO AMBIENTE

Iniciando a experiência com a elaboração de conteúdos para mídias sociais, nosso primeiro trabalho foi o desenvolvimento de materiais que abordassem a temática do meio ambiente para professores e alunos dos primeiros anos do ensino fundamental. Assim, nos dividimos em dois grupos: um encarregado de elaborar um material em LIBRAS para o público geral (que foi publicado nos principais canais da Casa da Ciência⁵) e o outro de desenvolver um material para professores, pensando em atividades que pudessem ser realizadas com os alunos em um contexto de ensino remoto. Pensando nas interseções entre meio ambiente, preservação e diálogos sobre sustentabilidade, sugerimos uma atividade que envolvesse a reutilização de recipientes de plástico – por exemplo, garrafas PET – como vasos para o plantio de sementes à escolha do aluno.

A proposta visava, além de estimular e aproximar o contato dos alunos com a temática da agricultura, incitar a reflexão de como materiais inseridos em uma lógica do descarte poderiam adquirir a condição de reutilizáveis de maneira simples, visto que o único material necessário era o próprio recipiente, terra, sementes e uma tesoura, para fazer furos na base do vaso e escoar o excesso de água. Sugerimos, também, que a atividade não se encerrasse após a conclusão do projeto, mas que tivesse um caráter aberto e de debate em que o professor propusesse que os alunos pensassem o que aconteceria se o material tivesse sido descartado ao invés de reutilizado, além de instigar a pesquisa por projetos, grupos e ações coletivas que visem à defesa do meio ambiente.

5 <https://juntosnacasadaciencia.wordpress.com/2020/09/26/comunicando-meio-ambiente-em-libras/>

JÁ PENSOU EM PLANTAR COM MATERIAL REUTILIZÁVEL?  para fazer em casa

Vamos experimentar uma nova perspectiva sobre meio ambiente e sustentabilidade!

Fica ligado!

✂️ Você vai precisar de:

- 2 garrafas PETs ou potes de margarina ou de sorvete;
- tesoura;
- porção de terra;
- sementes ou hortaliças.

✂️ Mãos à obra!

O primeiro passo é selecionar os recipientes reutilizáveis: garrafas PETs ou potes. Caso utilize as garrafas, será necessário cortá-las ao meio. Faça furos no fundo do recipiente, para escoar o excesso de água quando regar. Em seguida, preencha $\frac{3}{4}$ de cada metade com terra e espalhe a semente de preferência.

✂️ E agora?

Agora é deixar o plantio em um ambiente com boa iluminação solar e sempre lembrar de regar quando necessário. Após alguns dias, será possível notar a vida no recipiente reutilizado.



Juntos na CASA 

CASA DA CIÊNCIA
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

4. NOÇÕES SOBRE O CORPO HUMANO

Depois do sucesso da exposição Aventura pelo corpo humano, no segundo trimestre de 2019, na Casa da Ciência, elaboramos algumas propostas de atividades para professores e alunos no período da pandemia. A ação Uma viagem pelo corpo humano: atividades para explorar com seus alunos⁶ contou com a participação dos extensionistas para a criação de conteúdo de divulgação científica sobre o assunto. O foco das atividades era o funcionamento das partes do corpo e os cuidados com a saúde.

Para que os professores pudessem desenvolver a temática com seus alunos, sugerimos as seguintes atividades: contação de histórias, sugestão de filme com propostas didáticas para explorar o tema, quebra-cabeça e quiz. Os materiais em PDF foram disponibilizados para download no blog e o vídeo da contação de histórias foi publicado no *YouTube*, no *Facebook* e no *Instagram*, além de uma chamada de divulgação também no Twitter da Casa da Ciência. Seguem exemplos de como ficaram as publicações nos seguintes formatos:

⁶ Disponível em <https://juntosnacasadaciencia.wordpress.com/2020/11/18/viaje-pelo-corpo-humano-com-essas-atividades/>



5. A LUTA NO MÊS DA CONSCIÊNCIA NEGRA

É através do conhecimento e da ciência que construímos bases sólidas para a luta contra todo e qualquer tipo de intolerância. A Casa da Ciência, sabendo do seu importante papel social, não poderia ficar de fora da luta contra o racismo e propôs, para a atividade de novembro, mês da Consciência Negra, uma reflexão sobre a importância da diversidade nos espaços e, também, da representatividade de cientistas negros, entre tantos outros, que atuaram de forma brilhante, lutaram por seus ideais e marcaram seus nomes na história, por seus feitos e protagonismo no meio científico.

Na publicação, foi feito o seguinte questionamento: “Quantos pesquisadores científicos negros ou negras você conhece?”. E nós, extensionistas, optamos por apresentar cinco importantes pesquisadores científicos brasileiros negros e negras que marcaram seus nomes na história. São eles: Maria Beatriz Nascimento, Viviane dos Santos Barbosa, Sônia Guimarães, Juliano Moreira e Milton Santos. Vale ressaltar que, devido ao tamanho da publicação no blog, foi necessário abordar uma quantidade limitada de pesquisadores.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante considerar que, as atividades aqui relatadas, foram realizadas pelo grupo de extensão, composto por mediadores da Casa da Ciência da UFRJ. Dessa forma, o que compreendemos sobre comunicação em museus e mediação de exposições precisou ser reestruturado para atender às especificidades do ambiente virtual, incluindo o aprimoramento na utilização de ferramentas digitais e as nuances da interação com o público, de forma remota. Nesse sentido, ao fazer referência a Hooper-Greenhill

sobre os profissionais da educação em museus, Marandino destaca a importância de reconhecer a multiplicidade da participação dessas pessoas nas atuações culturais e que, como mediadores, percebemos na prática essa nova demanda em tempos pandêmicos:

Cada vez mais se defende que o trabalho desses profissionais não deve se reduzir a uma mera “sala de atividades educativas”, mas deve incluir também a participação no desenvolvimento das exposições, a realização de estudos de público, entre outras iniciativas. Segundo a autora, para se lidar com a complexidade do papel educacional dos museus, deve-se considerar três aspectos: a educação, a interpretação e a comunicação (MARANDINO, 2003, p. 8).

Assim, fica evidente a relevância dessas atividades para a divulgação científica, pois, além de mobilizar temas de interesse público em um momento de necessidade de reafirmação da importância da ciência em consequência da crise sanitária, também explicita a necessidade apontada pela autora de que é “fundamental que os museus invistam na formação dos profissionais que desenvolvem ações voltadas para o público” (MARANDINO, 2003, p. 12), já que, cada vez mais, o foco desses estudos tem se voltado para as relações e para a participação do público na construção de conhecimentos promovida por instituições de educação e cultura.



Por fim, deve ser destacado como o desenvolvimento das atividades impactou na formação de todos os participantes. Formado por um grupo multidisciplinar, o trabalho contribuiu para aprimorar novas habilidades de pesquisa e de produção de materiais digitais, que são cada vez mais necessários no âmbito da popularização da ciência, pois a cibercultura é uma realidade presente e em expansão em nossos tempos. Além disso, muitos mediadores são estudantes de licenciaturas e outros cursos ligados à educação, sendo esse exercício uma oportunidade que nos põe em contato com uma realidade de construção de conhecimento coletivo remotamente e nos faz reconhecer possíveis desafios que enfrentaremos em nossa prática profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CARVALHO, Cristina. *Quando a escola vai ao museu*. Campinas, SP: Papirus, 2016.

CASA DA CIÊNCIA DA UFRJ. Ciência é para todos! Disponível em: <<https://juntosnacasadaciencia.wordpress.com/2020/11/27/ciencia-e-para-todos/>>. Acesso em: 27 de abr. 2021.

CASA DA CIÊNCIA DA UFRJ. Embarque nessa história! Aventuras: conhecendo o próprio corpo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dI-1xnKrUooA&t=60s>>. Acesso em: 27 de abr. 2021.

CASA DA CIÊNCIA DA UFRJ. Facebook da Casa da Ciência da UFRJ. Disponível em: <<https://www.facebook.com/casadacienciaufrj/>> acesso em; 27 de abril de 2021.

CASA DA CIÊNCIA DA UFRJ. Já pensou em plantar com material reutilizável? Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFvBlbwHrAq/>>. Acesso em: 27 de abr. 2021.

CAZELLI, S., MARANDINO, M., STUDART, D. Educação e comunicação em museus de ciências: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências. Rio de Janeiro: FAPERJ, Editora Access, 2003.

COSTA, Andrea. A importância da colaboração museu escola. Guia de visita-ção ao Museu Nacional. Reflexões, roteiros e acessibilidade. Rio de Janeiro, 2013. p. 07-10. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/guia_MN.pdf>.

CUNHA, L. Currículo do sistema currículo Lattes. Brasília, 2020. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/8407353436195136>>. Acesso em 27 de abril de 2021.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Porto Alegre: Educação & realidade, v. 22, n. 2, 1997.

EXTENSÃO CENABIO/UFRJ E A PANDEMIA DE COVID-19: RESISTIR PARA EXISTIR

12

ISABELA DUARTE PAIVA

QUÉREN HAPUQUE BESERRA LUCAS

ANA BEATRIZ VAZ DE ARAÚJO

DANIELLE FERREIRA SILVA FERRAZ

GRADUANDAS DO CURSO DE FISIOTERAPIA - UFRJ

RONALD SANTOS SILVA

GRADUANDO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - UFRJ

RENATA TRAVASSOS

DANIEL MEIRA DOS ANJOS

CAMILA VICTÓRIA SOUSA OLIVEIRA

ADALBERTO VIEYRA

EQUIPE EXECUTORA DO PROJETO CONHECENDO O CENABIO - CIÊNCIA ARTE & EDUCAÇÃO

ISALIRA PEROBA REZENDE RAMOS

COORDENADORA DO PROJETO CONHECENDO O CENABIO - CIÊNCIA ARTE & EDUCAÇÃO

RESUMO

A pandemia de COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, desafiou todos os sistemas que sustentam a nação brasileira, e sua rápida propagação complicou ainda mais a situação da educação no país. Assim como o ensino, que teve que se moldar à nova realidade, os projetos de extensão universitária se adaptaram ao modo remoto como uma forma de resistir para continuar existindo, exercendo, por sua vez, sua função de promover a comunicação entre universidade e sociedade. Assim, no intuito de continuar seu papel na divulgação científica de forma comprometida com a verdade, a equipe executora do projeto *Conhecendo o Cenabio - Ciência, Arte & Educação* criou novas oficinas pedagógicas remotas - intituladas “Fatos e Fakes: COVID-19” e “Vacine-sim” - que buscaram esclarecer dúvidas sobre a pandemia e a vacinação contra a COVID-19.

PALAVRAS-CHAVE

Coronavírus; COVID-19; Vacina; Educação Não-formal; Extensão Universitária.

1. INTRODUÇÃO

As informações propagadas nos meios de comunicação nem sempre se originam de fontes confiáveis. Desconstruir falsas ideias pode parecer um caminho nebuloso, mas torna-se um dever de suma importância, principalmente, quando se trata de uma demanda que leva em consideração a preservação da saúde, e, conseqüentemente, da vida humana. Nesse sentido, a divulgação científica assume o papel de desmistificar a ciência, tornando-a acessível, em uma linguagem amigável à sociedade. A pandemia da COVID-19 - doença causada pelo novo coronavírus Sars-CoV-2¹ - reviveu o reconhecimento à ciência na atualidade que, por muitas vezes, foi negado ou não recebeu a devida atenção no passado. Houve a formação de grandes cooperações internacionais entre cientistas de grandes centros de pesquisa que uniram forças e conhecimento na busca por um imunizante que fosse capaz de combater o vírus SARS-CoV-2. Apesar disso, muito se foi falado no que concerne ao descrédito quanto à segurança das vacinas elaboradas e fez com que grande parte da população duvidasse ou desconhecesse sua importância. A discordância que prevalece na sociedade está alinhada com a desinformação e com a grande onda de *fake news* que assombra o cotidiano das redes sociais. A frase “a informação levou à desinformação” agrega cada vez mais sentido em comunidades influenciadas pelo negacionismo. Mesmo se tratando de um país emergente, o Brasil possui um sistema de saúde que é referência no mundo todo e um sistema de vacinação que abrange dimensões continentais de forma extremamente eficaz. Contudo, em meio ao cenário pandêmico que se estabeleceu, houve a escassez de ações consistentes que levaram o país a enfrentar crises hospitalares.

Ao excesso de quantidade, em detrimento da qualidade da informação, surgiu um termo novo chamado “infodemia” (DUARTE e GARCIA, 2020), e esse é um dos aspectos em que o projeto de extensão *Conhecendo o Cenabio: ciência, arte e educação* do Centro Nacional de Biologia Estrutural e Bioimagem (Cenabio) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) ajuda a contrapor, utilizando fontes verídicas para o combate à desinformação de forma acessível, simples e direta.

1 “A Covid-19 é uma doença complexa, multissistêmica e que evolui em fases cujos sintomas e prognóstico depende da fase em que o paciente se encontra. Embora a característica clínica fundamental da doença da COVID-19 seja respiratória, também existem complicações neurológicas, renais, digestivas, cardíacas e em outros órgãos”. BARJUD, Marina. COVID 19, uma doença sistêmica. Revista da FAESF, vol.4. 2020.

Contextualizando historicamente, é importante destacar um acontecimento que marcou o Brasil e que possui destaque nas aulas de história sobre o sistema de educação tradicional: A Revolta da Vacina². Com isso, nos questionamos por que, mais de um século após a violenta epidemia de varíola, a rejeição por vacinas ainda se faz presente? Como ainda é possível tamanha desinformação estando na era da informação³? O grande período que separa aquela epidemia dessa pandemia nos revela o quão ineficiente fomos em informar à população sobre a importância da ciência e de suas descobertas. Naquela época, as camadas populares acreditavam no boato de adquirir feições bovinas caso fossem vacinadas (FIOCRUZ, 2005) e, ainda hoje, há boatos semelhantes. Somente a educação tradicional, ou seja, aquela realizada em uma escola, não é suficiente para dar conta da importância da ciência para a evolução da sociedade. É preciso que as pessoas enxerguem a ciência de uma forma que seja possível entender a importância de suas descobertas. Aprofundar questões sobre a importância da imunização coletiva pode contribuir para o exercício da cidadania mais consciente.

Visando, então, buscar ações que ajudem a minimizar os efeitos das questões referentes à infodemia, as universidades e, conseqüentemente, os projetos de extensão universitária, necessitam exercer uma função fundamental ao levar informação de dentro dos muros da universidade para a sociedade, atingindo comunidades que vão muito além da científica.

Sendo assim, com o início da vacinação contra a COVID-19 em todo o mundo e com o crescimento da desinformação, surgiu o crescimento da demanda por informações confiáveis e a necessidade de desenvolver ações com o intuito de ajudar a população, esclarecendo dúvidas e desmistificando *fake news* sobre essa vacinação. Dessa forma, a equipe do projeto de extensão universitária *Conhecendo o Cenário: Ciência, Arte & Educação*, desenvolveu a campanha “Vacine, sim!”, em que foram desenvolvidos *cards* informativos com dúvidas comuns e um vídeo - posteriormente

2 “Em meados de 1904, chegava a 1.800 o número de internações devido à varíola no Hospital São Sebastião. Mesmo assim, as camadas populares rejeitavam a vacina, que consistia no líquido de pústulas de vacas doentes”. FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (Fiocruz). A Revolta da Vacina. Agência Fiocruz de Notícias, 2005.

3 “Era da Informação é um termo utilizado para se referir à realidade tecnológica como mediadora das relações humanas e das interações entre máquinas, estas últimas cada vez mais autônomas.” GUEDES, L. F. A. Era da informação: o que é e quais são os efeitos nas empresas. Fundação Instituto de Administração, 2019.

transformado em *podcast* - sobre a vacinação contra a COVID-19, que foram utilizados como material para a divulgação científica nas redes sociais do projeto, baseada em fontes confiáveis.

1.1. AÇÕES EXTENSIONISTAS E A PANDEMIA DA COVID-19: RESISTIR PARA EXISTIR

Há alguns anos, prepondera-se na mídia tradicional um modelo verticalizado, no qual o jornalista era o principal responsável por repassar as informações ao público, seja em jornais impressos, em jornais televisivos ou em rádios. (FERNANDES e cols. 2020) Apesar de isso ainda acontecer, a sociedade passa por uma mudança bastante evidente nos circuitos informativos, com o leitor/consumidor das mídias também possuindo destaque para divulgar as informações. Devido à globalização e à maior facilidade do acesso à internet, as pessoas comuns podem divulgar informações sem o compromisso com a veracidade dos fatos que um profissional jornalista teria, por exemplo. Isso resulta no excesso de informações, que acabam se misturando entre fatos e *fakes*.

Conforme citado por Fernandes e cols. 2020, a era da pós-verdade se dá pela “combinação calculada de observações corretas, interpretações plausíveis e fontes confiáveis em uma mistura que é, no conjunto, absolutamente falsa e interesseira”. Nesse sentido, com o público em geral mais ativo, as pessoas podem se sentir mais confortáveis para criar suas próprias verdades e disseminá-las em prol de seu favorecimento. Seguindo a mesma temática:

A era da pós-verdade se dá com a quebra da confiança, considerada como mecanismo fundamental de sobrevivência humana, base para o sucesso de qualquer relacionamento humano. A quebra de confiança nas instituições cria uma tendência à crença em teorias conspiratórias, tendo, assim, um campo favorável para a desinformação. (FERNANDES, 2020, p.7).

Como supracitado, o mundo passa por uma infodemia e, na era da pós-verdade, esse excesso de entendimentos se associa à disseminação de informações com caráter duvidoso, crenças internas, sentimentos e achismos que têm sido colocados à frente dos fatos e dos estudos científicos. Os profissionais da educação e os cientistas travam uma verdadeira batalha contra a desinformação, a negação das vacinas, o fomento de tratamentos ineficazes contra a COVID-19 e a incredulidade que se criou em cima da ciência. (ESCOBAR, 2021).

Diante da observação da necessidade de continuar com seu papel de divulgador científico comprometido com a verdade e com as necessidades

atuais de informações da sociedade, a equipe do extensão do Cenabio - empenhada em elaborar projetos que respondessem a demanda de cunho urgente e necessário da sociedade sobre a pandemia de COVID-19 - que já havia iniciado a adaptação das suas oficinas pedagógicas ao modo remoto, com a Oficina “Fatos e Fakes: COVID-19”, publicada com mais detalhes em TRAVASSOS (2020), criou uma nova oficina pedagógica, dessa vez em forma de campanha intitulada “Vaccine-sim”, ambas com intuito de esclarecer dúvidas por meio de informações verídicas acerca da pandemia da COVID-19 e das vacinas desenvolvidas contra ela.

1.2. OFICINA DE FATOS E FAKES

A oficina de fatos e *fakes* foi realizada com estudantes entre 8 e 12 anos, com o intuito de instigá-los a se questionarem sobre o que é um cientista e seu papel na sociedade. Essa dinâmica levantou diversas dúvidas entre os jovens que, posteriormente, foram estimulados ainda a criar *fake news* sobre si mesmos, de forma lúdica e descontraída, a fim de ambientalizá-los. O foco principal da oficina, entretanto, se dava na criação, pelos extensionistas, de afirmações a respeito da COVID-19 e que a partir delas as crianças tentassem chegar a um consenso a respeito da veracidade dessas afirmações, dizendo se achavam que eram fato ou *fake*. (TRAVASSOS et al; 2020). Obviamente, por conta da pandemia, todo esse processo ocorreu no formato *online*, através de plataformas de videoconferências, e certamente, mesmo que desenvolvida remotamente, as atividades foram proveitosas a todos aqueles participantes envolvidos. Quando consideramos que o público-alvo da oficina foi infantojuvenil, acreditamos que a grande vantagem em alcançar primeiramente esta categoria esteja na ideia de que a aceitação, por parte de crianças, de qualquer que seja o assunto, é bem mais fácil do que em adultos, em função do pouco conhecimento prévio e pré-conceitos sobre o assunto e visto que a neuroplasticidade⁴ das crianças contribui enormemente para a absorção mais rápida de conhecimento. Quando a divulgação científica atinge um público cada vez mais jovem, consegue-se construir bases mais sólidas para a edificação do conhecimento científico no futuro.

4 A neuroplasticidade se refere a capacidade do sistema nervoso de se adaptar em nível estrutural e funcional ao longo de seu desenvolvimento, ocorrendo no cérebro de crianças de forma mais acentuada em função de seu alto nível de maleabilidade celular. Purves, D. et al. Neuroscience. *Sinauer Associates, Inc. 3rd ed.* 4, 7 (2004).

1.3. OFICINA “VACINE, SIM!”

A crescente ideologia negacionista, que põe em xeque os preceitos já fundamentados pela ciência, outrora levantou conspirações a respeito do aquecimento global, e agora, com o advento das vacinas produzidas contra o novo coronavírus, ressurgiu com o movimento antivacina. Os motivos pelos quais isso acontece variam em diversos aspectos, desde interesses religiosos a políticos. Mas, o fato é que os apoiadores do negacionismo estão ganhando cada vez mais adeptos ao generalizar argumentos superficiais não comprovados frente a uma estratégia para solucionar um problema de saúde coletivo. Por esse motivo, a utilização das redes sociais para a divulgação massiva e urgente de fatos verídicos é primordial para diminuir a desinformação e levar a sociedade a se questionar sobre os conteúdos que recebe diariamente nelas. O Cenabio, mais precisamente a equipe do projeto de extensão *Conhecendo o Cenabio - Ciência, Arte & Educação*, por sua vez, elaborou uma campanha intitulada “Vacine, sim!”, com o objetivo de esclarecer as principais dúvidas a respeito das vacinas e desmentir boatos que surgiram.

Assim que a vacina foi disponibilizada em território brasileiro, o Cenabio buscou elaborar um projeto acessível e educativo que fosse divulgado nas principais redes sociais, com destaque para o *Instagram*.

Foram confeccionados vinte e quatro *cards* para serem utilizados na campanha “Vacine-sim!”, veiculada em fevereiro de 2021 e divulgadas no perfil do *Instagram* @cenabioufrj, perfil do *Facebook* Cenabio Extensão, no canal do *YouTube* Cenabio Extensão, além de veiculadas como conteúdo informativo pelo e-mail institucional do Cenabio. Reuniões foram realizadas de forma remota, com intuito de desenvolver o conteúdo informativo e discutir quais informações relevantes seriam repassadas ao público de modo simples e direto. Primeiramente, pesquisamos e reunimos em um único documento colaborativo as principais dúvidas referentes às vacinas, além de curiosidades sobre elas e conceitos básicos, em uma linguagem objetiva, mas não necessariamente informal; buscamos, a todo momento, nos basear em fontes seguras e confiáveis, sejam artigos científicos validados, sites de instituições reconhecidas, como a Fiocruz, e outras vinculadas ao Ministério da Saúde ou ainda a Organização Mundial da Saúde (OMS).

Posteriormente, um grupo de estudantes extensionistas, funcionários e colaboradores ficou responsável por fazer os *cards*, que são espaços retangulares com informações resumidas e ilustradas. Como é

possível observar nos dois exemplos abaixo (Figura 1), os *cards* seguem um degradê chamativo e contêm imagens divertidas que condizem com o que está sendo informado. Todas as imagens foram cuidadosamente separadas, para que ambos gêneros e raças fossem representados igualmente.



Figura 1: Exemplos dos cards elaborados na campanha “Vaccine-sim”.

A tarefa de resumir conteúdos densos em um espaço pequeno e que, apresente uma linguagem acessível e chame a atenção do leitor, não foi uma tarefa simples, por isso, nossa equipe, mesmo que dividida em grupos, trabalhou em harmonia e com constantes consultas entre si. Ademais, optou-se por colocar as referências através do QR code⁵ por ser uma

5 O QR Code é uma evolução do código de barras — que existe desde 1970 e revolucionou a identificação de produtos. Ele consiste em um gráfico 2D (o código de barras comum usa apenas uma dimensão, a horizontal, enquanto o QR usa a vertical e a horizontal) que pode ser lido pelas câmeras da maioria

forma mais fácil de consultá-las, além de ocupar menos espaço e gerar mais informação. No intuito de fazer o público se identificar com a campanha e torná-la mais interessante, foi produzido um vídeo onde pessoas voluntárias, de diversas idades, gênero e profissões, falavam ao público sobre as vacinas e o disponibilizamos nas redes sociais do projeto. As falas foram previamente selecionadas e extraídas do documento da campanha e seu áudio foi extraído do vídeo e colocado num formato de *podcast* para ser enviado para rádios com o objetivo de alcançar maior audiência e se espalhar o máximo possível, podendo assim atingir públicos que não eram o foco inicial, mas que puderam ser também contemplados.

2. RELATO DAS EXPERIÊNCIAS

Após a execução das atividades de extensão, realizamos uma reunião para dialogar com os aprendizados da equipe executora, uma vez que consideramos ser de extrema importância a oportunidade de compartilhar as experiências das ações extensionistas, principalmente para nós, educadores, pesquisadores e estudantes universitários, que entendemos que o campo da extensão vai para além do ensino e da pesquisa. Acreditamos ainda que uma extensão consciente é aquela que busca responder às demandas sociais frente aos problemas que nos deparamos no cotidiano, promovendo uma articulação das diversas organizações da sociedade civil com a comunidade acadêmica. Por isso, nada mais coerente que construirmos as interlocuções entre pessoas e soluções.

Também pedimos a algumas pessoas que assistiram o vídeo ou visualizaram os *cards* informativos, que fizessem um relato de como se sentiram ao receber aquelas informações e quais foram suas principais percepções com o material, sendo demonstrado a seguir:

Entrevistado 1: “Na minha opinião, o projeto de extensão se manteve super atualizado, trazendo informações sobre a pandemia de COVID-19, tratando de acontecimentos muito importantes e presentes nesta pandemia, a difusão de informações falsas ou com fontes não confiáveis. Além disso, tratar de vacinas foi de extrema importância para difundir uma ideia, que acabou ficando tão polêmica, e desmistificar questões simples como ‘eu posso contrair a doença tomando a vacina’ ou ‘como funciona a vacina dentro do corpo humano’. Acredito que fazê-la por meio de vídeo com pessoas de

dos celulares (alguns modelos ainda requerem aplicativos específicos para isso). Você sabe o que é o QR Code? A gente explica. Olhar Digital, 2019.

diferentes gêneros, etnias e idades, tornou algo mais interativo e corriqueiro. Todos recebemos milhares de vídeos por dia, se todos fossem úteis como este projeto, as pessoas estariam munidas de muito mais informações úteis!”

Entrevistado 2: “Para mim, foi de suma importância a produção dos materiais que ajudaram a esclarecer dúvidas sobre a pandemia que enfrentamos. O vídeo e os cartões produzidos pela equipe do Cenabio sobre a COVID-19 e conseqüentemente abordando a importância da vacinação contra essa doença, trazendo informações confiáveis de forma simples, foram muito importantes para ajudar a esclarecer a população. Eu mesma enviei a todos os estudantes da escola na qual sou diretora, e recebi muitos elogios, pois ajudou bastante aquela população, visto que hoje em dia o que escutamos de notícias mentirosas é devastadoramente grande e a maioria das pessoas não sabe diferenciar o que é fato do que é *fake*.”

Entrevistado 3: “Em tempos que boa parte da população tem fácil acesso a diversas informações, é relevante enfatizarmos a importância destas serem de fontes confiáveis. Quando se refere a um dos assuntos mais comentados e discutidos da atualidade, os holofotes devem ser ligados para a veracidade da informação, assim como a importância dessas informações chegarem à população com uma linguagem acessível e de fácil entendimento. Assim, considero que o vídeo produzido pelo Cenabio se encaixa nessas necessidades, a junção de um laboratório com reconhecimento mundial com a utilização de uma metodologia de fácil entendimento, com pessoas fora do contexto acadêmico esclarecendo dúvidas e ressaltando relevantes informações, gerou um vídeo didático e de extrema utilidade para o momento em que vivemos.”

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a divulgação científica ainda necessita alcançar uma grande parcela da sociedade, visto que essa é constantemente bombardeada com informações que se misturam entre o que é verídico e o que é duvidoso. A enorme crise sanitária que foi instalada no Brasil devido à pandemia de COVID-19 fez com que as ações extensionistas do Cenabio encontrassem nesse contexto uma necessidade imediata de levar informação científica à sociedade, esclarecendo dúvidas não somente a respeito da vacinação - que entrou em vigor somente em janeiro de 2021 no país - mas também sobre as *fake news* que eclodiram junto ao caos pandêmico. Portanto, em meio a esse cenário, a equipe do projeto de extensão *Conhecendo o Cenabio - Ciência, Arte & Educação*

obteve grande alcance tanto ao elaborar a oficina de fatos e *fakes* atingindo o público infanto-juvenil, quanto ao criar a campanha “Vacine, sim!” que foi veiculada nas redes sociais. Além disso, as campanhas proporcionaram conhecimento aos próprios extensionistas que participaram das atividades, uma vez que, com as pesquisas feitas em diversas fontes confiáveis e validadas, foi possível elucidar dúvidas que a própria equipe possuía a respeito das vacinas contra a COVID-19.

Em suma, o projeto cumpriu sua função social de levar informação de qualidade à população, quebrando barreiras que separam o saber científico do saber comum, tendo em vista o árduo trabalho de transformar uma linguagem técnica em uma comunicação mais acessível. Esclarecer as dúvidas no que se refere o campo das vacinas - como por exemplo a sua rápida fabricação, as etapas do ensaio clínico e os possíveis efeitos colaterais - foi um desafio encarado pelos extensionistas do projeto e seus colaboradores de forma bastante comprometida, os quais continuam na missão de combater as inverdades e de suprir as questões sociais vigentes.

AGRADECIMENTOS

À todas as pessoas que participaram na gravação do vídeo: Amanda dos Anjos, Anna Thereza Peroba, Dallya Pontes, Eloisa Maria, Heloisa Lima, Isabela Santos, Jaqueline Donadia, Maria do Socorro Peroba, Pedro dos Anjos, Rodrigo Barboza, Tais Kasai, Tuane Vieira, Tula Celeste e Vinicius Seabra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRION, Roseli. Você sabe o que é o QR Code? A gente explica. *Olhar Digital*, 2019. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2019/09/14/seguranca/voce-sabe-o-que-e-o-qr-code-a-gente-explica/>. Acesso em: 22 abr. 2021.

BARJUD, Marina. COVID 19, uma doença sistêmica. *Revista da FAESF*, v. 4., p. 4-10, jun. 2020. Disponível em: <https://www.faesfpi.com.br/revista/index.php/faesf/article/view/108/94>. Acesso em: 14 abr. 2021.

ESCOBAR, Hertton. *A ciência contra o negacionismo*. Jornal da USP, São Paulo, 22 jan. 2021. Ciências. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/a-ciencia-contra-o-negacionismo/>. Acesso em: 09 abr. 2021.

FERNANDES, C. M. *et al.* A Pós-verdade em tempos de Covid 19: o negacionismo no discurso de Jair Bolsonaro no Instagram. *Liinc em Revista*, v. 16, n. 2,

p. e5317, 11 dez. 2020. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5317>. Acesso em: 14 abr. 2021.

FERRARI, Elenice A. de Moraes et al. Plasticidade neural: relações com o comportamento e abordagens experimentais. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 17, n. 2, p. 187-194, ago. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So102-37722001000200011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 abr. 2021.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (Fiocruz). A revolta da vacina. *Agência Fiocruz de Notícias*, 2005. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/revolta-da-vacina-2#:~:text=Em%20meados%20de%201904%2C%20chegava,ser%20inoculado%20com%20esse%20l%C3%ADquido>. Acesso em: 09 abr. 2021.

GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Elisete. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v. 29, n. 4, e2020186, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222020000400100-&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 abr. 2021.

GUEDES, L. F. A. Era da informação: o que é e quais são os efeitos nas empresas. *Fundação Instituto de Administração*, 25 jan. 2019. Disponível em: <https://fia.com.br/blog/era-da-informacao/>. Acesso em: 16 abr. 2021.

PINHEIRO, Lena; VALERIO, Palmira. *Da comunicação científica à divulgação*. Transinformação, vol. 20, núm. 2, agosto, 2008, pp. 159-169. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384334798004>. Acesso em: 09 de Abril de 2021.

PURVES, D. et al. *Neuroscience*. 3. ed. Oxford: Sinauer Associates, 2004.

TRAVASSOS, Renata et al. Divulgação científica em tempos de pandemia: a importância de divulgar o fato em meios às fakes. *Raízes e Rumos*, Rio de Janeiro, v. 8 n. 2, p. 231-239, jul.-dez. 2020. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/raizeserumos/issue/view/413/showToc>. Acesso em: 16 abr. 2021.

JUVENTUDE(S): INTERVENÇÕES URBANAS DE ARTE-CULTURA NO TERRITÓRIO EM TEMPOS DE PANDEMIA

13

BEATRIZ AKEMI TAKEITI

COORDENADORA DO PROJETO *JUVENTUDE(S): INTERVENÇÕES URBANAS DE ARTE-CULTURA NO TERRITÓRIO*

MONICA VILLAÇA GONÇALVES

DOCENTE NO DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL - UFES

GABRIELE ROSE GERALDO CARVALHO CANEDO

GRADUANDA EM TERAPIA OCUPACIONAL - UFRJ

KHARINE DANTAS SANTOS GIL DE ALMEIDA

GRADUANDA EM SERVIÇO SOCIAL - UFRJ

LUCAS EDUARDO SOARES DE MORAES

GRADUANDO EM TERAPIA OCUPACIONAL - UFRJ

RESUMO

O projeto *Juventude(s): intervenções urbanas de arte-cultura no território* tem como objetivo realizar oficinas de arte-cultura com jovens moradores do Complexo do Alemão, buscando ampliar os repertórios educacionais, ocupacionais e sociais para a formação em cidadania e direitos humanos. As ações do projeto aconteciam presencialmente em diferentes localidades do território, prioritariamente em uma escola e em uma ONG. Com a pandemia de COVID-19, o projeto teve que reinventar suas ações e passamos a impulsionar e fortalecer nossas parcerias através do uso das redes sociais virtuais. Dessa forma, percebemos que o trabalho com as redes virtuais tem sua potência no diálogo com os jovens e outros atores do território, embora entendamos que não substitui as ações presenciais. O projeto *Juventude(s)* segue aberto a transformações de acordo com as demandas que surgem de nossos parceiros.

PALAVRAS-CHAVE

Juventudes; Arte-cultura; Favela; Mídias Sociais; Internet.

1. APRESENTANDO O PROJETO JUVENTUDE(S)

O projeto *Juventude(s): intervenções urbanas de arte-cultura no território* surgiu em 2015 a partir da proposta de duas professoras do Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ambas, já com experiências anteriores no trabalho com as juventudes periféricas, em diferentes contextos, iniciaram a busca por parceiros nas favelas que circundam a Ilha do Fundão, para o auxílio na construção de uma ação extensionista com jovens dessas favelas.

Entendendo a extensão como um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade (UFRJ, 2013), a busca por parceiros e o reconhecimento do território em que iríamos atuar era primordial para a elaboração de uma ação que efetivamente fosse significativa para a comunidade. Destacamos, ainda, que em consonância com o Plano Nacional de Extensão Universitária, o que buscamos foi sempre apostar em uma “relação bidirecional entre a universidade e a sociedade” (BRASIL, 2001, p. 8), com a valorização dos diferentes saberes acadêmicos, populares e territoriais na busca de soluções para problemas sociais.

Nessa trajetória, estabelecemos duas parcerias *a priori*: uma com um colégio estadual de Ensino Médio e outra com uma Organização Não-governamental (ONG), ambos localizados no Complexo do Alemão e adjacências, no Rio de Janeiro. Assim, esse foi o território no qual decidimos estabelecer nossas ações.

Definimos como objetivo do nosso projeto, então, após conhecer, reconhecer, ouvir e dialogar com nossos parceiros, a realização de oficinas de arte e cultura com jovens do Complexo do Alemão, acreditando no potencial das abordagens estéticas e culturais para interferir no cotidiano de jovens em situação de vulnerabilidade e desfiliação social. As oficinas buscam fomentar discussões, reconhecimento identitário juvenil e ampliar os repertórios educacionais e sociais para a formação em cidadania e direitos humanos (VIEIRA FILHO; GONÇALVES; TAKEITI, 2020).

Ao longo desses anos, de acordo com as demandas territoriais, criamos e recriamos nossas intervenções: tivemos momentos de oficinas pontuais na escola e na ONG com um grupo fechado de jovens; em outro, as oficinas foram itinerantes em diferentes espaços do Complexo do Alemão, por onde os jovens circulavam (Centro de Referência da Juventude,

Clínica da Família, Centro Cultural, etc); trabalhamos nesse momento a articulação da rede dos diversos atores que trabalham com as juventudes do local; realizamos alguns encontros; e construímos uma rede de comunicação via *WhatsApp*, a fim de estreitarmos as parcerias com equipamentos e serviços voltados aos jovens e adolescentes, além de ser este um espaço de debates e disseminação de informações sobre a juventude.

Em 2020, planejávamos dar continuidade com as ações *in loco*, articulando a rede e aprofundando as temáticas com as juventudes em diferentes contextos institucionais. Em fevereiro, o planejamento para a realização de oficinas foi construído e uma nova equipe de estudantes foi selecionada para compor o projeto. Porém, com a pandemia de COVID-19, tivemos que nos reorientar no campo da extensão, nos reinventando diante de uma crise sócio-sanitária, para que continuássemos compartilhando dos saberes junto aos jovens locais.

2. CRIANDO E RECRIANDO NOSSAS PRÁTICAS: COMO PENSAR A EXTENSÃO EM UM CONTEXTO DE PANDEMIA?

O trabalho com as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) sempre esteve presente no projeto *Juventude(s)*, conforme já relatamos anteriormente (SILVA, *et al.*, 2018). Afinal, o uso das mídias sociais faz parte do universo do público com o qual atuamos, os jovens.

Sabe-se que, na atualidade, novas TICs que surgiram com o advento da internet estão cada vez mais presentes na vida e no cotidiano das pessoas, impactando nas formas de relacionamento, organização e comunicação social. Com os jovens, tais tecnologias possuem um espaço ainda mais central na produção de subjetividade e construção de redes sociais e afetivas. Tendo, como consequências, mudanças sociopolíticas e culturais que ampliam a interatividade, podendo colaborar com o ativismo e a organização de coletivos e movimentos sociais – o que tem sido chamado, por alguns autores, de *ciberativismo* (FERIGATO; SILVA; LOURENÇO, 2019).

Por isso, o uso das redes sociais digitais sempre estiveram presentes no projeto *Juventude(s)*, como uma forma de nos comunicarmos com os jovens que participavam de nossas oficinas mesmo quando não estávamos presencialmente no território.

Ainda em 2015, quando iniciamos um trabalho de reconhecimento da rede intersetorial de serviços, coletivos e espaços que trabalhavam com

as juventudes do Complexo do Alemão, criamos um grupo de *WhatsApp*, chamado “Rede Juventudes do Alemão”. Neste grupo, trocávamos informações sobre projetos, oportunidades e eventos que de alguma forma se relacionassem com essa população. Também, através dela, conseguimos organizar alguns encontros presenciais para discutir a articulação entre diversos atores.

Posteriormente, criamos uma página e um perfil no *Facebook* e um perfil no *Instagram*. Usávamos essas redes sociais para divulgar nossas ações e registrar nossas memórias. Em seguida, por demanda dos próprios jovens da escola, começamos também a nos comunicar pelo *Twitter*.

Em 2018, alguns estudantes extensionistas do curso produziram um mini documentário sobre o projeto, e inauguramos então nosso canal no *YouTube*, para hospedar essa produção, que foi compartilhada em todas as nossas redes. Um outro extensionista fez também uma página no *Tumblr* para registro das atividades realizadas pelo projeto.

No entanto, até o momento, essas redes, apesar de importantes, ainda não eram o foco das ações do projeto. Dessa forma, funcionavam como um dispositivo para as atividades do projeto, com a função de comunicação e registro de memórias das ações.

Entretanto, em 2020, com a chegada da pandemia e a impossibilidade de estarmos presencialmente no território, as redes tomaram um outro lugar no projeto, passando agora a serem as protagonistas de nossas ações.

Tivemos, então, que estudar e reinventar o projeto para as condições deste momento, conversando com nossos parceiros e refletindo sobre novos caminhos a serem traçados.

Então, em 2020, nossa primeira ação foi a realização do projeto *Minha Vida na pandemia*, uma adaptação da ação de extensão *Minha Vida Dá Um Livro*¹ para as redes. No “Minha Vida na Pandemia”, a proposta foi a produção de narrativas livres e de uma escuta sensível de jovens sobre suas histórias, experiências de vida, cotidiano e atividades durante a pandemia. Nossa proposta foi, então, a de continuar em contato com os jovens do projeto durante o trabalho remoto, o que foi possível de forma virtual. Convidamos moradores do Complexo do Alemão que participavam das

1 O projeto de extensão *Minha Vida Dá Um Livro* constitui-se em uma ação de extensão vinculado ao Departamento de Terapia Ocupacional, ao Laboratório de Memória, Território e Ocupação: Rastros Sensíveis (LABMEMS/EICOS/IP) e a Coordenação de Políticas de Saúde do Trabalhador (CPST), UFRJ, que vem, desde 2015, se debruçando sobre os estudos da memória e as diferentes formas de produzir e utilizar narrativas, com foco na escuta sensível e qualificação dos encontros produzidos em vários espaços de convívio. Integram o projeto docentes, servidores da UFRJ e estudantes das diversas áreas do saber.

oficinas que realizávamos na organização não governamental e na escola, professores do colégio e estudantes da UFRJ ex-extensionistas do projeto em anos anteriores para gravar pequenos vídeos contando como estava o seu cotidiano durante a pandemia.

Os depoimentos enviados contam sobre as estratégias de reorganização para o trabalho e para o estudo. Algumas angústias, incertezas, medos, violências no território, mesmo no momento da pandemia, e formas de lidar com os sentimentos foram alguns dos temas abordados nestes vídeos por jovens, diretores, professores e educadores sociais. Os vídeos foram editados e disponibilizados em nossas redes sociais.

Após essa atividade, continuamos nos reunindo virtualmente e buscando novas ações que pudéssemos fazer nesse contexto. Criamos uma *newsletter* semanal com um compilado de notícias sobre eventos, oportunidades de trabalho, cursos, palestras e qualificações que pudessem interessar à população do Complexo para o compartilhamento ou participação. Disseminar as informações locais e impulsionar pessoas e as redes no Alemão têm sido uma das estratégias do *Juventude(s)* para permanecer ativo e em interlocução com seus moradores.

Outra estratégia ainda neste ano foi a gravação de um programa piloto de *podcast*,² onde pudemos apresentar aos ouvintes a proposta do projeto, sua trajetória, em quais espaços ocorreram as oficinas e os novos formatos durante o período da COVID-19.

Em 2021, iniciamos nosso trabalho nas redes sociais traçando estratégias centradas na criação de uma identidade visual do projeto. Para isso, buscamos informações e conhecimentos na área do design e marketing digital. Utilizamos a logo já existente do projeto para criar uma paleta de cores, definimos uma fonte única de escrita e selecionamos os elementos mais próximos da logo e da essência do projeto para a criação das postagens.

Além disso, também organizamos um cronograma de funcionamento interno para a dinamização das redes, buscando com que elas estejam sempre

2 Podcast “é uma palavra que vem do laço criado entre iPod – aparelho produzido pela Apple que reproduz mp3 e *broadcast* (transmissão), podendo defini-lo como sendo um programa de rádio personalizado gravado nas extensões mp3, ogg ou mp4, que são formatos digitais que permitem armazenar músicas e arquivos de áudio em um espaço relativamente pequeno, podendo ser armazenados no computador e/ou disponibilizados na Internet, vinculado a um arquivo de informação (feed) que permite que se assine os programas recebendo as informações sem precisar ir ao site do produtor” (BARROS; MENTA, 2007, s/p).

ativas. A partir disso, foi-se estruturando temas relevantes na atual conjuntura e que fossem de interesse dos moradores para criação das postagens.

Assuntos variados foram abordados, como, por exemplo, na primeira semana de março foi idealizada uma homenagem ao dia internacional da mulher. Buscamos parabenizar e homenagear mulheres que atuam diretamente e são referências dentro do Complexo, produzindo postagens e um vídeo curto onde cada convidada falou um pouco sobre quem é, o que faz e como é ser mulher dentro do território.

Além dessa temática, criamos *posts* sobre assuntos socialmente relevantes e de interesse público, como o funcionamento do auxílio carioca, explicando como ele funciona, quem tem direito e seus valores. Conjuntamente, procuramos abordar assuntos referentes à saúde pública com a postagem sobre qual o tipo de máscara mais adequada para a proteção contra COVID-19. Também divulgamos as produções científicas realizadas anteriormente pela equipe do projeto, apresentando alguns artigos que foram publicados.

Diante da necessidade de aprimoramento das postagens e temas, o atual grupo do projeto se dividiu em dois núcleos de trabalho: *Arte e cultura* e *Políticas Públicas*. Dessa forma, cada núcleo escolhe um tema dentro de seu campo e elabora o *post* da semana. Por meio destas estratégias, as redes do *Juventude(s)* conseguiram um maior alcance e engajamento, principalmente no *Instagram*.

Outrossim, para além das postagens e do trabalho com as redes sociais, mantivemos nossas reuniões semanais para planejamento, organização das ações e debates teóricos, a partir da leitura de textos com temáticas referentes à temática do processo. O objetivo dos encontros teóricos é a criação e o desenvolvimento de um senso crítico entre os participantes da equipe, fazendo com que ocorra questionamentos sobre o ser e estar no mundo de jovens que moram e frequentam diversas localidades do município do Rio de Janeiro.

3. ALGUNS RESULTADOS

É importante ressaltar também sobre a materialidade de nossos avanços nas redes sociais durante estes tempos pandêmicos. Isso se expressa, principalmente, nos *insights* de nosso perfil do *Instagram*, onde é possível acessar todos os dados referentes aos nossos resultados. Além disso, cabe

ênfatizar que os resultados também se manifestam no retorno positivo que recebemos da comunidade do Complexo do Alemão (moradores e organizações), como por meio de comentários em nossa página e pelo interesse em participar de ações que desenvolvemos *on-line*.

As estatísticas da rede social *Instagram* são contabilizadas a cada trinta (30) dias. De março a abril de 2021, nossos números foram bastante satisfatórios. No que se refere aos dados gerais, alcançamos 772 contas na rede, o que demonstra um aumento de 71,1%; quanto ao número de seguidores, houve um aumento de 12,6% e até a presente data são 231 pessoas seguindo nossa página; em relação às interações — considerando curtidas, comentários, salvamentos e compartilhamentos — com nosso conteúdo, foram contabilizadas 272 interações; no que diz respeito às impressões — considerando contas alcançadas, visitas ao perfil e cliques no site — foram somadas 2.944 impressões.



Referente aos dados específicos do mesmo período, nota-se que foram realizadas 250 visitas ao nosso perfil do Instagram, o que demonstra um aumento de 82,4% na quantidade dos acessos. Com isso, é possível observar como estamos alcançando mais pessoas devido às atividades e conteúdo que estamos desenvolvendo. Ao todo, foram obtidas 174 curtidas, 18 comentários, 16 salvamentos e 63 compartilhamentos, apenas no período entre março e abril de 2021. Além disso, publicamos um vídeo utilizando a ferramenta reels do Instagram, como forma de divulgar um vídeo postado no YouTube em homenagem ao Dia Internacional da Mulher e, até o presente momento, foram 928 views neste vídeo.

Figura 1 – Página do Projeto Juventudes no Instagram.

Ainda assim, vale acentuar que o crescimento quantitativo é secundário para nós, uma vez que nosso trabalho está, em primeiro lugar, voltado para atingir positivamente a população do Complexo do Alemão. Dessa forma, os números se tornam uma consequência das atividades realizadas. Ainda assim, se debruçar sobre os dados é necessário, uma vez que demonstra a efetividade de nossas ações enquanto projeto e nos incentiva a dar continuidade.

4. REFLEXÕES FINAIS

Compreendemos que a universidade pública tem um compromisso ético e político de estar disponível para transformações diante dos novos desafios impostos pelas necessidades sociais. A formação e as práticas necessitam ser contextualizadas com os problemas locais, regionais e globais, propostas através de ações coletivas democráticas, com produção de conhecimento compartilhado, na busca de cidadania, engajamento e emancipação dos sujeitos e coletivos com que atuamos. Partilhamos as ideias de Paulo Freire (2013) acerca da necessidade de uma educação pautada no diálogo, na democracia, na partilha e na busca da transformação das realidades sociais.

É necessário que a universidade possibilite uma formação crítica que permita a conscientização de seus educandos, processo este que a crítica das relações do sujeito com o mundo, frente ao contexto histórico-social (FREIRE, 1981, 2011). A pandemia de COVID-19 escancarou as desigualdades sócio territoriais brasileiras, afetando de forma desigual a vida das pessoas de acordo com sua classe social, local de moradia e raça (HAESBAERT, 2020; HARVEY, 2020).

Portanto, trabalhar a consciência crítica acerca das injustiças sociais existentes em nossa realidade atual, assim como compreender as situações de opressão que perpassam o cotidiano de parte da população brasileira, é necessário para que se busque o desenvolvimento de ações voltadas a uma transformação social real e construções de um outro futuro, pautado, conforme nos coloca Freire, em sonhos possíveis. Trata-se de um compromisso com o mundo e com nós mesmos, em prol da construção de uma práxis que possa ser transformadora.

Assim, o que compreendemos é que a pandemia, além de escanar a necessidade de ações que busquem a diminuição das desigualdades,

trouxe também a emergência da universidade pública se reinventar diante das restrições necessárias. Trazer a realidade vivenciada por parte da população brasileira nesse momento de crise para as discussões formativas é imperativo se nos propomos a formar profissionais que possam realizar suas ações de forma contextualizada ao tempo-espço em que vivem.

Com todos os limites que nos são possíveis, dentro de um projeto de extensão, trabalhamos no universo microsossial nossos sonhos possíveis, estando disponíveis para as transformações necessárias diante das demandas que nos são colocadas.

Identificamos que o trabalho com as redes sociais digitais tem sua potência no diálogo com os jovens e com os atores sociais do território em que vivem. No entanto, entendemos suas limitações, pois o contato virtual não substitui a interação humana. Esperamos que, em breve, possamos voltar ao território para estarmos juntos fisicamente de nossos parceiros no projeto, e, assim, possamos ir nos transformando juntos sempre que for preciso.

5. NOTA DE FIM:

- Link para as redes sociais do *Projeto Juventude(s)*: Facebook: Perfil Juventudes UFRJ – Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100016764300255>
- Facebook: Página @juventudesufrj – Disponível em: <https://www.facebook.com/juventudesufrj/>
- Instagram: @projetojuventudes. Disponível em: <https://www.instagram.com/juventudesufrj/?hl=pt-br>
- Twitter: @juventudesUFRJ. Disponível em: <https://twitter.com/JuventudesUFRJ>
- YouTube: Canal Projeto Juventude(s) UFRJ. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCIO-YtMeWO99_FqoPdizK6A
- Tumblr: Juventudes UFRJ. Disponível em: <https://www.tumblr.com/search/juventudesufrj>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, G. C.; MENTA, E. Podcast: produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, v. 9, n. 1, 2007. Disponível em: www.eptic.com.br. Acesso em: 25 abr. 2021.

BRASIL. *Plano Nacional de Extensão Universitária. Edição Atualizada*. 2001. Disponível em: https://www.unifal-mg.edu.br/extensao/files/file/colecao_extensao_univeristaria/colecao_extensao_universitaria_1_planonacional.pdf. Acesso em: 27 jun. 2019.

FERIGATO, S. H.; SILVA, C. R.; LOURENÇO, G. F. Cibercultura e Terapia Ocupacional: Ampliando Conexões. In: SILVA, C. R. (Org.). *Atividades Humanas e Terapia Ocupacional: saber-fazer, cultural, política e outras resistências*. São Paulo; São Carlos: Hucitec; AHTO - Atividades Humanas e Terapia Ocupacional, 2019. p. 218-234.

FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio De Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: UNESP, 2011.

HAESBAERT, R. Reflexões geográficas em tempos de pandemia. *Espaço e Economia*, n. 18, p. 1-5, 21 abr. 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/11826>.

HARVEY, D. *Política anticapitalista em tempos de coronavírus*. Tradução de Cauê Seigner Ameni. Jacobim Brasil, 2020. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/03/politica-anticapitalista-em-tempos-de-coronavirus/>.

SILVA, L. M. da; VIEIRA FILHO, P.R.S; TEIXEIRA, K.N.; FERREIRA, M.; TAKEITI, B.A.; GONÇALVES, M.V. Juventude(s) e as ciberculturas: as produções estéticas de divulgação do projeto de extensão pelas mídias sociais. *Anais da 9ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ*, p. 559-560, 2018.

UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Conselho de Ensino de Graduação. *Resolução CEG no. 02 de 2013*, 2013. Disponível em: http://www.poli.ufrj.br/arquivos/dade/CEG2013_02.pdf. Acesso em: 7 nov. 2017.

VIEIRA FILHO, P. R. S.; GONÇALVES, M. V.; TAKEITI, B. A. Os significados e experiências do “Projeto Juventude(S)”. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional — REVISBRATO*, v. 4, n. 2, p. 137-143, 30 abr. 2020. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/31030/pdf_1.

INSPIRAÇÃO: DIVULGAR. INSPIRAR. AGIR

14

VICTOR COSTA

GRADUANDO EM DESENHO INDUSTRIAL - PROJETO DE PRODUTO - UFRJ

LEONARDO KNUST

GRADUANDO EM COMUNICAÇÃO VISUAL DESIGN - UFRJ

LUCAS MILESI

GRADUANDO EM LETRAS: PORTUGUÊS - LITERATURAS - UFRJ

RESUMO

O *InspirAção* é uma das iniciativas desenvolvidas pela USIS (Unidade de Suporte à Inovação Social) que busca divulgar e enaltecer ações de inovação social, sustentabilidade, cidadania e solidariedade acontecendo no Brasil e no mundo. Utilizando as redes sociais como principal veículo de informação, o projeto tem como objetivo ser uma plataforma de compartilhamento e engajamento entre projetos e ações com a sociedade, inspirando pessoas a gerar cada vez mais impactos positivos e transformadores no mundo atual.

PALAVRAS CHAVES

Divulgar; Inspirar; Design; Inovação social.

1. INTRODUÇÃO

A Unidade de Suporte à Inovação Social (USIS) é um projeto de extensão do Programa de Engenharia de Produção (PEP) da UFRJ, que desenvolve ações sociais utilizando metodologias focadas em design, sustentabilidade e inovação social. Segundo Mulgan (2006) a inovação social é uma ideia que visa atender aos objetivos sociais, essa visão fundamenta as iniciativas da USIS que acredita na inovação como um processo de mudança e transformação social.

Em março de 2020, quando a pandemia da COVID-19 afetou o país e resultou na suspensão das atividades presenciais na universidade, a USIS precisou paralisar suas atividades e ações ativas como forma de cumprir com as medidas de segurança e distanciamento social estabelecidas. Apesar disso, a equipe manteve seus encontros de forma virtual, realizando-os através da plataforma de videoconferência Zoom, buscando oportunidades de reinventar suas ações e entender formas de se manter atuante durante o período da pandemia.

Dentro dessas reuniões, um dos temas abordados foi o crescente número de notícias negativas publicadas devido ao alastramento do vírus no país. Muitas dessas notícias, ditas como negativas, retratam a triste realidade do período difícil que o país estava começando a enfrentar. Ao mesmo tempo, observou-se um crescente número de pessoas se sentindo ansiosas, nervosas, com medo e questionando-se sobre formas de ajudar e fazer a diferença durante esse período difícil.

O projeto *InspirAção* nasceu com o intuito de divulgar e enaltecer as ações de inovação social, de cidadania e de solidariedade acontecendo durante o período da pandemia, como forma de inspirar pessoas e reforçar a solidariedade como um dos principais aliados contra a COVID-19. Nossa principal meta é incentivar pessoas a se tornarem agentes ativos e transformadores na sociedade e mostrar que elas mesmas podem replicar ou iniciar atitudes em prol do bem estar social.

2. OBJETIVO

Divulgar, inspirar e agir, essas foram as 3 palavras que deram origem ao *InspirAção*, que tem como principal objetivo divulgar ações que acontecem no Brasil e no mundo e que possuem potencial transformador

na sociedade, desde pequenas atitudes a grandes projetos. Esse conhecimento é compartilhado através das redes e mídias sociais como forma de atingir novas pessoas e inspirá-las a agir e transformar o ambiente, bairro ou cidade em que vivem. O *InspirAção* busca se beneficiar da tecnologia e da influência das redes sociais na comunicação humana como forma de construir uma relação de informação e positividade com os seus leitores.

O projeto atua como um quadro de notícias, que é divulgado através das redes sociais do Rio DESIS Lab, laboratório de Design, Inovação Social e Sustentabilidade que faz parte da USIS. Inicialmente, o projeto tinha como objetivo secundário manter as redes sociais do laboratório ativas, sendo um conteúdo semanal e, também, uma forma de interação com os seguidores do projeto no *Instagram* e *Facebook*. Entretanto, o projeto se viu na necessidade de ter sua própria rede social dado o grande volume de notícias e o sucesso das postagens publicadas. Tais redes ainda estão em processo de criação, já que, no momento, o projeto está passando por uma expansão e repaginação de seu conteúdo.

Como o próprio nome do projeto sugere, através da divulgação de ações inovadoras, novas pessoas se inspiram e mais projetos podem surgir. “A Inovação é construída sobre ideias existentes, adaptadas com visão” (KNAPP; ZERATSKY; KOWITZ, 2016).

Entre as principais metas do *InspirAção* estão a colaboração com projetos e o compartilhamento de conhecimentos entre esses agentes de inovação e a sociedade, atuando como um canal de comunicação que compartilha conteúdos ricos sobre inovação social de forma leve e acessível.

3. METODOLOGIA

A Unidade de Suporte à Inovação Social, ação de extensão em que o *InspirAção* está vinculado, desenvolve iniciativas através de processos participativos e colaborativos. Isso, aliado a uma equipe multidisciplinar e a metodologias de projeto, permite a criação de soluções que satisfaçam demandas sociais e proponham a inovação.

Durante toda a sua concepção, o *InspirAção* utilizou, e ainda utiliza, processos como o Design Thinking e de metodologias ágeis como o Design Sprint, que são adaptados e aplicados da melhor forma durante o dia a dia do projeto. O primeiro é um conjunto de métodos e processos inspirados pela inovação e pelo *Human Centered Design* usado no desenvolvimento

de projetos. É um método prático-criativo que coloca as pessoas como elemento central e que busca diversos ângulos e perspectivas para identificar soluções criativas de um objetivo ou problema inicial.

Já o segundo, Design Sprint, é um processo de design “express”, no qual uma equipe multidisciplinar se reúne durante 5 dias e pensa sobre um projeto através do design, prototipagem e teste de ideias. No *InspirAção*, não delimitamos o tempo a apenas 5 dias de sprint, mas seguimos um esquema semanal de trabalho síncrono e assíncrono, discutindo ideias durante as reuniões e trabalhando nelas durante a semana. Técnicas de testagem rápida do sprint são bastante aplicadas no dia a dia; nelas, a cada nova ideia para o projeto, alguns passos são seguidos: primeiro é lançada uma versão inicial dessa ideia, depois são feitas observações, se a ideia deu certo ou não, então, ocorre a análise de resultados e, por fim, são propostas melhorias. Dessa forma, aprendemos conforme o projeto avança, observando os resultados e garantindo uma evolução constante.

Em setembro de 2020, um novo ciclo se iniciou e novos extensionistas entraram no projeto. A partir daí, um passo importante realizado foi um estudo de Benchmarking: uma análise de plataformas “concorrentes” já existentes, fazendo comparações entre práticas, estratégias e outras características. O objetivo dessa análise é aperfeiçoar o próprio *InspirAção*, identificando insights, inspirações e oportunidades a partir de outras plataformas como G1, Razões para Acreditar, Só Notícia Boa, entre outros. A partir disso, foram identificadas novas possibilidades de expandir o conteúdo divulgado, o que levou o projeto a entender melhor suas possibilidades de melhoria. Um exemplo foi a categorização dos projetos divulgados por temas, criando assim as Categorias do *InspirAção*, cada uma abordando determinados tipos de projetos.

Atualmente, o *InspirAção* está passando por um processo de Rebranding (reformulação), no qual está sendo feito um processo de imersão e análise do projeto, repensando suas forças, fraquezas e oportunidades, além de um melhor entendimento do seu público-alvo. Esse processo está sendo implementado especialmente para melhorar a estrutura e planejamento estratégico para o futuro do projeto, visto que, em breve, ele passará a ter seu próprio perfil nas redes sociais.

O *InspirAção* é um projeto que se encontra dentro da USIS, que, por sua vez, utiliza a metodologia de pesquisa-ação (Kemmis et al 2014) organizada em ciclos de um semestre letivo. Dentro destes semestres, são feitas avaliações dos resultados e planejamento das atividades para o ciclo seguinte. Dessa forma, a cada novo ciclo são debatidos os resultados alcançados e estabelecidas novas metas de atividades.

4. EXECUÇÃO

O primeiro material produzido pelo *InspirAção* foi sua identidade visual, que foi estruturada junto ao time no momento de definição dos objetivos e valores do projeto. A partir daí, com uma identidade visual estabelecida, o projeto começou a realizar as postagens de divulgação das notícias através do próprio *Instagram*, *Facebook* e *site* do laboratório Rio DESIS Lab.



Figura 1. Banner da identidade visual do projeto

A rotina do projeto funcionava da seguinte forma: pesquisa de notícias, desenvolvimento dos textos para a publicação e criação das artes para redes sociais.

No ciclo de 2020.2, com a entrada de novos extensionistas, o projeto começou um processo de expansão. Antes, o projeto focava exclusivamente em notícias relacionadas a covid-19, mas, ao identificar novas possibilidades de notícias, o projeto passou a trabalhar, também, com outros temas. Além disso, a equipe passou por uma reformulação interna a fim de estabelecer de forma clara as áreas, cargos e funções desempenhadas pelos membros da equipe.

Atualmente, o *InspirAção* possui 3 áreas/setores internos: Pesquisa e Gestão, Conteúdo e Criação. O primeiro setor, o Setor de Pesquisa e Gestão é responsável por encontrar e entrar em contato com os projetos que virão a ser divulgados, além de cuidarem da gestão e captação de recursos e parcerias para o projeto. A equipe de Conteúdo é responsável por escrever o texto das publicações, fazendo a síntese das informações coletadas e desenvolvendo textos específicos para o *site* e redes sociais, sempre com o tom e comunicação adequados para cada plataforma. O Setor de Criação é responsável pelo desenvolvimento de artes e peças gráficas para as redes sociais, além de desenvolver as apresentações acadêmicas.

O processo semanal acontece em 4 passos: primeiro, o Setor de Pesquisa entra em contato com os projetos, obtendo seus dados e informações. Após isso, o Setor de Conteúdo começa a estruturação dos textos para a publicação, contando a história do projeto, o que fazem e como estão atuando durante a pandemia. Com os textos prontos, a equipe de criação começa a produção das artes, utilizando como base a comunicação textual já estabelecida pelo Setor de conteúdo, dessa forma, garantindo uma publicação coesa e alinhada em sua comunicação.

Conforme mencionado anteriormente, as notícias passaram por um processo de categorização, como forma de expandir as possibilidades de projetos a serem divulgados. As postagens acontecem semanalmente toda sexta-feira, com rotação entre as categorias. Essas categorias são:

4.1 UNIVERSIDADES

Esta categoria tem como tema a divulgação de projetos e trabalhos universitários da própria UFRJ. Seu objetivo é divulgar as diversas iniciativas que surgem dentro da universidade, como os próprios projetos de extensão. Tal categoria surgiu da oportunidade de dar ainda mais visibilidade a esses projetos, não apenas para a população de fora, mas para os próprios alunos e professores de dentro da universidade.

O contato normalmente é feito pelas próprias redes sociais ou e-mail dos projetos, um formulário é enviado e nele, os projetos contam um pouco da sua história e atuação e enviam algumas fotos. Com essas informações, é montado uma publicação para o *site* e redes sociais para a divulgação.



Figura 2. Artes para redes sociais da categoria Universidades

4.2 COVID-19

Esta categoria tem como tema divulgar ações que surgiram ou estão atuando durante o período da pandemia. As iniciativas desse tema foram por muito tempo as principais notícias do *InspirAção*, que, com a expansão do projeto em divulgar outros tipos de notícias, foram englobadas em uma só categoria. Fazem parte dessa categoria ações de voluntariado e iniciativas que tenham como objetivo ajudar no combate a covid-19 ou promover algum suporte durante este período.



Figura 3. Artes para redes sociais da categoria COVID-19

4.3 COTIDIANO

A Categoria Cotidiano tem como tema divulgar quaisquer ações que não tenham relação com as outras duas categorias, ou seja, não são projetos de universidades e não necessariamente atuam na pandemia do covid-19. Alguns exemplos de projetos que fazem parte desta categoria são os relacionados à sustentabilidade, o meio ambiente, o voluntariado, entre outros.

Atualmente o projeto também está em processo de construção dos seus manuais digitais, como forma de deixar registrado todo o processo de sua criação e rotina, além de orientações para futuros extensionistas.



Figura 4. Artes para redes sociais da categoria Cotidiano

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *InspirAção* é um projeto que surgiu em meados de 2020 com o objetivo de propagar notícias positivas e inspiradoras durante a pandemia; devido a isso, o projeto tinha pouca pretensão de ser continuado após a crise. Apesar disso, o projeto possui uma vasta possibilidade de desenvolvimento, dado que “inovação social” é um tema bem amplo e com muitas possibilidades de abordagem.

A atuação do *InspirAção* tem sido essencial no papel de levar pessoas a conhecerem projetos que antes elas não conheciam, levando visibilidade e inspiração através da tela dos celulares. Divulgar boas ações inspiram novas a acontecerem e, por isso, a importância do projeto em levar informação e tornar o tema “inovação social” acessível para todos.

A meta atual do projeto é iniciar com um perfil próprio nas redes sociais e expandir ainda mais seu conteúdo, compartilhando novos temas, novos conhecimentos e promovendo rodas de conversa e debates. Além disso, o projeto tem outro grande objetivo composto por: formar parcerias com grupos sociais, instituições e profissionais, ter sua própria plataforma e se consolidar como um portal de conteúdo inspirador sobre Inovação Social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MULGAN, Geoff. The Process of Social Innovation. *Innovations: Technology, Governance, Globalization*, v. 1, n. 2, p. 145-162, 2006. doi: <https://doi.org/10.1162/itgg.2006.1.2.145>

HILLGREN, Per.-Ander; SERAVALI, Anna.; EMILSON, Anders. Prototyping and infrastructuring in design for social innovation. *CoDesign*, Reino Unido, v. 7, n. 3, p. 169-183, set. 2011.

KNAPP, Jake; ZERATSKY, Jon; KOWITZ, Braden. *Sprint: How To Solve Big Problems and Test New Ideas in Just Five Days*. Estados Unidos: Simon & Schuster, 2016.

KEMMIS, Stephen.; MC TAGGART, Robin.; NIXON, Rhonda. *The Action Research Planner*. Singapura: Springer, 2013.

LAB ESCOLA 3D: EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E INCLUSÃO

15

BEATRIZ S. MARINS

GRADUADA EM GESTÃO PÚBLICA PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO
E SOCIAL - UFRJ

NICHOLAS DO SANTOS F. CORRÊA

GRADUADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS E MESTRANDO EM ENGENHARIA
DE PRODUÇÃO - UFRJ

LEONARDO VIEIRA

GRADUADO EM DEFESA E GESTÃO ESTRATÉGICA INTERNACIONAL - UFRJ

MAYARA FARIAS

GRADUADA EM PEDAGOGIA - UFRJ

RESUMO

O *Lab Escola 3D* é uma das iniciativas desenvolvidas pela USIS (Unidade de Suporte à Inovação Social) e busca divulgar conhecimentos práticos e teóricos sobre ferramentas tecnológicas e práticas inclusivas. Baseados no movimento do “faça você mesmo” e nas metodologias ativas, o projeto *Lab Escola 3D* busca cooperar na formação de cidadãos independentes e inovadores capazes de utilizar o conhecimento adquirido para transformar o meio em que vivem. Destacamos dois objetivos principais da iniciativa: introduzir a Cultura *Maker* nas escolas para democratizar o acesso ao ensino tecnológico e expandir as perspectivas sobre as possibilidades de uso de novas tecnologias para construção de um ensino inclusivo.

PALAVRAS CHAVES:

Educação; Inclusão; Design para a Inovação Social; Design Participativo.

A Unidade de Suporte à Inovação Social (USIS) é um projeto de extensão do Programa de Engenharia de Produção (PEP) da UFRJ, que fomenta diversas ações sociais através de metodologias focadas em design, sustentabilidade e inovação social. Segundo Mulgan (2006) a inovação social é uma ideia que atende aos objetivos sociais, e essa visão fundamenta as iniciativas da USIS – que acredita na inovação como um processo de mudança que emerge da recombinação criativa de ativos como capital social, patrimônio histórico e tecnologia. O principal objetivo dessas (re)combinações é atingir um novo tipo de inovação que é impulsionada pelas demandas sociais e não pelo mercado.

No ano de 2019, a USIS desenvolveu uma iniciativa chamada de “O projeto do meu bairro”, na praça do Grajaú, na cidade do Rio de Janeiro. Essa iniciativa tinha o objetivo de mobilizar cidadãos a tornarem-se forças produtivas e transformadoras nos bairros onde residem, através de ações criadas e geridas pelos próprios moradores do local. Uma das atividades realizadas foi o Espaço Maker, que, durante o segundo semestre de 2019, levou uma impressora 3D para a praça Edmundo Rego no Grajaú com o objetivo de apresentar o universo Maker à população.

Durante as atividades, foram apresentadas à população as ferramentas tecnológicas usadas na universidade e as suas funcionalidades. O principal objetivo dessas exposições era apresentar ao público as possibilidades de tecnologias futuras que já interferem nos métodos de produção e na relação sociais. Por isso, foram desenvolvidas atividades de impressão e de demonstração de peças de xadrez feitas pela impressora 3D.

Nessas visitas, observou-se uma forte demanda, principalmente, do público infantojuvenil por acesso a tais tecnologias. Paralelamente,



Figura 1 - Foto tirada na praça Edmundo Rêgo, Grajaú em 2019

realizamos contato, pesquisas e conexões com escolas e professores que reforçaram a necessidade de desenvolver um Laboratório Escolar 3D. Encontramos algumas problemáticas que poderiam ser solucionadas através dessa proposta, sendo elas o pouco contato entre escolas e universidades e o baixo conhecimento tecnológico nas escolas públicas que visitamos.

O Projeto *Lab Escola 3D* nasceu com o objetivo de democratizar a Cultura Maker nas escolas públicas, pois, através dessa metodologia, será possível criar um ambiente personalizado, permitindo que o aluno expresse a sua criatividade e participe de projetos que trarão benefícios para sua formação a curto, médio e longo prazo. Nossa principal meta é tornar o aluno um indivíduo ativo que consiga criar soluções práticas e inovadoras para resolver seus problemas diários.

1. OBJETIVO

O principal objetivo do *Lab Escola 3D* é divulgar conhecimentos práticos e teóricos sobre ferramentas tecnológicas e práticas inclusivas para os estudantes provenientes de escolas públicas. O projeto inspira-se no Movimento Maker, que através de polos conhecidos como *FabLabs* ou *HackerSpaces*, está ganhando cada vez mais espaço em diversos segmentos da sociedade.

O conceito que está por trás do Movimento Maker é a ideia de criar e de desenvolver coisas novas (materiais ou digitais) usando novas ferramentas, tais como impressoras 3D em espaços abertos, espaços de trabalho ou laboratórios. De acordo com Martin Lee (2015), o movimento está evoluindo e a ideia básica da Cultura Maker sustenta que pessoas comuns possam construir, consertar, transformar ou produzir uma enorme gama de bens, objetos e processos usando as suas próprias mãos e habilidades, de forma colaborativa e sempre respeitando os princípios da sustentabilidade.

A origem desse movimento é o conceito *DIY* (do inglês, *do it yourself*, ou “faça você mesmo”, em tradução livre). O *DIY* estimula o protagonismo dos cidadãos na produção de bens e na busca de soluções coletivas e de fácil aplicação para vários problemas enfrentados pela sociedade. Baseados no movimento do “faça você mesmo” e nas metodologias ativas, o projeto *Lab Escola 3D* busca cooperar para formação de cidadãos independentes e inovadores capazes de utilizar o conhecimento adquirido para transformar o meio em que vivem.

Destacamos dois objetivos principais da iniciativa: o primeiro é introduzir a Cultura Maker nas escolas para democratizar o acesso ao ensino tecnológico; o segundo é expandir as perspectivas sobre as possibilidades de uso de novas tecnologias para construção de um ensino inclusivo. Entre as principais metas, estão a introdução e o compartilhamento desses conteúdos e ferramentas em formato de módulos, apresentações, entrevistas e tutoriais, que poderão ser reproduzidos em qualquer lugar do Brasil.

2. METODOLOGIA

A proposta inaugural do projeto foi estruturada durante o primeiro semestre de 2020. Nesse primeiro formato, tínhamos o objetivo de realizar apresentações em escolas para divulgar as ferramentas tecnológicas presentes na USIS. Durante esse período iniciamos um processo de conexão entre o *Lab Escola 3D* e possíveis parceiros, dentre eles professores e diretores. A partir daí foi definido quais escolas seriam contempladas e o cronograma das apresentações, além dos conteúdos que seriam apresentados.

Contudo, devido a pandemia do COVID-19, as apresentações físicas se tornaram inviáveis, já que as aulas foram canceladas para evitar aglomerações. Por isso, o projeto *Lab Escola 3D* passou por um processo interno de reformulação, em que buscamos encontrar alternativas para atuar de forma remota. O novo ciclo do projeto se iniciou durante o segundo semestre de 2020 com a chegada de novos extensionistas.

A Unidade de Suporte à Inovação Social (USIS), ação de extensão em que o *Lab Escola 3D* está vinculada, desenvolve iniciativas através de processos participativos e colaborativos. Isso permite a formação de soluções viáveis e realistas capazes de suprir as demandas da sociedade. Além disso, também torna possível a criação de novas estruturas sociais, gerando assim transformação social.

O passo seguinte foi aplicar as metodologias do Design Thinking na busca por problemáticas relacionadas ao ensino tecnológico e inclusivo. Assim que é identificada uma demanda passível de inovação social, é aplicada uma abordagem baseada na *DIY (Development Impact You)*. A partir daí utiliza-se um conjunto de ferramentas baseadas em teorias e práticas de inovação, design e desenvolvimento de inovações. Esse método possui sete etapas, sendo a fase inicial identificada como oportunidades e desafios.

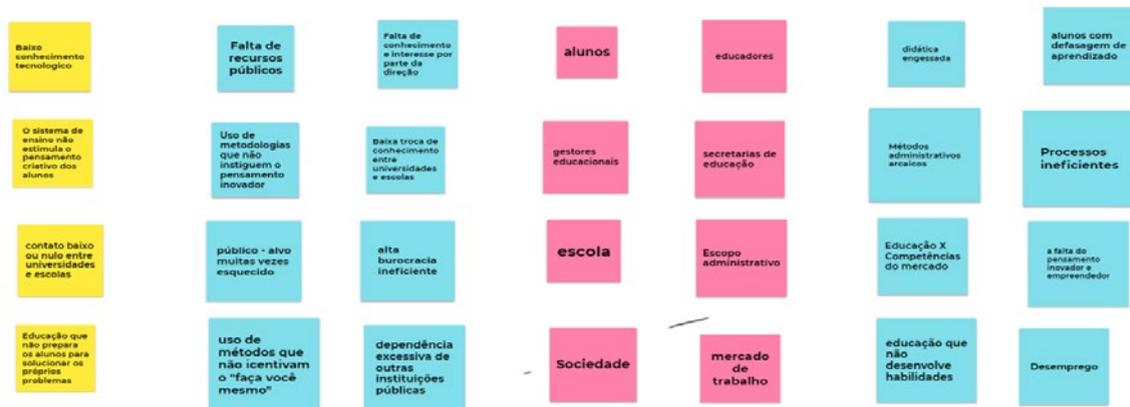


Figura 2 - Foto (print) da plataforma Jamboard usada para elencar de forma colaborativa as problemáticas encontradas

Essa fase envolve diagnosticar as causas de um problema ou identificar as oportunidades que uma nova mudança poderia trazer. A partir daí é possível alcançar a etapa seguinte, chamada de geração de ideias. Nesse momento, utilizamos métodos criativos (ferramentas de design) para aumentar o número de opções de solução a partir de uma ampla variedade de fontes. O próximo passo é desenvolver e testar uma prática que permita um processo de tentativa e erro, as ideias são iteradas e fortalecidas.

Isso pode ser feito com prototipação rápida ou através de prototipagem mais rigorosa e ensaios clínicos randomizados. Após a fase de protótipo, inicia-se a fase de montagem do caso, pois antes de tentar implementar a ideia, deve ser construída uma evidência para apoiá-la e, em seguida, compartilhá-la com pares ou interessados. Assim pode-se dar início a fase de implementação. Nessa fase é possível identificar o que está funcionando bem e o que pode ser melhorado.

Entendendo essas problemáticas, o *Lab Escola 3D* decidiu atuar com o objetivo de facilitar e de promover o acesso a novas tecnologias nas escolas, democratizar o acesso ao ensino tecnológico por meio de vídeos e introduzir a Cultura Maker nos ambientes educacionais. Também identificamos o interesse do grupo em discutir conteúdos que promovam a inclusão social e o pleno acesso de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

Tendo em vista os apontamentos trazidos por SASSAKI (1997), vemos o princípio da “valorização da diversidade” como fundamental para construção de pontes e de comunidades escolares mais harmônicas.

Trabalhamos para expandirmos as perspectivas sobre as possibilidades do uso de novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem e inclusão.

Além disso, a USIS também utiliza a metodologia de pesquisa-ação (Kemmis *et al*, 2014) organizadas em ciclos de um semestre letivo (reduzidos com a pandemia), cujos resultados são avaliados e levam a um novo planejamento das atividades para o ciclo seguinte. A cada novo ciclo, são debatidos os resultados alcançados e assim são estabelecidas novas metas e atividades.

3. EXECUÇÃO

O primeiro material produzido pelo projeto foi o manual de criação e replicação dos módulos. O principal objetivo desse guia é estabelecer as diretrizes que orientam e organizam a replicação dos módulos. Tais diretrizes têm como base os valores e as metas desenvolvidas pelo *Lab Escola 3D*. A partir do manual principal foi desenvolvido o guia do módulo de gamificação, para orientar a construção e a replicação desse material.

No ciclo de 2020.2 também foram criadas a identidade organizacional e a visual do projeto. A partir das reuniões de planejamento estratégico foram definidas a visão e a missão do projeto, além do estabelecimento dos valores. Então foi possível construir a identidade visual do projeto e os primeiros materiais audiovisuais.



Figura 3 - Banner da identidade visual do projeto

A etapa seguinte foi a criação das redes sociais com objetivo de divulgar todo o conteúdo que estava sendo produzido. O projeto atualmente possui uma página própria no *Instagram*, *Facebook* e *Youtube*. Além disso,

a iniciativa passou por uma reformulação interna a fim de estabelecer de forma clara áreas, cargos e funções desempenhados pelos membros da equipe.

Assim, ficou definido que o *Lab Escola 3D* possui 3 grande áreas/ setores internos: Comunicação, Desenvolvimento e Parceria/Relações Públicas. O primeiro é responsável pela administração das redes sociais e pela criação das artes que são postadas; a equipe de desenvolvimento cuida da gestão dos módulos, da produção e de edição dos vídeos; e a equipe de parceria/RP é responsável por fortalecer e desenvolver parcerias, além de focar na captação de recursos para o projeto.

A partir do estabelecimento dos objetivos do projeto, duas principais atividades estão sendo desenvolvidas a fim de tornar concreta a formalização desses objetivos específicos:

1. Produção do acervo online de tutoriais e de módulos temáticos que possam de maneira didática introduzir algumas das ferramentas usadas pelo *Lab Escola 3D*;
2. Ampliar o contato com escolas e instituições parceiras para produção de conteúdo e, no futuro próximo, promover ações presenciais.

4. TÓPICO 1 - ACERVO ONLINE

Atualmente, a estrutura dos vídeos que são postados nas nossas redes sociais e, futuramente, na plataforma escolhida se encontra em formato de módulos. Existem cerca de quatro módulos iniciais que tratam de temas relacionados a sensor e Arduino, impressora 3D, gamificação e práticas inclusivas. Essa estrutura está organizada a partir das duas principais iniciativas do projeto:

Iniciativa I – Tem a função de introduzir a Cultura Maker nos ambientes educacionais e democratizar o acesso ao ensino tecnológico.

1. MÓDULO 1 - SENSOR E ARDUINO

1. Cultura Maker
2. Placa de Arduino
3. Uso do Tinkercad
4. Sensores
5. Noções básicas de sinais elétricos e funcionamento de sensores
6. Experimentos com sensores no Tinkercad
7. Introdução a programação no Arduino IDE
8. Introdução a programação no Tinkercad

2. MÓDULO 2 - IMPRESSÃO 3D E MODELAGEM

1. Impressora 3D
2. Modelagem
3. Autocad

3. MÓDULO 3 - GAMIFICAÇÃO

1. Gamificação
2. *Word Wall*
3. *Kahoot*
4. *Word Wall* - Jogo do milhão
5. *Kahoot* - Jogo dos balões

Iniciativa II – Tem a função de expandir as perspectivas sobre as possibilidades do uso de novas tecnologias para a formação de um ensino inclusivo.

4. MÓDULO 4 - PRÁTICAS INCLUSIVAS

1. “Pega Lápis” - Lab Ensina
2. Jogo da Memória Auditivo - Lab Ensina
3. Práticas Inclusivas: O que é “Auto Descrição” - Lab Convida Fernando Scholnik
4. O que é “Design Universal” - Lab Convida Regina Cohen
5. O que é “Janela de Libras”? - Lab Convida
6. O que é Tecnologia Assistiva? Lab Convida: Vera Lúcia Vieira de Souza
7. O que são “Recursos de ampliação da função visual”? Lab Convida: Ana Paula
8. Por que legendar vídeos?
9. O que é Educação Inclusiva?
10. Vivenciando a Educação Inclusiva - Lab Convida: NEEI CAP UFRJ

5. TÓPICO 2 - PARCEIROS

Nossos parceiros são compostos por instituições, projetos de extensão e professores da educação básica. Cada parceria foi traçada visando contribuir com a construção e a melhora de nosso produto (um acervo digital sobre ferramentas tecnológicas na educação) e de nosso serviço (oferecer atividades presenciais apresentando as tecnologias disponíveis em nosso laboratório e suporte a práticas inclusivas). Temos parcerias voltadas para a tradução dos materiais audiovisuais para Libras; produção

de conteúdo sobre gamificação e outras ferramentas do ensino híbrido; consultoria e orientação (desenho gráfico, gestão e comunicação) junto aos extensionistas da ECO etc.

O projeto *Lab Escola 3D* atualmente possui dois professores colaboradores, que são responsáveis por avaliar o conteúdo audiovisual do projeto, além de participar da formação de novos módulos. Contamos com a colaboração da Cátia Xavier, professora de Pedagogia e Especialista em Psicopedagogia e Teologia e Docência do Ensino Superior, e do Adeilson Batista Lins – professor Ciências Biológicas (Univ. Estadual de Santa Cruz) e Pedagogia (Univ. Metropolitana de Santos), Especialista em Ensino de Biologia (USP), Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável.

6. CONCLUSÃO

O projeto *Lab Escola 3D* possui uma série de possibilidades de desenvolvimento graças a sua multidisciplinaridade. Atualmente, iniciamos uma fase de pesquisa de campo para entender de que forma podemos aplicar essas tecnologias para colaboração e experimentação em contextos educacionais. Nosso objetivo futuro é produzir pesquisa e estudos que unam esse campo.

A principal hipótese que levantamos nesse processo de imersão durante a fase inicial foi a existência da necessidade de estratégias de apoio ao uso de tecnologias nas escolas brasileiras. Através de inúmeras pesquisas também constatamos que há uma falta de suporte técnico e de formação complementar sobre tecnologias na educação.

A atuação do *Lab Escola 3D* acaba sendo essencial justamente por proporcionar aos professores e aos profissionais da educação uma introdução a essas ferramentas tecnológicas e inclusivas, por isso, a importância desse projeto atingir o maior número de escolas e profissionais possíveis. No último levantamento feito por nossos membros, constatamos que o projeto trabalha com cerca de 27 ferramentas de enorme usabilidade.

Nossa meta é formar parcerias com escolas, professores, diretores, secretarias municipais e estaduais de educação e compartilhar de forma massiva esse conhecimento. Além disso, o projeto possui outro grande objetivo: catalogar e compartilhar com esses parceiros soluções em impressão 3D, placas de Arduino e outras ferramentas que possam ser incorporadas no material didático e serem usadas em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MULGAN, Geoff. The Process of Social Innovation. *Innovations: Technology, Governance, Globalization*, v. 1, n. 2, p. 145-162, 2006. doi: <https://doi.org/10.1162/itgg.2006.1.2.145>

MARTIN, Lee. The Promise of the Maker Movement for Education. *Journal of Pre-College Engineering Education Research (J-PEER)*, v. 5, n. 1, Article 4, 2015. <https://doi.org/10.7771/2157-9288.1099>

HILLEGREN, Per.-Ander; SERAVALI, Anna.; EMILSON, Anders. Prototyping and infrastructuring in design for social innovation. *CoDesign*, Reino Unido, v. 7, n. 3, p. 1690183, set. 2011.

SASSAKI, Romeu Kasumi. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997

KEMMIS, Stephen.; MC TAGGART, Robin.; NIXON, Rhonda. *The Action Research Planner*. Singapura: Springer, 2013.

LIBRAS PARA TODOS: ENSINO A DISTÂNCIA. PRINCIPAIS AÇÕES DE 2017 A 2020

16

VALERIA FERNANDES NUNES

COORDENADORA DO PROJETO LIBRAS PARA TODOS: ENSINO A DISTÂNCIA

FELIPE DE OLIVEIRA MIGUEL

MESTRE EM EDUCAÇÃO - UFRJ/PPGE

RESUMO

Este relato descreve as principais ações do curso de extensão *Libras para todos: ensino a distância* no período de 2017 a 2020. O curso proporcionou um ambiente de aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Foram desenvolvidas pesquisas sobre estratégias de ensino a distância de Libras e Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs, além de ensino por meio de processos linguístico-cognitivos. O curso foi realizado no Ambiente Virtual de Aprendizagem da UFRJ (ambientevirtual.nce.ufrj.br/) e o material didático em vídeo foi disponibilizado de forma pública e gratuita no canal Departamento de Letras-Libras da UFRJ, no YouTube.

PALAVRAS-CHAVE

Libras; Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs; Educação a Distância; Linguística Cognitiva.

1. INTRODUÇÃO

A extensão universitária, cujos objetivos são, dentre eles, a capacitação discente por meio da pesquisa e da divulgação do conhecimento para além dos muros da universidade, também teve de se adaptar à realidade imposta pela pandemia causada pelo vírus da COVID-19.

Diante disso, estudos sobre cultura, educação e literatura surdas – que eram realizados em espaços presenciais acadêmicos, como cursos, palestras e congressos – foram modificados para manter suas atividades ativas, como uma adaptação da espécie humana frente à nova realidade.

O curso *Libras para todos: ensino a distância* possibilitou um ambiente de aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais – Libras, com reflexões sobre a produção cultural do povo surdo de 2017 a 2020. O curso teve como objetivo divulgar conhecimentos essenciais para a comunicação com pessoas surdas em ambientes de ensino, tais como universidades e escolas.

Promoveu-se o ensino e pesquisa de Libras e de processos linguístico-cognitivos em sinais. O conteúdo programático do curso teve como base o vocabulário e os aspectos gramaticais básicos de Libras (BRITO, 2010; FELIPE, 2007; QUADROS; KARNOPP, 2004), da cultura surda (STROBEL, 2013) e teorias sobre corporificação e Metonímia Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980; NUNES, 2014, 2018).

Para os alunos do curso, foram ofertadas oito aulas, que, semanalmente, eram disponibilizadas on-line, no Ambiente Virtual de Aprendizagem, plataforma Moodle. Além das atividades assíncronas, os alunos também acompanhavam aulas síncronas pela plataforma Zoom para a prática de Libras, de forma semanal.

Dessa forma, o conhecimento científico sobre a Libras vai para além dos muros da UFRJ, possibilitando a capacitação discente e a produção de pesquisas sobre estratégias de ensino de Libras por meio de processos linguístico-cognitivos, de Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs e de métodos de ensino a distância, a fim de verificar quais atividades propostas colaboraram para o desenvolvimento de processo de ensino-aprendizagem de Libras.

2. OBJETIVOS

Nesta seção, devido à extensão deste estudo, delimitamos os objetivos do projeto e descrevemos a seguir as principais metas: oferecer noções introdutórias sobre a Língua Brasileira de Sinais, desenvolvendo

estratégias didáticas para o ensino de Libras em Educação a Distância – EAD, a fim de aprimorar o processo de ensino-aprendizagem da língua de sinais com base em processos linguístico-cognitivos; capacitar pessoas para a comunicação em Libras; investigar os processos cognitivos-linguísticos presentes em Libras, de maneira a promover estudo sobre tais processos para desenvolver a compreensão metalinguística; divulgar os artefatos culturais do povo surdo em atividades didáticas, com o objetivo de promover o respeito à Cultura Surda; e desenvolver atividades didáticas que colaborem para o aprendizado de Libras e para pesquisas científicas sobre ensino, Libras, linguística e EAD.

3. METODOLOGIAS

Com base em Henriques e Simões (2010), descrevemos as etapas metodológicas neste relato de extensão. A coleta de dados foi realizada por meio dos materiais didáticos e referências bibliográficas disponíveis no Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA (<https://ambientevirtual.nce.ufrj.br/>), onde o curso foi ofertado. Ademais, há os vídeos produzidos pelos participantes do curso, atualmente disponibilizados no *YouTube* (<https://www.youtube.com/playlist?list=PLrOWUqouosy8HMA8YUJI2o6uew1z-RIDs>).

No que diz respeito à abordagem, o estudo é caracterizado como uma pesquisa qualitativa. Em relação aos procedimentos, este estudo é uma pesquisa bibliográfica com levantamento de referências teóricas em produções científicas e documentos elaborados no projeto.

4. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO E PROCEDIMENTOS

Nesta etapa, apresentamos o panorama brasileiro educacional e político que motivou a criação deste curso de extensão. Em seguida, descrevemos os procedimentos adotados para a realização do curso.

Com a publicação da Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016, que regulamentou a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnicos de nível médio e superior das instituições federais de ensino, a Universidade Federal do Rio de Janeiro recebeu em 2017 diversos alunos surdos em outros cursos além do Letras-Libras.

Com isso, percebeu-se a necessidade de que, nos diversos ambientes da universidade, houvesse pessoas com o conhecimento de Libras para

facilitar o processo de comunicação com tais alunos. O ensino a distância mostrou-se como uma ferramenta útil para alcançar mais pessoas. Sendo assim, a realização deste curso de extensão se justifica por promover extensão, pesquisa e ensino.

A extensão foi realizada por meio da integração entre alunos e professores da universidade que apresentaram, para fora da UFRJ, os estudos que têm sido desenvolvidos sobre a Libras. Dessa maneira, torna-se possível para a sociedade a oportunidade de aprender uma língua visual e conhecer essa língua como um artefato cultural do povo surdo.

A pesquisa e o ensino (GOULART, 2004) estão interligados, visto que a equipe integrante (professores, técnicos e graduandos da UFRJ) viu a necessidade de pesquisar e desenvolver estratégias de ensino pautadas nos estudos de Libras, de ensino de segunda língua, de Linguística Cognitiva e de Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs (GUAREZI; MATOS, 2012; PETERS, 2001), a fim de que as aulas do curso pudessem ser produtivas, gerando momentos de ensino-aprendizagem de Libras e possibilidades científicas de pesquisa.

A Língua Brasileira de Sinais – Libras está presente na vida de brasileiros, surdos ou ouvintes. É possível visualizar alguém interpretando Libras em diversos locais, como televisão, internet, aplicativos para celulares, caixas eletrônicos, bancos, teatros, shows, palestras. Esses exemplos revelam que a língua de sinais está gradativamente ganhando espaço no cenário nacional. Para o surdo, encontrar pessoas que possam dialogar em sua própria língua é uma questão de ter sua identidade e sua cultura surda respeitadas, seja em uma escola, um hospital, um tribunal ou em um local de lazer.

A comunicação de muitos surdos é feita por meio de Libras, uma língua reconhecida como meio legal de comunicação. Ela é oriunda da comunidade surda, sendo um “sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria”, segundo a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Em escolas e universidades brasileiras, existe a possibilidade das aulas serem ministradas por professores bilíngues ou traduzidas por um intérprete de Libras, de maneira a garantir ao aluno surdo o direito ao conhecimento científico e educacional (Decreto nº 5.626/2005 e Lei nº 12.319/2010).

A presença de alunos surdos na educação básica e no ensino superior tem aumentado no Brasil. Assim, o curso *Libras para todos: ensino a distância* visou divulgar e estudar essa língua visual-motora, a fim de colaborar com a ampliação de usuários de Libras e com a divulgação dos

artefatos culturais do povo surdo, promovendo pesquisas sobre ensino de Libras (GESSER, 2010) e sobre processos linguístico-cognitivos em sinais.

Em relação aos procedimentos adotados nesse período, a equipe gestora do curso contou com diversos discentes dos cursos de bacharelado e licenciatura em Letras-Libras como tutores e membros na comissão de execução. Tal grupo foi formado por professores e técnicos do Departamento de Letras-Libras da UFRJ, da Faculdade de Letras da UFRJ, do Centro de Artes e Letras – CLA e do Instituto Tércio Pacitti de Aplicações e Pesquisas Computacionais, Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN).

O material didático foi disponibilizado na plataforma Moodle em parceria com o Núcleo de Computação Eletrônica (NCE) da UFRJ. A produção do curso nessa plataforma foi desenvolvida pelos técnicos José Antônio Borges e Júlio da Silveira (Instituto Tércio Pacitti de Aplicações e Pesquisas Computacionais), com a participação da professora Valeria Nunes (Departamento de Letras-Libras da UFRJ) e do discente Felipe de Oliveira Miguel (Letras-Libras pela UFRJ).

O curso teve a duração de 4 a 8 semanas, e seu material contou com 8 aulas temáticas. Em cada aula, encontramos 9 etapas:

- a. vocabulário em vídeos de sinais de Libras;
- b. descrição gramatical em texto com imagem ou vídeo dos sinais;
- c. diálogo com o conteúdo abordado em duas versões – diálogo em Libras e diálogo em Libras com legendas em português;
- d. piada em vídeo como um referencial de produção de literatura em língua de sinais;
- e. quiz com perguntas de verdadeiro ou falso ou de múltipla escolha;
- f. fórum para compartilhamento de informações ou dúvidas;
- g. encontro semanal pela ferramenta Zoom com tutores para a prática de Libras, conhecido como “Sinalizando”;
- h. apresentação de questões culturais, políticas, históricas ou linguística do povo surdo; e
- i. material extra intitulado “Aprendendo Mais”, responsável por aprofundar os conhecimentos apresentados em uma das etapas. Por meio dele, o aluno tinha acesso ao vocabulário de todo o curso em glossário de vídeos em Libras em ordem alfabética – que ficava disponível na plataforma.

5. RESULTADOS OBSERVADOS

Nesta etapa do relato, descrevemos a quantidade de pessoas formadas pelo curso; a importância da disponibilidade gratuita e pública dos materiais em vídeos; e as produções científicas realizadas.

O *Libras para todos: ensino a distância* teve início em 2017, com pesquisas relacionadas ao ensino de Libras na modalidade EAD, sendo que a primeira turma foi em 2018. De 2018 a 2020, o curso proporcionou a formação de 471 pessoas ouvintes, com o objetivo de disseminar conhecimentos básicos de Libras e da Cultura Surda.

Os vídeos do material didático estão disponíveis gratuitamente e de forma pública no canal do *YouTube* do Departamento de Letras-Libras da UFRJ. Isso foi feito para que todos possam acessar o conteúdo de vocabulário, diálogos e piadas.

Os roteiros dos vídeos foram produzidos sob a coordenação da professora Valeria Nunes, docente dos cursos de graduação em Letras-Libras da UFRJ. Participaram das filmagens os professores Bruno Abrahão e Fernanda Soares (docentes dos cursos de graduação em Letras-Libras da UFRJ) e os alunos Hillys Souza e Ramon Araújo (discentes dos cursos de graduação em Letras-Libras da UFRJ). A produção e edição dos vídeos foram realizadas pelo técnico João José Macedo do Departamento de Letras-Libras da UFRJ.

Diante da disponibilidade fornecida, os 45 vídeos do curso têm alcançado muitas pessoas e, cada vez mais, se tornado uma fonte de consulta e referências para outros cursos e pesquisadores. Para exemplificar, o vídeo “saudações”, até o momento, já tem registrado 131 mil visualizações (figura 1).



Figura 1 – Vídeos do curso no YouTube

Fonte: <https://www.youtube.com/c/LetrasLibrasUFRJ/videos>

Em relação às pesquisas realizadas, destacamos a seguir menções honrosas, textos publicados e comunicações orais realizadas.

5.1 MENÇÕES HONROSAS

“TICs para a aprendizagem de Libras”, prêmio de 3º lugar na IV Jornada de Iniciação Científica do Instituto Nacional de Surdos (DESU/INES), em 2018.

“Libras a distância: estratégias de ensino-aprendizagem”, Menção Honrosa na 9ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ – SIAC, em 2018.

5.2 TEXTOS PUBLICADOS

“Estudos linguísticos sobre Libras: corporificação e metonímia” no II Congresso Nacional de Ensino-Aprendizagem de Línguas,

Linguística e Literaturas – CONAEL, Instituto Federal de São Paulo, Campus Avaré, em 2020.

“As tecnologias da informação e comunicação e o processo de ensino-aprendizagem de Libras por meio do ensino a distância” na XIV Semana de Educação da UFRJ, em 2019.

“Estratégias de ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais por meio do uso de tecnologias de informação e comunicação” no II Seminário de Idiomas no Mundo do Trabalho Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Niterói, em 2018.

5.3 COMUNICAÇÕES ORAIS

“O ensino-aprendizagem da Libras: utilizando as novas tecnologias da informação e comunicação como práticas pedagógicas com alunos ouvintes” na XLII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural (JICTAC) da UFRJ, em 2020.

“Metonímia e corporificação: pressupostos linguísticos no ensino da Língua Brasileira de Sinais” no I Seminário Núcleo de Estudos Língua(gem) em Uso e Cognição – NELUC da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, em 2019.

“As tecnologias da informação e comunicação e o processo de ensino-aprendizagem de Libras por meio do ensino a distância” na XIV Semana de Educação da UFRJ, em 2019.

“Libras a distância: contribuições da Linguística Cognitiva e das tecnologias de informação e comunicação” na 10ª Semana de Integração Acadêmica SIAC/UFRJ, em 2019.

“Desafios e possibilidades no ensino de Libras a distância: uso das tecnologias de informação e comunicação” na 10ª Semana de Integração Acadêmica SIAC/UFRJ, em 2019.

“Tecnologias de Informação e Comunicação para a aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais” na IV Jornada de Iniciação Científica do Instituto Nacional de Surdos (DESU/INES), em 2018.

“Estratégias de ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais por meio do uso de informação e comunicação” no II Seminário de Idiomas no Mundo do Trabalho Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Niterói, em 2018.

“Libras a distância: estratégias de ensino-aprendizagem” na 9ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ – SIAC/UFRJ, em 2018.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se a extensão universitária como um processo interdisciplinar que colabora para a relação entre ensino, pesquisa e extensão. Sendo assim, este curso, por meio do ensino de Libras, proporcionou a divulgação e o aprendizado de conhecimentos básicos da língua. Tais noções podem promover a diminuição das barreiras comunicacionais que os surdos enfrentam diariamente.

Constatamos que foram desenvolvidas pesquisas sobre o ensino de Libras, o ensino dessa língua a distância, a Cultura Surda, o uso de TICs e os processos linguístico-cognitivos em sinais, que possibilitaram estratégias de ensino e de desenvolvimento do conhecimento linguístico. Dessa forma, foi promovida a interação entre a universidade, discentes e a sociedade por meio de reflexões culturais, educativas, linguísticas e sociais que estão atreladas à Libras, ao surdo e à educação de surdos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2002]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 18 mar. 2021.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Brasília, DF: Presidência da República, [2010]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm. Acesso em: 18 mar. 2021.

BRASIL. Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13409.htm. Acesso em: 26 abr. 2021.

BRASIL. Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: Presidência da República, [2005]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 18 mar. 2021.

BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FELIPE, Tanya A.; MONTEIRO, Myrna S. *Libras em Contexto: Curso Básico, Livro do Professor*. 6. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

GESSER, Audrei. *Metodologia de Ensino em LIBRAS como L2*. Florianópolis: UFSC, 2010.

GUAREZI, Rita de Cássia Menegaz; MATOS, Márcia Maria de. *Educação a distância sem segredos*. Curitiba: InterSaberes, 2012.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

GOULART, Audemaro Taranto. *A importância da pesquisa e da extensão na formação do estudante universitário e no desenvolvimento de sua visão crítica*. Horizonte: Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 60-73, 1º sem. 2004.

HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcilia (org.). *A Redação de Trabalhos Acadêmicos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

NUNES, Valeria Fernandes. *Narrativas em Libras: análise de processos cognitivos*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

NUNES, Valeria Fernandes. *Corporificação e iconicidade cognitiva: um estudo sobre verbos em línguas de sinais*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PETERS, Otto. *Didática do Ensino a Distância*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MUITO ALÉM DE DESENVOLVIMENTO DE JOGOS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

FERNANDO CELSO VILLAR MARINHO

COORDENADOR DO PROJETO DE DESENVOLVIMENTO DE JOGOS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

FÁBIO VINÍCIUS SILVA DOS SANTOS

DOCENTE NA FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE NITERÓI E DA SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

FLÁVIO DE AZEVEDO CUSTÓDIO

LICENCIADO EM MATEMÁTICA - UFRJ

MARCOS MONTE DE OLIVEIRA ALVES

DOCENTE NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRJ.

RESUMO

Apresentamos as transformações vivenciadas no âmbito do Projeto de extensão de *Desenvolvimento de Jogos Digitais na Educação* durante o período de março de 2020 a março de 2021. A perspectiva metodológica adotada foi a narrativa autobiográfica. Destacam-se as sugestões para ampliação da humanização das relações no meio acadêmico e o compartilhamento de uma “filosofia” de trabalho coletivo. Foram identificadas as características da dinâmica de trabalho que se mostraram capazes de acolher os participantes de forma humanizada e produzir atividades de pesquisa, ensino e extensão com qualidade socialmente referenciada.

PALAVRAS-CHAVE

Gamificação; Educação Financeira; Jogos Digitais; Produção Coletiva.

1. INTRODUÇÃO

Em um ano marcado pela pandemia da COVID-19, muitas rotinas foram transformadas subitamente. As aulas de escolas e universidades públicas e particulares foram suspensas em março de 2020. Diante desse cenário bastante desafiador, optamos por manter as atividades de extensão do Projeto de *Desenvolvimento de Jogos Digitais na Educação (DJDE)* a partir de ferramentas de interação à distância, o que permitiu a manutenção de vínculos e a continuidade dos trabalhos. Neste relato, vamos apresentar a experiência de profunda transformação no Projeto *DJDE* ocorrida no período de março de 2020 a março de 2021, a partir de quatro pontos de vista distintos e complementares.

2. OBJETIVOS

Apresentar as transformações vivenciadas no âmbito do projeto *DJDE* durante o período de março de 2020 a março de 2021.

Identificar características da dinâmica de trabalho que se mostraram capazes de, a um só tempo, acolher os participantes de forma humanizada e produzir atividades de pesquisa, ensino e extensão com qualidade socialmente referenciada.

3. CONTEXTO: O PROJETO DJDE

O projeto de extensão *Desenvolvimento de Jogos Digitais na Educação* foi criado em 2017, visando compartilhar com a comunidade alguns conhecimentos obtidos na pesquisa de doutorado de Marinho (2014) sobre a promoção de aprendizagem em ciências e matemática a partir do desenvolvimento de jogos digitais na perspectiva construcionista de Papert (1993). Nesta pesquisa, foi utilizada a gamificação em um curso de formação de professores com foco na criação de jogos digitais com o Scratch, um software de interface amigável caracterizado pela utilização da linguagem de programação em blocos, ideal para ser usado por crianças e adolescentes. O termo gamification tem sido traduzido por gamificação e corresponde ao uso de elementos de videogames para melhorar a experiência e o envolvimento dos usuários em contextos que não são de jogos. Seu objetivo é fazer de uma atividade comum, algo mais divertido,

envolvente e interessante, bem como fazer com que o usuário tenha uma experiência positiva, alcançando um determinado objetivo proposto.

O uso do desenvolvimento de jogos digitais como contexto autêntico para promoção de aprendizagem e a gamificação de processos educacionais compõem os vetores iniciais das pesquisas acadêmicas e atividades de extensão do Projeto *DJDE*.

Em março de 2020, havia nove participantes no projeto: o coordenador geral, três bolsistas PROFAEX e cinco professores, dentre os quais três da rede particular e dois da rede pública do Rio de Janeiro. O foco do trabalho à época era a gamificação de atividades no ensino fundamental. Com intuito de aumentar o engajamento dos estudantes, criamos uma proposta metodológica própria que consistia em combinar colaboração e competição em atividades lúdicas de simulação de investimentos em carteiras de ações da bolsa de valores. Estávamos todos muito animados para pôr em prática tudo que idealizamos quando fomos surpreendidos com a interrupção das atividades letivas.

As informações disponíveis à época geraram muito medo e estresse para todos que acompanhavam as notícias que se assemelhavam a filmes hollywoodianos catastróficos. Países fechando suas fronteiras, atividades esportivas canceladas no mundo inteiro, um clima de muita incerteza se instalou. A equipe do projeto, nesse contexto, atuou de forma a minimizar danos psicológicos, bem como a propiciar o crescimento pessoal e coletivo de todos os participantes.

A transformação catalisada pelos desafios postos em 2020 promoveu um crescimento até então inimaginável. Em março de 2021, o projeto passou a contar com 30 participantes, além dos previamente citados, entraram 13 extensionistas da UFRJ de cursos variados, cinco professores das redes pública e particular do Rio de Janeiro e três estudantes do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) de Nilópolis. Em 2021, o projeto estava organizado em quatro frentes de trabalho, a saber: (a) oficinas gamificadas de educação financeira; (b) curso de pensamento computacional e desenvolvimento de jogos digitais na educação básica; (c) gamificação de um módulo de um curso de extensão do Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis - HESFA - com foco no cuidado multiprofissional da pessoa com fissura labiopalatina; (d) desenvolvimento de atividades que relacionam robótica e jogos digitais para estudantes do segundo segmento do ensino fundamental.

4. METODOLOGIAS E PROCEDIMENTOS

Ao receber a chamada para publicação deste *e-book*, encaminhamos para todos os membros do projeto um convite para publicação de um relato sobre as atividades do projeto. Destes, quatro manifestaram interesse e dois deles redigiram a primeira versão de seus relatos em primeira pessoa. A força das palavras e o caráter genuíno e espontâneo de seus textos nos conduziram em busca de um referencial metodológico adequado para acolhê-los de forma autêntica. Em consonância com a criatividade marcada pela equipe organizadora, como tônica das atividades desenvolvidas na UFRJ durante a pandemia de COVID-19, buscamos inspirações em projetos irmãos que acolhem as narrativas autobiográficas em seus trabalhos, como o Grupo de Pesquisa e extensão Conversas entre professorxs: alteridades e singularidades – ConPAS, em particular em seu livro “Narrativas na/ da pandemia”, publicado pela editora Ayvu.

A potência narrativa autobiográfica é capaz de mostrar verdadeiramente os laços de afetos que articulam discentes, técnicos e docentes da UFRJ e a comunidade externa, aprofundando e superando as vinculações acadêmicas. Nesse sentido, seguimos a percepção de Souza (2007), mantendo livre a subjetividade dos autores.

No trabalho de coleta de depoimentos, o investigador dirige o informante diante do objeto e das questões que pesquisa, ou seja, é o pesquisador quem dirige e conduz a entrevista frente aos acontecimentos da vida do informante que possam ser incluídos no trabalho. Na história de vida, diferente do depoimento, quem decide o que deve ou não ser contado é o ator, a partir da narrativa da sua vida, não exercendo papel importante à cronologia dos acontecimentos e sim o percurso vivido pelo sujeito. Ainda que o pesquisador dirija a conversa, de forma sutil, é o informante que determina o “dizível” da sua história, da sua subjetividade e dos percursos da sua vida. (SOUZA, 2007, p.66).

O presente relato é composto pelos pontos de vistas de quatro participantes que vivenciaram o projeto em espaços-tempos distintos: o coordenador geral, um participante antigo (de 2018), um participante novo (do segundo semestre de 2020) e um dos coordenadores de um núcleo do projeto criado em 2020.

Os textos dos autores foram preservados praticamente em sua totalidade e denotam suas visões entrecruzadas, constituindo um todo heterogêneo, multifacetado, mas capaz de compor parte da complexidade de ações desenvolvidas no projeto e suas consequências.

5. RESULTADOS OBSERVADOS

De acordo com a linha metodológica adotada, as visões dos participantes correspondem simultaneamente a dados coletados e aos resultados observados a partir dos pontos de vista dos autores-sujeitos-da-pesquisa. A ordem de apresentação das narrativas pessoais seguirá a cronologia da inserção dos participantes no projeto.

5.1. VISÃO DO COORDENADOR GERAL DO PROJETO DJDE

Eu sou Fernando Celso Villar Marinho e construí minha carreira acadêmica e profissional na UFRJ, tendo cursado a graduação, o mestrado e o doutorado nesta instituição, além de atuar como professor do Colégio de Aplicação desde 2003. Sinto certo desconforto em escrever em primeira pessoa, mas entendo que o esforço de modificar minha escrita traz o benefício de acolher a originalidade da produção dos participantes do projeto que estão menos viciados às demandas formais de alguns textos acadêmicos.

O foco deste relato está nas ações realizadas por nós no projeto de extensão *DJDE* em 2020, mas estas encontram base em experiências anteriores destacadas a seguir de forma resumida. A convite da professora Maria Laura Mouzinho Leite Lopes, atuei como coordenador do Grupo de Tecnologias no Ensino e Aprendizagem de Matemática no Projeto Fundação no período de 2008 a 2015. Tive a oportunidade de aprender muito sobre a importância e sobre as características de uma ação de extensão no Projeto Fundação. Sou grato pelos aprendizados advindos do convívio com todos, em particular com as professoras Lilian Nasser, Lúcia Tinoco, Cláudia Segadas, Marisa Leal e a saudosa Maria Laura. Em relação à pesquisa acadêmica, cabe destacar o meu acolhimento no Laboratório de Tecnologias Cognitivas do NUTES/UFRJ no qual, sob orientação da professora Miriam Struchiner, pude ampliar meus referenciais teóricos e aprender a importância de uma postura crítica, porém aberta a ideias novas e a pontos de vista divergentes. Por fim, cabe destacar a constante formação compartilhada entre docentes do Colégio de Aplicação, responsáveis por uma comunidade de aprendizagem efetiva e acolhedora. As vertentes de ensino, pesquisa e extensão são marcas indelévels da minha formação acadêmico-profissional, que se fazem presentes nas ações do projeto *DJDE*.

No início de 2020, todas as nossas referências se mostraram insuficientes para lidar com o desafio posto para a humanidade: a pandemia de COVID-19. As imagens de caminhões do exército carregando caixões e

os relatos de pessoas morrendo em casa na Itália, se somavam às preocupações de todas as nações do mundo. O fechamento do espaço aéreo dos EUA para voos da Europa foi, para mim, um divisor de águas na escalada crescente de preocupações. Na sexta-feira, 13 de março de 2020, as aulas presenciais foram suspensas.

Em um contexto psicologicamente tão difícil, optamos por manter as interações dos membros do projeto *DJDE* por meio de reuniões virtuais, objetivando nos fortalecer emocionalmente. Como responsável pela condução dos trabalhos, busquei construir um ambiente de acolhida e afeto, valorizando a vida e estimulando à reflexão quanto à postura de *locus de controle interno* para a transformação pessoal. Construímos nossa missão de “transformar a sociedade por meio da inovação na educação, com base na empatia e no respeito a ideias e pessoas”. Estabelecemos cinco princípios gerais para guiar nossas ações: 1) empatia e cuidado com as pessoas; 2) aprimoramento constante no âmbito pessoal, acadêmico e profissional; 3) comprometimento com a excelência; 4) otimização do tempo e 5) compromisso com a transformação da sociedade. Além disso, destacamos dez valores a serem cultivados por cada participante: a) humildade; b) atitude colaborativa; c) mentalidade de crescimento; d) criatividade na busca de soluções; e) exigência de qualidade e eficiência; f) comprometimento; g) independência e autoconfiança; h) curiosidade e espírito investigativo; i) ser orientado para a ação e resolução de desafios e j) capacidade de lidar com a incerteza.

Os relatos dos participantes foram muito positivos, como pode ser observado no trecho a seguir destacados do relatório de um dos bolsistas PROFAEX¹:

(...) o projeto surpreendeu demais quando, em momento de pandemia, nos víamos discutindo temas não só individuais, mas como coletivo, onde nosso orientador nos convidava a refletir sobre os mais diversos temas envolvendo o viver, o liderar, o ensinar e o aprender. Além de inúmeros outros temas e discussões que surgiram de maneira orgânica e que me trouxeram um lado mais empático, emocional e, mais ainda, me mostrou que um grupo de trabalho pode se tornar algo maior, pode ser tornar mais humano e mais vulnerável, e, que isso, ironicamente, pode torná-lo ainda mais forte. Com certeza saí uma pessoa melhor, mais empática e com uma escuta ativa mais focada. E, além disso, posso dizer, com toda certeza, que esse projeto trouxe sentido para mim durante a pandemia. (Bolsista PROFAEX: Pedro Rocha)

¹ Agradecemos ao Programa Institucional de Fomento Único de Ações de Extensão (PROFAEX) – Edições de 2018 e 2019/2020 da UFRJ pelos recursos oferecidos ao Projeto de Desenvolvimento de Jogos Digitais Educacionais.

As avaliações dos participantes nos motivaram a ampliar as ações do projeto e convidei três integrantes, Marcos Monte, Rita Meirelles e Flávio Custódio, para atuarem na coordenação de um núcleo a ser formado a partir do convite a novos integrantes. Assim, nasceu o grupo *DJDE 2.0* com a missão de levar aos novos membros nossos princípios e valores. O resultado foi extremamente positivo, com muita produtividade em pouco tempo. O grupo, criado em agosto, foi capaz de produzir duas oficinas remotas gamificadas de educação financeira até novembro.

5.2. VISÃO DE UM PARTICIPANTE DO PROJETO DJDE DESDE 2018

Eu me chamo Flávio de Azevedo Custódio, tenho 29 anos, trabalho atualmente num pré-vestibular voltado para medicina. Fiz Licenciatura em Matemática na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e estágio no CAP UFRJ, em 2014, acompanhando as turmas do 2º ano do ensino médio com o prof. Fernando. Em 2018, ingressei no projeto *DJDE* com a intenção de desenvolver atividades sobre Educação Financeira e conheci a possibilidade de abordar esse tema por meio da gamificação. E, assim, foi feito com jovens do Complexo do Alemão.

No início de 2020, com a COVID-19 se alastrando pelo mundo, nas reuniões do projeto o coordenador buscou um meio de sairmos desse clima de medo e nos incentivou a sermos proativos. Ele nos indicou um curso chamado “Reaprendizagem Criativa”, ministrado pelo Murilo Gun e simultaneamente um podcast chamado Líder HD, criado pelo Michael Oliveira. Em nossas reuniões, fazíamos reflexões a cada 5 episódios do podcast. As trocas realizadas nos aproximaram como grupo, apesar das distâncias físicas, nos sentíamos familiares uns dos outros, cada dia mais unidos. Até hoje, estou ouvindo o podcast do líder HD e iniciei um outro curso do Murilo, chamado Técnicas Criativas. No projeto, aprendi a mexer em muitas áreas que eu tinha medo, como ter noção de programar, construir sites, ter autonomia de desenvolver ou buscar ideias próprias.

Durante o período da quarentena, o Fernando convidou o Marcos Monte (professor do CAP UFRJ desde 2019), a Ritinha (professora aposentada do CAP UFRJ) e eu para a coordenação de um novo núcleo do projeto que acolheria novos integrantes, o chamado *DJDE 2.0*, cujos encontros eram realizados às terças-feiras. Foi um desafio grande, pois ao mesmo tempo que estávamos trabalhando em blindar nossa mente com as informações tóxicas da pandemia, começamos a expandir o nosso grupo.

Este período foi interessante, pois cada encontro que ocorria na sexta, era um momento de esquecer o externo e viver aquele intervalo produtivo de duas horas que passava, mas ninguém sentia. Nas terças, a missão de conduzir, motivar e engajar um novo grupo. Se não fosse o projeto, eu não teria segurado mentalmente todo este momento, ser mais produtivo, ir além do que faço, ser mais dedicado e poder estar sempre saindo da zona de conforto. A consequência de todo esse crescimento me deu uma oportunidade melhor no meu trabalho e, ao mesmo tempo, tudo que aprendo, seja no meio acadêmico ou profissional, eu busco aplicar entre eles, para assim melhorar minha dedicação. Eu me emociono ao lembrar de tudo que vivemos, porque mesmo num momento tão difícil, nós conseguimos crescer de forma individual e coletiva, expandindo nossos horizontes.

5.3. VISÃO DA COORDENAÇÃO DO NOVO NÚCLEO DO PROJETO DJDE CRIADO EM 2020

*Desafios e superações no modelo remoto de ensino-aprendizagem
por: Marcos Monte de Oliveira Alves*

O ano de 2020 foi particularmente desafiador - era meu primeiro ano trabalhando como professor efetivo no CAP-UFRJ - e um ano onde adaptações ainda mais desafiadoras se colocaram à minha frente. Havia ingressado há pouco tempo no projeto de extensão denominado *Desenvolvimento de Jogos Digitais na Educação (DJDE)* e próximo de completar um ano, o idealizador do *DJDE*, professor Fernando Villar, lançou um desafio: ele gostaria de poder contribuir mais com a sociedade e, para tal, me pediu para coordenar um novo núcleo, juntamente do professor Flávio Custódio e da professora Rita Meirelles.

Em 18 de agosto de 2020, recebemos o grupo que dava início ao *DJDE 2.0*, núcleo de Educação Financeira. Era um grupo heterogêneo, composto por extensionistas de design de interiores, pedagogia e terapia ocupacional, professores experientes de matemática, uma doutora em informática e um técnico administrativo do CAP, também professor de história e engenheiro, que veio agregar valor ao grupo pouco depois do início das atividades. Para receber esse grupo insigne, foram realizados diversos encontros entre os membros da coordenação e foi feito um esboço de como seriam as próximas semanas.

A preocupação inicial era tentar transmitir aos que chegavam a mentalidade do projeto, com o intento de harmonizar as falas e preparar o

grupo para a atuação conjunta em atividade futura. Não obstante, o foco da educação financeira não foi esquecido, e fez-se presente desde o primeiro encontro, a partir da leitura indicada para o encontro seguinte.

Foram feitas atividades gamificadas, leituras de artigos sobre o uso de Avatar e gamificação, debate sobre o livro “Pai Rico Pai Pobre” de Robert Kiyosaki, atividades em vídeo, como a série “Ascensão do Dinheiro” disponível no *YouTube*. Em todo encontro buscava-se transmitir informação de valor e alinhar valores relativos ao objetivo do projeto. Em geral, costumava-se apresentar vídeos curtos e impactantes, que pudessem trazer à tona temas que fossem importantes, tais quais: trabalho colaborativo, educação financeira, valor do tempo, respeito e outros.

Eis que surgiu o primeiro desafio do grupo: elaborar duas oficinas de educação financeira, gamificadas para serem ministradas no Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Nesse momento, o grupo já se encontrava preparado para trabalhar colaborativamente, com valores alinhados e a visão de transformar a partir da educação assimilada por todos os integrantes. Utilizamos a estratégia de dividir o grupo em dois subgrupos, de modo a poder dar conta da dupla demanda. Em especial, fiquei junto do subgrupo que elaborou um jogo de tabuleiro on-line, fazendo uso da técnica de storytelling, para promover o engajamento do público-alvo: jovens estudantes do IFRJ da unidade Paracambi.

Foi gratificante observar a integração entre os participantes e o nível de produtividade alcançado pela equipe. Acredito que estes momentos ficarão marcados na vida de todos que integraram o *DJDE 2.0* no ano de 2020, um ano onde as dificuldades foram superadas com trabalho duro e dedicação de todos.

5.3. VISÃO DE UM PARTICIPANTE INGRESSANTE NO PROJETO EM 2020

Minha visão do grupo nas primeiras semanas de participação:

Eu me chamo Fábio Vinícius Silva dos Santos, tenho 45 anos, sou professor da Educação Básica desde 2003 onde atuo como professor de Matemática para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Apresento esse pequeno cenário pessoal e profissional para que o relato abaixo possa ser compreendido sobre o mesmo ângulo.

Tudo começou no dia 20 de julho de 2020, quando o professor e Coordenador do Projeto de *Desenvolvimento de Jogos Digitais na Educação (DJDE)*, Fernando Villar, me convidou para participar de uma

apresentação no formato virtual para o Grupo do *DJDE*, onde eu relataria algumas experiências relacionadas à minha prática profissional. E, assim, foi feito. Na semana seguinte da apresentação e com todo o seu decoro, que lhe é muito peculiar, o Fernando me convidou para fazer parte dessa nova configuração do grupo chamada de *DJDE 2.0*. E, até aí, eu pensei, vamos nessa Fábio, pois precisamos manter esses vínculos acadêmicos e trabalhar muito ainda, pois a estrada é longa e a caminhada se faz necessária.

Aceitei o convite pensando inicialmente no meu crescimento acadêmico e profissional e na manutenção dessa rede de contatos que se faz necessária. E foi aí que, em plena pandemia de COVID-19, eu me surpreendi. Os encontros começaram no dia 18 de agosto de 2020 e o trabalho era conduzido pelos professores Flávio Custódio, Marcos Monte e a professora Rita Meireles, a nossa “Ritinha”, e tudo com a coordenação e supervisão do Fernando. Eu enxergava ali, mesmo por meio das câmeras, uma troca de olhares envolvendo uma dose bem-humorada de mistério em relação a tudo que estava acontecendo com as nossas reações a cada novo encontro.

Percebi, naquele momento, que eles estavam ali para nos envolver em uma rara experiência e isso começou a fazer uma grande diferença para mim. Como disse, sou professor de Matemática há 18 anos, conheço bem o ambiente acadêmico e escolar, tenho lembranças maravilhosas dos meus professores e colegas de profissão, mas foram poucos os momentos que me remetiam a esse tipo de experiência.

Tivemos encontros envolvendo palestras com visitantes, relatos pessoais com membros do grupo, encontros com leituras e análises de artigos, audiobook, vídeos, músicas e até a presença de um violão. Era uma salada de recursos em prol da continuidade de um trabalho que precisava sobreviver e ainda não se sabia como. Era fácil observar a conexão harmoniosa entre os conteúdos apresentados e a dose de recursos empregados ali.

E foi depois de tudo isso observado e analisado, pelo menos por mim, que eu via, ali na minha frente, o surgimento ou até mesmo o já o amadurecimento de uma filosofia de projeto, que surgiu em função de uma necessidade social. E, com isso, as demandas foram aparecendo com dois projetos que surgiram e os nossos encontros continuaram acontecendo nas tardes de terça-feira.

O ano de 2021 começou, e continuamos em nossas atividades semanais, que, de um único encontro por semana, passou a ter dois encontros, conforme a necessidade do grupo e interesse de trabalho de cada um dos

membros envolvidos. O perfil do grupo mudou um pouco, pois colegas se foram e outros novos foram chegando, e juntos estamos construindo esse eterno e belo rascunho chamado de humanidade.

Finalizo aqui fazendo um pedido para toda a sociedade acadêmica que se humanize cada vez mais e repense em suas filosofias de projeto de cursos, e, quando eu digo em cursos, destaco aqui os cursos de graduação que correspondam à porta de chegada do indivíduo em uma universidade. Celebremos a educação e todos os seus desdobramentos, sem exclusão e que todas as barreiras sejam vencidas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quatro pontos de vista apresentados neste trabalho nos ajudam a perceber a força integradora da universidade com a comunidade por meio de ações de extensão. As ferramentas tecnológicas viabilizaram um novo olhar para as relações de aprendizagem e de construções de trabalho coletivo que, mesmo mediados pelas telas, podem ser pautadas em valores humanos de respeito e afeto. Que a universidade se mantenha viva e cada vez mais próxima da comunidade por meio das ações de extensão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DETERDING, S.; SICART, M.; NACKE, L.; O'HARA, K.; DIXON, D. Gamification: Using Game Design Elements in Non-Gaming Contexts. In: CHI'11 extended abstracts on human factors in computing systems, 2011. Anais [...]. Vancouver: 2011, p. 2425-2428.

KIYOSAKI, Robert T.; LECHTER, Sharon L. *Pai rico pai pobre*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

MARINHO, Fernando Celso Villar. *Saberes docentes para promoção de aprendizagem em ciências e matemática a partir do desenvolvimento de jogos digitais*. 2014. 358 f. Tese (Doutorado) – Núcleo de Tecnologia Educacional para Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014.

PAPERT, S. A. *Mindstorms: Children, Computers, and Powerful Ideas*. 2 ed. Basic Books, 1993.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. Memória e formação de professores*. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 59-74.

OPORTUNIDADES GERADAS NA ADVERSIDADE: VISITA GUIADA VIRTUAL AO MUSEU DA ESCOLA DE ENFERMAGEM

MARIA ANGÉLICA DE ALMEIDA PERES

COORDENADORA DO PROJETO CAMINHANDO NA HISTÓRIA DA SAÚDE: TRAJETÓRIA E MEMÓRIA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY – UFRJ

PACITA GEOVANA GAMA DE SOUSA APERIBENSE

DOCENTE NO CURSO DE ENFERMAGEM – UFRJ

DAVI MILLELI SILVA

GRADUANDO EM ENFERMAGEM – UFRJ

ROSA MARIA SOUZA BRAGA

DOUTORA EM EDUCAÇÃO – UERJ

RESUMO

A visita guiada ao Museu da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) dedica-se a expandir o conhecimento de história da enfermagem via projeto de extensão universitária. Os objetivos do projeto são descrever as atividades de um projeto de extensão vinculado ao Museu da EEAN durante a pandemia de COVID-19. Utilizamos como metodologia o relato de experiência de um bolsista sobre a adaptação da atividade de visita guiada presencial para o formato virtual. A partir disso, entendemos que a iniciativa de realizar visita guiada virtualmente surgiu pela necessidade de manter o acesso ao Museu durante a pandemia. Grupos de diferentes regiões do país se interessaram pelo novo formato, tornando essa modalidade uma nova estratégia didática para o ensino de história da enfermagem. A atividade virtual ampliou a divulgação do Projeto de Extensão e do Museu da EEAN durante a pandemia, propiciando o crescimento pessoal e acadêmico do bolsista.

PALAVRAS-CHAVE

Museus; História da enfermagem; Ensino de Enfermagem; Extensão universitária; Ação extensionista.

1. INTRODUÇÃO

Criada em 1923, a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), posteriormente conhecida como Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEAN/UFRJ), tinha o seu curso exclusivamente para mulheres até o final da década de 1960. As disciplinas teóricas eram ministradas no Pavilhão de Aulas (PA), inaugurado em 1927, e as atividades práticas realizadas no Hospital Geral da Assistência, atual Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis – HESFA (KRUSE, 2006).

A escola foi criada durante a reforma sanitária, ocorrida de 1920-1924, liderada por Carlos Chagas, diretor do DNSP, com a finalidade de modernizar as formas de promover a saúde da população, que naquele tempo carecia de serviços públicos eficientes e condições econômicas para custear tratamentos médicos, sendo muitas vezes dependente de instituições filantrópicas como as Santas Casas de Misericórdia (PERES, 2013).

A ideia de Carlos Chagas era implantar no Brasil um modelo de Enfermagem como o existente nos Estados Unidos (EUA), onde as Enfermeiras de Saúde Pública eram profissionais reconhecidamente educadoras sanitárias que faziam seu trabalho eficientemente. Para isso, a Escola do DNSP implantou no país a Enfermagem Moderna, fase profissional iniciada por Florence Nightingale na Inglaterra, no final do século XIX, disseminada pelo mundo a partir de então. Essa fase iniciou-se no Brasil com a criação da Escola de Enfermeiras do DNSP, resultado de um acordo de cooperação técnica entre Brasil e os EUA com o objetivo de formar enfermeiras dedicadas à educação em saúde na capital federal.

Atualmente nas dependências da Escola encontra-se o Centro de Documentação (CDOC) inaugurado em 1993, onde são recebidos diversos pesquisadores e o público-alvo das atividades de extensão por conter toda a documentação do processo de criação da EEAN e de seus anos posteriores. A coordenação do espaço está sob a responsabilidade da professora Maria Angélica de Almeida Peres, que é membro do Núcleo de Pesquisa em História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras), primeiro grupo de pesquisa fundado na EEAN.

À frente da disciplina de História da Enfermagem para a graduação, a Professora citada envidou esforços a fim de agregar conhecimento e fortalecer a identidade profissional dos acadêmicos de Enfermagem. Assim,

teve início em 2013 as Visitas Guiadas ao PA da EEAN, destinadas, num primeiro momento, apenas aos alunos da própria escola.

Essa atividade ganhou força como educação museal uma vez que o PA é um prédio tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, estimulando a realização de um projeto engavetado desde 1973: o Museu da EEAN. Com o trabalho da equipe do projeto de extensão *Caminhando na História da Saúde: trajetória e memória da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ* foi inaugurado, em maio de 2017, o Museu da EEAN. O espaço foi criado a partir da reunião de diversos artefatos históricos encontrados nos três andares do PA, no HESFA e de doações de ex-alunos e professores. No museu encontram-se documentos, insígnias, bustos, estátuas, além de objetos históricos do cuidar em enfermagem que auxiliam em preservar a memória profissional, fortalecer a instituição, estabelecer vínculos históricos, além de criar perspectivas para o futuro de uma categoria (DIAS et. al., 2016).

Ao iniciar as atividades extensionistas como bolsista, o autor principal deste relato cursava o quarto período da graduação da EEAN e era sua primeira experiência como bolsista de extensão universitária. Cabe ressaltar que sua aproximação com o projeto iniciou dois anos antes, de maneira voluntária.

2. OBJETIVO

Descrever as atividades de um projeto de extensão vinculado ao Museu da EEAN durante a pandemia de COVID-19.

3. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência sobre a adequação da atividade de visita guiada presencial para virtual durante a pandemia de COVID-19. Destaca-se que a atividade extensionista tem um cunho dinâmico e voltado a interação tanto com o público interno, ou seja, os próprios acadêmicos da UFRJ, quanto externo a ela, incluindo acadêmicos de Enfermagem de outras instituições públicas e privadas, como também de ensino médio e fundamental, além da população em geral.

A metodologia utilizada é baseada na noção de espaços não formais de ensino. O projeto de extensão tem como proposta aproximar cursos

de graduação, de nível médio e o ensino fundamental, além da sociedade de um modo global, de uma fração da história da saúde pública brasileira. Trabalha o Museu como um espaço não-formal de educação com a proposta de romper o ensino tradicional da sala de aula e estimular relações dialógicas entre as partes envolvidas no processo de aprendizagem significativa (GOMES, 2010; MARANDINO, 2017).

4. CONHECENDO AS ATIVIDADES DO PROJETO DE EXTENSÃO – MUITO ALÉM DE GUIAR AS VISITAS

A partir daqui, usarei a primeira pessoa do singular para descrever a experiência vivida na extensão.

As visitas guiadas são realizadas de acordo com a demanda espontânea de pedidos que chegam ao CDOC. Tem duração média de 1 hora e 30 minutos até 2 horas. Inclui dois momentos, a saber: uma palestra ministrada acerca do contexto histórico da implantação e desenvolvimento da enfermagem no Brasil, seguido da visita propriamente dita ao Museu e aos espaços da EEAN (visitação aos três andares do PA, suas salas, gabinete da direção e anexos).

Cabe destacar que nos primeiros meses de 2020, tive a oportunidade de realizar uma visita guiada no âmbito do Programa de Integração com os Calouros (PROINCAL), promovido pela coordenação de Graduação da EEAN. Esta visita tinha o objetivo de apresentar a Escola fisicamente, mas, principalmente, a história desta instituição quase secular (1923-2023) em que estavam ingressando. Evidencia-se ainda, que o momento do PROINCAL é destinado a aproximar os calouros de seus veteranos, buscando dialogar, de um lado, sobre expectativas em relação à graduação, formação profissional e experiências de vida, e, de outro, mostrar as oportunidades de crescimento profissional e pessoal proporcionadas pela academia, tais como iniciação científica, acadêmico bolsista, participação em ligas, movimentos estudantis e a extensão universitária.

Para conduzir a visita é necessário um preparo do bolsista pela equipe, o que inclui estudo individual acerca dos temas históricos os quais envolvem objetos do museu e do contexto histórico, político e social, abrangendo a criação do prédio e implantação da Enfermagem Moderna no país. Além disso, há reuniões de planejamento didático-pedagógico de acordo com o público-alvo e preparo do material a ser apresentado na palestra que antecede a visita. Posteriormente, o bolsista se dedica à

análise das práticas pedagógicas utilizadas, fragilidades e qualidades do processo, visando melhorar as próximas experiências de visita. Cabe destacar que esta atividade é sustentada nos dados colhidos do formulário de avaliação que os visitantes preenchem ao final da atividade.

Vale ressaltar que, apesar de haver sempre muitos elogios a esta atividade pelo dinamismo e curiosidades que envolvem a visita, o bolsista está em constante atualização do conhecimento por meio do estudo das temáticas solicitadas pelo público-alvo pela leitura de publicações científicas atualizadas a respeito dos temas e pela participação no Seminário Permanente do Nuphebras, que sempre traz temas referentes aos estudos em desenvolvimento na área.

Os demais dias e horários são dedicados ao cuidado do acervo do CDOC, no que concerne à preservação e manutenção dos documentos escritos datados da primeira metade do século XX, período de criação e implantação da EEAN. Dentre os cuidados realizados, destaca-se a higienização, identificação, catalogação e organização do acervo. Cada uma destas etapas é efetuada de forma meticulosa para não danificar o acervo documental. Para o processo de higienização, é necessário o uso de jalecos, luvas e máscaras para o manuseio dos documentos, uma vez que a poeira contida no interior das páginas pode gerar quadros alérgicos.

Tanto o tratamento dos documentos como dos livros - obras raras - é utilizado material em TNT para forração das superfícies em que serão higienizados, pincéis para a retirada da poeira superficial e espátulas para a remoção de pontos profundos de oxidação e poeira, e borracha para eliminar manchas. Os documentos, após a higienização, são identificados conforme a sua origem (se ata de reunião de diretoria, se documento de antigas alunas, se documentos de criação da EEAN) e catalogados de acordo com o período histórico, nas caixas contidas nas prateleiras deslizantes do CDOC, permitindo deixar o acervo disponível para consulta pública. O aprendizado sobre preservação e conservação de documentos foi uma grande contribuição na formação da minha consciência cultural e respeito à memória coletiva.

5. RESULTADOS OBSERVADOS

5.1. ADAPTAÇÃO EM TEMPO DE PANDEMIA – EXPANSÃO DAS ATIVIDADES ONLINE PARA ALÉM DAS VISITAS GUIADAS AO FORMATO VIRTUAL

A partir da emergência sanitária decretada no Brasil em 2020, e das medidas de contenção do avanço da doença por meio do distanciamento social, houve a necessidade de adaptar as atividades presenciais para o uso das mídias digitais. A atividade presencial foi suspensa e, diante de se encontrar uma forma de manter o projeto em atividade, foi pensada e preparada a visita guiada virtual (BRAGA et al, 2020).

Vislumbrou-se a possibilidade de unir forças com outras instituições e espaços de memória da profissão, oportunizada pelo momento de grande uso de encontros em plataformas virtuais, para que pudessem ser debatidas metodologias para o ensino da história da enfermagem e as reflexões provocadas pela pandemia no campo da atuação em saúde. Desse modo, a partir do contato com o Centro de Memória em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (CEMENF-UFMG) e uma parceria com a Associação Brasileira de Enfermagem seção Minas Gerais (ABEn-MG) e o Departamento Científico de História da Enfermagem (DHE) da ABEn Nacional, foi organizada uma proposta de curso de capacitação do profissional docente para o ensino da História da Enfermagem.

As lives foram realizadas através do *Instagram* do Museu. A cada encontro uma professora relatava sua experiência no ensino da disciplina. Participaram quatro pesquisadoras docentes de história e participantes de grupos de pesquisas de instituições federais do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Santa Catarina. Nesta perspectiva de parceria, também foi possível contar com a integração entre bolsistas do Museu da EEAN e do CEMENF, que puderam atuar na sistematização das atividades realizando as seguintes ações: elaboração de formulário de inscrição para os interessados; organização das plataformas de transmissão do evento (*Instagram* e *Google Meet*); gestão do grupo de extensionistas voluntários na atividade; produção de metodologias ativas para o desenvolvimento do curso; e contato via e-mail com os inscritos para divulgação das atividades da semana.

Cabe registrar que devido ao sucesso do primeiro curso, outras seções da ABEn buscaram se aproximar para a elaboração da atividade

em seus respectivos estados. A exemplo, o trabalho foi realizado também com a seção Tocantins, que ofereceu recursos humanos e apoio para a elaboração da atividade com os docentes daquele estado e dos que se aproximaram do trabalho.

Ao longo do ano de 2020, a UFRJ deu grande visibilidade às ações extensionistas, como estratégia política de resistência às ações do governo que muito impactaram na educação pública superior. Desta forma, foi realizado o evento intitulado “Festival do conhecimento UFRJ” que, conforme descrição no próprio site, tratou-se de “um espaço virtual de encontros e trocas da produção científica e cultural da nossa universidade para pensar e ressignificar formas de estarmos juntos durante a pandemia!” (UFRJ, 2020).

Visando ampliar e aprofundar o debate sobre aprendizagem significativa e educação não-formal, a equipe do projeto de extensão elaborou um curso de capacitação denominado “Visita Guiada ao Museu da Escola de Enfermagem Anna Nery: Possibilidades de Aprendizagem em Espaços não-formais de Educação” em que foram convidados parceiros de outros espaços de ensino da UFRJ (como o Museu de Anatomia e o Espaço Memorial Carlos Chagas) e extramuros para dialogar sobre as diferentes abordagens utilizadas e os impactos proporcionados aos seus alunos ao utilizar um espaço de memória como metodologia ativa de aprendizagem.

Destaca-se que houve um momento de apresentação do bolsista para relatar as experiências adquiridas durante a atividade extensionista. Além de minha participação como mediador do curso, apresentando os palestrantes, interagindo com o público e controlando o tempo de início e fim de atividades e de fala dos palestrantes.

No que diz respeito a visita guiada, atividade principal do projeto de extensão, após um período de atividades suspensas, a coordenação do projeto junto aos demais docentes, bolsista e extensionistas voluntários atuaram elaborando estratégias para o retorno da atividade de visita guiada de maneira virtual, agora chamada de “Visita Guiada Virtual ao Museu da EEAN”. Desde a inauguração em maio de 2017 até a paralisação em março de 2020, o museu da EEAN recebeu 2500 visitantes majoritariamente do próprio estado e, em menor número, visitas pontuais interestaduais e internacionais.

A primeira experiência de Visita Guiada Virtual ocorreu através de uma live pelo *Instagram* do Museu da EEAN, que foi filmada pelo bolsista enquanto a docente passeava pelo Pavilhão de Aulas numa conversa virtual

com os ouvintes do curso de graduação em enfermagem da Faculdade de Ensino Superior da Amazônia Reunida (FESAR), localizada no município de Redenção, sul do estado do Pará.

Importante ressaltar que houve alteração acerca das perguntas contidas no formulário de avaliação da Visita Guiada, uma vez que as metodologias de ensino também sofreram alterações. No formulário foram incluídas três perguntas: “1. Se você tivesse uma oportunidade, gostaria de realizar uma visita presencial ao Museu da EEAN?”; “2. Você considera esta estratégia de visita guiada virtual no contexto da pandemia: excelente, boa, regular, ruim, péssima?”; “3. Acredita que no contexto pós-pandemia as visitas virtuais deveriam continuar?”

Com a inclusão destas três questões, objetivou-se entender o panorama em que a visita virtual se encaixava frente às demandas colocadas pelos alunos de graduação durante a pandemia, e, a partir delas, perceber a aceitação da dinâmica e, assim, trabalhar sobre as possibilidades de aperfeiçoamento da atividade.

Com base nesta primeira experiência, realizada durante as comemorações da 81ª Semana Brasileira de Enfermagem, pode-se pensar de maneira mais ampla a visita guiada virtual, seus desdobramentos. E, apoiado nisso, formular estratégias para alcançar diferentes grupos, evitar o deslocamento dos docentes e bolsista para as dependências do Museu, garantindo a segurança pessoal dos organizadores, além de aperfeiçoar as estratégias metodológicas utilizadas pelo espaço.

Assim, foi elaborado um vídeo passando por cada espaço do PA com objetos históricos e do Museu para que fosse utilizado durante as atividades de visita guiada. O vídeo possui duração de aproximadamente 20 minutos, sem som para permitir a presença do narrador ao vivo interagindo com os visitantes. O objetivo do material visual é expor aos visitantes virtuais o museu, seus artefatos museológicos, a estrutura física interna e externa do Pavilhão que é tombado pelo IPHAN. Também foi realizada uma adaptação em relação a plataforma onde ocorriam os encontros. O *Instagram* limitava as interações com os ouvintes, diminuindo as possibilidades de troca de conhecimento proporcionada pela Pedagogia Problematizadora proposta por Paulo Freire e utilizada como base das atividades desenvolvidas. Assim optou-se por utilizar plataformas de reunião que pudessem estimular uma melhor interação com o grupo, no caso o Jitsi Meet, que se tornou a plataforma institucionalizada da EEAN.

De maio de 2020 a março de 2021, foram realizadas 19 visitas para 340 pessoas pertencentes a 11 instituições de ensino superior e 01 de nível médio, sendo 09 públicas e 3 privadas. 100% (19) das visitas foram para a disciplina de História da Enfermagem. As cinco regiões do país estiveram representadas, a saber: 3 do Norte (Amazonas, Amapá e Rondônia); 2 do Nordeste (Alagoas e Paraíba); 2 do Centro-Oeste (Goiás e Distrito Federal); 4 do Sudeste (Rio de Janeiro); 1 do Sul (Florianópolis). Destaca-se que 98,3% (298) consideraram a estratégia como excelente ou boa; 95,7% (290) concordam que a visita guiada ajuda no processo de ensino-aprendizagem da enfermagem; 93,1% (282) indicaram que as visitas guiadas virtuais devem continuar no contexto pós-pandemia.

5.2. INFLUÊNCIA DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DO PERFIL PROFISSIONAL DO ACADÊMICO BOLSISTA

A atividade extensionista, principalmente durante a pandemia, proporcionou-me uma ampliação da visão de mundo, da realidade da profissão, de minha inserção neste espaço, a partir das realidades com as quais entrei em contato, através das visitas guiadas realizadas para diferentes regiões do país e instituições tanto públicas, como privadas, de maneira que contribui para a moldagem do meu perfil profissional.

Sempre ouvimos as autoridades acadêmicas citarem os três pilares da universidade, “ensino-pesquisa-extensão”, o quanto estão associados e como são indissociáveis. Após viver esta experiência num contexto de tamanha crise sanitária no nosso país, posso afirmar categoricamente o quanto a extensão é um celeiro de oportunidades. Percebo que minha formação profissional é mais forjada no contexto da extensão do que do ensino, uma vez que é nesta realidade extracurricular que percebo o aperfeiçoamento de habilidades essenciais – já estimuladas na grade curricular – para o exercício da profissão que escolhi, como capacidade de gestão, de liderança, de dialogar com pessoas inseridas em diferentes posições acadêmicas, que exigem postura e posicionamento para reivindicações.

De igual modo, a oportunidade de estabelecer network, estabelecer parcerias, criar vínculos, conhecer pessoas da própria UFRJ, de outras instituições e inclusive de outros estados e municípios, tudo isso são ações que, a meu ver, influenciam diretamente na formação acadêmica, na formação de uma postura e identidade profissional, e na formação como cidadão de uma maneira geral.

A atividade extensionista não tem interrupção com recesso ou férias. Como voluntário no ano anterior e ganhando a bolsa no ano de 2020, minhas ações permaneceram num contínuo. Com a estratégia de serem ministradas aulas de forma remota, observo que houve um desgaste muito maior de nossa capacidade mental, que somado a todo o estresse psicológico que estávamos e estamos vivendo, desgastou-nos ainda mais. Entretanto, destaco que apesar destas circunstâncias, um ano depois, no início da pandemia, eu identifiquei na extensão uma oportunidade de aproveitar melhor o tempo ocioso nas incertezas sobre a pandemia em si.

Tornar-se bolsista extensionista remunerado era um projeto que particularmente visava financiar a minha vida universitária no sentido de conseguir equipamentos, livros, inscrição em congresso, submissão de artigos. Com a pandemia foi preciso mudar as prioridades, uma vez que as condições financeiras familiares se modificaram abruptamente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paradoxalmente, o distanciamento social promoveu a aproximação do Museu com graduandos e docentes que nunca poderiam participar da Visita Guiada presencial devido à distância. Em um ano de visita guiada virtual, foram recebidos 40,8% mais visitantes em comparação a um ano de atividade presencial, o que revela a importância de manter a atividade nesse formato.

A divulgação desta estratégia didática para o ensino de história da enfermagem vem despertando em outras instituições o desejo por preservar sua história, iniciando a organização de Centros de Memórias em suas instituições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, R.M.S; BRANDÃO, A.P.C.L; SILVA, D.M; FAGUNDES, A.S; APERIBENSE, P.G.G.S.; PERES, M.A.A. Criação de Acervo Documental sobre acontecimentos no Ano Internacional da Enfermeira e Obstetizantes (2020). *História da Enfermagem - Revista Eletrônica*, v. 11, n. esp, p. 46-5, 2020. Disponível em: <http://here.abennacional.org.br/here/v11/especial/a5.pdf>

DIAS, N.L; CARVALHO, M.S.; PAIM, L.; APERIBENSE, P.G.G.S; PERES, M.A.A. Monumentos e personagens históricos: preservação da identidade profissional da

enfermagem em espaço acadêmico. *História da Enfermagem - Revista Eletrônica*, v. 7, n. 2, p. 423-39, 2016. Disponível em: <http://here.abennacional.org.br/here/2ao5.pdf>

GOMES, E.C, GONZAGA, L.T; SOUSA, E.R.V; TERÁN, A.F. Espaços não-formais contribuições para aprendizagem significativa: uma articulação necessária ao processo de ensino-aprendizagem. VI Encontro Internacional de aprendizagem significativa, 3º Encontro Nacional de Aprendizagem Significativa, São Paulo, SP, Brasil, 26 a 30 de julho de 2010. Disponível em: https://ensinodociencia.webnode.com.br/_files/200000310-75ofc76085/2011_Espa%C3%A7os%20n%C3%A3o%20formais%20contribui%C3%A7%C3%B5es%20para%20aprendizagem%20significativa_uma%20articula%C3%A7%C3%A3o%20necess%C3%Aria%20ao%20processo.pdf

GOMES, M.L.B; MORAES, S.C.D. O Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery Gomes. In: OLIVEIRA, A.J.B. (org). *Universidade e lugares de memória*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Bibliotecas e Informação, 2008. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/139/1/memoria2.pdf>

KRUSE, M.H.L. Enfermagem moderna: a ordem do cuidado. *Rev. bras. enferm.* Brasília, v. 59, n. esp, p.403-410, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672006000700004>.

MARANDINO, M. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? *Ciênc. educ.*, Bauru, v. 23, n. 4, p. 811-816, dez. 2017 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320170030001>.

PERES, M.A.A; SOUSA, A.B.S.F; SILVA, D.M.; APERIBENSE, P.G.G.S.; DUARTE, S.C.M., SANTOS, T.C.F. Museu como estratégia de difusão do conhecimento em história da enfermagem. *História da Enfermagem - Revista Eletrônica*, v. 10, n. esp., p. 10-22, 2019. Disponível em: <http://here.abennacional.org.br/here/v10/n2/a1.pdf>

PROJETO DE EXTENSÃO GASTRONOMIA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE: ATIVIDADES REMOTAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

MARIA ELIZA ASSIS DOS PASSOS

VICE-COORDENADORA DO PROJETO GASTRONOMIA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE

LETÍCIA FERREIRA TAVARES

COORDENADORA DO PROJETO GASTRONOMIA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE

ARIADNE CASSARO DE OLIVEIRA

GRADUANDA EM GASTRONOMIA - UFRJ

CAIO MARCELO DA SILVA PADULA

GRADUANDO EM GASTRONOMIA - UFRJ

RESUMO

O projeto de extensão *Gastronomia na Promoção da Saúde* visa integrar os princípios da gastronomia em ações educativas para a promoção de práticas alimentares saudáveis. O objetivo deste relato de experiência é descrever os desafios e adaptações do projeto durante a pandemia da COVID-19. O estudo apresentado possui caráter descritivo e qualitativo das ações realizadas entre março de 2020 e março de 2021. As oficinas presenciais foram substituídas por oficinas on-line, criação e divulgação de vídeos e fotos de receitas e produção de conteúdo para as redes sociais do projeto. Produzir conteúdos digitais tornou-se um desafio, em especial, a produção e a edição de vídeos, pela falta de experiência da equipe envolvida. Em contrapartida, as atividades virtuais permitiram a ampliação do número de pessoas com acesso aos conteúdos criados pelo projeto.

PALAVRAS-CHAVE

Habilidade Culinária; Alimentação Saudável; Oficina; Pandemia; Rede Social.

1. INTRODUÇÃO

A COVID-19 foi decretada uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional em 30 de janeiro de 2020 (WHO, 2020) e uma pandemia no dia 11 de março de 2020 (WHO, 2020). Na tentativa de diminuir a transmissão do vírus causador da doença, o Sars-Cov 2, algumas medidas foram adotadas, entre elas o distanciamento social, que tem como objetivo reduzir as interações em uma comunidade (AQUINO *et al.*, 2020).

Com a interrupção das atividades presenciais, as universidades têm se deparado com situações extremamente complexas de serem resolvidas, como é o caso da continuidade das atividades didáticas a distância de forma satisfatória e inclusiva em meio à crise (GIMENEZ *et al.*, 2020), dentre elas as ações de extensão.

A Extensão Universitária, definida pelo Fórum Nacional de Pró-reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX, 2012) sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade. A universidade deve levar à sociedade o conhecimento ali estudado e produzido, em um processo de troca e complementaridade (PONTES, 2021). A extensão é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, por meio do qual se promove uma interação que transforma não apenas a universidade, mas também os setores sociais com os quais ela interage (FORPROEX, 2012). Segundo Deus (2020), “(...) cabe à universidade fortalecer e se nutrir da troca de saberes não só para a oxigenação interna, mas também para compartilhamento de conhecimentos testados ao longo de sua trajetória”.

No contexto de mudanças durante a pandemia da COVID-19, o projeto de extensão *Gastronomia na Promoção da Saúde*, cujas principais ações eram oficinas culinárias presenciais no laboratório dietético do Instituto de Nutrição Josué de Castro da Universidade Federal do Rio de Janeiro (INJCUFRJ), teve de adaptar-se para enfrentar o desafio de propagar na sociedade informações sobre alimentação e promoção da saúde de forma virtual.

2. OBJETIVO

Descrever os desafios e as adaptações do projeto de extensão *Gastronomia na Promoção da Saúde* durante a pandemia da COVID-19.

3. METODOLOGIA

O estudo apresentado é um relato de experiência de caráter descritivo e qualitativo, que aborda os desafios, os resultados e as dificuldades enfrentadas pela equipe do projeto de extensão *Gastronomia na Promoção da Saúde* entre março de 2020 e março de 2021.

4. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO

O projeto de extensão *Gastronomia na Promoção da Saúde*, criado em 2012, visa integrar os princípios da gastronomia e da nutrição em ações educativas para a promoção de práticas alimentares saudáveis. Esta ação extensionista foi idealizada pelo curso de graduação em Gastronomia do INJC da UFRJ e iniciada de forma conjunta com o curso de graduação em Nutrição e Medicina. Atualmente, o curso de Comunicação Visual - Design da Escola de Belas Artes também integra o projeto.

As ações do projeto, antes do surgimento da pandemia, baseavam-se em oficinas culinárias presenciais destinadas aos membros da comunidade externa à UFRJ, usuários do sistema público de saúde atendidos nos ambulatórios do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF). A parceria com outras unidades acadêmicas permitiu a realização de atividades no Ambulatório de Gastroenterologia, referência no tratamento de doença inflamatória intestinal (DII), do HUCFF. Indivíduos encaminhados pelas instituições parceiras também podiam participar das atividades. Havia maior participação de mulheres adultas e idosas nas oficinas presenciais, além dos acompanhantes. As oficinas culinárias presenciais eram realizadas mensalmente no laboratório de Técnica Dietética e Culinária localizado no restaurante universitário central da UFRJ.

As oficinas culinárias, enquanto estratégias de promoção da saúde, têm como objetivos: o desenvolvimento de habilidades culinárias práticas para o preparo de alimentos adequados à patologia em questão; a integração social; a promoção da alimentação saudável; e a melhoria da qualidade de vida. As oficinas culinárias baseiam-se nos saberes sobre os fundamentos da gastronomia e da alimentação saudável, que vão desde a escolha dos alimentos, passando por técnicas de corte e cocção para o preparo de refeições baseadas na combinação de alimentos até o armazenamento e a conservação da comida. São abordadas técnicas, receitas e

dicas sobre alimentação que servem de apoio e estímulo a práticas alimentares saudáveis (CASTRO *et al.*, 2007; DIEZ-GARCIA, 2011; FOLEY *et al.*, 2011; PEREIRA; SARMENTO, 2012; POLAK *et al.*, 2016; GRANDIN, 2017; TAVARES; PASSOS, 2020).

Diante das mudanças ocasionadas pela pandemia da COVID-19, as oficinas culinárias presenciais foram suspensas e soluções para continuidade do projeto precisaram ser formuladas. Para dar suporte ao novo formato do projeto e expandir o alcance das ações, parcerias anteriores foram mantidas, assim como, inclusive, novas foram firmadas com intuito de garantir o desenvolvimento de relações entre a UFRJ e os setores sociais. Há o apoio de três associações de pacientes com DII (Associação dos Amigos e Portadores de Doenças Inflamatórias – AAPODII; Associação do Leste Mineiro de Portadores de Doenças Inflamatórias Intestinais – ALEMDII; Associação Brasileira de Colite Ulcerativa e Doença de Crohn – ABCD). Essas parcerias, marcadas pelo diálogo e troca de saberes, consistem na mobilização para divulgação das atividades nos meios de comunicação e nas mídias sociais, além da captação de novos participantes.

Durante as atividades na pandemia estabelecemos parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina, representada pelos projetos de pesquisa e extensão *Nutrição é na Cozinha! Habilidades Culinárias e Alimentação Saudável*. Tal parceria contribuirá para divulgação, assim como para a produção de materiais educativos. Além disso, tende a ampliar a interdisciplinaridade e interprofissionalidade e contribuir para a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

5. RESULTADOS OBSERVADOS

Diante da impossibilidade de ações presenciais pela pandemia da COVID-19, adotamos atividades no formato remoto para atingir nosso objetivo de desenvolver habilidades práticas no preparo de alimentos saudáveis e promover melhoria da qualidade de vida por meio da alimentação. Para o modelo online do projeto, empregamos o *Ciclo do Marketing Digital*, proposto por Felipe Chibás Ortiz (2013), que é composto pelas etapas de pesquisa, planejamento, endomarketing, disparos de e-mail, redes sociais, *blogs*, outros *sites* e resultados.

E assim, em março de 2020, iniciamos nossas atividades com reuniões da equipe via plataformas online. Essa foi a primeira mudança no

formato do projeto, já que antes tínhamos encontros presenciais semanalmente na universidade, além da intensificação das atividades com a utilização do aplicativo de mensagens *WhatsApp* (Figura 1).

Para nossas ações, pensamos, a princípio, em postagens nas redes sociais que descrevessem as receitas, com todas as informações e imagens provenientes de nossas oficinas. Nossa maior atuação do projeto no período da pandemia foi nas redes sociais *Instagram* (@gps_UFRJ) e *Facebook* (@gps_UFRJ). Houve publicação de receitas, dicas sobre alimentação saudável e divulgação do material produzido para o segundo livro do grupo (*e-book* disponível gratuitamente), além de conteúdos pertinentes ao tema. As postagens nas redes sociais foram organizadas para acontecerem de forma semanal, no formato *feed*, *stories* e IGTV, de acordo com o planejamento de temas e assuntos que atendessem aos princípios do projeto. O conteúdo produzido também foi adaptado para postagem no blog e no canal do *YouTube* do projeto.



Figura 1 - Reunião da equipe do projeto *Gastronomia na Promoção da Saúde* antes (a) e durante (b) a pandemia da COVID-19.

Como estávamos impedidos de realizar as receitas no laboratório da universidade, a solução encontrada foi a de que os alunos extensionistas realizassem em suas casas as receitas previamente criadas e testadas para serem executadas nas oficinas presenciais. Os alunos registraram, para divulgação, o passo a passo e a preparação final, assim como os ingredientes e suas respectivas quantidades e medidas caseiras, modo de preparo, utensílios, rendimento, tamanho da porção e tempo de preparação (Figura 2). Para além de postagens do tipo *posts*, também efetuamos vídeos das

preparações com o mesmo conteúdo. Publicamos entre março de 2020 e março de 2021 aproximadamente 75 *posts* no feed e 90 stories.



Figura 2 - Publicação no Instagram do projeto *Gastronomia na Promoção da Saúde* em 2020.

Informações de conteúdo científico foram incorporadas nas ações do projeto, veiculadas com linguagem simples e acessível e acompanhadas das referências bibliográficas para estímulo ao aprofundamento do tema.

Um dos desafios enfrentados pela nossa equipe foi executar oficinas culinárias virtuais como a que realizamos em setembro de 2020 na Semana de Saúde do Estudante, um evento promovido pela Divisão de Saúde do Estudante da Pró-Reitoria de Políticas Estudantis da UFRJ. Para tal, gravamos vídeos em ambiente de cozinha caseira com um membro do projeto realizando a execução das receitas (massa de pizza, molho de tomate e diferentes recheios). O material foi divulgado durante a oficina *online* (realizada em diferentes plataformas como *Google Meet* e *Zoom*) e em seguida, de forma síncrona, a equipe extensionista colocou-se disponível para discussão e resolução de dúvidas com os participantes. Optou-se por não realizar as preparações culinárias ao vivo por dificuldades de estrutura (qualidade da conexão e equipamentos) na casa dos integrantes do projeto.

Essa atividade exemplifica o aumento do alcance do projeto, uma vez que as atividades presenciais permitiam no máximo 20 pessoas (capacidade do laboratório dietético) e o formato da oficina virtual teve mais de 80 participantes (Figura 3). Além disso, após a atividade *online*, percebemos aumento expressivo do número de seguidores nas redes sociais. Dessa forma, os participantes continuam tendo acesso ao conteúdo desenvolvido e interagindo com o projeto.



Figura 3 - Oficina culinária do projeto *Gastronomia na Promoção da Saúde* no formato presencial (a) e virtual (b).

Nossa equipe produziu mais cinco vídeos para o Festival do Conhecimento realizado pela UFRJ em julho de 2020. Os temas dos vídeos foram: “Comida Italiana”, “Arraiá em casa: quitutes de festa julina”, “Tá com saudade? Lanches de praia”, Brownie sem glúten” e, por último, o “Mudança das atividades por conta da pandemia” em que abordamos as mudanças do projeto no atual período pandêmico.

Os vídeos produzidos para a Semana de Saúde do Estudante da UFRJ e para o Festival do Conhecimento encontram-se disponíveis no canal do *YouTube Gastronomia na Promoção da Saúde* (Figura 4) permitindo que todos acessem o conteúdo quando desejarem, tornando a informação acessível para a comunidade em geral.



Figura 4 - Vídeos produzidos pelo projeto *Gastronomia na Promoção da Saúde* disponíveis no canal do *YouTube* no ano de 2020.

Outras participações no formato virtual foram vivenciadas pelos alunos extensionistas, como o evento *Sabores e Saberes* e a Jornada de Iniciação Científica da UFRJ, que antes da pandemia eram realizados de forma presencial.

As ações que tinham a produção de vídeos foram as mais desafiadoras, uma vez que os integrantes do projeto eram dos cursos de gastronomia, nutrição e medicina e possuíam conhecimento básico sobre criação e edição de conteúdo gravado. Identificamos, naquele momento, a necessidade de ampliar a equipe para incorporação de novos saberes. Selecionamos uma aluna do curso de gastronomia que possuía formação em comunicação para colaborar com o projeto. Em seguida, fizemos contato com uma docente de Comunicação Visual e Design, que integra atualmente o projeto com quatro alunos do curso. Essa nova parceria diversificou nossa atuação e qualidade das atividades desenvolvidas.

A atuação virtual de ações em decorrência da pandemia da COVID-19 nos fez sentir falta do ambiente caloroso e descontraído no laboratório dietético, mas, por outro lado, permitiu que um maior número de pessoas tivessem acesso ao conteúdo criado. Entendemos que os seguidores das redes sociais do projeto, que somam quase 2.500 pessoas, e os participantes dos eventos em que nos apresentamos se tornaram nosso público alvo.

A avaliação das atividades *online* que ocorrem por meio das nossas redes sociais é periodicamente realizada por meio de enquetes e *feedbacks*. O engajamento dos seguidores é identificado pela interação entre os usuários e número de curtidas, comentários, compartilhamentos e, ainda, pelo uso da opção salvar. Para além, nossos alunos nos ajudam na avaliação das atividades com relatos como os seguintes:

Com a pandemia do novo coronavírus, a suspensão das atividades presenciais e a necessidade do isolamento social nosso enfoque mudou: se antes usávamos as redes sociais como um apoio de divulgação de eventos e publicação de receitas e fotos executadas nas oficinas, nesse novo normal foi necessário fazer delas nossa principal ferramenta. As oficinas foram substituídas por receitas postadas semanalmente, com foto, passo a passo mais chamativo com designs marcantes. Por mais que o momento fosse delicado, acabamos por ter contatos ímpares que com certeza enriqueceram a minha jornada na UFRJ e a minha formação como gastrônomo. (C.M.S.P.; Relato de aluno bolsista PROFAEX)

Fazer esse tipo de atividade em casa e em um período de tantas limitações se faz muito importante como um meio de adaptação diante do que estamos vivenciando, já que, por meio do contato com o projeto, ainda que de forma

remota, há a possibilidade de manter as ações que são tão importantes para os pacientes, principalmente em um momento em que comer alimentos nutritivos e saborosos é ainda mais relevante. Além disso, considerando o aspecto afetivo das ações do projeto, encontrar uma maneira de continuar com a comunicação e “convivência” com os pacientes, por meio dos alimentos, é muito satisfatório, uma vez que o período de pandemia tem sido muito difícil se relacionado ao panorama de casos de COVID-19 em todo o país e mundo. O aprendizado se expandiu durante o período de pandemia, havendo troca de conhecimento entre os alunos, seja sobre gastronomia ou sobre o aspecto das mídias sociais e adaptações necessárias nesse momento. (A.C.O.; Relato de aluno bolsista PROFAEX)

O resultado mais gratificante do projeto é quando os participantes se mostram empoderados com o desenvolvimento de habilidades culinárias e a incorporação da alimentação saudável no dia a dia. Apresentamos alguns exemplos de preparações realizadas nas nossas oficinas, que foram reproduzidas ou usadas como inspiração pelos participantes/seguidores para a criação de novas preparações (Figura 5).



Figura 5 - Imagens de preparações realizadas pelos participantes/seguidores do Gastronomia na Promoção da Saúde em suas residências.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos desafios foram enfrentados para adequação do projeto à nova realidade oriunda da pandemia da COVID-19. A equipe precisou se reinventar para ampliar a atuação virtual, mas, por meio do diálogo, com união e determinação do grupo, conseguimos aumentar o diálogo com a comunidade externa. O público da ação foi ampliado com a maior

interação nas redes sociais e destaca-se que o diálogo com o público alvo original do projeto (pacientes com doença inflamatória intestinal atendidos no HUCFF) permaneceu pelo grupo de *WhatsApp* e redes sociais.

O novo formato do projeto atende às diretrizes nacionais de extensão universitária que preveem o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, permitindo a interação dialógica entre universidade e sociedade e impactando positivamente na formação do estudante e na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, E. M. L. *et al.* Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 2423-2446, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020006702423-&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 abr. 2021.

CASTRO, I. R. R. *et al.* A culinária na promoção da alimentação saudável: delimitação e experimentação de método educativo dirigido a adolescentes e a profissionais das redes de saúde e de educação. *Revista de Nutrição*, v. 20, n. 6, p. 571-588, 2007.

CHIBÁS ORTIZ, F. C. Ciclo do marketing digital: tática e estratégia blended. *ENIAC Pesquisa*, Guarulhos (SP), v. 2, n. 1, p. 64-76, jan./jun. 2013.

DEUS, S. *Extensão universitária: trajetórias e desafios*. Santa Maria, RS: Ed. PRE-UFSM, 2020. Disponível em: https://issuu.com/extensao.ufsm/docs/ebook_-_sandra_de_deus_-_extensa_o_universita_ria. Acesso em: 15 abr. 2021.

DIEZ-GARCIA, R. W. *Mudanças alimentares e educação nutricional*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

FREITAS, A. R. R.; NAPIMOGA, M.; DONALISIO, M. R. Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. *Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 29, n. 2, e2020119, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222020000200900&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 abr. 2021.

FOLEY, W. *et al.* Cooking skills are important competencies for promoting healthy eating in an urban Indigenous health service. *Nutrition & Dietetics*, v. 68, n. 4, p. 291-296, 2011.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus, 2012.

GIMENEZ, A. M. N.; SOUSA, G.; FELTRI, R. B. Universidades Brasileiras e Covid-19: fortalecendo os laços com a sociedade. *Boletim Unicamp*. 2020. Disponível em: https://portal.ige.unicamp.br/sites/portal8.ige.unicamp.br.portal/files/eventos/2020-04/Boletim%202_Final.pdf. Acesso em: 15 abr. 2021.

GRANDIN, C. M. *Oficinas Gastronômicas como estratégia para promoção da saúde de indivíduos com doença inflamatória intestinal*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Gastronomia) – Instituto de Nutrição Josué de Castro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PEREIRA, M. N.; SARMENTO, C. T. M. Oficina de culinária: uma ferramenta da educação nutricional aplicada na escola. *Universitas: Ciências da Saúde*, v. 10, n. 2, p. 87-94, 2012.

POLAK, R, *et al.* Health-related Culinary Education: A Summary of Representative Emerging Programs for Health Professionals and Patients. *Global Advances in Health Medicine*, v. 5, n. 1, p. 61-68, jan. 2016.

PONTES, M. P. B. 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP, 2021.

TAVARES, L. F.; PASSOS, M E. A. Gastronomia na Promoção da Saúde. In: CRUZ, B. P. A.; KARLS, T. S. (org). *Gastronomia, Pesquisa e Extensão*. Curitiba: Editora CRV, 2020. p. 109-122.

World Health Organization (WHO). *WHO Director-General's statement on IHR Emergency Committee on Novel Coronavirus (2019-nCoV)*. Geneva: WHO, 2020. Disponível em: [https://www.who.int/news-room/detail/23-01-2020-statement-on-the-meeting-of-the-international-healthregulations-\(2005\)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)](https://www.who.int/news-room/detail/23-01-2020-statement-on-the-meeting-of-the-international-healthregulations-(2005)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-(2019-ncov)). Acesso em: 14 abr. 2021.

World Health Organization (WHO). *WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19-11 March 2020*. Geneva: WHO, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>. Acesso em: 14 abr. 2021.

PROMOÇÃO DA SAÚDE E/OU REDUÇÃO DE AGRAVOS A PACIENTES COM CÂNCER E FAMILIARES NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

GUNNAR GLAUCO DE CUNTO CARELLI TAETS

COORDENADOR DO PROJETO AÇÕES INTERDISCIPLINARES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E/
OU REDUÇÃO DE AGRAVOS A PACIENTES COM CÂNCER E FAMILIARES

BÁRBARA CORDEIRO DE CONTE

GRADUANDA EM ENFERMAGEM - UFRJ

CARLA EDUARDA DA SILVA NASCIMENTO

GRADUANDA EM ENFERMAGEM - UFRJ

GIULLIA DAFLON JEVAUX

GRADUANDA EM NUTRIÇÃO - UFRJ

RENATA DE CARLI ROJÃO

GRADUANDA EM MEDICINA - UFRJ

THYELI SPACINI

GRADUANDA EM MEDICINA - UFRJ

RESUMO

O objetivo deste estudo é relatar as atividades do projeto de extensão no período de ensino remoto. A metodologia utilizada foi o relato de experiência de natureza descritiva. O projeto de extensão denominado *Ações interdisciplinares de promoção da saúde e/ou redução de agravos a pacientes com câncer e familiares* tem como público-alvo pacientes com câncer e familiares atendidos no Centro Municipal de Oncologia da Cidade de Macaé - RJ. Com o surgimento da pandemia da COVID-19, fizeram-se necessárias adaptações metodológicas ao ensino remoto e, assim, pacientes, familiares, profissionais e estudantes passaram a se reunir virtualmente. Conclui-se que, através da criação de um espaço de escuta, acolhimento e compartilhamento de experiências, é possível estimular a ampla compreensão sobre o processo de adoecimento oncológico.

PALAVRAS-CHAVE

Oncologia; Promoção da Saúde; Práticas Interdisciplinares; COVID-19.

1. INTRODUÇÃO E OBJETIVO

As demandas sociais exigem mudanças nos perfis dos futuros profissionais de saúde e, para que isso ocorra, políticas públicas abordam ideias como a de transversalidade, que diz respeito à garantia de “uma assistência à saúde que transcenda a prática curativa, contemplando o indivíduo em todos os níveis de atenção e considerando o sujeito inserido em um contexto social, familiar e cultural.” (SOUZA *et al.*, 2012). A Política Nacional de Humanização (BRASIL, 2013), por exemplo, reconhece que as diferentes especialidades e práticas de saúde estão interligadas com a experiência do indivíduo assistido, o que auxilia na promoção do acolhimento e do fortalecimento de vínculos entre a população, a equipe e o serviço de atenção.

Nesse sentido, as universidades se apresentam como locais propícios ao desenvolvimento de importantes transformações, essenciais para a formação humanizada dos graduandos. Ao lhes conferir a oportunidade de participação em projetos, criam-se diversos mecanismos de aprendizado que estimulam a postura ativa, imprescindível para o desenvolvimento individual e coletivo. Como a área da saúde requer que os profissionais assumam postura dinâmica, competente e enérgica, de modo a serem capazes de compreender as singularidades e potencialidades dos sujeitos e, dentro de suas limitações, promover projetos terapêuticos em consonância com as necessidades de saúde dos pacientes, é fundamental que os estudantes sejam preparados desde o início da graduação para lidarem com o processo de adoecimento, a fim de conduzirem e apoiarem adequadamente os futuros pacientes durante esse processo. Dentro das instituições de ensino superior e no contexto das práticas de saúde, os estudantes podem, então, compreender o significado da menção feita por Hipócrates: “Curar quando possível; aliviar quando necessário; consolar sempre”.

Levando em consideração essa demanda por profissionais que entendam a complexidade dos sujeitos, o projeto de extensão intitulado *Ações interdisciplinares de promoção da saúde e/ou redução de agravos a pacientes com câncer e familiares*, ativo desde 2016, e que no ano de 2020 se fortaleceu com a integração da Liga Acadêmica de Oncologia de Macaé da Universidade Federal do Rio de Janeiro - Campus Macaé (LAOMAC UFRJ-Macaé), vem implementando uma proposta diferenciada de ensino, adaptada às condições impostas pela pandemia do novo coronavírus em 2020.

Trata-se de um projeto de caráter interdisciplinar que conta com discentes dos cursos de Medicina, Enfermagem, Nutrição e Farmácia da UFRJ - Campus Macaé, de Odontologia da UFRJ - Campus Cidade Universitária e de Psicologia da Universidade Católica Salesiana de Macaé, sob orientação dos professores Gunnar Glauco de Cunto Carelli Taets, Roberta Melquiades Silva de Andrade, Cássia Quelho Tavares e Rildo Loureiro, e tem como público alvo os pacientes com câncer e familiares atendidos no Centro Municipal de Oncologia da Cidade de Macaé/RJ.

Busca-se, com esse projeto, o desenvolvimento de competências técnicas, ético-políticas e administrativas, no sentido de contemplar as necessidades de saúde do paciente oncológico, o trabalho da equipe multidisciplinar, a atenção integral, o sistema de saúde brasileiro e sua abordagem à Oncologia.

O objetivo deste estudo é relatar as atividades do projeto de extensão no período de ensino remoto e, portanto, demonstrar a vivência de ensino-aprendizagem vinculada a um projeto amplo e multidisciplinar de ensino, pesquisa e extensão, fundamentado no estudo da Oncologia, que estimula a disseminação de informações e a troca de saberes entre estudantes, pacientes e profissionais.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de natureza descritiva, com o objetivo de relatar as vivências de discentes do curso de Medicina, Enfermagem e Nutrição durante o período de ensino remoto, em meio à pandemia do novo coronavírus. Para isso, foram realizadas reuniões com pacientes que tinham ou já tiveram câncer e com seus familiares através da plataforma *Zoom*, a fim de promover conversas sobre o processo de enfrentamento da doença.

Para nortear os encontros, foram utilizados questionários e escalas, tais como: Questionário de Qualidade de Vida (EORTC QLQ - C30); Questionário de Estilo de Vida Fantástico; Questionário de Esperança de Herth (QEH); Questionário de Espiritualidade de Pinto C e Pais-Ribeiro JL; Escala de Performance Paliativa (PPS); Escala ECOG (Eastern Cooperative Oncologic Group) *Performance Status*; e Escala de Performance de Karnofsky.

O Questionário de Qualidade de Vida (EORTC QLQ - C30) tem por objetivo avaliar a condição de vida do paciente durante o tratamento oncológico, utilizando-se de algumas perguntas como: “Sentiu-se limitado/a no seu emprego ou no desempenho das suas atividades diárias?” e “Apresentou dores, falta de ar, dificuldade em dormir, enjoos ou falta de apetite?”.

Ainda, o Questionário de Estilo de Vida Fantástico aborda outros tópicos importantes, tais como: família e amigos; atividade física; nutrição; uso de tabaco, tóxicos e álcool; sono; uso de cinto de segurança; stress; e sexo seguro. Já o Questionário de Esperança de Herth (QEH) analisa o estado de esperança entre os pacientes com câncer e avalia estratégias que possam promover sua melhora. Tendo em vista que o câncer é uma doença ameaçadora à vida, o otimismo do indivíduo quanto ao tratamento e à cura da doença é um fator muito importante nesse processo.

Ademais, o Questionário de Espiritualidade de Pinto C e Pais-Ribeiro JL baseia-se nas crenças pessoais do indivíduo e em sua fé, buscando compreender como são capazes de afetar a qualidade de vida do sujeito e o seu estado de esperança.

Por fim, as escalas utilizadas como instrumentos para determinação do prognóstico da terapia de câncer são a Escala de Performance Paliativa (PPS), ECOG (Eastern Cooperative Oncologic Group) e Karnofsky, uma vez que possibilitam classificar o potencial de um indivíduo em desempenhar suas atividades e, por conseguinte, medir o rendimento desse paciente.

Sendo assim, os questionários e as escalas são extremamente importantes no processo de avaliação do paciente e possibilitam que nós, acadêmicos, possamos conhecer as particularidades dos sujeitos, a fim de compreendermos quais são as melhores orientações sobre temáticas como alimentação adequada, importância das atividades físicas, formas de aliviar as náuseas, vômitos e prisão de ventre de modo não medicamentoso, além de nos preparar para implementar uma escuta afetiva, fundamental na área da saúde.

Aos pacientes/familiares, é enviado um formulário virtual, produzido através da plataforma *Google*, que possibilita a coleta de dados e informações que auxiliam na identificação do paciente/familiar que participou da dinâmica e no entendimento do impacto que a atividade proposta desempenhou.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto promove reuniões mensais com o seu público-alvo, com o objetivo de criar um canal de escuta ativa, permitindo a construção conjunta do conhecimento em Oncologia. Durante os encontros, os acadêmicos extensionistas, juntamente com os pacientes e/ou familiares, selecionados majoritariamente via rede social ou através de alguma referência direta, são distribuídos em salas virtuais menores na plataforma *Zoom*, de modo a garantir o contato mais íntimo entre o grupo, favorecendo a criação de um ambiente afetivo e acolhedor.

Sabendo da importância da compreensão dos múltiplos fatores envolvidos no evento de adoecimento e da necessidade de trabalhar de forma adequada e contextualizada com base na perspectiva individual de cada paciente, as sessões grupais apresentam, como linha norteadora, a abordagem participativa, visando a educação e a promoção da saúde. As conversas são conduzidas com ênfase no relato de experiência dos pacientes e seus familiares e, para assegurar o caráter interdisciplinar do projeto, os estudantes são distribuídos de forma aleatória.

Assim, os subgrupos podem ser compostos por estudantes dos cursos de Medicina, Enfermagem, Nutrição, Odontologia, Psicologia e/ou Farmácia, possibilitando a incorporação de diferentes visões e conhecimentos em Oncologia para o debate junto ao convidado. Com isso, a abordagem se torna extremamente enriquecida, visto que não foca exclusivamente em um aspecto do processo de adoecimento, podendo-se observar perguntas sobre a nutrição do paciente, os efeitos psicológicos promovidos em razão do surgimento do câncer, medicamentos e tratamento, espiritualidade, qualidade de vida, relações familiares e extrafamiliares, novos objetivos, mudança de hábitos, dentre muitas outras.

Apesar da utilização de escalas e questionários durante as reuniões, as conversas não são limitadas apenas ao balanço pergunta-resposta, de modo que tanto os integrantes, quanto os convidados, ficam livres para realizar suas contribuições singulares. Em especial, notamos a importância das narrativas pessoais dos entrevistados, uma vez que ao retratarem acontecimentos ímpares de suas vidas, são dotadas de nuances que passam muitas vezes despercebidas em um atendimento de rotina. Entender as particularidades de cada paciente oncológico possibilita a nós, futuros profissionais, constituir um retrato do indivíduo, atribuindo-lhe traços,

personalidades, temperamentos e características além do câncer, tornando-o, de fato, sujeito do estudo, e não mais apenas objeto.

As escalas e os questionários também eram utilizados no modo presencial, no Centro Municipal de Oncologia de Macaé. No entanto, o encontro com cada paciente/familiar era limitado a no máximo dois alunos, além de ser mais direcionado à pergunta-resposta. No ambiente virtual, a presença de um número maior de discentes provocou a alteração da antiga organização e, por isso, foi acordado que, no momento pandêmico atual, a melhor estratégia seria a priorização da escuta ativa dos pacientes e seus familiares, ainda que de modo virtual e independentemente da quantidade de alunos envolvidos na conversa. Assim, o Projeto de Extensão em Oncologia conseguiu cumprir com seu papel e objetivo principal: a promoção da saúde e/ou redução de agravos.

Ainda, outros estudos afirmam ser possível observar, no decorrer das práticas educativas, a complexidade de tudo aquilo que envolve a abordagem e decodificação da linguagem científica para a popular, já que nem sempre o paciente e seus familiares têm acesso a informações claras sobre as práticas de saúde desenvolvidas ao longo do tratamento. Essas noções devem ser devidamente expostas e esclarecidas, pois são essenciais para a comunicação efetiva entre profissional-paciente e para o processo de educação em saúde. Nesse contexto, Mendes (1996) destaca que uma sociedade, por meio da produção social, poderá ser responsável tanto pela saúde, quanto pela doença. A compreensão sobre a saúde passa de uma condição de dependência de técnicas, especializações e compreensão mecanicista do corpo humano para um estado mais amplo e em constante modificação, sendo produzida coletivamente através de relações sociais e subjetivas.

A partir disso, o Formulário de Avaliação de Participação foi produzido em 3 partes. A primeira contendo a identificação do participante (nome, idade, data de nascimento, sexo, tipo de câncer, tipo de tratamento, o *status* atual desse tratamento e uma forma de contato).

A segunda parte foi voltada para a avaliação de participação, contendo as seguintes perguntas: “De 1 a 5, qual nota você daria para o encontro que participou?”, sendo 1, péssimo e 5, muito bom; “Qual foi o impacto desse encontro para você?”, com as opções: “Muito proveitoso”, “Proveitoso”, “Mediano” e “Pouco proveitoso”; “Se possível, nos conte como foi esse impacto de acordo com a resposta anterior”; “Você recebeu informações que considera útil/importante?”, sendo as opções “sim” ou

“não”; “Se tiver alguma sugestão/dica/elogio/comentário, escreva aqui”, sendo essa última uma pergunta não obrigatória.

A terceira parte tratou-se de uma adaptação do Questionário “COVID-19: *Impact of the Pandemic and HRQOL in Cancer Patients and Survivors*” (PENEDO et al, 2020), na qual foram realizadas as seguintes afirmações sobre saúde x pandemia COVID-19: “Meu atendimento médico geral foi interrompido ou atrasado”; “Meu tratamento ou acompanhamento do câncer foi interrompido ou atrasado”; “Recebi informações adequadas sobre prevenção, proteção ou cuidados para COVID-19 do meu oncologista” e “Participei de consulta no formato online”, para serem respondidas com “sim” ou “não”. Outras perguntas feitas foram baseadas na frequência (“nunca”, “raramente”, “às vezes”, “frequente” ou “muito frequente”) de experiências psicossociais e práticas, sendo elas: “Tive sentimentos de tristeza ou depressão”; “Sinto-me negativo e/ou ansioso quanto ao futuro”; “Tenho experimentado interrupções nas interações sociais do dia a dia com a família e/ou amigos”; “Não tenho conseguido realizar minhas rotinas diárias típicas (como trabalho, atividade física ou atividade de lazer)”; “Eu experimentei dificuldades financeiras”; “Usei minha experiência em lidar com o câncer para lidar com o COVID-19”; “Recebi apoio emocional de familiares ou amigos quando necessário” e “Sou capaz de praticar relaxamento (como respiração profunda e meditação) quando me sinto estressado por causa do COVID-19”. A última pergunta, também baseada na frequência e que faz uso das opções citadas anteriormente, possui as seguintes afirmações: “Estou com falta de energia”; “Eu tenho dor”; “Eu tenho náusea”; “Eu me preocupo que minha condição vai piorar”; “Eu estou dormindo bem”; “Eu sou capaz de aproveitar a vida” e “Eu estou contente com minha qualidade de vida”, para relacionar a saúde do paciente/familiar com a sua qualidade de vida.

Portanto, diante da realização do nosso estudo, cabe mencionar que o ensino é um processo educativo ininterrupto, que promove a aprendizagem dialógica ao desconstruir a sequência e a ordem do pensamento, abordando o ser humano plural e suas necessidades, transformando-se em um processo de grande significância para os envolvidos. Isso se torna possível no momento em que o estudante se envolve de forma integral, como nesse projeto de extensão, elaborando ideias, demonstrando sentimentos, aprendendo sobre cultura e valores, entendendo as demandas emocionais e técnicas, constituindo-se, assim, como um sujeito preparado para lidar com a multiplicidade e complexidade que o cuidar em saúde exige.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da importância da compreensão dos impactos produzidos pelo surgimento do câncer, especialmente no contexto de isolamento e distanciamento das relações sociais promovido pela pandemia da COVID-19, o projeto busca oferecer a vivência acadêmica no campo da saúde e proporcionar o aprendizado de conteúdos de Oncologia de forma humanizada, ao lidar estrategicamente com os indivíduos em processo de adoecimento oncológico e suas famílias.

Faz-se necessário, portanto, no cenário pandêmico atual, a constante reflexão sobre as ações de promoção da saúde desenvolvidas com os pacientes oncológicos, a fim de entender os motivos de suas aflições e proporcionar-lhes mecanismos de enfrentamento da doença.

Logo, através da criação de um espaço de escuta e acolhimento, é possível estimular o compartilhamento de experiências, que não somente viabiliza a externalização de emoções, mas também permite que nós, graduandos, possamos entender as múltiplas esferas que compõem o episódio de sofrimento e adoecimento, de modo a futuramente nos tornarmos profissionais capazes de conduzir adequadamente o paciente durante o processo de saúde-doença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. *Política Nacional de Humanização*. Brasília, 2013.
- KARNOFSKY, D.; BURCHENAL, J. *The clinical evaluation of chemotherapeutic agents in cancer*. In: MacLeod C, ed. *Evaluation of Chemotherapeutic Agents*. New York, NY: Columbia University Press; 1949. p. 191–205.
- MENDES, E. V. Um novo paradigma sanitário: a produção social da saúde. In: *Uma agenda para a saúde*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 233-300.
- OKEN, M.; CREECH, R.; TORMEY, D., et al. Toxicity and response criteria of the Eastern Cooperative Oncology Group. *Am. J. Clin. Oncol.*, v. 5, n. 6, p. 649-655, dez. 1982.
- PENEDO, F. J.; COHEN, L.; BOWER, J.; ANTONI, M. H. *COVID-19: Impact of the Pandemic and HRQOL in Cancer Patients and Survivors*. Unpublished questionnaire. 2020.
- PINTO, C.; PAIS-RIBEIRO, J. L. *Construção de uma Escala de Avaliação da Espiritualidade em Contextos de Saúde*. *Arq. Med.*, v. 21, n. 2, p. 47-53, mar. 2007.

Quality of Life Group. *European Organization for Research and Treatment of Cancer Quality of Life Questionnaire Core 30 (EORTC QLQ-C30)*. Versão 3.0. Versão traduzida ao português. 1995.

RODRIGUEZ ANEZ, C. R.; REIS, R. S.; PETROSKI, E. L. Versão brasileira do questionário “Estilo de Vida Fantástico”: tradução e validação para adultos jovens. *Arq. Bras. Cardiol.* [online], v. 91, n. 2, pp. 102-109, 2008.

SARTORE, A. C.; GROSSI, S. A. A. Escala de Esperança de Herth - Instrumento adaptado e validado para a língua portuguesa. *Rev. Esc. Enferm. USP*, v. 42, n. 2, p. 227-32, 2008.

SOUZA, M. C. de, *et al.* Integralidade na atenção à saúde: um olhar da Equipe de Saúde da Família sobre a fisioterapia. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 452-460, 2012.

Victoria Hospice Society. *Portuguese Brazilian translation of Palliative Performance Scale (PPS version 2)*. Tradução de Maria Gorretti Sales Maciel e Ricardo Tavares de Carvalho. São Paulo, 2009.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PANDEMIA: DIVULGAÇÃO E MEMÓRIA DE JOSUÉ DE CASTRO NO AMBIENTE VIRTUAL

21

ELIZABETH ACCIOLY

COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO MEMORIAL PROFESSOR JOSUÉ DE CASTRO – VALORIZANDO O PATRIMÔNIO HISTÓRICO DO INJC

CAROLINE DOS SANTOS DE CASTRO

DAYANNE DAS NEVES PEREIRA

JULLYANNE DA SILVA GIL

LUISA LOPES TEIXEIRA

GRADUANDAS EM NUTRIÇÃO – UFRJ

LÚCIA PEREIRA ANDRADE

DOCENTE DO INSTITUTO DE NUTRIÇÃO JOSUÉ DE CASTRO – UFRJ

MYLENA SEVERO DE ABREU

GRADUANDA EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – UFRJ

RESUMO

A extensão universitária cumpre importante papel de interface entre a sociedade e a comunidade acadêmica, que se estabelece por meio da comunicação e aproximação desses entes, promovendo o desenvolvimento e transformação sociais. Com o objetivo de descrever as atividades realizadas no ambiente virtual, no período entre março de 2020 a março de 2021, a equipe do projeto *Memorial Professor Josué de Castro - valorizando o patrimônio histórico do INJC*, relata a trajetória dessa ação extensionista durante o distanciamento social imposto pela COVID-19. O projeto investiu na divulgação digital por meio de suas redes sociais e site, buscando aumentar o vínculo com a comunidade externa. A participação em eventos científicos e a produção de material educativo sobre o pensamento e obra de Josué de Castro completaram o elenco de atividades realizadas.

PALAVRAS-CHAVE

Memória; História; Ciência; Divulgação Científica.

1. INTRODUÇÃO

Os primeiros registros de extensão universitária tiveram sua origem no século XIX, na Inglaterra, com o intuito de direcionar novos caminhos para a comunidade e oferecer educação continuada (RODRIGUES *et al.*, 2013).

A extensão universitária possui um papel importante, tanto para a sociedade, como para o público acadêmico, proporcionando ao aluno contato direto com a comunidade e compreensão da realidade e das necessidades da mesma. Em contrapartida, a sociedade melhora a sua qualidade de vida com os estudos desenvolvidos e que atendem às suas necessidades, desenvolvendo, no estudante, um olhar humanizado e sensível às demandas da população. É importante ressaltar que:

A relação da universidade com a comunidade se fortalece pela Extensão Universitária, ao proporcionar diálogo entre as partes e a possibilidade de desenvolver ações sócio-educativas que priorizam a superação das condições de desigualdade e exclusão ainda existentes. E, na medida em que socializa e disponibiliza seu conhecimento, tem a oportunidade de exercer e efetivar o compromisso com a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos (ROCHA 2007 apud SILVA, 2011, p. 2).

Em 16 de março de 2020, a UFRJ decretou a suspensão das atividades acadêmicas presenciais em todos os seus *campus* universitários, em razão da decretação de estado de pandemia pelo novo coronavírus — a COVID-19 — pela Organização Mundial da Saúde - OMS. A notícia deflagrou inquietação e insegurança sobre o futuro e, logo, as dúvidas sobre como dar andamento aos nossos projetos de vida pessoal, profissional e acadêmica passaram a ser inevitáveis. Como dar continuidade a uma atividade extensionista, à distância, atendendo às diretrizes nacionais para a extensão universitária?

Passados os primeiros dias, recuperamos nosso fôlego e iniciamos o planejamento remoto para manter ativo o projeto *Memorial Professor Josué de Castro- valorizando o patrimônio histórico do INJC*.

O projeto *Memorial Professor Josué de Castro* teve como precursor o projeto Centro de Estudos e Memória Josué de Castro, do Instituto de Nutrição Josué de Castro/INJC, constituindo uma linha de trabalho em memória institucional que valoriza a vida e a obra do patrono do INJC, de outros personagens que contam a história da ciência e da profissão de nutricionista e a trajetória da própria instituição.

A equipe contou, no período relatado, com a participação de 2 docentes, 1 técnico-administrativo, 1 consultor científico e 7 alunos, dentre estudantes dos cursos de Nutrição e Comunicação Social, para a consecução das atividades.

2. OBJETIVOS

Descrever a experiência de realização do projeto de extensão *Memorial Josué de Castro - valorizando o patrimônio histórico do INJC*, durante 1 ano de distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19.

3. METODOLOGIA

O relato de experiência foi produzido a partir de consulta ao acervo relacionado ao projeto, com base em atas e anotações das reuniões remotas realizadas entre março de 2020 e março de 2021, buscando material de divulgação científica publicado nas redes sociais e site do evento, ao cronograma de trabalho dos discentes para elaboração das postagens e do acervo relacionado à participação da equipe em eventos científicos ocorridos no período.

4. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO E PROCEDIMENTOS

A pandemia descortinou o flagelo que Josué de Castro denunciava em sua época, como consequência do modelo econômico e das guerras. O inimigo, desta vez, invisível ao olho nu, contribuiu para agravar as desigualdades sociais e iniquidades e acentuou, sobremaneira, a insegurança alimentar e a fome, com o conseqüente empobrecimento de parcela expressiva da população. A obra de Josué de Castro foi objeto de debates e reflexões no mundo digital, o que também contribuiu para aumentar o interesse do público por um tema tão crítico do ponto de vista humano e pela necessidade de intervenção imediata. A equipe do projeto respondeu a essa demanda, publicando conteúdos que resgataram as contribuições de Josué de Castro, por meio de seu pensamento e obra, utilizando ferramentas de interação digital e redes sociais em uma linguagem científica e, ao mesmo tempo, acessível, o que acreditamos explicar o aumento do interesse do público pelo projeto.

Nossa primeira reunião remota ocorreu em 15/05/2020, a fim de discutir as próximas atividades de acordo com nossas possibilidades. As reuniões seguintes ocorreram quinzenalmente, com o intuito de planejar as atividades seguintes a serem desenvolvidas pelos integrantes do projeto.

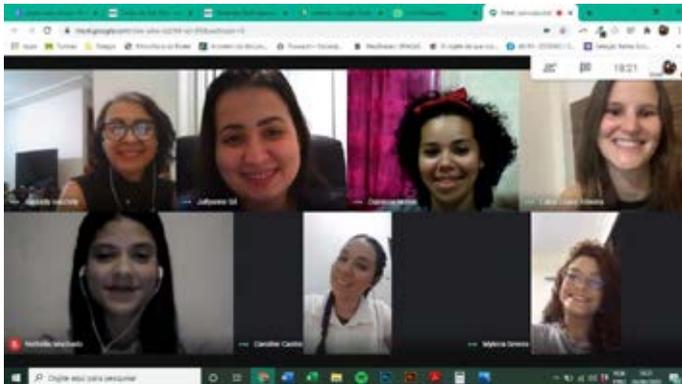


Figura 1 - Reunião remota de equipe. (Fonte: Arquivo pessoal)

Na primeira chamada da PR5 para produção de vídeo, com o intuito de divulgar as atividades extensionistas em andamento durante a pandemia, a equipe se mobilizou para participar da iniciativa supracitada produzindo um vídeo, cujo link se encontra na sequência e no qual a equipe se apresentava: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&index=123&v=X4HvcnAhMYo&list=PLs_nooj-a3rmGt_THTLgMJyK9hxeilpOG&t=42s.

5. RESULTADOS OBSERVADOS

O distanciamento nos privou da participação nos eventos institucionais da UFRJ. O “Conhecendo a UFRJ”, no qual tínhamos a oportunidade de apresentar o INJC e o projeto aos estudantes de nível médio, não ocorreu, assim como a Semana de Integração Acadêmica - SIAC, na qual os resultados do projeto eram sistematicamente apresentados anualmente.

Ainda assim, a PR5 lançou à comunidade da UFRJ o desafio de realizar, remotamente, um evento inédito, de grande porte —o Festival do Conhecimento—, para o qual preparamos um vídeo de apresentação do projeto.

Foram realizadas 112 publicações de conteúdos no horizonte de 1 ano, resultando em 6 categorias classificadas como: (i) “Apresentação do projeto”, com 9 produções; (ii) “Notícias da atualidade ou informativas”, com 18 produções; (iii) “Homenagem institucional e personagens da ciência da Nutrição”, predominando matérias sobre Josué de Castro, com 15 publicações; (iv) “Alimentação, cultura e meio ambiente”, com 17 publicações; (v) “Datas comemorativas”, com 48 produções; e (iv) “Alimentação,



Figura 2: Capa do vídeo para o Festival do Conhecimento. (Fonte: Arquivo pessoal)
 Link da Apresentação: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&index=123&v=X4HvcnAhMYo&list=PLs_nooj-a3rmGt_THTLgMjyK9hxeilpOG&t=42s

higiene e COVID-19”, com 5 produções. Na sequência, segue ilustração da página inicial do *Instagram* do projeto (@memorialjosuedecastro).

Com o advento das apresentações/entrevistas conhecidas no meio digital como *lives*, que se multiplicaram nesse período, também promovemos 2 entrevistas com convidados reconhecidos no meio acadêmico, na área de Nutrição. Nos dias 13 e 31 de julho de 2020, a convidada foi a professora Vanessa Schottz, do curso de Nutrição do Campus UFRJ - Macaé, com a qual conversamos sobre o aumento da condição de insegurança

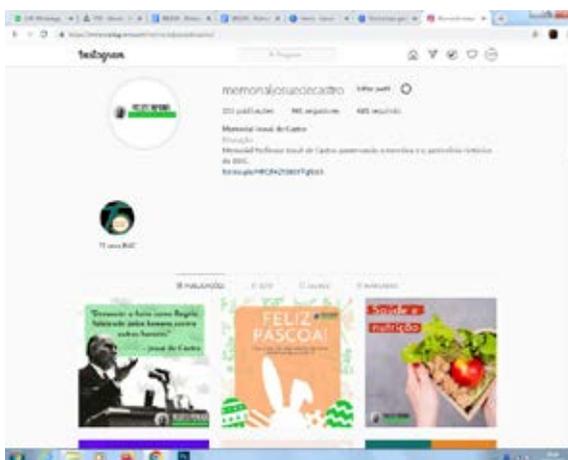


Figura 3 - Página inicial do Instagram do projeto (Fonte: Arquivo pessoal)

alimentar de famílias e indivíduos durante a pandemia, tema que ganhou destaque, tendo em vista as implicações econômicas da crise sanitária (https://www.instagram.com/p/CCmSLoZlKyh/?utm_source=ig_web_copy_link). A segunda contou com a professora Lucia Andrade do INJC, e também integrante da equipe do projeto, que, no dia do nutricionista, em 31 de agosto de 2020, nos brindou com um mergulho na história da construção da mais antiga entidade da categoria dos nutricionistas, a Associação Brasileira de Nutrição - ABN (https://www.instagram.com/p/CEkV2_eFYsg/?utm_source=ig_web_copy_link).

A publicação de conteúdos nas redes sociais aumentou o quantitativo de seguidores, com manifestações de apreço e reconhecimento que apontavam interesse e reconhecimento pelo trabalho de valorização dos estudos e das obras de Josué de Castro, alcançando um público variado.

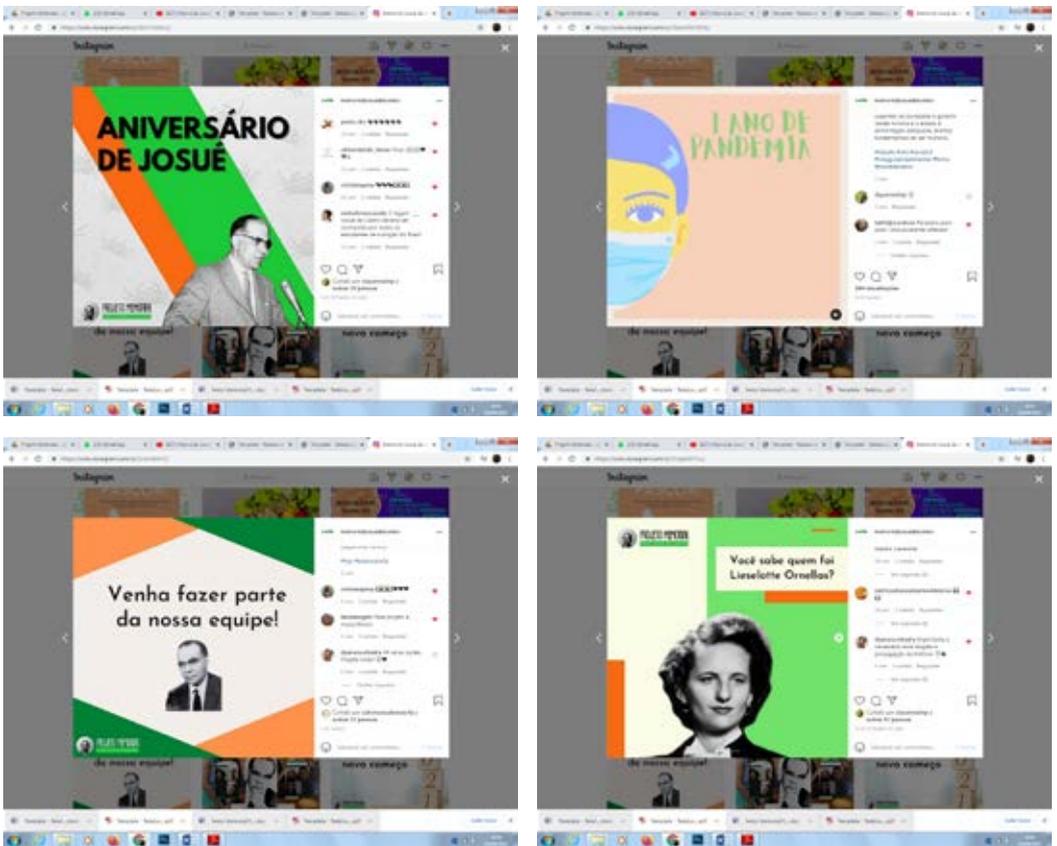


Figura 4 - Depoimentos de seguidores no Instagram do projeto.

(Fonte: Arquivo pessoal)

Investimos na produção de trabalhos para apresentação em eventos externos à UFRJ. Em novembro de 2020, participamos do 12º Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão - SIEPE, apresentando o trabalho intitulado: “A Experiência de divulgação científica de um projeto de Extensão durante a pandemia de COVID-19”. O trabalho apresentado no 12º SIEPE pode ser conferido pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=qPJhoEjik8A&t=4s>. Em março de 2021, participamos, pela 1ª vez, do Congresso Brasileiro de Extensão Universitária - CBEU, edição 2020, com o trabalho “As redes sociais na divulgação da memória institucional em tempos de pandemia”.

Em parceria com o Laboratório Digital de Educação Alimentar e Humanidades (LADIGE) do INJC, integrantes do projeto participaram da produção do vídeo “Josué de Castro, ontem, hoje e sempre”, lançado por ocasião da abertura do ano comemorativo do jubileu de brilhante do INJC (75 anos; 1946-2021), em sessão solene da Congregação da instituição, em 14/12/20. Essa parceria pesquisa/extensão representa esforço em busca do fortalecimento de linha de trabalho em memória, cultura e comunicação que poderá, futuramente, contribuir para o ensino da graduação e da pós-graduação e para a produção científica qualificada.

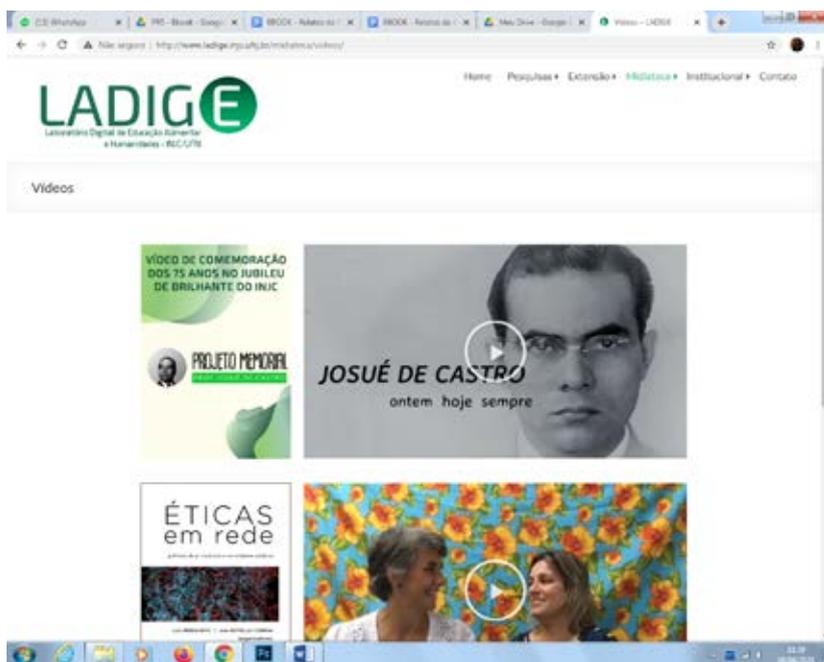


Figura 5 - Capa do vídeo “Josué de Castro, ontem, hoje e sempre”. (Fonte: LADIGE) (Acesso pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=daxjDH3hPzo>)

A impossibilidade de realizar atividades nas escolas despertou a necessidade de produzir material educativo, dirigido a professores do Ensino Fundamental e Médio que, ao tratar da obra de Josué de Castro, poderia inspirar o corpo docente responsável por disciplinas como Geografia, História, Ciências e Português/Literatura a planejar atividades relativas às contribuições de Josué de Castro à ciência brasileira. Para tal, iniciou-se a produção do livro eletrônico: *Josué de Castro e o Sonho de um Mundo sem Fome* — no momento, em fase final de elaboração —, que ainda será submetido à avaliação de professores da rede pública em seus 3 níveis, com vistas à adequação e ao aperfeiçoamento. Pretende-se que o *e-book* seja lançado ainda no 2º semestre de 2021 e que a experiência possa ser relatada em manuscrito a ser encaminhado para apreciação em revista científica extensionista.

Para a elaboração do *e-book*, foi criada um personagem caricatural de Josué de Castro, com o intuito de aproximar o leitor do autor e ilustrar os conteúdos produzidos de forma mais lúdica para o público alvo.



Figura 6 - Representação caricatural de Josué de Castro (Fonte: Arquivo pessoal)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A equipe considera que, apesar das limitações impostas durante o primeiro ano de distanciamento social pela pandemia da COVID-19, o projeto ganhou maior visibilidade pela intensificação da divulgação científica nas redes sociais. Parte do público seguidor de nossas redes se constitui de jovens que não conhecem as contribuições de Josué de Castro à ciência e à

vida nacionais e que têm a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a vida e obra desse brasileiro reconhecido por seus estudos no combate à fome e às desigualdades sociais e fonte de inspiração para as políticas públicas na área de alimentação e nutrição e de organizações sociais.

A equipe, a ser renovada em 2021, ano comemorativo dos 75 anos de criação do INJC, continuará honrando o compromisso com a memória do patrono da instituição, objeto de trabalho do projeto. O ilustre cientista, nascido no nordeste brasileiro, reconhecido especialmente pela comunidade científica internacional, o qual teve seus direitos civis cassados com o Ato Institucional AI-1, em 1964 e que, no exílio, longe de sua gente e impedido de retornar à sua terra natal, morreu de infarto e de saudades. No entanto, suas contribuições acadêmicas e para o pensamento político-social permanecem vivas e são fontes de inspiração e motivação para nós. E que consigamos fazer chegar, a tantos outros, o seu imprescindível legado!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A experiência de divulgação científica de um projeto de extensão durante a pandemia de covid-19 - SIEPE UNIPAMPA. Projeto Memorial Josué de Castro. *Youtube*. 03 de out. de 2020. 1 vídeo (2 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qPJhoEjik8A&t=4s>. Acesso em: 24 abr. 2021.

CASTRO, J. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. 10^a ed. Rio de Janeiro: Antares Achiamé, 1980.

Como estamos trabalhando na quarentena? Projeto Memorial Josué de Castro. *Instagram*. 10 de jun. de 2020. 1 vídeo (2 min). Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CBRkPwnF95G/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 24 abr. 2021.

Dia do nutricionista no Brasil. Projeto Memorial Josué de Castro. *Instagram*. 31 de ago. de 2020. 1 vídeo (51 min). Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CDUIPkrFo5p/>. Acesso em: 24 abr. 2021.

Live SAN na pandemia. Projeto Memorial Josué de Castro. *Instagram*. 13 de jul. de 2020. 1 vídeo (30 min). Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CCmSLoZlKyh/>. Acesso em: 24 abr. 2021.

Live SAN na pandemia. Projeto Memorial Josué de Castro. *Instagram*. 31 de jul. de 2020. 1 vídeo (57 min). Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CDUIPkrFo5p/>. Acesso em: 24 abr. 2021.

PEREIRA, D.; SEVERO DE ABREU, M.; DA SILVA GIL, J.; LOPES TEIXEIRA, L.; MACHADO FILHO, N.; ACCIOLY, E. A experiência de divulgação científica

de um projeto de extensão durante a pandemia de COVID-19. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, v. 12, n. 3, 20 nov. 2020.

Projeto Josué de Castro. LADIGE UFRJ . *Youtube*. 09 de fev. de 2021. 1 vídeo (8 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=daxjDH3hPzo>. Acesso em: 24 abr. 2021.

RODRIGUES, A. L. L.; COSTA; C. L. N. A.; PRATA, M. S.; BATALHA, T. B. S.; NETO, I. D. F. P. Contribuições da extensão universitária na sociedade. *Cadernos de Graduação – Ciências Humanas e Sociais - UNIT*, v.1, n.16, p.141-148, 2013. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/230427747.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2021.

SILVA, V. Ensino, pesquisa e extensão: Uma análise das atividades desenvolvidas no GPAM e suas contribuições para a formação acadêmica. Vitória, novembro de 2011. Base de dados do Scielo. Disponível em: <https://docplayer.com.br/74229431-Ensino-pesquisa-e-extensao-uma-analise-das-atividades-desenvolvidas-no-gpam-e-suas-contribuicoes-para-a-formacao-academica.html>. Acesso em: 19 abr. 2021.

Tributo ao patrono do INJC. Projeto Memorial Josué de Castro. *Youtube*. 23 de jul. de 2020. 1 vídeo (4 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&index=123&v=X4HvcnAhMYo&list=PLs_nooj-a3rmGt_THTLgMJyK9hxeilpOG&t=42s. Acesso em: 24 abr. 2021

QUANDO A RUA VIRA MAPS: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL VOLTADA À ARQUITETURA E À CIDADE EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

NIUXA DIAS DRAGO

COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

MELISSA MARTINS ALVES

ARQUITETA E URBANISTA – FAU-UFRJ

RESUMO

O projeto de extensão *Educação Patrimonial – um olhar sobre a arquitetura e o espaço urbano*, da FAU-UFRJ, propõe-se a dialogar com escolas públicas para um intercâmbio de práticas pedagógicas que possam estreitar as relações entre as instituições e as subjetividades de seus bairros, a partir de dinâmicas realizadas em passeio no seu entorno imediato, fomentando o olhar sensível e analítico para a cidade, de maneira lúdica e transdisciplinar. No entanto, o isolamento social causado pela pandemia da COVID-19 tornou diferentes não só as nossas práticas, como também a integração com o meio urbano. O principal questionamento foi: como seguir dialogando com comunidades externas à faculdade (e até mesmo com a própria Universidade) dentro das novas possibilidades? O relato a seguir apresenta as estratégias adotadas para reinventar as ações no ano de 2020.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Patrimonial; Arquitetura e Urbanismo; Práticas Pedagógicas Remotas; Alfabetização Cultural; Extensão Universitária

1. INTRODUÇÃO

Desde meados de 2017, o projeto de extensão *Educação Patrimonial: um olhar sobre a arquitetura e o espaço urbano* realiza ações de Extensão voltadas para escolas públicas dos ensinos Fundamental e Médio na cidade do Rio de Janeiro, a partir da crença de que o território educativo é privilegiado para o desenvolvimento de relações dos indivíduos com os espaços e entre si, e da Universidade com as comunidades externas. Tal assertiva advém da importância que não só os integrantes do projeto, como também a Universidade, atribuem ao tripé indissociável da formação acadêmica: ensino-pesquisa-extensão. Seguindo este princípio, o projeto de extensão surge através de uma disciplina integrada do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, desenvolvida dentro e fora da sala de aula, na qual reflexões sobre a cidade (ensino) deram origem a teorias e metodologias de ensino possíveis dentro e fora do meio acadêmico (pesquisa)². A fim de reinterpretar esta experiência em escolas do ciclo básico do ensino, unimos as experiências dos alunos das escolas municipais e estaduais com os extensionistas da universidade, criando novas perspectivas com objetivo de que ambos tenham um novo olhar para o espaço (extensão).

Assim, o projeto debruça-se sobre o conceito da Educação Patrimonial enquanto ferramenta da “Alfabetização Cultural” (FLORÊNCIO, 2014) e sobre a metodologia do ensino meta-histórico da arquitetura e urbanismo – isto é, a observação e experimentação a partir da investigação de que “não é mais uma ‘procura’ ou uma ‘descoberta’ do conhecimento, mas a ‘invenção mesma do conhecimento’, provisório e incerto.” (ROCHA-PEIXOTO, 2013, p.115). O projeto convida os participantes, – não só os alunos e professores das escolas parceiras, mas também os próprios orientadores e extensionistas da FAU, à uma espécie de “laboratório-cidade” (ou cidade-laboratório), incentivando os estudantes a explorar a cidade, lançando mão de suas próprias jornadas individuais e vivências coletivas. Assim, o projeto, anualmente, tem suas práticas bem-sucedidas, aproximando a linguagem arquitetônica da escola regular e ajudando a desenvolver as Habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL,

2 As reflexões sobre a disciplina integrada História da Arte e da Arquitetura 1 + História das Teorias do Urbanismo 1, que ocorrem no primeiro período de graduação da FAU-UFRJ, foram registradas pelo Prof. Gustavo Rocha-Peixoto em seu livro “A Estratégia da Aranha”. Ver também (PINHEIRO *et al*, 2020)



Figura 01: Dinâmicas de intervenções urbanas possíveis antes da pandemia, em 2019, realizadas na E.M. Min. Afrânio Costa, respectivamente, criando sinalizações no meio do trajeto, faixas de pedestres temporárias e registros da visita. Fonte: Acervo do Projeto de Extensão

2018) por meio de práticas dialógicas que aguçam a curiosidade e o engajamento dos estudantes e professores para com aspectos de seus bairros.

Em 2020, porém, foi-nos apresentada uma nova ameaça que fragilizou a nossa relação com as pessoas, as escolas e as cidades: a pandemia da COVID-19. Visto que a presença é algo fundamental em nosso projeto de extensão, o cenário impossibilitava o prosseguimento de nossas atividades com as escolas parceiras, que já estavam de portas abertas para nos receber. De modo a tratar a educação como meio de emancipação intelectual, criativa e moral, reconhecendo as cidades como educadoras e aprendizes, o convite para investigar presencialmente os lugares, a partir dos nossos próprios sentidos, sempre foi o ponto alto das práticas do projeto de extensão.

A cidade se faz educativa pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar, de imaginar que todos nós, mulheres e homens, impregnamos seus campos, suas montanhas, seus vales, seus rios, impregnamos suas ruas, suas praças, suas fontes, suas casas, seus edifícios, deixando em tudo o selo de certo tempo, o estilo, o gosto de certa época. (FREIRE, 1992, p. 5).

Por isso, a partir da primeira semana letiva do ano de 2020, ficou evidente o desafio que teríamos pela frente: seria necessária uma reestruturação das ações de extensão, a fim de que seguíssemos promovendo intercâmbios entre as escolas parceiras, mesmo que ainda não soubéssemos, ao certo, o tempo de duração do isolamento e os recursos que

estariam disponíveis para a adoção de boas e aplicáveis estratégias. Entre conexões e desconexões, o projeto prosseguiu com novos objetivos.

2. OBJETIVOS

A extensão pretende, em todas as suas práticas, despertar a consciência de apropriação do espaço como uma forma importante na valorização do Patrimônio (noções que estendem-se à casa, à escola, ao bairro e às memórias do lugar) e o sentimento de pertencimento como ponto fundamental no incentivo à preservação da paisagem. Pelo advento do ensino remoto, porém, houve a necessidade de adaptarmos os objetivos das atividades da extensão, levando em conta o processo de evolução dos anos anteriores e centrando-nos em:

- Superar a barreira do distanciamento social, criando elos entre os próprios extensionistas do projeto e os orientadores, através de reuniões, dinâmicas e seminários remotos;
- Manter a comunicação e fortalecer as relações com as escolas que já eram parceiras do projeto desde anos anteriores (Escola Municipal Ministro Afrânio Costa e Colégio Estadual Antônio Prado Júnior, ambas no Rio de Janeiro – RJ);
- Propor novos vínculos com escolas interessadas em integrar o projeto, com possibilidade de atender à atividades remotas (Escola Municipal Prof^a Maria Campos da Silva (parceira em 2020) e Escola Classe 416 Sul (nova parceria para 2021), respectivamente em Petrópolis – RJ e Brasília – DF);
- Elaborar e divulgar canais oficiais de comunicação do Projeto, apresentando a nossa trajetória e disponibilizando atividades-referências para outros educadores.

3. METODOLOGIAS

As ações do projeto se dividiram em três frentes: os encontros abertos e *lives*, a produção do site *opatrimonioeduca.org* e a elaboração do curso de extensão “A escola pública, sua arquitetura e cidade”, coordenado pela Prof^a Priscilla Peixoto, co-coordenadora do projeto de extensão. As três frentes davam aos extensionistas a oportunidade de protagonizar ideias a serem aplicadas ao longo do ano de 2020, sempre orientadas

pelos professores Niuxa Drago, Priscilla Peixoto e Sérgio Fagerlande, com o auxílio da monitora Melissa Alves, que ativamente empenharam-se para a retroalimentação do projeto ao longo dos anos.

Após um momento inicial de integração dos extensionistas, que foi especialmente importante no primeiro impacto do isolamento, quando as atividades acadêmicas ainda se encontravam suspensas, para manter o engajamento e os vínculos da comunidade da FAU, nos pareceu evidente que era importante manter o projeto ativo e que as soluções surgiriam do diálogo em nossas reuniões semanais, conforme trocávamos ideias sobre a nova realidade. Como apenas o primeiro encontro de 2020 foi realizado presencialmente, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, o novo ambiente de trabalho rapidamente tomou forma e endereço eletrônico, nas plataformas de reuniões online, como o *Google Meet*. Por meio desses encontros, discutimos as possíveis estratégias dialógicas para que não perdêssemos o fio condutor da extensão e pudéssemos propor novas experiências, mesmo com o isolamento social. Tais formulações foram ancoradas em atividades totalmente diferentes das realizadas nas escolas, praças e ruas, mas isso não foi motivo para prescindir do processo metodológico das atividades da extensão, que envolve a (1) fundamentação; (2) planejamento da ação; (3) realização da ação; e (4) balanço e retorno.

Os módulos, nas edições presenciais do projeto, incluem: (1) pesquisa e leitura de textos e seminários de discussão, encontros com profissionais de áreas análogas ao patrimônio, arquitetura e cidade e de projetos culturais semelhantes ao nosso, que, no caso do cenário pandêmico, poderiam ser realizados em formatos de reuniões online abertas ao público; (2) trâmites burocráticos para ação junto às escolas, reuniões para a divisão dos grupos de trabalho, levantamento e análise de informações a respeito das imediações das escolas e do perfil de seus alunos e professores, com a utilização de imagens aéreas, mapas antigos e fotos do entorno, confecção de material didático a ser utilizado nas dinâmicas; (3) realização do momento dialógico – o passeio ao entorno da escola, com estudantes e professores das escolas parceiras; (4) discussão sobre o passeio e a produção dos estudantes das escolas, com reuniões de avaliação e preparação da apresentação da extensão na SIAC-UFRJ³ e planejamento do próximo ano do projeto.

3 Nos anos de 2018 e 2019, o projeto de extensão foi contemplado com Menções Honrosas na Semana de Integração Acadêmica da UFRJ por suas apresentações de trabalhos no Centro de Letras e Artes – CLA.

4. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO E PROCEDIMENTOS

À vista destes princípios metodológicos, optamos por manter o módulo de fundamentação, já que os extensionistas tinham acesso à rede de internet e manifestaram o interesse em continuar os encontros para descobrirmos juntos como estabelecer diálogo com as comunidades parceiras no cenário de afastamento social. Após alguns encontros com as mentes fervilhando de ideias, a equipe da extensão se dividiu em alguns grupos de trabalho para elaborar práticas possíveis em meio ambiente remoto, que se iniciou convidando ícones envolvidos na preservação do patrimônio material e imaterial, desde doutores em patrimônio a guias de turismo, para que a multiplicidade se fizesse presente também na escuta. Em maio de 2020, a convite da Profa. Priscilla Peixoto, a Profa. Márcia Sant’anna (IPHAN/BA e FAU UFBA) apresentou a palestra “Projeto de Mapeamento de Sítios e Monumentos Religiosos Negros da Bahia”, traçando o histórico de resistência ao reconhecimento de culturas não convencionais no território de Salvador. Em junho, a convite do Prof. Sergio Fagerlande, tivemos a presença do Projeto “Guiadas Urbanas”, que promove circuitos urbanos guiados no subúrbio do Rio de Janeiro, com um movimento de preservação e valorização da memória e identidade cultural local. As apresentações realizadas proporcionaram ricos diálogos que ativaram as mentes para os próximos passos.



Figura 02: 1ª apresentação aberta de 2020, com a Profª Márcia Sant’anna, vice-coordenadora do PPG-AU/FAUFBA e professora do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio – PEP-MP/IPHAN. Fonte: Acervo do Projeto de Extensão

Após o módulo de fundamentação, quando ficou claro que os estudantes das escolas parceiras não conseguiriam manter um acesso regular à internet que possibilitasse a atividade dialógica, decidimos por estreitar o laço com os professores destas escolas, dividindo as ações em três frentes

realizadas por 3 grupos de trabalho extensionista: (a) criação de um *site* do projeto que, além de divulgar nossas ações, serviria como um repositório de textos de referência em Educação Patrimonial, com foco em Arquitetura e Urbanismo e em propostas de dinâmicas para estudantes da escola regular; (b) realização de diálogos abertos (*Lives*) que pudessem ser interessantes para professores das escolas parceiras; (c) projeto e execução de um curso de extensão em Educação Patrimonial direcionado aos professores das escolas parceiras.

O *site* do projeto – www.opatrimonioeduca.org – partiu da ideia de reunir virtualmente o material das visitas, palestras e experiências vividas ao longo dos anos. Já que neste momento nosso contato com escolas era feito de maneira remota, a equipe se empenhou em diminuir o nosso distanciamento pela confecção da plataforma digital, dedicando o seu tempo em pesquisar as melhores plataformas de criação de sites, as possibilidades de alcance dessa ferramenta e a identidade visual necessária para tornar possível a apresentação da história da nossa parceria com as escolas.

Os extensionistas e orientadores dedicaram-se à elaboração do *site*, que visa compartilhar referências de atividades pedagógicas relacionadas à Educação Patrimonial. O repositório hoje conta com diversos exemplos de ações, como a gincana “Plantando e Colhendo Pistas na Cidade”, que tem como objetivo identificar, com os alunos das escolas, carências e potenciais dos seus bairros, escolas e cidades (plantando pistas) e refletir sobre as interpretações e apropriações dos espaços (recolhendo e pesquisando as pistas). Para cada atividade, os extensionistas incluíram uma observação para sugerir como ela poderia ser adaptada ao mundo virtual que nos foi imposto. Era nosso objetivo contribuir com os professores neste difícil momento de adaptação do trabalho docente e estimular o engajamento dos estudantes em possíveis aulas remotas.

A segunda linha de ação dentro do projeto foi a divulgação do projeto de extensão por meio de *Lives* e vídeos gravados, onde os extensionistas administraram o convite aos palestrantes e a roteirização das apresentações e entrevistas. A primeira *Live*, realizada no Festival do Conhecimento da UFRJ, teve como convidado o Prof. William Bittar, colaborador assíduo do projeto, que apresentou a palestra sobre um panorama histórico-social da arquitetura escolar no estado do Rio de Janeiro e, dentro do contexto das plataformas online, estendeu o diálogo que tínhamos em sala de aula ao *YouTube*. Após o sucesso da apresentação no festival, tivemos a oportunidade de convidar a coordenadora de extensão do Museu Nacional,



Figura 03: Página inicial do site do projeto de extensão, em constante construção e dinamização. Fonte: Site do Projeto de Extensão. Disponível em: <https://www.opatrimonioeduca.org/>

Valéria Silva, para falar sobre o impacto do incêndio no museu sobre as atividades desempenhadas pelos projetos de extensão que nasceram da necessidade de fortalecer a memória e a relação do Museu Nacional com escolas públicas e o patrimônio cultural. Além das *Lives*, a equipe do projeto de extensão elaborou um breve vídeo de apresentação do projeto, que também esteve presente no Festival do Conhecimento, e um curta-metragem intitulado: “O Que Você Vê da sua Janela?”, veiculado em nosso *Instagram @opatrimonioeduca*⁴. O último surgiu como um convite a aguçar a nossa percepção através das aberturas de nossas janelas, que foram, por muito tempo, durante a pandemia, o único contato com a cidade e suas transformações históricas, urbanas, sociais e culturais.

A terceira ação foi o curso de extensão “A Escola Pública, sua Arquitetura e Cidade”, coordenado pela Profa. Priscilla Peixoto. O curso estava intimamente ligado ao projeto de extensão e propunha estimular professores da rede pública de ensino a abordar a Educação Patrimonial em atividades pedagógicas que pudessem utilizar, de maneira autônoma e interdisciplinar, o espaço da escola, do bairro e da cidade como salas de aula, possibilitando a valorização das pluralidades e potencialidades existentes no espaço, assim como fazíamos, presencialmente, com os alunos das escolas. Como as atividades nas escolas foram interrompidas de

4 Para mais informações, acesse <https://www.instagram.com/opatrimonioeduca/>



Figura 04: Apresentações do Prof. William Bittar e da Coordenadora de Extensão Valéria Silva. Fontes: Canais no Youtube webTVUFRJ e FAUFRJ. Disponíveis em: <http://bit.ly/ArqEscolar> e <http://bit.ly/ExtensoesMN>. Acesso em: 25 de abril de 2021

maneira abrupta no início da pandemia, muitos professores precisaram passar por um período de adaptação ao meio virtual, e o curso surgiu com a ideia de auxiliar os professores no desenvolvimento de materiais pedagógicos passíveis de serem incorporados em plataformas digitais e, quando possível, no meio físico urbano. O curso tinha como público-alvo, a priori, os professores das escolas parceiras do projeto, mas diversos educadores Brasil afora viram a atividade remota como uma oportunidade de conhecer e participar do curso ofertado.

Ao longo dos meses de junho a outubro, os orientadores e extensionistas dedicaram-se a elaborar os planos de aula, materiais didáticos e conteúdos teóricos e práticos para serem apresentados aos professores ao iniciarmos o curso. Em cada aula, o curso oferecia uma bibliografia e dinâmica diferentes, todas extraídas de experiências adquiridas ao longo dos anos na extensão *Educação Patrimonial: – um olhar sobre a arquitetura e o espaço urbano*. O curso iniciou-se em novembro com ricas participações dos professores inscritos, através da divulgação de redes sociais, que expandiu as ações de extensão do nordeste ao sul do Brasil. As aulas dividiram-se nos seguintes módulos: aula 1: “Me apresentando: eu, minhas memórias e minha cidade.”; aula 2: “Como a cidade poderia ser o laboratório das minhas aulas?”; aula 3: “As palavras da cidade”; e aula 4: “Exposição dos roteiros das equipes”.

5. RESULTADOS OBSERVADOS

Diante dos desafios apresentados em 2020, consideramos que, mantendo as diretrizes de segurança sanitária, conseguimos, com o curso,

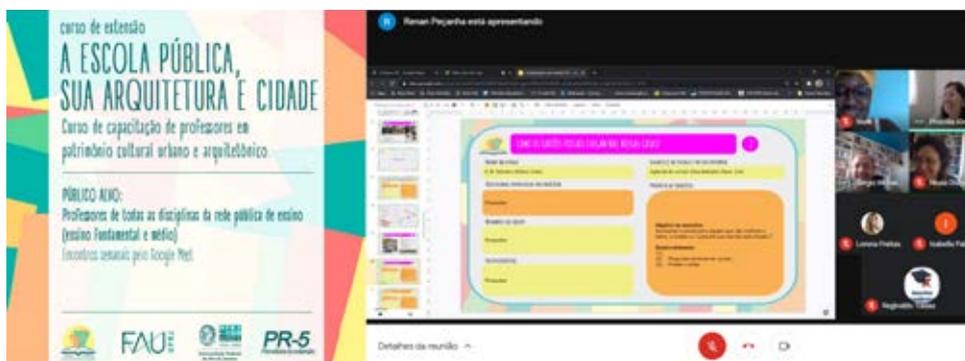


Figura 05: Divulgação do Curso de Extensão em redes sociais e 3ª aula do Curso de Extensão, com participação dos orientadores, extensionistas e professores inscritos. Fonte: Acervo da Extensão.

atingir as comunidades das escolas parceiras através de seus professores, ao mesmo tempo em que geramos um rico material que continuará disponível nas plataformas digitais. A criação do site proporcionou uma positiva divulgação de nossas ações e, também, um acervo de atividades, que será ampliado ao longo dos anos – não só por nós, mas pelos futuros professores parceiros das escolas através de suas sugestões. Assim, vamos também criando uma memória da Extensão desenvolvida na FAU-UFRJ. Essas pontes virtuais já nos renderam novas parcerias com escolas de fora do território do Rio de Janeiro, atendendo aos desejos do projeto de extensão desde o seu reconhecimento no I Prêmio Paulo Freire⁵. Em 2021, algumas escolas públicas já se adaptaram ao acesso remoto e esperamos poder desenvolver novas experiências, envolvendo seus estudantes, como no caso da Escola 476 Sul, em Brasília – expandindo as possibilidades das ações, o que pode gerar autonomia aos professores em posteriores aplicações das atividades em seus processos pedagógicos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este período ajudou-nos a compreender o quanto a memória dos espaços públicos é capaz de sensibilizar e educar a população, feito esse que certamente deu e dará novos rumos ao projeto de extensão. Ansiamos ver o dia em que será possível explorar o patrimônio da cidade com todos

5 O projeto de extensão foi contemplado na 1ª edição do Prêmio Paulo Freire, promovido pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, na categoria Projeto Político-Pedagógico, em outubro de 2019.

os nossos sentidos novamente. Até lá, é gratificante notar que o aperfeiçoamento do projeto de extensão no período de pandemia se fez presente e difundiu as nossas experiências dialógicas de maneira efetiva, mesmo com os desafios apresentados pelo cenário pandêmico e o ambiente virtual, proporcionando a todos que atravessaram o projeto a experiência da resiliência, a consciência da importância da Extensão Universitária e a perspectiva de novos horizontes, sejam eles presenciais ou remotos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: shorturl.at/jtxU9. Acesso em: 25 abr. 2021

FLORÊNCIO, S.R. *et al. Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos*. Brasília: IPHAN, 2014.

FREIRE, Paulo. *Educação permanente e cidade educativa*. São Paulo, 1992. Disponível em: <https://bit.ly/3u7H9G2>. Acesso em: 25 abr. 2021.

PINHEIRO, E.; RACCA, G. B.; DRAGO, N. D.; FAGERLANDE, S. M. R. De perto e de dentro: aproximando desenho e história(s). *VIRUS*, São Carlos, n. 20, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3xCO7Fa>. Acesso em: 28 abr. 2021.

ROCHA-PEIXOTO, G. *A Estratégia da Aranha ou: da possibilidade de um ensino metahistórico em arquitetura*. Rio de Janeiro: Riobooks, 2013.

REDENEURO (REDE DE ESTUDOS EM NEUROEDUCAÇÃO): INTRODUÇÃO AO MÉTODO CIENTÍFICO PARA UMA APRENDIZAGEM INVESTIGATIVA ATRAVÉS DE OFICINAS PARA LICENCIANDOS E DOCENTES DO ENSINO BÁSICO

GLÁUCIO ARANHA

COORDENADOR DO PROJETO REDENEURO - REDE DE ESTUDOS EM NEUROEDUCAÇÃO
ALFRED SHOLL-FRANCO

COORDENADOR DO PROJETO REDENEURO - REDE DE ESTUDOS EM NEUROEDUCAÇÃO
LETÍCIA MARIA DE LIMA SILVA

LICENCIANDA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - UFRJ

ANDRESSA FOLLY

GRADUANDA EM PEDAGOGIA - UFRJ

RESUMO

O projeto de extensão *REDENEURO (Rede de Estudos em Neuroeducação)* é uma iniciativa de fomento para docentes em formação inicial ou continuada ao uso do método científico em sala de aula, sob a perspectiva didática investigativa e com base nas contribuições teóricas da neuroeducação. Mantém um site informativo (www.cienciasecognicao.org/redeneuro), realiza oficinas de Introdução ao Método Científico para a Aprendizagem Investigativa (IMCAI) e orienta docentes para a elaboração de projetos próprios em seus contextos de ensino-aprendizagem. Apresentamos um relato de experiência sobre a digitalização das oficinas IMCAI, no ano de 2020. Os resultados demonstram a ampliação da participação de graduandos e do alcance nacional das oficinas, servindo de base para o aprimoramento das atividades desenvolvidas pelo projeto e para a construção de novas perspectivas para 2021.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino Investigativo; Formação docente; Metodologia Científica; Práxis pedagógica.

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão *REDENEURO (Rede de Estudos em Neuroeducação)* teve início com a criação de uma plataforma online de fomento à atividade docente focada no desenvolvimento da criatividade, da imaginação e da inovação, tendo como base os arcabouços teóricos da neuroeducação (SHOLL-FRANCO, ASSIS e MARRA, 2012) e a abordagem pedagógica investigativa (BATISTA e SILVA, 2018).

Segundo Batista e Silva (2018, p. 99), “o ensino investigativo visa, entre outras coisas, que o aluno assuma algumas atitudes típicas do fazer científico, como indagar, refletir, discutir, observar, trocar ideias, argumentar, explicar e relatar suas descobertas”.

Vale destacar que pensar a educação do ponto de vista de uma modernização pedagógica a favor da aprendizagem ativa não se apresenta como uma tarefa nova no contexto brasileiro. No início do século XX, o que ficou conhecido como o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, inspirado em especial nas ideias do filósofo e pedagogo americano John Dewey, inaugurou, no cenário nacional, discussões acerca do protagonismo discente e da escola como um ambiente não limitado ao ensino de conteúdos (ENZWEILER, 2018).

Na década de 1990, no que tange ao ensino de ciências no Brasil, reformas curriculares contemplaram a ênfase sobre a alfabetização científica e, já no final da década, a abordagem investigativa foi adicionada aos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCN) (BATISTA e SILVA, 2018). Destacou-se, ainda, a importância da alfabetização científica “a fim de que os alunos compreendessem o mundo sob a perspectiva da ciência e da tecnologia, bem como seus condicionantes sociais, políticos e econômicos” (BATISTA e SILVA, 2018, p. 98). Assim, a abordagem pedagógica investigativa foi indicada devido ao seu potencial em contribuir para a capacidade de resolução de problemas e o desenvolvimento de habilidades comunicativas pelos aprendizes (SERRAZINA e RIBEIRO, 2012), além de sua forte conexão com a ludicidade (OLIVEIRA e SOARES, 2010). Sasseron (2021, p. 5) destaca ainda que as atividades investigativas no contexto educacional “são sociais, imersas e circunscritas em práticas sociais e normas culturais, que, no discurso, revelam a intertextualidade e referendam consequências, pelo conhecimento legitimado”.

No entanto, estimular o uso de abordagens pedagógicas capazes de atribuir ao aprendizado formal aspectos de autonomia e inovação requer a

capacitação dos profissionais docentes para a condução de aulas criativas e críticas. Em suma, para que o ensino baseado em atividades investigativas se torne proveitoso, os docentes devem ser capazes de realizar pontes entre a teoria e a prática (BARTZIK e ZANDER, 2016). Para isso, é mister a compreensão por parte dos docentes sobre o significado de atividades investigativas e das bases epistemológicas do fazer científico.

Nesse contexto, tornam-se necessários: (i) a quebra da visão sobre a ciência como atividade restrita a poucos ou mesmo, como destacam Costa e Batista (2017, p. 11), uma atividade típica dos “quase loucos, isolados em seus laboratórios”; e (ii) o esclarecimento de que as atividades investigativas não se restringem à realização de experimentos laboratoriais, bem como do fato de que nem toda atividade experimental é investigativa. Ou seja, é necessária a compreensão de que não basta seguir roteiros experimentais com passos pré-determinados, pois apenas isso não é capaz de contribuir para o envolvimento discente com a prática científica e com o desenvolvimento de habilidades investigativas (SASSERON, 2021).

Nesse sentido, uma das problemáticas atualmente presentes para se fomentar o uso de uma abordagem investigativa em sala de aula é destacada por Oliveira e Soares (2010):

A maioria dos experimentos apresentados em revistas e livros didáticos, apesar de positivos e apresentar uma alternativa viável de serem executados em sala de aula, não são apresentados como uma proposta investigativa e sim como uma proposta demonstrativa, sem a devida indicação de como devem ser realizados em sala de aula ou laboratório para se configurarem como investigativos. (OLIVEIRA e SOARES, 2010, p. 3)

Pensando o professor como um *especialista em aprendizagens* (ANTUNES, 2001, p. 37), capaz de adaptar diferentes abordagens à sua realidade específica de atuação, a reflexão acerca da práxis pedagógica é de suma importância para o fazer educativo comprometido com o ensino crítico e inovador. Nessa conjuntura, ao se destacar a profissão docente como não restrita à transmissão de saberes acadêmicos, exige-se uma atenção especial às necessárias transformações em termos de formação tanto permanente quanto inicial (IMBERNÓN, 2001).

É importante que o professor “não pense apenas em sua formação, mas também no currículo, no ensino e nas metodologias para a docência que, de certa forma, irão influenciar o desenvolvimento e a capacidade reflexiva crítica de seu trabalho profissional” (MIRANDA, SUAR e MARCONDES, 2015, p. 560). Além disso, para promover a alfabetização

científica e o desenvolvimento crítico, que permeiam a história educacional brasileira, é essencial o oferecimento de suporte aos docentes como forma de estímulo reflexivo e capacitação para o aprimoramento da práxis pedagógica, a favor de um ensino baseado na criatividade, na imaginação e na inovação.

2. OBJETIVOS

O projeto *REDENEURO (Rede de estudos em Neuroeducação)* tem por objetivo impulsionar o contato de professores em formação inicial ou continuada com os principais fundamentos da atividade científica aplicados ao ensino investigativo. Para tal, o projeto elabora, em uma perspectiva de contínua atualização e aprimoramento, materiais de fácil acesso e capazes de instigar e instrumentalizar os docentes para o uso de projetos científicos como forma de trabalho didático investigativo.

Nesse contexto, a *REDENEURO* promove a aproximação da produção de ciência em relação ao processo de ensino-aprendizagem, estabelecendo uma ponte entre a universidade e a escola, bem como entre os alunos de diferentes cursos da licenciatura e as reflexões intrínsecas ao fazer educativo, sob a ótica da aprendizagem ativa.

3. METODOLOGIA

O processo de digitalização das oficinas de *Introdução ao Método Científico para a Aprendizagem Investigativa (IMCAI)*, promovido pela *REDENEURO*, resultou em duas versões remotas que demandaram o uso de ferramentas particulares. Em ambas as versões virtuais foram utilizadas aulas expositivas-explicativas junto a momentos de abertura para a troca de experiências entre os professores e os pesquisadores, além da disponibilização de conteúdos teóricos de apoio.

A escolha das ferramentas utilizadas nas diferentes versões do curso passou por ciclos de reflexão e aprimoramento baseados na análise dos resultados alcançados em cada versão anterior.

Na primeira versão virtual, a plataforma *Google Classroom* foi utilizada para a disponibilização de conteúdos de suporte e comunicação com os inscritos, em conjunto com a ferramenta *Google Meet* para os encontros síncronos.

Na segunda edição virtual, foi utilizada a plataforma *Moodle*, no portal de EaD da instituição parceira Organização Ciências e Cognição (OCC). Os encontros síncronos, por sua vez, foram realizados pela ferramenta *Jitsi Meet*.

4. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO E PROCEDIMENTOS

Durante o ano de 2019, a *REDENEURO* conduziu suas atividades de modo predominantemente presencial, com a realização de discussões e oficinas nas dependências do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho - IBCCF/UFRJ. Diante do paradigma introduzido pela emergência da pandemia causada pelo vírus Sars-Cov-2, no ano de 2020, todas as atividades presenciais do projeto foram canceladas, de acordo com as medidas de isolamento social promulgadas pelas instâncias oficiais de saúde.

Nesse contexto, o projeto instituiu a virtualização das suas atividades introduzindo, inicialmente, reuniões remotas para a discussão de ideias entre os alunos extensionistas e os professores orientadores.

O grupo de discussão e execução do projeto foi composto por alunos dos cursos de Farmácia, Pedagogia, Terapia Ocupacional, Biologia e Fonoaudiologia da UFRJ. A partir das discussões realizadas nas reuniões, foram montados grupos de trabalho voltados à: (1) elaboração de roteiros para a formação de vídeos explicativos acerca das bases epistemológicas do método científico; (2) elaboração e montagem dos materiais teóricos de apoio para as oficinas de Introdução ao Método Científico para a Aprendizagem Investigativa (IMCAI); e (3) construção de conteúdos de divulgação para as mídias digitais.

5. RESULTADOS

Foram realizadas duas versões das oficinas de IMCAI direcionadas aos docentes em formação inicial ou continuada durante o ano de 2020. Na primeira versão, foram cinco encontros síncronos aos sábados através da ferramenta *Google Meet*. Adicionalmente, foram disponibilizados conteúdos em texto e audiovisual na plataforma *Google Classroom* como suporte pedagógico. Na segunda edição digitalizada, foram realizados três encontros síncronos pelo *Jitsi Meet* e três encontros assíncronos no período de seis dias corridos. Para a disponibilização de conteúdos de

apoio, foi utilizada na última versão do curso, em 2020, a plataforma EaD (*Moodle*) da Organização Ciências e Cognição (OCC).

Com a digitalização, o projeto intensificou a construção de materiais didáticos de apoio para o uso do método científico como ferramenta pedagógica investigativa. Um dos destaques foi a montagem de conteúdos audiovisuais, que compuseram as aulas assíncronas da segunda versão virtual, os quais foram conduzidos pela participação ativa dos alunos extensionistas pertencentes a diferentes cursos de graduação da UFRJ (Figura 1).



Vídeo 01 | Estabelecendo uma Pergunta
| Introdução ao Método Científico | RED...

Figura 1 - Captura da tela inicial da primeira videoaula utilizada durante as oficinas de IMCAI. Vídeo disponível no sítio do projeto (<http://www.cienciasecognicao.org/redeneuro>).

Além disso, as versões virtuais do curso mostraram um alcance maior em relação aos graduandos, ainda em formação inicial, em comparação com a versão presencial realizada em 2019, como mostrado na figura 2.

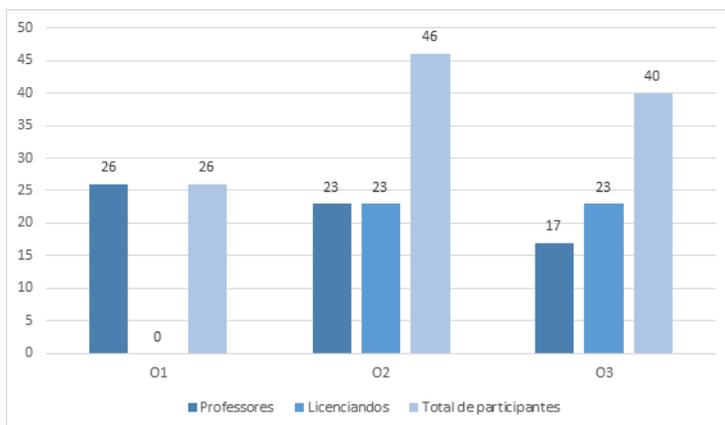


Figura 2 - Número de inscritos e segmentação nas oficinas presencial (O1) e virtuais (2 e O3). Fonte: Sholl-Franco, Silva e Aranha (2021).

Junto à diversificação do perfil de alunos participantes nas versões virtuais do curso, que deixaram de contemplar unicamente professores já formados e atuantes no mercado de trabalho, observa-se também o significativo aumento do alcance de público fora do município do Rio de Janeiro (capital), como mostrado nas Figuras 3 e 4.

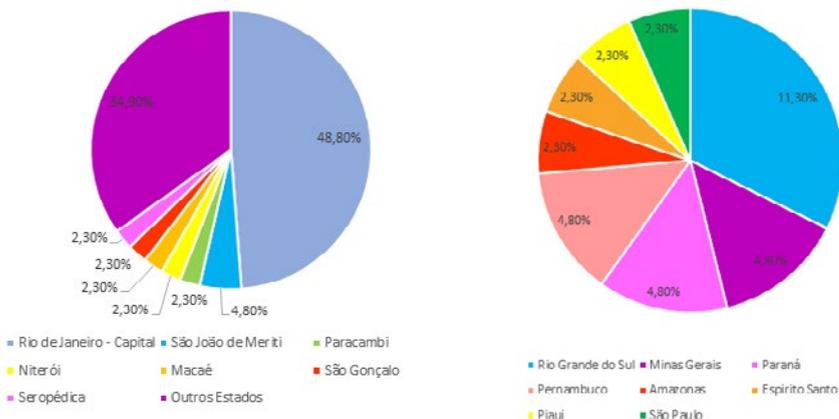


Figura 3 - Alcance geográfico da primeira versão virtual da oficina. A) indicação da distribuição entre o Rio de Janeiro (capital/interior) e outros estados. B) distribuição dos participantes pelos outros estados. Participantes que informaram localidade = 43. Fonte: Sholl-Franco et al. (2021).

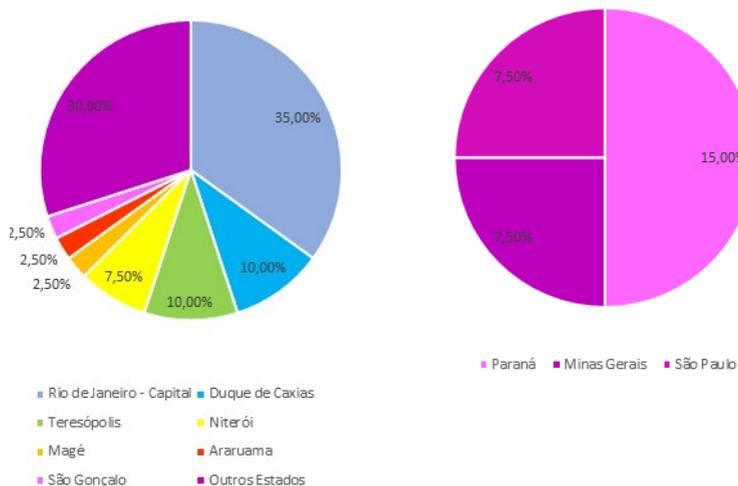


Figura 4 - Alcance geográfico da segunda versão virtual da oficina. A) indicação da distribuição entre o Rio de Janeiro (capital/interior) e outros estados. B) distribuição dos participantes pelos outros estados. Participantes que informaram localidade = 43. Fonte: Sholl-Franco et al. (2021).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados alcançados nas oficinas do projeto *REDENEURO*, desde a sua origem, em 2019, até as atualizações e digitalizações de 2020, constata-se que a ação contribui para a aproximação entre os fazeres científico e docente em uma linha de mão dupla: aproxima alunos extensionistas de diferentes áreas às reflexões acerca da práxis pedagógica e à elaboração de materiais no campo da educação, enquanto, simultaneamente, aproxima docentes aos fundamentos epistemológicos da ciência aplicados ao aprimoramento da sua prática através de um viés investigativo.

No que tange especificamente ao contexto remoto, foi possível observar a condução de novas possibilidades de atuação para o projeto, acompanhadas (i) pelo aprimoramento na construção de conteúdos digitais didáticos e instrucionais e (ii) pelo alcance mais diversificado do público beneficiado pelas atividades das oficinas de IMCAI. No ano de 2021, tendo em vista as experiências até então alcançadas, pretendemos elaborar inovações e aprimoramentos às atividades desenvolvidas pela *REDENEURO*, a fim de instigar a formação de um rico ambiente de troca entre professores de diversos segmentos educacionais, alunos e a comunidade. Além disso, também no contexto remoto, a elaboração da *I Mostra Virtual de Ciências na Escola* será uma das novas atividades desenvolvidas. A “Conversa com os Pesquisadores” será executada como um momento semanal de contato entre professores, licenciados e os pesquisadores responsáveis pelo projeto, criada no início de 2021 como uma alternativa para a orientação continuada dos participantes da REDE, docentes que objetivam desenvolver e executar projetos científicos no ambiente escolar. Pretende-se, ainda, conduzir uma alternativa em fluxo contínuo para as oficinas IMCAI, com base nos conteúdos audiovisuais já construídos e em novos materiais a serem desenvolvidos no decorrer do ano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, C. *Como desenvolver as competências em sala de aula*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

ARANHA, G. Transmidialidade e cognição em contexto educacional. *Ciências & Cognição*, v. 24, n. 2, 2020. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/1656>

BARTZIK, Franciele; ZANDER, Leiza Daniele. A importância das aulas práticas de ciências no ensino fundamental. *Revista @rquivo Brasileiro de Educação*, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, mai-ago, 2016.

BATISTA, R.F.M.; SILVA, C.C. A abordagem histórico-investigativa no ensino de Ciências. *Estud. av.*, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 97-110, dez. 2018.

CONTRERAS, D. L. M., & LORENA, Z. M. Significado que le otorgan los docentes a las estrategias de evaluación de los aprendizajes. *Ciências & Cognição*, v. 13, n. 1, 2008. Recuperado de <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/681>

COSTA, Gilmara Ribeiro; BATISTA, Keila Moreira. A importância das atividades práticas nas aulas de ciências nas turmas do ensino fundamental. *REVASF*, Petrolina-PE, v. 7, n. 12, p. 06-20, abril, 2017.

ENZWEILER, D.A. Discursos sobre aprendizagem no Brasil: uma análise da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (1944-1964). *Pedagogía y Saberes*, Bogotá, n. 49, p. 189-200, dez. 2018.

IMBERNÓN, F. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e incerteza*. São Paulo: Cortez, 2000.

MIRANDA, M.S.; MARCONDES, M.E.R.; SUART, R.C. Promovendo a alfabetização científica por meio de ensino investigativo no ensino médio de química: contribuições para a formação inicial docente. *Ens. Pesqui. Educ. Ciênc.*, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 555-583, dez. 2015

OLIVEIRA, N.; SOARES, M.H.F.B. *As atividades de experimentação investigativa em ciência na sala de aula de escolas de ensino médio e suas interações com o lúdico*. XV Encontro Nacional de Ensino de Química (XV ENEQ). Brasília (DF): 2010.

SASSERON, L.H. Práticas constituintes de investigação planejada por estudantes em aulas de ciências: análise de uma situação. *Ens. Pesqui. Educ. Ciênc.*, Belo Horizonte v. 23, e26063, 2021.

SERRAZINA, M.L.; RIBEIRO, D.. As interações na atividade de resolução de problemas e o desenvolvimento da capacidade de comunicar no ensino básico. *Bolema*, Rio Claro v. 26, n. 44, p. 1367-1394, dez. 2012.

SHOLL-FRANCO, A.; ASSIS, T.; MARRA, C. Neuroeducação: caminhos e desafios. In: ARANHA, G.; SHOLL-FRANCO, A. (Org.). In: *Caminhos da Neuroeducação* (p. 9-22). Rio de Janeiro (RJ): Ciências e Cognição, 2012.

SHOLL-FRANCO, A.; SILVA, L. M. L; ARANHA, G. Implementação de oficinas de método científico para a promoção do ensino investigativo. *Expressa Extensão*, v. 26, n. 2, p. 75-94, mai-ago, 2021.

SUAR, R.C., & MARCONDES, M.E.R. A manifestação de habilidades cognitivas em atividades experimentais investigativas no ensino médio de química. *Ciências & Cognição*, n. 14, v. 1, p. 50-74, 2009. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/38>

REDES SOCIAIS COMO ESTRATÉGIA PARA A PROMOÇÃO DO DIREITO HUMANO À ALIMENTAÇÃO ADEQUADA, SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL E SOBERANIA ALIMENTAR: A EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO DA UFRJ

ALINE ALVES FERREIRA

ELIZANE DA SILVA MARQUES

MARIA EDUARDA CALÇADA PACHECO

NICOLE ESCALEIRA EGYPTO ROSA

SENDY CARLA MOREIRA

VIVIANE MARINHO

GRADUANDAS EM NUTRIÇÃO - UFRJ

PAULO CESAR CASTRO JUNIOR

DOCENTE NO INSTITUTO DE NUTRIÇÃO JOSUÉ DE CASTRO - UFRJ

RESUMO

A internet tem se consolidado como uma importante ferramenta de comunicação e de informação. Diante disso e do cenário de distanciamento social imposto pela COVID-19, o Projeto de Extensão da UFRJ, *Papo de Comida*, começou a utilizar a plataforma *Instagram* para a promoção da alimentação adequada e saudável, entendendo esta como um direito humano básico. O trabalho tem como objetivo descrever a experiência do *Papo de Comida* na promoção do Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA), da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e da Soberania Alimentar através da rede social *Instagram*. As mídias sociais podem ser uma importante ferramenta na promoção da alimentação adequada e saudável. No entanto, é importante fazê-la através de manobras, com uma linguagem simples e informal, para garantir um maior engajamento com o público e, conseqüentemente, aumentar o alcance de pessoas.

PALAVRAS-CHAVE

Instagram; DHAA; SAN; Soberania Alimentar; Alimentação Adequada e Saudável.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos dois anos, o Brasil tem vivenciado um desmonte das políticas públicas de Segurança Alimentar e Nutricional. O Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), responsável pelo controle social e pela participação da sociedade na formulação, monitoramento e avaliação de políticas públicas de segurança alimentar e nutricional, foi extinto em 2019, no primeiro decreto presidencial do atual governo. Além disso, importantes estratégias e programas públicos sofreram desfinanciamento e cortes orçamentários, são exemplos o Programa de Aquisição de Alimentos, os Estoques Públicos de Alimentos e o Programa de Cisternas de Água. Em 2020, a situação brasileira foi ainda mais agravada pelo cenário de crise sanitária, econômica, política e social causado pela pandemia do COVID-19, o que levou ao retorno do Brasil ao Mapa da Fome, ou seja, o país voltou a possuir mais de 5% da população ingerindo menos calorias que o recomendado. Dois inquéritos, realizados no ano de 2020, apontaram que mais de 50% da população brasileira vivencia situação de insegurança alimentar, sendo pelo menos 9% da população vivencia o estágio da fome (Rede PENSSAN, 2021; Galindo e colaboradores, 2021). O Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA) é fundamental para o homem, inerente à dignidade da pessoa e indispensável à realização dos direitos garantidos na Constituição Federal, sendo o poder público responsável por adotar políticas e ações para promover e garantir a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) da população (ABRANDH, 2013). Essa é a realização do direito de todos ao acesso contínuo a alimentos de qualidade, em quantidade adequada que não comprometam o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base a promoção da saúde de forma que respeite a diversidade cultural e que considere os aspectos sociais, econômicos e ambientais. A consecução do DHAA e da SAN requer o respeito à soberania alimentar, que confere aos países a primazia de suas decisões sobre produção e o consumo de alimentos (Lei no 11.346/2006). O conceito de Soberania Alimentar refere-se a um conjunto amplo de relações: ao direito dos povos de definir sua política agrária e alimentar para garantir o abastecimento de suas populações, a preservação do meio ambiente e a proteção de sua produção frente à concorrência desleal de outros países. Nessa perspectiva, a noção de Soberania Alimentar abrange dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais e ambientais que estão relacionadas ao direito de acesso

ao alimento, à produção e oferta de produtos alimentares, à qualidade sanitária e nutricional dos alimentos, ao controle do uso de transgênicos e a conservação da base genética do sistema alimentar e às relações comerciais que se estabelecem em torno do alimento, em todos os níveis (SANTARELLI *et al.*, 2019). Entretanto, esse direito tem sido negligenciado de forma sistemática por nossa sociedade, uma vez que a insegurança alimentar está associada ao acelerado processo de degradação das bases econômicas, sociais, biológicas e culturais da agricultura familiar que vem ocorrendo nas últimas décadas.

A partir desse cenário, o Projeto de Extensão da UFRJ *Papo de Comida* foi criado com três vertentes: as Tendões Temáticas, que são baseadas em uma metodologia elaborada pela Aliança pela Alimentação Adequada e Saudável com o intuito de conscientizar a população da importância de desenvolver e fortalecer ações coletivas que contribuam com a realização do DHAA por meio do avanço em políticas públicas para a garantia da SAN e da soberania alimentar; o Programa Comida de Verdade pertencente a rádio UERJ; e participação no Projeto Comer pra quê?, movimento que tem por objetivo mobilizar juventudes e seus coletivos para despertar a consciência crítica de que suas práticas alimentares são frutos de ações políticas. Todavia, com a pandemia do COVID-19, que ocasionou o distanciamento social, a troca de conhecimento com a população de forma presencial ficou interrompida e o meio virtual foi uma alternativa necessária para que este fosse difundido. Dessa forma, percebeu-se que foram necessárias algumas práticas na rotina do indivíduo para que fosse possível suportar o distanciamento social, como por exemplo o uso das mídias sociais e de videoconferências. Já é de conhecimento que a internet tem se consolidado como uma importante ferramenta de comunicação e de informação. Diante disso, o Projeto *Papo de Comida* se ajustou à nova realidade através da utilização da plataforma *Instagram* para a promoção do DHAA, visando levar conhecimento de forma popular e direta para a sociedade, a fim de disseminar seus direitos e a problemática por trás da realidade.

2. OBJETIVOS

O trabalho tem como objetivo descrever a experiência do projeto de extensão *Papo de Comida* na promoção do Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA), Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e Soberania Alimentar através da rede social *Instagram*.

3. METODOLOGIAS

O projeto *Papo de Comida* visa a promoção da alimentação adequada e saudável usando como marco teórico conceitual, principalmente, o Guia Alimentar para a População Brasileira (2014), o Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas (2012) e a Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN). A equipe é composta por docentes do Departamento de Nutrição Social e Aplicada (DNSA) e estudantes do curso de Nutrição do Instituto de Nutrição Josué de Castro da UFRJ.

O projeto foi criado em março de 2020 e, devido ao distanciamento social, optou-se por disseminar seu objetivo através do *Instagram*, rede social de grande capilaridade e que permite um contato amplo com a população.

Foram realizadas reuniões quinzenais de forma remota com a participação de todos os integrantes para organizar o cronograma de postagens e discutir temas predeterminados para serem abordados ao longo do mês na plataforma. Diferentes conteúdos no campo da alimentação e da nutrição foram problematizados, especialmente aqueles com maior interface com as dimensões política, econômica, sociais e culturais da alimentação, e que estivessem relacionados às questões mais atuais. Os temas foram categorizados no quadro 1.

Eixos temáticos
Direito humano à alimentação adequada
Segurança alimentar e nutricional
Soberania alimentar
Educação alimentar e nutricional
Safra mensal de alimentos
Curiosidade de alimentos regionais
Receitas temáticas
Recomendações de filmes/documentários/livros
Datas comemorativas

Quadro 1. Eixos temáticos publicados no Instagram do *Papo de Comida*.

Fonte: Elaboração Própria

As postagens ocorreram com uma frequência de duas vezes na semana, buscando abranger todas as ferramentas que a plataforma disponibiliza, como: postagens no *feed*, *stories* (fotos e vídeos que ficam disponibilizadas por 24 horas) com enquetes e informações, IGTV's (vídeos no feed que têm maior tempo de duração) e lives.

Inicialmente, as datas e os horários das postagens foram definidos a partir de um levantamento, utilizando o *Instagram Insights*, ferramenta disponibilizada pela própria rede social, dos melhores dias da semana e dos horários de maior visualização pelos seguidores, definindo-se os *posts* para às 18:30 de quarta-feira e domingo.

A ferramenta *Canva* foi escolhida para a elaboração da identidade visual dos *posts* para o *feed* e *stories* do *Instagram*. Dessa forma, inicialmente, foi criada uma identidade visual, a partir de uma paleta de cores, ordenadas horizontalmente para manter uma organização visual da página. Em 2021, foi decidido mudar a identidade visual criando uma nova paleta e novos designs a fim de chamar mais atenção do público para o conteúdo abordado.

Para análise de dados, utilizou-se da ferramenta de análise *Instagram Insights*, com o objetivo de acompanhar as seguintes métricas: alcance, impressão, compartilhamentos, curtidas e salvamentos. Vale ressaltar que o número de contas que acessaram o post é caracterizado como alcance; a impressão é o número de vezes que um post foi visto no feed, podendo ser contabilizada mais de uma visualização por uma mesma conta. O compartilhamento é quantas vezes aquele post foi enviado para outra conta ou para os *stories*. Curtidas é a quantidade de *likes* que um post recebeu, simbolizando o número de contas que gostaram daquele post e, por fim, salvamentos ocorrem quando alguma conta salva o post para visualizar depois com mais facilidade.

4. RESULTADOS OBSERVADOS

As postagens no *Instagram* começaram em junho de 2020 e, até o momento, possui 1271 seguidores. A audiência do perfil, majoritariamente, é composta por estudantes e profissionais da saúde do sexo feminino e com idades entre 25 e 34 anos. A publicação com menor número de alcance possui 272 visualizações e a maior 2001. Com o uso de recursos disponibilizados pela plataforma, como, por exemplo, *lives*; IGTV; enquetes no *story*, percebeu-se um aumento do engajamento da página.

Observou-se que os seguintes *posts* tiveram destaque nas seguintes métricas:



Figura 1: Destaque no Alcance (2.001).

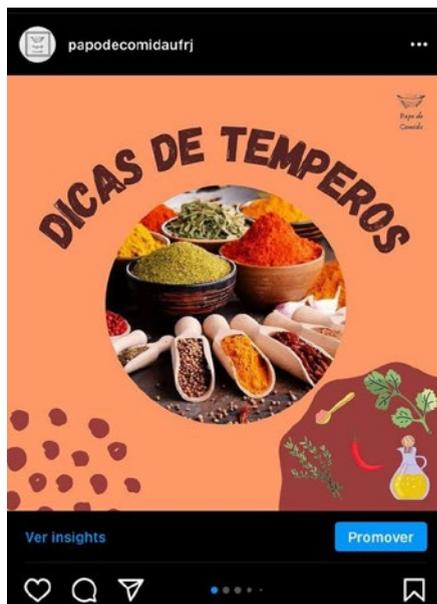


Figura 2: Destaque no Salvamentos (63).



Figura 3: Destaque de Comentários (25).



Figura 4: Destaque no Compartilhamento (63).

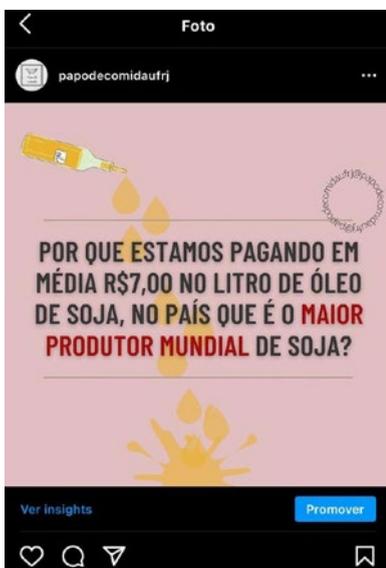


Figura 5: Destaque no ganho de seguidores (32).

O uso do *Instagram* possibilitou que o projeto *Papo de Comida* tomasse forma mesmo em período de pandemia, no qual o distanciamento social é essencial para conter a disseminação do vírus. Dessa forma, foi possível haver troca de conhecimento entre a sociedade e a universidade, alcançando um maior número de pessoas do que seria possível no presencial.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Instagram*, como uma das redes sociais mais utilizadas no Brasil, é uma importante ferramenta na promoção da alimentação adequada e saudável. O debate, baseado em evidências científicas, sobre comida de verdade, já preconizado no Guia Alimentar da População Brasileira, deve ser amplamente difundido de forma popular e acessível, com uma linguagem simples e informal para que todos os públicos possam entender. Ademais, o *feedback* das postagens precisa de um acompanhamento constante e tem sido positivo. Porém, é necessário desenvolver formas para analisar o impacto virtual no cotidiano das pessoas e validar o resultado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei n. 11.346, de 15 de setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação e à nutrição adequadas e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 2006; 18 set, p.1, Seção 1.

BRASIL. Decreto no 7.272, de 25 ago. 2010. Brasil cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada, institui a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - PNSAN, estabelece os parâmetros para a elaboração do Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 2010.

LEÃO, M. (org.). *O direito humano à alimentação e à nutrição adequadas e o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional*. Brasília: ABRANDH, 2013.

Rede PENSSAN. *VIGISAN: Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil*. Brasil, 2021.

Galindo, E.; Teixeira, M.A.; de Araújo, M.; Motta, R.; Pessoa, M.; Mendes, L.; Renno, L. *Efeitos da pandemia na alimentação e na situação da segurança alimentar no Brasil*. Belo Horizonte, 2021.

SANTARELLI, M. et al. *Informe Dhana 2019: autoritarismo, negação de direitos e fome*. Brasília: FIAN Brasil, 2019. 102p.

ANDRADE, Júlia Carvalho; RIBEIRO, Núbia Moura; BAUMANN, Eneida ; DO ESPÍRITO SANTO, Vanda Lima Maltez; PEREIRA, Hernane Borges de Barros. *Alimentação Saudável no Instagram: Rede de Hashtags. Brazilian Workshop on Social Network Analysis and Mining (BRASNAM)*, n. 8, 2019, Belém. DOI: <https://doi.org/10.5753/brasnam.2019.6546>.

PRIMO, Alex. Afetividade e relacionamentos em tempos de isolamento social: intensificação do uso de mídias sociais para interação durante a pandemia de COVID-19: Emotions and relationships during social isolation: intensifying the use of social media for interaction during the COVID-19 pandemic. *Comunicação & Inovação*, v. 21, n. 47, 2020. DOI: <https://doi.org/10.13037/ci.vol21n47.7283>

BRASIL. Secretaria Especial de Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília, 2016.

CALDERONI, Thaina Lobato; LEMOS, Yasmin Ribeiro; BRAGA, Isabella Rodrigues; SILVA, Luyane Lima; RIBEIRA, Yasmin Garcia, RODRIGUES, Ana Carolina Carvalho; MONTEIRO, Luana Silva; SPERANDIO, Naiara e CAPELLI, Jane de Carlos Santana. O uso do Instagram para divulgação das informações de um projeto de extensão sobre alimentação e nutrição de crianças menores de dois anos: o antes e durante a Covid-19. *Raízes e Rumos*, Rio de Janeiro, v. 8 n. 2, p. 314-324, jul.-dez. 2020.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE EXTENSÃO GASTRONOMIA, CULTURA E MEMÓRIA (INJC/UFRJ) DURANTE A PANDEMIA

25

MYRIAM MELCHIOR

COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO GASTRONOMIA, CULTURA E MEMÓRIA

NINA PINHEIRO BITAR

VICE-COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO GASTRONOMIA, CULTURA E
MEMÓRIA (EM 2023, COLABORADORA NO PROJETO)

MARCELLE MOREIRA DE PAULA

BOLSISTA PIBIC-EM DO CAPUFRJ (EM 2023, GRADUANDA EM PSICOLOGIA - UFRJ)

RESUMO

Criado em 2014, o *Pirapoca* está entre os primeiros projetos de extensão do curso de Gastronomia da UFRJ. Seu objetivo é valorizar os alimentos originários e as tradições alimentares populares brasileiras em risco de desaparecimento. Dele, surgiu um novo campo de estudos com o evento "Encontro de Gastronomia, Cultura e Memória", criado para divulgar os conhecimentos desenvolvidos pelo grupo e também visando abarcar, com os campos de Cultura e Memória, a complexidade de temas em gastronomia de forma interdisciplinar. Em 2020, o *Pirapoca* apresentou a quarta edição desse evento e iniciou o processo de criação de materiais de curadoria para o Museu Casa do Pontal – que abriga o maior acervo de objetos de arte popular brasileira –, com o intuito de mostrar as associações entre as gastronomias e as artes populares e valorizá-las no âmbito de sua memória social e coletiva. No contexto da pandemia, foi necessário adaptarmos as nossas ações. Pretendemos trazer, neste texto, como vivenciamos nossas atividades de forma remota e contando com o relato de uma integrante do grupo.

PALAVRAS-CHAVE:

Gastronomia; Arte popular; Extensão; Práticas remotas.

1. INTRODUÇÃO

A ação extensionista *Pirapoca* (do tupi-guarani, onde *pira* significa pele e *poca*, rebentar) vem sendo construída por uma leitura das práticas e dos saberes da Gastronomia a partir de referenciais partilhados com outras áreas, como a antropologia, a memória social ou a agroecologia, já partindo de uma postura multidisciplinar. Somando a isso, atuamos com alunos voluntários e bolsistas oriundos de várias áreas como, para além da gastronomia e para citar algumas, as artes, as letras, a história, o design, a nutrição ou a psicologia. Ainda, mantemos parcerias em instituições variadas, seja na área da educação como com a UFRRJ e as escolas públicas, que são nosso público-alvo, também as culturais como o Museu Casa do Pontal. Essa multiplicidade de perspectivas gera uma gama imensa de possibilidades no sentido de apreender a complexidade externa e interna à Universidade e, certamente, contribui na construção de novos conhecimentos e de modos de operacionalizar as nossas ações.

Com o desenvolvimento das atividades do projeto de extensão *Pirapoca* e, sobretudo, a partir dos eventos em “Encontro Gastronomia, Cultura e Memória”, percebemos a necessidade de aprofundar, em termos de pesquisa teórica e de campo, os temas que poderíamos abordar. Foi assim que começamos a pesquisar a gastronomia e suas associações com a cultura popular, as artes, os mercados, as feiras populares e dentre outros. Passamos assim a sermos, além de um projeto de extensão, um grupo de pesquisas com o objetivo de fomentar o debate sobre essas categorias, criando coletivamente um campo de conhecimento ainda pouco explorado no âmbito da Gastronomia.

As nossas propostas de aproximação com as comunidades externas à UFRJ vêm mostrando efeitos positivos quanto à valorização e à democratização dos saberes e dos fazeres em torno da cultura alimentar brasileira. Nesse sentido, nossas oficinas têm como fundamento a diversidade e a complexidade social, fazendo uso de suportes sensoriais e artísticos, de modo que os alunos extensionistas e o público externo possam experimentar a gastronomia, seja numa perspectiva individual, seja na do cotidiano e das coletividades, a partir de sua relevância histórico-cultural e agroecológica. O agenciamento social experimentado pelos alunos extensionistas, que percebem o seu papel de articuladores, mas, também, no próprio campo da gastronomia, tornado horizonte de emancipação e transformação social, é acrescido ao agenciamento do público-alvo, o qual indaga e

questiona, assim assumindo um lugar importante de produção de conhecimentos. Essas experiências geram novas demandas para o ensino e para a pesquisa na Universidade. Foi assim que construímos o plantio experimental de milho crioulo, elaboramos a biblioteca virtual do milho¹, criamos os eventos de divulgação, publicamos literatura e estamos em vias de desenvolvermos novos produtos como a curadoria para o Museu Casa do Pontal.

Considerando todas essas frentes, este texto pretende oferecer um relato de experiência da aluna de Iniciação Científica, Marcelle Moreira. Aluna do Colégio de Aplicação da UFRJ, Marcelle participou de nossas reuniões de extensão e integrou-se ao projeto *Pirapoca: o milho e a memória indígena na cultura alimentar brasileira* e ao agora, também ao projeto de extensão *Gastronomia, Cultura e Memória* – ambos coordenados pelas professoras Myriam Melchior e Nina Bitar junto a alunos de diferentes graduações da UFRJ, durante o período de pandemia do novo coronavírus.

2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS NOSSOS OBJETIVOS E METODOLOGIAS

2.1. OBJETIVOS

Como dissemos brevemente, o foco dos nossos projetos são os alimentos originários brasileiros, as suas formas de transmissão e os meios de manifestação culturais (culinária, folclórica, ritualística ou outra), que estejam em risco de desaparecimento. Assim, por intermédio de oficinas lúdico-participativas com jovens do ensino médio e com instituições culturais parceiras, visamos propiciar ações que tenham como intuito a divulgação e a valorização da importância desses alimentos, desses saberes e dessas práticas. Já tendo desenvolvido uma série de atividades e produtos - o plantio do milho crioulo; uma biblioteca virtual com temas e referências sobre o milho; promovido encontros de divulgação científica nacionais; realizado oficinas e publicado livros importantes na área - atualmente, nos voltamos para o desenvolvimento de uma cartilha lúdico-educativa com o intuito de apontar as relações entre as artes e as gastronomias populares. A cartilha tem como objetivo valorizar as obras de espaços museográficos a partir de narrativas realizadas por experimentação dos visitantes.

¹ Ver em: <http://gcm.gastronomia.ufrj.br/biblioteca-virtual/> (Acesso: 30 de abril de 2021)

A elaboração da cartilha está em andamento e é um trabalho de extensão em que os próprios alunos da graduação precisam pensar os conceitos, as propostas artísticas e demais aplicações. Inicialmente, as nossas metas estão voltadas para a construção do texto, explicando a relação entre as artes e as gastronomia populares, trazendo uma problematização sobre as nossas visões etnocêntricas em torno do tema. Ao final da cartilha, elaboramos uma sessão onde propomos atividades de manufatura de objetos, a partir de insumos usados em casa e para a alimentação (como carimbos feitos de pigmentos naturais, mapas, massa de modelar de farinha, panelinhas, objetos decorativos, entre outros) como na Figura 1. Ademais, temos a proposta de aplicar essas atividades em forma de oficina ao final da exposição, quando retornarmos às atividades presenciais. A cartilha também foi pensada, além de impressa, para ser disponibilizada para o Museu Casa do Pontal de forma virtual e manuseada no computador.



Figura 1. Panelinhas feitas de rolo de papel, pano de prato tingido com chá de hibisco e cola de farinha de trigo. Fonte: Myriam Melchior, arquivo pessoal, 2020.

Enquanto estávamos em distanciamento social, a elaboração desses objetos e as ideias para a criação da cartilha permitiram que nos aproximássemos, que pudéssemos dar forma e profundidade às nossas reflexões. Estiveram conosco alunos extensionistas, bolsistas e voluntários, oriundos dos cursos de Gastronomia, Nutrição, Design e de História da Arte da UFRJ e, também, a bolsista de Iniciação Científica, vinculada ao programa PIBIC-EM, edital de 2020, do Colégio de Aplicação da UFRJ, Marcelle Moreira que vai apresentar o seu relato mais a frente neste texto.

2.2. METODOLOGIAS

No Projeto *Pi(ra)poca*, refletimos sobre os fenômenos de rarefação e de desaparecimento de tradições alimentares não movidos por um sentimento nostálgico, mas na tentativa de criar novas narrativas no âmbito do presente e para as gerações futuras. Por isso, para nós é relevante escutar o que a comunidade externa tem a dizer acerca dos nossos objetos e de nossos saberes, e como elas podem manifestar um saber sobre esses. Partindo dessas narrativas, desses conhecimentos populares, dessas geografias imaginárias e dessas memórias, idealizamos as nossas oficinas e as nossas ações. As trocas ou o diálogo são fontes fundamentais para a elaboração das ações promovidas pelo projeto. Ao interagir com a sociedade, procuramos superar, sempre que possível, o lugar de saber atribuído aos campos especializados que, no nosso caso, é o campo da Gastronomia, para dar lugar à construção de um campo do comum, integrando e promovendo saberes e práticas.

A nossa metodologia extensionista é eminentemente participativa, artística, lúdica e experiencial. Isso significa que se as nossas oficinas já são elaboradas considerando a contribuição de outros saberes – as artes, a filosofia, a antropologia, a memória, a agroecologia etc. –, elas também são desenvolvidas contando com os saberes singulares que emergem do e no contato com o público. Nesse sentido, a cada oficina são gerados novos conhecimentos e novas questões que demandam novas pesquisas: todos tendo influências recíprocas para o ensino, a pesquisa e a extensão. Um exemplo disso é que o projeto passou a elaborar eventos científicos bianuais para a divulgação de conhecimentos gerados, o que também propiciou a troca com novos segmentos e atores profissionais, estudantes e outros que, por sua vez, contribuem para o aprofundamento dos debates: a sala de aula é então ampliada e nela se produzem outros degraus indissociáveis entre a pesquisa, o ensino e a extensão (FORPROEX, 2012).

3. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO E PROCEDIMENTOS

No final de 2019, o grupo de extensão *Pirapoca*, vinculado ao curso de Gastronomia, fazia uma parceria importante com o Museu Casa do Pontal, situado atualmente na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, onde está o maior acervo de arte popular brasileira. De início, a parceria tinha

como objetivo criar fontes de narrativas para um roteiro voltado para os visitantes que pudessem associar as obras com conhecimentos e saberes da gastronomia. O Projeto *Pirapoca*, voltado para a valorização da culinária dos povos originários e de alimentos nativos, como o milho, já tinha cinco anos de existência e trabalhava diretamente com escolas do ensino fundamental e médio. O projeto utilizava uma instalação, idealizada pelo grupo, com propósito lúdico-participativo, uma espécie de experimentação acerca do milho segundo sua riquíssima contribuição e manifestação na cultura brasileira. A ideia era eliciar imaginários, memórias, através de experimentações sensoriais - olfativas, táteis, visuais etc. - junto aos visitantes para que pudessem rememorar (BENJAMIN, 1997) a importância do milho na cultura alimentar brasileira, sobretudo, em tempos em que a produção cresce como commodity, mas as populações urbanas e os jovens estão muito distantes da experiência da agricultura familiar ou da importância dos alimentos in natura, dentre outras.

Dando continuidade ao projeto, a parceria com o Museu Casa do Pontal visou trabalhar os alimentos originários a partir das artes populares e ampliar o contato com o público de estudantes que frequentemente visita o Museu, assim, podendo atingir e difundir a importância das tradições culinárias brasileiras para um grupo potencialmente maior. No início de 2020, porém, nos deparamos com a impossibilidade de realizarmos as atividades presencialmente.

A pandemia do novo coronavírus nos colocou em um impasse sobre como dar continuidade ao nosso projeto sem que pudéssemos realizar as nossas oficinas. Foi assim que os nossos encontros passaram ao meio virtual. Por meio desses, elaboramos, vale dizer, parte de nossas ansiedades, tais como a realização de atividades em grupo, num contexto de regularidade de trocas, visando a reflexão e as atividades de trabalho, sabendo que tínhamos esses encontros semanais.

Na verdade, a parceria com o Museu Casa do Pontal e, ainda mais, a proposta à que tínhamos nos comprometido criaram um élan capaz de nos possibilitar ideias e meios de implementá-las. Foi assim que inventamos a elaboração de uma Cartilha na qual pudéssemos virtualmente e, no futuro, também presencialmente, trabalhar com objetos criados com materiais recicláveis e usados no contexto doméstico para usá-los como meio de comunicação acerca das proximidades entre as artes populares e a gastronomia. Com a ideia também de valorizar o trabalho reprodutivo, quase sempre invisibilizado

(MELO, CASTILHO, 2009) e que nos permitiu aprofundar conceitos acerca das artes e das gastronomias populares.

A ideia ganhou corpo de modo que, como já mencionamos, elaboramos em conjunto uma série de objetos artísticos desenvolvidos por cada um dos membros do Projeto de Extensão para criar a nossa proposta lúdica.

4. RESULTADOS OBSERVADOS

A partir da experiência de adaptação das atividades para a forma remota, observamos alguns resultados interessantes tais como a reflexão acerca do ambiente doméstico e o trabalho associados às artes e a gastronomia populares. Também foi uma grande oportunidade para desenvolvermos, mais profundamente, o relacionamento entre os extensionistas e as suas percepções sobre o seu papel de agenciamento no âmbito da extensão. O relato dessa experiência pode ser melhor explicitado através da perspectiva da aluna extensionista do CAP-UFRJ, Marcelle Moreira de Paula. Vinculada ao projeto de pesquisa “Gastronomias e artes populares: pesquisa e criação de materiais mediadores e lúdico-educativos” para a sua divulgação e valorização, pelo novo edital do PIBIC-EM 2020, coordenado pela Profa. Myriam Melchior, Marcelle elaborou um texto original para apresentar a sua experiência junto ao nosso grupo de extensão para a XLII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, em 2020.

Ao relatar a sua contribuição com o grupo, ela explica:

Além de textos, outra parte muito importante da cartilha são as atividades manuais propostas aos alunos. A ideia é que utilizando materiais simples, disponíveis na cozinha como os corantes naturais, ou utensílios descartáveis, os visitantes do Museu sejam instigados a produzir as suas próprias obras, inspirando-se muitas vezes nas obras do próprio Museu, resgatando suas memórias familiares e afetivas com a comida, e ressignificando suas relações com os alimentos. Todas as atividades propostas foram pensadas e testadas por nós através de experiências, pesquisas, e visando sempre a relação com as obras do museu, a gastronomia e as artes populares. Testamos cada uma das atividades em nossas casas, registrando e compartilhando os resultados, e aos poucos fomos juntos construindo e selecionando todas as oito atividades que compõem a cartilha. (PAULA; MELCHIOR, 2021)

Ainda sobre a cartilha e a pandemia, Marcelle lembra que:

Devido ao enfrentamento da pandemia de COVID-19 e o período de quarentena, a cartilha foi elaborada integralmente à distância. Nos organizamos em reuniões virtuais semanalmente às quintas-feiras, em que por cerca de 2 horas pensávamos em todas as questões que envolveram o projeto: o *design*, o formato, os conteúdos, além de questões gerais. Por contar com alunos de diversas áreas, como a gastronomia, o design e a história da arte, além das professoras da gastronomia, que guiam o projeto, as reuniões foram sempre um espaço de troca de saberes intensa e produtiva. Além das reuniões, passamos a nos comunicar diariamente por *Whatsapp*, em que compartilhamos ideias para diversas frentes como a cartilha, as palestras ou as nossas redes sociais, de modo que tudo isso instiga o nosso pensamento crítico e possibilita pensar nos conteúdos que desejamos para os nossos leitores em cada um dos meios que temos para nos comunicar com o público em geral. (PAULA; MELCHIOR, 2021)

Além da Cartilha, vale destacar que o grupo desenvolveu uma pesquisa qualitativa sobre as mudanças alimentares no contexto da pandemia. Ao longo dos nossos encontros e reflexões, nos deparamos com a importância da comida e do cozinhar, sobretudo tendo em vista que a maior parte dos estabelecimentos gastronômicos havia suspenso suas atividades. Foi assim que iniciamos uma pesquisa intitulada *O arroz com feijão em casa* e obtivemos mais de 300 respostas, indicando uma mudança importante na valorização de receitas já tradicionais e da comida do cotidiano, como foi o caso do arroz com feijão.

Na sequência, reunimos coragem para executar o *Encontro de Gastronomia, Cultura e Memória*, que, como já dissemos, é um meio importante para a divulgação científica de temas elaborados no processo de interação dialógica entre pesquisa, ensino e extensão. O encontro já estava previsto para acontecer em 2020. Porém, no contexto da pandemia gerou muitas dúvidas até que por meio dos nossos encontros semanais, com o desenvolvimento de reflexões para as atividades e conceitos da Cartilha, reunimos forças para dar seguimento a um encontro virtual. Em 2020, o IV Encontro foi realizado de forma remota e tendo como tema “Feijão, arroz e farinha”². Marcelle, que atuou pela primeira vez na organização de um evento, ressalta a importância desse trabalho para a sua experiência e que, de modo geral, trata do sentimento de acolhimento e de responsabilidade que nos move nos trabalhos realizados em equipe. De acordo com ela:

2 As palestras do Encontro foram transmitidas pelo YouTube criado pelo projeto e encontram-se disponíveis em: https://www.youtube.com/channel/UCIFY_ygQUjAW5QoG1gqh97g

Devido a pandemia e ao período de quarentena, o evento teve que ocorrer de forma completamente virtual, para isso tivemos de nos reinventar, aprender novas técnicas e conhecer novos meios para realizar o evento da melhor forma possível. Continuamos nos reunindo em nossas reuniões virtuais semanais e nos comunicando frequentemente por *Whatsapp*. Nos dividimos em tarefas para dar conta de todo o processo que envolvia a realização do evento, como: o recebimento e aprovação de trabalhos a serem apresentados, a pesquisa e convite dos palestrantes, o formato e a transmissão do evento, entre outros detalhes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossos projetos têm dentre os seus objetivos contribuir para a experiência dos alunos e propiciar novos horizontes de debates. No nosso caso, esses se dão no campo da atuação da Gastronomia e no seu diálogo com outras áreas de formação e de saber. Os alunos que participam podem pensar sobre os papéis políticos, ideológicos e históricos, nos quais as tradições alimentares estão inseridas e podem, desse modo, se libertar para construir uma sociedade mais justa, que preserve e valorize a memória da terra, dos que trabalham nela, dos povos que contribuíram para transmitir as tradições alimentares, portanto, contribuindo para a equidade social e o respeito à biodiversidade. Permite ainda a reflexão crítica do seu papel na universidade, e desta em relação à sociedade. Ainda, aos alunos, a participação no Projeto pode mostrar que os limites em torno dos campos disciplinares pode ser facilmente ultrapassado, de modo que todos podem se perceber como agentes capazes de transformar áreas, antes restritas, em saberes partilhados e, ainda, ultrapassar os muros da universidade e propor que os conhecimentos nela gerados possam contribuir com uma sociedade voltada para uma educação emancipadora e cidadã.

Foi assim que os extensionistas, como Marcelle e Mateus (PAULA; QUEIROZ, MELCHIOR, 2020), não somente participaram, mas iniciaram eles próprios um fazer voltado para as comunidades externas, assim relata:

Estando vinculada a esse projeto tive a oportunidade de realizar contribuições bastante significativas para o trabalho e para meus próprios conhecimentos. Além da contribuição para a cartilha, pude organizar junto ao grupo o evento anual do GCM. Escrevi um texto para o *Instagram* do projeto baseado no livro “A cozinha das escritoras”, que conta um pouco dos hábitos alimentares, receitas, e relações afetivas de 10 grandes escritoras.

Além disso, também realizei um vídeo para o Festival do Conhecimento da UFRJ, em que relatei minha experiência como aluna do ensino médio vinculada a um projeto de extensão e contei um pouco sobre as atividades do GCM. (PAULA; MELCHIOR, 2021)

Marcelle, enquanto aluna de ensino médio, ressalta a contribuição do projeto para a sua formação e seu desenvolvimento de um interesse acadêmico:

Para mim, como aluna do segundo ano do Ensino Médio, participar do projeto tem sido uma experiência muito enriquecedora de adesão de conhecimentos de diversas formas. No que se refere ao conhecimento prático, tenho aprendido muito sobre a vida acadêmica e as regras de formatação e de submissão de trabalhos que orientam a escrita científica e que antes não conhecia. Aprendi também muito com a elaboração da cartilha sobre o que é a extensão universitária, suas diretrizes, além de ter tido contato com leituras que me possibilitaram aprender e refletir sobre a gastronomia, as artes, a sociologia do trabalho, os afazeres da pesquisa na universidade e, sobretudo, a ressignificar a minha relação com a comida. Em todos os trabalhos, como na organização do Encontro e na elaboração da cartilha, me vi lado a lado com temas, reflexões, sobre as atividades da graduação universitária que contribuíram muito para a minha formação atual visto que estou cursando o ensino médio.

Pensamos que queremos formar o interesse do público externo da mesma maneira pela educação cidadã e emancipadora. Entendemos que o ambiente virtual, embora tenha ocorrido por condições externas, aleatórias e penosas, como a pandemia, foram de certa forma obstáculos que ao menos nos ensinaram a lidar com a adversidade, tendo como motivação o interesse pelo conhecimento, a dedicação de professores, alunos e pesquisadores, além das instituições culturais. Assim, seguimos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FORPROEX. *Fórum de pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras e sesu/mec*. 2012. Disponível em: <http://www.pr5.ufrj.br/index.php/o-que-e-extensao/conceito>. Acesso em: nov. 2020.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1996.

MELO, Hildete Pereira de; CASTILHO, Marta. Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz? *Revista Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 135-158,

jan-abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rec/v13n1/o6.pdf>. Acesso em: out. 2020.

PAULA, Marcelle Moreira de; QUEIROZ, Mateus; MELCHIOR, Myriam. Projeto Pi(ra)poca: o milho e a memória indígena na cultura alimentar - Apresentação em vídeo, atividade gravada para o *Festival do Conhecimento - Universidade Viva*, UFRJ, de 14 a 24 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=psehqOV8qP4&t=19s>. Acesso em: nov. 2020.

PAULA, Marcelle Moreira de (Orientadora); MELCHIOR, Myriam. *Relato de experiência: passando pela iniciação científica acolhida pelo grupo de extensão em Gastronomia, Cultura e Memória da UFRJ*. In: *Anais da XLII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2021.

TJUF RJ EM TEMPOS DE PANDEMIA: EXTENSÃO COMO PROCESSO DE MOTIVAÇÃO E SUPERAÇÃO

26

CARINE PREVEDELLO

COORDENADORA DOS PROJETOS DE EXTENSÃO JORNALISMO E INTERATIVIDADE NO TJUF RJ E TJUF RJ II – VÍDEOS EXPERIMENTAIS E DOCUMENTÁRIOS

RESUMO

Indefinição, adaptação e resistência: essas são as três palavras que podem definir as fases de transformação das ações de Extensão do projeto *TJUF RJ* desde o início da pandemia. Alicerçada nos princípios do newsmaking e na autonomia das equipes de estudantes para a produção audiovisual, a atuação do projeto passou por uma série de redefinições de rotinas produtivas no último ano. Desde março de 2020, as técnicas de produção remota adotadas pelo TJ possibilitaram a veiculação de 115 vídeos, em diferentes formatos, sendo parte desse conteúdo associado a três coberturas jornalísticas e a dois ciclos de palestras online. O artigo descreve a reorganização das rotinas do projeto, a quantificação e a categorização do conteúdo veiculado, assim como avalia estes resultados diante do contexto de ausência das atividades presenciais nas universidades.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo Audiovisual; Telejornalismo; Extensão; pandemia; rotinas produtivas.

1. INTRODUÇÃO: TELEJORNALISMO, EXTENSÃO E PANDEMIA

As proporções com que uma pandemia da dimensão da COVID-19 atinge os diversos setores sociais, econômicos e laborais impõem um cenário de profunda reformulação de pilares clássicos onde estavam assentadas as atividades do cotidiano e do trabalho. Para o exercício do Jornalismo, a força determinante das condições incidentes nas rotinas produtivas relacionadas ao processo de construção das notícias é uma matriz em desestruturação visível diante dos impactos da pandemia.

As determinações de isolamento e de distanciamento social decorrentes da pandemia no país impuseram, desde a segunda quinzena do mês de março de 2020, a suspensão das aulas presenciais de graduação em pelo menos 85% das instituições federais de Ensino Superior do Brasil.¹ Na UFRJ, a suspensão foi determinada a partir de 16 de março, por 30 dias, para a seguir ser estendida por tempo indeterminado. As demais ações de pesquisa, extensão, pós-graduação e as atividades administrativas começaram, desde então, a serem também viabilizadas em modo remoto, ou seja, mediadas pelo computador, pelos aparatos tecnológicos e pela comunicação possível via internet. Passaram, portanto, do espaço formal de aprendizagem, localizado nas universidades (em torno de salas de aula, reuniões, laboratórios), para um espaço eminentemente doméstico e não-formal, invadindo o ambiente da casa, da família, com a mediação tecnológica a partir de uma gama de desigualdades nas condições pessoais de acesso a equipamentos e à internet.

Como preservar a relação educativa de troca, de aprendizagem e de transformação social no Ensino Superior, diante da suspensão do contato e das ações presenciais? A experiência a ser relatada no presente artigo tenta articular as dimensões deste processo, para explicar a) como as rotinas produtivas essencialmente práticas e presenciais associadas a ações de Extensão em Telejornalismo foram adaptadas ao sistema de atividades remotas; b) como a complementaridade entre os métodos vinculados à Extensão universitária pode ser estratégica em momentos de indefinição e de crise estrutural; e c) como princípios clássicos de formação profissional e do sistema educativo são desafiados e transformados durante períodos de grandes desastres coletivos.

1 Pesquisa do Colégio de Pró-Reitores de Graduação (Cograd) da ANDIFES (BIELSCHOWSKY, 2020).

Conforme observa Wolf (1994, p.161), as rotinas de produção no Jornalismo dizem respeito à “organização do trabalho dentro da qual se efetua a construção das mensagens”. A abordagem funcionalista dos estudos de *newsmaking* relaciona as condições dos processos de apuração, edição, hierarquização e a divisão do trabalho nas redações como determinantes para os critérios de noticiabilidade e de determinação do valor-notícia (TRAQUINA, 2005) – em um entendimento sociológico da construção da realidade pela notícia (ALSINA, 2009). Ainda que, durante a pandemia, todos os formatos de produção de notícia tenham sido afetados, ressaltando-se a dimensão multiplataforma indissociável dos conteúdos jornalísticos, evidentemente o telejornalismo encontra-se em uma seara ainda mais delicada. Por necessitar da realização da imagem para existir, o audiovisual precisou encontrar formas de adaptar suas condições de produção à obrigação do isolamento social, ao distanciamento e à ausência nos espaços públicos, elementos diretamente relacionados à capacidade de produzir imagens e de reportar os fatos. Se essa é uma questão exigente para uma empresa representante da mídia corporativa, com sofisticada capacidade técnica e de recursos humanos, para os casos de coletivos de jornalistas, projetos de interesse social, científico e acadêmico sem fins lucrativos, a situação torna-se ainda mais difícil.

A correlação entre tecnologias digitais e metodologias de ensino determinam, segundo Munari (2020), “uma mudança de paradigma na Educação, que é urgente e estava sendo adiada”. Ao avaliar o contexto de desaceleração econômica em todo o mundo, em função do isolamento social, a autora lembra que, entre os grandes conglomerados transnacionais de telecomunicações, a crise converte-se não apenas em oportunidade, mas ganhos reais. *Facebook, Apple, Amazon e Microsoft* atingiram, somente até maio de 2020, todo o faturamento verificado em 2019. Entretanto, em termos globais, temos apenas 51% da população mundial com acesso à conexão de internet.²

(...) é um território onde acontecem aprendizagens, (...) e envolve um significativo número de situações ricas em múltiplos conceitos, que nos afetam emocionalmente e nos levam a construir um campo de representações para expressar o que estamos vivendo. (GROSSI, 2020, *online*).

2 Dados resultantes de pesquisa apresentada durante debate realizado pelo projeto Lives Cátedra Intercom, com o tema “As mídias e a pandemia”, promovido pela da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (Intercom) (MUNARI, 2020).

A adaptação da metodologia de atuação do projeto de extensão Jornalismo Audiovisual e Interatividade no TJ (Telejornal) UFRJ, objeto deste artigo, confirma a subordinação, também das instituições públicas, a esse aparato de aplicativos, softwares e soluções tecnológicas oferecidas pelas empresas transnacionais de controle e de tratamento de dados informativos em todo o mundo, sobremaneira valorizados pela necessidade da adaptação das práticas de Educação formal e não-formal às ferramentas digitais.

2. TUFJRJ: A ADAPTAÇÃO DAS ROTINAS PRODUTIVAS

O projeto de extensão Jornalismo Audiovisual e Interatividade no TJ (Telejornal) UFRJ existe desde 2001, vinculado à Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ. Criado por iniciativa de estudantes interessados em experimentar práticas jornalísticas na internet, foi direcionado ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão, com inserção na grade curricular da ECO e orientação de diferentes professores. Atualmente, configura-se como ação regular de Extensão, atividade complementar de ensino prático registrada em disciplina de Laboratório para o Ciclo Básico em Comunicação Social e objeto científico aplicado a artigos e a debates relacionados às ações do projeto.

Desde já, cabe esclarecer uma terminologia de conceito, que contrapõe o termo Telejornalismo – adotado por uma série de autores (MACHADO, 2005; VIZEU, 2002) em associação ao telejornal como gênero jornalístico e à designação do exercício do Jornalismo em televisão ou em telas (EMERIM, 2018), como adaptação ao ambiente digital e móvel – à elaboração do conceito de Jornalismo Audiovisual (BECKER, 2012), resultado da trajetória de pesquisa em torno do próprio projeto por meio da atuação da professora Beatriz Becker à frente da coordenação.

As narrativas jornalísticas audiovisuais, tanto na TV, quanto na internet são aqui nomeadas práticas de jornalismo audiovisual porque, ao identificar transformações nas narrativas dos telejornais e apontar características discursivas do *webjornalismo* audiovisual, observa-se que essas distintas narrativas têm sofrido influências mútuas e passam por um processo de hibridização mediadas pelas tecnologias digitais. (BECKER, 2012, p.17).

Ambos os termos serão adotados neste trabalho, reconhecidos como proposições adequadas e amplamente aceitas no debate científico acerca da teoria e da prática do Jornalismo. O resultado desse esforço de reflexão teórica e dos primeiros conteúdos produzidos pelo *TJUFJRJ*

foram armazenados em um repositório criado para o portal www.tj.ufrj.br, atualmente desativado, que reunia uma série de produções audiovisuais. Os canais digitais de armazenamento e de distribuição de conteúdo foram criados somente a partir de 2012 no *Youtube* e no *Facebook*, 2017 no *Instagram*, e no *Twitter* em 2019.

As rotinas produtivas do TJ, em situação presencial, envolviam etapas comumente verificadas em redações de televisão: reunião e elaboração de pauta, apuração de informações, produção de entrevistas e captação de imagens, edição de roteiro e de texto e, posteriormente, montagem em ilha de edição. O fato de utilizar os canais das redes sociais como repositório e meio de circulação e de distribuição de notícias apresenta um diferencial em relação ao formato clássico de telejornal, o que colabora para a inovação na forma de apresentação dos conteúdos de jornalismo audiovisual. Como não há um programa de telejornalismo no formato de grade linear, com a hierarquização das pautas e exibição conjunta, os vídeos são publicados conforme critérios de atualidade e de viabilidade.

O contexto de uma pandemia e, conseqüentemente, os desdobramentos dessa situação nos vários setores sociais configuram-se em acontecimentos de amplitude poucas vezes possível de ser vivenciado na História, visto que atingem amplamente a todos os países e populações. Essa dimensão foi gradativamente fortalecida e confirmada: atende, simultaneamente, a um conjunto de critérios de noticiabilidade, entre esses princípios os de proximidade, de relevância, de novidade e de morte (TRAQUINA, 2005).

A partir da identificação dessa potencialidade e das possibilidades de se construir conteúdo jornalístico relacionado ao novo coronavírus, a equipe do *TJUF RJ* começa a discutir de que forma as rotinas produtivas em telejornalismo seriam viabilizadas em um cenário de isolamento social. Em um primeiro momento, os estudantes cogitaram a busca de equipamentos e a realização de gravações externas voluntárias, entretanto, essa opção foi imediatamente descartada pela determinação da Reitoria da UFRJ de que todo o corpo discente e docente teria de permanecer em isolamento doméstico, ou seja, os alunos não poderiam realizar atividade externa, do contrário, o docente seria responsabilizado.

A passagem do conceito em palavra para o conceito em ação é experiência fundamental para a aprendizagem (GROSSI, 2020). O cenário de uma pandemia e os evidentes impactos coletivos da necessidade de isolamento social de professores e de estudantes representavam um cenário

potencial iminente de valor-notícia, ao mesmo tempo que apresentavam uma série de indefinições e de dificuldades de produção para as ações do projeto. Trata-se, portanto, da oportunidade de verificar a dimensão prática associada à teoria, necessidade ratificada por pesquisas dirigidas às metodologias de ensino para o segmento do Telejornalismo (EMERIM, FINGER e PORCELLO, 2017).

O TJUFRJ é um ambiente importante para o desenvolvimento de competências necessárias no processo de formação profissional, onde a produção de conteúdos jornalísticos audiovisuais de qualidade é estimulada e os estudantes experimentam possibilidades de inovações estéticas e de conteúdo no processo de construção das notícias (...) (MATEUS, 2012, p.105).

No *TJUFRJ*, diferentemente das grandes redações, em que parte das equipes permaneceu em trabalho presencial, toda apuração de dados, correção de texto, orientação para composição e enquadramento dos boletins (aparição do repórter em vídeo) passaram a ser feitas pela mediação do *WhatsApp* ou e-mail, enquanto a produção de entrevista tornou-se uma das maiores dificuldades, pois passaria a ser gravada pelas próprias fontes (entrevistados). Inicialmente, apenas um áudio de *WhatsApp* já era considerado suficiente, ao ser adaptado com uma arte na edição audiovisual.

A tabela a seguir mostra as fases do processo presencial e a consequente substituição no modo remoto, de acordo com as mudanças feitas no projeto:

Antes da pandemia	Durante a pandemia
Reunião de pauta presencial semanal	Reuniões e discussões de pauta frequentes, sem periodicidade definida, pelo <i>WhatsApp</i> e <i>Zoom</i>
Texto escrito e revisado em externa, ilha ou por e-mail	Texto revisado por <i>WhatsApp</i> ou e-mail
Boletim gravado em externa, com câmera e cinegrafista	Boletim gravado pelo próprio aluno, com celular, em casa, com orientação de luz e de enquadramento por <i>WhatsApp</i>
Imagens gravadas em externa com câmera e cinegrafista	Imagens de arquivo armazenadas pelo projeto e/ou cedidas pelas fontes ou bancos de imagens
Entrevistas gravadas	Entrevistas em áudio enviados por <i>WhatsApp</i> ou em vídeo enviadas por <i>WhatsApp</i> ou e-mail
Edição em ilhas da Central de Produção Multimídia da ECO/UFRJ	Edição doméstica feita pelos alunos com programa de edição em casa
Revisão em ilha de edição	Revisão em drive à distância

Tabela I – Rotinas produtivas do TJUFRJ antes e durante a pandemia

Fonte: autora. Elaboração própria.

Ainda que algumas redações tenham mantido trabalho presencial, várias transformações também foram verificadas na mídia comercial. A permanência do microfone com o repórter, até então um princípio clássico do telejornalismo, foi desafiada, demonstrando, como observa Amaral (2020), que momentos de grandes catástrofes ou desastres exigem a flexibilização e a adaptação das regras que pareciam inatingíveis. “Temos como marca também uma cobertura que não é realizada nas ruas ou nas redações, mas desde a casa dos apresentadores e jornalistas, o que instaura um novo padrão estético e de performance dos profissionais” (Ibidem, 2020, *online*).

Para o *newsmaking* no audiovisual, certamente esse processo revestiu-se de uma complexidade e de quebra de paradigmas até então não verificados por esta geração, tanto de profissionais, de professores, quanto de estudantes de Comunicação Social. E esse foi um dos motivos pelos quais a dimensão do Ensino associada às ações de Extensão encontrou-se fortalecida durante a pandemia. Diante da ausência das aulas de graduação, e simultaneamente, do crescente interesse dos estudantes em envolver-se com a produção na prática de notícias, as atividades – que podiam ser verificadas pela manutenção de publicações do projeto *TJUFJR* nos canais de redes sociais – demonstraram o gradual desenvolvimento de conteúdo diante das condições adversas, despertando motivação na equipe já vinculada ao projeto e também no grupo de estudantes de Comunicação Social que via no *TJUFJR* uma alternativa de aprendizado durante a pandemia.

Esse fato pode ser corroborado pelo número de alunos inscritos no processo seletivo para novos integrantes do projeto. Com a confirmação da Reitoria da UFRJ de que as aulas e as atividades de Extensão permaneceriam em sistema remoto, decidiu-se pela realização de seleção no formato à distância, com toda a sistemática de entrevistas, de avaliações e de dinâmicas por meio remoto. Foram 109 estudantes inscritos no processo seletivo, um número altamente significativo, não comumente associado aos projetos de Extensão, visto que o *TJUFJR* não oferece bolsa de remuneração, apenas os créditos de extensão a serem acumulados pelos alunos. Do total de inscritos no processo, 40% eram estudantes calouros, aprovados para ingresso no primeiro semestre de Jornalismo ou Comunicação Social no mês de março de 2020. O que reforça a hipótese de que os graduandos, desprovidos de atividades formais de Ensino, enxergavam nas ações e conteúdos associados aos canais do projeto, uma possibilidade de inserção no universo do aprendizado relacionado à Comunicação, ainda

que em uma metodologia não-formal, totalmente associada à orientação e à produção à distância, neste momento.

Apesar das limitações, somente nos 15 primeiros dias de isolamento social foram produzidas quatro (04) matérias com captação de sonora, gravação de off, passagem e uso de dados em tela. Um dos recursos que se mostrou especialmente pertinente para o contexto foi a gravação de *stand-ups*, boletins apenas com a aparição do repórter em vídeo, para a veiculação de informações urgentes, assim como os clipes, vídeos com estética livre, que utilizaram imagens de arquivo para referir eventos significativos, como as iniciativas da UFRJ no primeiro mês de pandemia e no Dia do Jornalista.

2020	Stand-up	Matéria	Entrevista	Clipe	Nota coberta	Live	Total
Março	01	04		01	02		08
Abril	01	07	02	01			11
Maio	02	03	04				09
Junho	02	01	02		02		07
Julho	02	19	05	02	01	06	35
Agosto				01		03	04
Setembro	01	07		02	02		12
Outubro	02	01			01		04
Novembro		05		01			06
Dezembro		05		03			08
2021							
Janeiro		01					01
Fevereiro		01	01	02			04
Março	01	03	01	01			06
							115

Tabela II – Vídeos produzidos pelo TJ UFRJ durante a pandemia
 FONTE: Facebook, YouTube e Instagram do TJ UFRJ (@tjufRJ).

A mobilização e a organização da equipe em torno da produção verificaram-se especialmente significativas diante de duas ocasiões: os dois primeiros meses de produção remota, quando vários grupos assumiram pautas com necessidade de apuração e produção complexas; e a realização de coberturas especiais, dirigidas a temáticas ou a eventos paralelos. A série “O Brasil no isolamento”, produzida entre maio e junho, mês em

que a apuração e a edição de matérias encontrava-se em declínio, possibilitou retratar em seis episódios as diferentes situações de isolamento social verificadas no momento de enfraquecimento das medidas restritivas de circulação em todo o Brasil, com depoimentos colhidos nas 27 unidades da federação.

Da mesma forma, no mês de julho a realização da cobertura do Festival do Conhecimento da UFRJ – um evento totalmente *online*, com centenas de debates, de oficinas e de palestras realizadas virtualmente durante dez dias – resultou na organização de uma estrutura de cobertura jornalística altamente complexa. Foram pelo menos 40 estudantes envolvidos em grupos de produção montados para cada um dos dias do festival, com distribuição de tarefas de apuração, de produção, de edição e de manutenção das redes sociais em três turnos, para quatro canais (*YouTube*, *Facebook*, *Instagram* e a reativação do *Twitter*). E, por fim, a programação de comemoração dos 100 anos da UFRJ, também realizada por transmissões na internet, em função da pandemia, envolveu uma nova cobertura de mobilização coletiva, ainda que em um período mais exíguo de tempo (3 dias), com conteúdos que se mantiveram atuais e pertinentes durante todo o mês de setembro.

3. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

A consolidação de cinco meses de ausência de atividades formais de ensino de graduação nas universidades federais brasileiras determinou a sobreposição de diferentes fases relacionadas à criatividade e à motivação para a manutenção de ações educativas, dependentes – principalmente – de ferramentas individuais e coletivas de preservação do sentido de comunidade possível diante de um contexto de incertezas de toda a ordem: sanitária, econômica, política, institucional, global. A indefinição inicial quanto ao período de afastamento das salas de aula e de laboratórios de práticas de formação profissional transformou-se em realidade a ser superada para o ano letivo de 2020, e também para 2021. Compreender o paradigma histórico dessas transformações, acolher as mudanças e propor alguma forma de inserção produtiva que de fato mobilize os estudantes reveste-se de tarefa estratégica e de sobrevivência para o Ensino Superior, especialmente para as instituições públicas.

A exigência dá-se por alto nível de envolvimento, dedicação e aperfeiçoamento, principalmente de gestores, técnicos e docentes dispostos a enfrentar essa empreitada. Em tempo dedicado à mediação tecnológica,

em atualização nos recursos disponíveis para a adequada adaptação de cada atividade, em revisão metodológica e pedagógica de processos de diálogo e de ensino, em espírito de abertura para a inovação.

Ao mesmo tempo, é importante perceber o quanto o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão, sobre o qual a universidade encontra-se assentada no Brasil, é tão profundamente entrelaçado ao ponto das dimensões, separadamente, na ausência formal de um dos elementos, possibilitarem a permanência de ações garantidoras da formação integral, pela intensa e permanente indissociabilidade das práticas e reflexões educativas associadas à Extensão e à Pesquisa. Na medida em que, naturalmente, nas ações de Pesquisa está a investigação e a ampliação do corpo conceitual e científico intrínseco à trajetória profissional, e nas ações de Extensão está a tradução dessa formação em ação social, tem-se Educação em movimento, em qualquer uma das situações. Em momentos de profunda crise estrutural, como é o caso de uma pandemia, o amálgama resultante das ações e das práticas de Ensino, de Pesquisa e de Extensão passa a ser estratégico e essencial para consolidar a função social das instituições de Ensino Superior e fortalecer um núcleo de aplicação e ampliação de saberes, como possibilidade e perspectiva.

As dimensões emancipadora e democratizadora da Educação, reconhecendo esse campo como interesse público e alternativa para o desenvolvimento humano, passam por um momento de reafirmação. Paralelamente, a necessidade de acesso às tecnologias, à rede de internet e à circulação nas plataformas de conteúdo, explicitou a desigualdade sociocultural brasileira de uma maneira ainda mais nítida. Conexão de qualidade e equipamento tecnológico minimamente adequado à possibilidade de acompanhar uma aula *online* tornaram-se item de política pública, objeto de subsídio pelo Estado. Na UFRJ, foram elaborados editais para oferecer Auxílio Inclusão Digital³, o maior investimento das universidades do país em chips de planos de dados e bolsas acadêmicas para adquirir equipamentos como notebooks e celulares que deem aos estudantes condições de inserção neste novo modelo de aprendizagem. A democratização do acesso às tecnologias e à rede surge como uma nova demanda da contemporaneidade, o que abre espaço para uma inclusão tecnológica e para a oportunidade de reverberar uma série de causas e de disputas que podem impor transformações no fluxo e organização das plataformas digitais, hoje dominadas pela propriedade econômica e controle de dados vinculados a conglomerados transnacionais.

3 Os documentos podem ser acessados na página www.politicasesudantis.ufrj.br.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSINA, Miquel Rodrigo. *A construção da notícia*. Trad. de Jacob Pierce. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

AMARAL, M. Regras absolutas não servem na cobertura de acontecimentos extremos. Entrevista concedida a Dairan Paul e Denise Becker. Abril, 2020. *Portal Objethos* – Observatório da Ética Jornalística. Disponível na internet em: <https://objethos.wordpress.com/2020/04/08/marcia-amaral-regras-absolutas-nao-servem-na-cobertura-de-acontecimentos-extremos/> Acesso em 05 abril 2020.

BECKER, Beatriz. Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção. In: BECKER, Beatriz (Org.). *Pensando e fazendo Jornalismo Audiovisual: a experiência do TJUFRJ*. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

BIELSCHOWSKY, Carlos Eduardo. *Desafios do ensino emergencial remoto*. Palestra virtual promovida pelo Grupo de Trabalho sobre Ensino a Distância (GT-EAD) da COPPE UFRJ. Disponível na internet em: [https://www.youtube.com/watch?v=9RBR__e8GEk&t=2102s] Acesso em 03 ago. 2020.

EMERIM, Cárlica. Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 113-126, jan. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p113/35883>. Acesso em: 06 ago. 2020.

EMERIM, Cárlica; FINGER, Cristiane; PORCELLO, Flávio (Org.). *Desafios do telejornalismo: ensino, pesquisa e extensão*. Florianópolis: Insular. 2017.

GROSSI, Esther Pillar. *O campo conceitual da pandemia*. Live no Facebook pessoal da autora. Disponível na internet em: www.facebook.com/Esther.pillar-grossi/videos/3101762913212335/. Acesso em 04 ago.2020.

MATEUS, Lara. A proposta pedagógica do TJ UFRJ. In: BECKER, Beatriz (Org.). *Pensando e fazendo Jornalismo Audiovisual: a experiência do TJUFRJ*. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

MUNARI, Ana Cláudia. Os impactos da pandemia na metodologia de Ensino Superior. In: INTERCOM, *Lives Cátedra Intercom*. Disponível na internet em: www.facebook.com/intercomcomunicacao/videos/30932157677687/ Acesso em 07 jul. 2020.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2005.

VIZEU, A. *Telejornalismo, audiência e ética*. 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-telejornalismo-audiencia-etica.pdf>. Acesso em 03 ago.2020.

WOLF, M. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

Este livro foi composto nas tipografias Minion Pro, Metropolis e Nunito para distribuição digital em formato PDF. Foi produzido com o suporte de dezenas de extensionistas graduandos da UFRJ.

Novembro de 2023

